



**CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER**

**VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL**

**ANA CATARINA EMMERICK**

**TOMO IX**

**A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE**

**De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick**

**Da Segunda Páscoa ao retorno da Ilha de Chipre**

Versão online:

[www.valde.com.br](http://www.valde.com.br)

## Índice

Jesus em Betânia e em Jerusalém.....	3
Cura de um homem doente há trinta e oito anos.....	3
Jesus cura muitos doentes em Jerusalém e permanece escondido.....	5
Jesus ensina no templo de Jerusalém.....	7
Jesus liberta prisioneiros em Tirza.....	7
Jesus prega na sinagoga de Tirsa.....	10
Jesus em Cafarnaum e seus Arredores.....	12
Alimentação dos Cinco Mil.....	16
Jesus anda sobre o mar.....	18
Jesus ensina sobre o pão da vida.....	20
Jesus fala na sinagoga do Pão da Vida.....	22
Jesus em Dan e Ornitópolis.....	24
A siro-fenícia.....	26
Jesus na Cidade Sírio-Fenícia.....	28
Jesus em Gessur e Nobe. Celebração da Festa de Purim.....	32
Jesus vai para a cidade de Nobe.....	33
Jesus em Regaba e em Cesaréia de Filipe.....	34
Jesus em Cesaréia de Filipe.....	35
Jesus discute com os fariseus.....	37
Jesus em Argob e na direção de Betsaida-Júlias.....	38
Conclusão do Sermão da Montanha. Alimentação dos quatro mil.....	40
Os pobres viajantes.....	41
Pedro recebe as chaves do Reino dos Céus.....	44
Jesus em Betânia e Jerusalém.....	46
A Páscoa na Casa de Lázaro.....	49
O rico e o pobre Lázaro.....	50
Jesus em Ataroth e Hadad-Rimom.....	53
A Transfiguração no Monte Tabor.....	56
Jesus em Cafarnaum e seus Arredores.....	60
Jesus ensina na montanha perto de Gabara.....	66
Jesus viaja para o país de Ornitópolis e de lá embarca para Chipre.....	70
Jesus ensina em Salamina.....	76
Jesus é convidado para a casa do comandante romano em Salamina.....	80
Jesus na Casa do Pai de Jonas. Ensino no poço do batismo.....	83
A sacerdotisa pagã Mercuria. Os literatos pagãos.....	86
Jesus Ensina em Citro.....	91
A Casa Paterna e a Família de Barnabé. Jesus ensina nos arredores de Quitros.....	94
Jesus na Cidade de Mallep.....	99
Jesus ensina perante os filósofos pagãos. Ele assiste a um casamento judaico.....	101
As festas de casamento em Mallep.....	104
Festa de Pentecostes. Jesus ensina sobre o batismo.....	107
Visão da passagem do Mar Vermelho.....	109
Jesus faz um discurso mais severo na sinagoga.....	110
Jesus visita os mineiros de Cythrus.....	113
Jesus vai a Cerínia e visita os pais de Mnason.....	115
Saída de Chipre.....	119

## Jesus em Betânia e em Jerusalém

De Betsur, Jesus prosseguiu com Lázaro e os discípulos até Betânia. Eles pararam em vários lugares ao longo do caminho, entre eles em Emaús. Jesus ensinou aqui e ali no caminho entre as pessoas que estavam ocupadas amarrando as cercas, que já estavam verdes. Marta, Madalena e uma viúva chamada Salomé vieram ao encontro deles, a cerca de uma hora de distância de Betânia. Salomé tinha morado por muito tempo em Betânia com Marta. Através de um dos irmãos de José e como Susana, ela estava relacionada com a Sagrada Família. Mais tarde, esteve presente no sepulcro de Jesus. Eles, Marta, Madalena e Salomé, haviam estado na pousada de Lázaro no deserto, de onde retornaram ao anoitecer a Betânia. Os quatro apóstolos e vários discípulos que Jesus havia enviado a Tabor chegaram também, naquela noite, a Betânia. Grande foi a sua tristeza ao ouvir agora pela primeira vez os pormenores da morte de João. Então, eles relataram o que tinha acontecido com eles. Eles haviam ensinado e curado, segundo as instruções recebidas de Jesus, e, em certo lugar, haviam sido perseguidos com pedras, mas não foram atingidos por elas. O último lugar que haviam visitado era Sarom, perto de Lida. Quando todos na casa de Lázaro se retiraram para descansar, Jesus foi na escuridão ao Monte das Oliveiras e orou em um canto solitário. O monte estava coberto de vegetação e bosques de árvores nobres. Estava cheio de recantos abandonados.

Madalena ocupava os pequenos apartamentos da morada de Maria a Silenciosa. Ela costumava sentar-se em uma pequena sala muito estreita que parecia ser formada em uma torre. Era um canto retirado destinado a exercícios de penitência. Ela ainda chorava livremente. É verdade que ela já não estava realmente doente, mas de contrição e penitência, ela tornou-se bastante pálida e reduzida, ela parecia esmagada pela tristeza.

Os últimos dois dias foram de jejum. Seguiram-se-lhes festas de alegria, que começaram no fim do sábado e duraram três dias. A data real tinha caído antes, mas por algum motivo a festa tinha sido adiada. Era uma festa de agradecimento por todas as graças recebidas desde a libertação dos israelitas da escravidão egípcia até o seu próprio tempo. Esta celebração não se limitou a Jerusalém, mas foi observada em toda parte. Numerosos dos principais sacerdotes e dos maiores inimigos de Jesus haviam deixado Jerusalém. Visto que Pilatos estava ausente, eles não tinham nada a temer e uma guarda menos rígida para manter.

Na manhã seguinte, Jesus foi a Jerusalém e aceitou a hospitalidade de Joana Chusa. Nem Marta nem Madalena estavam lá.

Por volta das dez horas vi Jesus no Templo. Ele ocupava a cadeira do professor no alpendre das mulheres, onde estava lendo e explicando a Lei. E todos se maravilhavam com a sua sabedoria. Ninguém levantou a menor perturbação ou fez objeções ao Seu ensino. Alguns dos sacerdotes presentes talvez não O conheciam, e os que o conheciam não eram contra Ele. Seus inimigos ferrenhos, os fariseus e os saduceus, na sua maioria não estavam presentes.

## Cura de um homem doente há trinta e oito anos

Por volta das três horas, Jesus foi com alguns dos discípulos ao lago de Betsaida. Ele entrou pelo lado de uma porta que estava fechada e já não era usada. Este era o canto em que as pessoas mais pobres e mais abandonadas eram empurradas; e deitado na parte mais distante e ao lado da porta estava um homem paralisado por trinta e oito anos. Ele tinha sido pressionado de volta pela multidão para a extremidade mais distante do lugar, e agora estava em uma pequena sala destinada

Quando Jesus bateu na porta fechada, ela se abriu sozinha. Passando por entre os doentes, ele entrou no salão perto da piscina, onde todos os doentes estavam sentados e deitados, e ali ele os ensinou. Os discípulos, entretanto, distribuíam entre os pobres roupas e pão, cobertores e lenços que as mulheres lhes davam para esse fim. Tal atenção e serviços amorosos eram algo completamente novo para esses pobres doentes que, na maior parte, eram abandonados a si mesmos ou deixados aos cuidados de criados. Ficaram muito comovidos. Jesus andou entre eles, parando em vários lugares diferentes para instruí-los, e então perguntou se acreditavam que Deus podia ajudá-los, se desejavam ser curados, se se arrependiam de seus pecados, se se arrependeriam e se batizariam. Quando ele mencionou a alguns deles os seus pecados, eles tremeram e gritaram: "Mestre, você é um profeta. Tu és certamente o João! A morte de João ainda não era geralmente conhecida, e em muitos lugares o relato de sua libertação era corrente. Jesus respondeu em termos gerais a respeito de quem Ele realmente era, e curou vários deles. Ele instruiu os cegos a lavarem os olhos com água da piscina com a qual Ele havia previamente misturado um pouco de óleo. Daí, disse-lhes que fossem em silêncio para casa, e que não dissessem muito sobre a sua cura até depois do sábado. Os discípulos estavam ao mesmo tempo curando nos outros pórticos. Todos os curados eram obrigados a lavar-se na piscina.

Mas, quando, por causa dessas curas, começou a surgir alguma excitação, ao passo que agora um, agora outro se aproximava da piscina para se lavar, Jesus foi com João até aquele lugar distante, perto da entrada, onde estava deitado o pobre homem que havia estado doente por trinta e oito longos anos. Ele tinha sido um jardineiro, e anteriormente tinha sido envolvido no cuidado de cercas e no cultivo de árvores de bálsamo. Mas agora, por tanto tempo doente e indefeso, ele estava reduzido a um estado de fome, e estava como um mendigo público feliz de comer os restos deixados pelos outros doentes. Como ele havia sido visto ali por tantos anos, era conhecido por todos como o paralítico incurável, Jesus falou com ele e perguntou-lhe se queria ou não ser curado. Mas ele, não pensando que Jesus o curaria, mas que Ele estava perguntando apenas de modo geral por que estava ali deitado, respondeu que não tinha ajuda, nem servo nem amigo para ajudá-lo a descer para a piscina quando as águas se agitavam. Enquanto descia, outros chegavam antes dele e ocupavam os lugares ao redor da piscina, onde conduziam os degraus. Jesus falou por um pouco com o homem, colocou seus pecados diante de seus olhos, excitou seu coração à tristeza, e disse-lhe que ele não deveria mais viver em impureza e não mais blasfemar contra o Templo, pois foi em castigo de tais pecados que sua doença veio sobre ele. Depois, consolou-o dizendo-lhe que Deus recebe a todos e auxilia a todos os que se voltam para Ele com arrependimento. O pobre homem, que nunca antes havia recebido uma palavra de consolação, que tinha sido permitido deitar-se moldando e apodrecendo em sua miséria, que muitas vezes havia se queixado amargamente de que ninguém lhe oferecia qualquer ajuda, estava agora profundamente tocado pelas palavras de Jesus. Por fim, Jesus disse: "Levanta-te! Levanta a tua cama e anda! Mas estas foram apenas as principais palavras de tudo o que Ele disse. Mandou-o descer à piscina e lavar-se, e depois disse a um dos discípulos, que naquele momento se aproximava, que levasse o homem a uma das pequenas moradias erguidas pelos amigos de Jesus para os pobres perto do Cenáculo no Monte Sião. José de Arimatéia tinha suas oficinas de pedreiro nelas.

Ele, que tinha estado paralisado por tão longo tempo, e cujo rosto era desfigurado por doença de pele, reuniu seu agasalho esfarrapado e saiu curado para se lavar na

piscina, Ele estava tão fora de si mesmo com alegria e com tanta pressa que ele quase se esqueceu de tirar sua cama. O sábado já havia começado, e Jesus passou despercebido com João pela porta perto do lugar onde o pobre homem estava deitado. O discípulo que devia anunciar o homem doente foi à frente, pois este último sabia para onde ia. Assim, quando ele saiu dos edifícios perto do tanque de Betsaida, alguns judeus que viram que ele havia sido curado o receberam. Pensando que ele devia o favor às águas da piscina, disseram-lhe: 'Não sabes que é dia de sábado?' Ele respondeu: "Aquele que me curou disse-me: 'Levanta-te! Toma o teu leito e anda! Perguntaram-lhe: "Quem é o homem que te disse: 'Toma o teu leito e anda'?" Mas o pobre homem não podia dizer nada, pois não conhecia a Jesus e nunca o tinha visto antes. Jesus já havia deixado o lugar, e seus discípulos também. O que o Evangelho relata em conexão com este milagre, de que este homem viu a Jesus no Templo e o apontou como Aquele que o curou; e que Jesus, em consequência disso, teve uma disputa com os fariseus sobre o assunto de curar no dia de sábado, ocorreu numa festa subsequente, mas foi registrado por João imediatamente depois de seu relato da cura. Recebi informações positivas sobre este ponto.

Por intermédio daqueles judeus que haviam censurado o homem curado (que fora considerado por todos como incurável) por carregar sua cama no dia de sábado, espalhou-se a notícia do milagre em Jerusalém, depois que Jesus a deixou. Criou grande excitação. Os outros doentes que haviam sido curados por Jesus e seus discípulos na Piscina de Betsaida atraíram pouca atenção, pois suas curas eram atribuídas à virtude das águas. Além disso, elas não ocorreram no sábado, e Jesus nem na Sua entrada nem na Sua partida tinha sido visto pelos guardiões ou superintendentes da piscina. Com exceção dos pobres doentes, que viviam nas pequenas celas formadas nas paredes, havia naquele tempo apenas poucas pessoas ao redor da piscina. Aqueles em condições favoráveis já haviam sido levados para casa. Naqueles últimos tempos, em consequência do movimento da água sendo raro e principalmente ao nascer do sol, apenas aqueles que tinham servos poderiam ser levados para a piscina no momento certo; e novamente, a confiança nesta maneira de cura tinha diminuído muito. Até mesmo a própria piscina era negligenciada, pois uma parte da parede de um lado havia caído em ruínas. Naquela época, só pessoas de fé viva frequentavam a igreja, pessoas como as que entre nós fazem peregrinações a santuários sagrados.

Esta era a piscina em que Neemias escondeu o fogo sagrado. Um pedaço da madeira com que era coberto foi depois jogado de lado, e mais tarde foi usado para uma parte da Cruz de Cristo. A piscina só desenvolveu sua virtude milagrosa depois de ter sido feito o depósito do fogo sagrado. Nos tempos antigos, os enfermos piedosos que eram dotados do espírito de profecia costumavam ver um anjo descer e agitar a água. Depois, muito poucos, se houve algum, viram aquela maravilhosa visão, e por fim os tempos se tornaram tais que, se alguém a via, guardava-a para si. Ainda em todos os períodos, muitos viram as águas agitarem-se e borbulharem. Esta piscina, após a vinda do Espírito Santo, tornou-se o local de batismo dos Apóstolos. Era com seu anjo agitador, um mistério típico do santo batismo da época do cordeiro pascal que, por sua vez, era um memorial da Última Ceia e da morte do Redentor.

## **Jesus cura muitos doentes em Jerusalém e permanece escondido**

Depois deste milagre, Jesus entrou com os discípulos numa sinagoga perto do

monte do Templo, onde Nicodemos e os outros amigos estavam celebrando o sábado. Jesus não ensinou ali. Ele orou e ouviu a leitura das Escrituras Sagradas designada para aquele sábado. Consistiam em passagens relacionadas com a saída do Egito, a viagem pelo Mar Vermelho e a profetisa Débora. Cantava-se um cântico comemorativo da passagem pelo Mar Vermelho, e nele eram relatados um após o outro todos os benefícios que Deus havia derramado sobre os judeus, especialmente o que se referia à sua adoração e ao Templo. Mencionou-se todas as vestimentas sacerdotais e ornamentos que Deus havia prescrito no Sinai, também de Salomão e da rainha de Sabá. Aquele sábado era chamado de Bescalá, e era imediatamente seguido por aquela festa de três dias cujo nome soava como Ennorum. Era ao mesmo tempo o começo, o fim e a festa de ação de graças por todos os favores e por todas as outras festas. No cântico eram dadas graças pelos inúmeros favores que Deus lhes havia mostrado desde o princípio; a saber, pela sua libertação do Egito e do Mar Vermelho, pela Lei, a Arca da Aliança, o Tabernáculo, as vestimentas sacerdotais e o Templo, e pelo sábio Rei Salomão. Exigiam também naquele cântico outro rei tão sábio quanto ele. Juntamente com esta festa, que havia sido instituída por um Profeta muito antes da existência de Salomão ou do Templo, era uma festa alegre fundada por Salomão por ocasião dos presentes feitos a ele pela Rainha de Sabá, que ficou admirada com sua sabedoria. Com estas dádivas, ele havia dado recreação aos sacerdotes e ao povo. Sua lembrança era perpetuada pelo feriado que agora estava acontecendo, no qual todos se divertiam livremente. Uma vez que esta festa podia ser celebrada em qualquer lugar, todos os fariseus e oficiais do Templo que pudessem escapar de alguma forma aproveitavam a oportunidade para visitar seus amigos e recrutar sua força para as grandes festas de Purim e da Páscoa que se aproximavam.

Abundantes esmolas eram distribuídas naquela festa. Pães brancos muito finos eram assados e dados aos pobres, como lembrança do maná no deserto. Esta festa era como o Amém das festas, a festa do começo e do fim.

Depois do serviço na sinagoga, Jesus entrou com alguns discípulos no templo, onde havia apenas poucas pessoas. Os levitas iam e vinham, arrumando as coisas e enchendo as lâmpadas de azeite para a manhã seguinte. Jesus penetrou em lugares não abertos a todos, até mesmo no vestíbulo do Santuário, onde ficava a cadeira do grande mestre, a fim de vê-los e falar com eles. Ele fez isso com várias perguntas profundas, e eles ouviram por algum tempo. Então, alguns dos outros levitas vieram e o censuraram por Sua ousadia em entrar nesses lugares incomuns e naquele tempo fora de época. Chamavam-lhe um desprezível galileu, etc. Jesus respondeu-lhes com muita seriedade, falou dos Seus direitos, da casa de Seu Pai, e então se retirou. E escarneceram dele, porém, ele lhes inspirava um temor. Jesus ficou naquela noite na cidade.

Na manhã seguinte, Jesus e os apóstolos curaram muitos doentes nos edifícios laterais do Cenáculo, que, cercado por um grande pátio, ficava no Monte Sião. José, de Arimatéia, alugara-a para seu negócio de pedreiro. As santas mulheres de Jerusalém ocupavam-se com os doentes, com todos os serviços que a terna caridade inspirava. Foi por causa desses sofrendores que José de Arimatéia, quando recentemente estava em Hebrom, convidara Jesus a vir a Jerusalém. Eles eram, na maior parte, pessoas boas e justas, conhecidas das santas mulheres e amigas de Jesus. Foram levados à noite para o pátio do Cenáculo. Jesus passou a manhã inteira realizando curas. Ensinava ocasionalmente, às vezes para este grupo, às vezes para aquele. Havia coxos, cegos e paráliticos, outros com mãos secas e aleijadas, outros com úlceras - homens, mulheres e crianças. Havia também alguns homens feridos pela derrubada do aqueduto. Alguns tinham crânios fraturados; outros, membros quebrados.

Estavam agora ocupados no vale de Jerusalém, limpando o lixo. Algumas paredes em ruínas haviam fechado a água, e eram enviados trabalhadores para o dique para escavar os escombros. Em alguns lugares, árvores inteiras e pedras grandes eram jogadas para parar o curso das águas.

## Jesus ensina no templo de Jerusalém

Depois de Jesus ter tomado uma refeição ligeira com os discípulos no Cenáculo, onde eram recebidos os que acabavam de ser curados, ele e seus discípulos entraram no templo e na cadeira do mestre público, perto da qual eram guardados os rolos da Lei. Jesus pediu os rolos e passou a explicar as passagens apropriadas para o dia. Referiram-se à viagem pelo Mar Vermelho e a Débora, e novamente foi cantado aquele salmo que tratava da festa. O título era: "Para cantar de manhã ou à noite". Todos estavam admirados com o ensino de Jesus, e ninguém ousou contradizê-lo. Somente alguns dos fariseus se atreveram a perguntar: Onde estudaste? De onde recebeste o direito de ensinar? Como podes tomar uma liberdade tão grande? Jesus respondeu-lhes com palavras tão duras e severas que eles não tiveram nada a dizer. Então ele saiu do templo e foi para Betânia com os seus discípulos e amigos.

A permanência de Jesus em Jerusalém desta vez foi pouco notada, visto que Seus principais inimigos não estavam lá. Foi somente quando ele encerrou as cerimônias do sábado, que eles prestaram muita atenção a ele e novamente falaram aqui e ali da Galiléia. Toda Jerusalém estava naquele tempo ocupada com a conversa sobre o aqueduto caído, o ciúme existente entre Herodes e Pilatos, e a viagem deste último a Roma; até mesmo a morte de João era agora pouco discutida. As pessoas não falavam muito de Jesus, a menos que surgisse alguma excitação em particular. Estava lá como noutras grandes cidades. De vez em quando, de fato, alguém dizia: "Jesus, o galileu, está na cidade agora", e outro respondia: "Se Ele não vier com vários milhares de homens, nada fará".

Enquanto estava em Betânia, Jesus foi à casa de Simão, que já não aparecia em público, pois estava doente, pois a sua lepra tinha começado. Um número de manchas vermelhas tinha surgido sobre ele. Enrolado em um grande manto, ele manteve-se escondido em um apartamento aposentado. Jesus fez uma entrevista com ele. Simão parecia temeroso por sua doença ser notada, mas ele logo seria incapaz de escondê-la. Ele mostrava-se o menos possível.

Tarde naquela noite, os discípulos voltaram de luta, de onde haviam saído depois do sábado. Relataram a Jesus as circunstâncias em que tiraram o corpo de João de Machærus e o enterraram perto de seu pai. Os dois soldados de Machærus tinham vindo com os discípulos. Lázaro tomou conta deles, manteve-os escondidos e providenciou para suas necessidades.

Quando Jesus disse aos discípulos: "Vamos nos retirar para algum lugar solitário para descansar e lamentar, não a morte de João, mas as causas deploráveis que levaram a isso", pensei: "Como ele poderá descansar, pois os outros apóstolos e discípulos já foram a Maria em Cafarnaum?" Multidões de todos os lados, até mesmo da Síria e de Basã, haviam se reunido ali, e todo o país em torno de Corozain estava coberto com as tendas daqueles que esperavam a vinda de Jesus.

## Jesus liberta prisioneiros em Tirza

De manhã cedo, Jesus saiu de Betânia com os seis apóstolos e cerca de vinte discípulos. Evitaram todos os lugares no caminho, e viajaram sem parar onze horas

para o norte, até chegarem a Lebona, na encosta sul do monte Gerizim. São José, antes de se casar com Maria, havia trabalhado ali como carpinteiro, e depois manteve relações amigáveis com os habitantes. Em um pico da montanha erguia-se uma fortaleza solitária até a qual a estrada de Lebona conduzia através de edifícios de um lado e velhas muralhas do outro. Era nesta estrada que ficava a oficina de José, e ali hospedou-se Jesus com todos os Seus discípulos. Ele estava, embora vindo inesperadamente e em uma hora tardia, foi recebido com alegria e reverência incomuns. Era uma família levítica, e mais acima no monte estava a sinagoga.

De Lebona, Jesus e os discípulos viajaram com passos rápidos durante todo o dia seguinte, através de Samaria, em direção noroeste, em direção ao Jordão. Atravessaram Aser-Machmetat, ficaram por algum tempo na pousada em Aser, e depois prosseguiram para a vizinhança de Tirza, a cerca de uma hora do Jordão e a duas de Abel-Mahula. O campo ao redor era notavelmente bom. Ali em Tirza, como em todos os outros lugares do caminho, a festa que eu tinha visto começar em Jerusalém era justamente comemorada com alegria. Ergueram-se arcos de triunfo graciosamente adornados, e celebravam-se jogos públicos. Os atores saltavam sobre as guirlandas para apostar, tal como fazem as nossas crianças hoje em dia. Grandes montões de grãos e frutas de pomares eram amontoados ao ar livre para serem distribuídos entre os pobres.

Tirza foi construída em duas partes, e um quarto da cidade se estendia até menos de meia hora do Jordão. Toda a região estava tão repleta de jardins e pomares que o viajante só podia ver a cidade quando estava ao seu alcance. Era tão dividido por jardins e comunas que o bairro mais distante do Jordão parecia menos uma cidade do que como alguns grupos de casas espalhadas entre jardins e muralhas. A parte mais próxima do Jordão era a melhor preservada e a mais compacta. Fora construída acima de um vale e apoiada em pilares sólidos. Uma estrada passava por baixo dela como sob uma ponte. Esta estrada era encantadora. De lá se podia ver através do vale com suas árvores verdes como através de uma gruta fresco longe para o outro lado, onde a estrada surgia ao ar livre.

Tirza, situada numa altitude moderadamente elevada, oferecia uma vista maravilhosa do outro lado do Jordão e das cadeias de montanhas além. Ao norte podia-se ver Jetebatha, quase escondida por florestas; à direita a vista se estendia até Peræa; e através da superfície lisa do Mar Morto surgia Machærus e o país para o oeste. Era possível vislumbrar muitas vezes o Jordão, e aqui e ali, em suas ondulações, suas águas brilhavam como longas faixas de luz, à medida que fluía entre suas margens verdes. A oeste de Tirsá havia uma alta cordilheira que a separava de Dotã. Abelmahula ficava a duas horas a noroeste, num profundo vale mais ao sul do que aquele em que José foi vendido por seus irmãos. De todos os lados, Tirza olhava para inúmeros jardins e bosques de árvores frutíferas, em terraços e espaldas sobre os quais havia arbustos de bálsamo e maçãs paradisíacas tão usadas pelos judeus em sua Festa das Tendas. Estas árvores floresciam apenas em posições muito boas e ensolaradas. Além dos que acabamos de mencionar, cultivavam também a cana-de-açúcar, linho longo e amarelo como a seda, algodão e uma espécie de grão em cujo espesso caule era armazenada uma espessura marrom. Os habitantes se dedicavam à horticultura e à produção de frutas. Muitos também se ocupavam em preparar linho, algodão e cana-de-açúcar para o mercado. A rua que passava sob a cidade era a grande rota militar e comercial para Tiqueia e Tiberíades. Em muitos lugares tomava a forma de um túnel entre colinas, como fazia ali em Tirza que, como já disse, repousava sobre pilares acima da estrada.

No centro da cidade, isto é, no centro de seus arredores antigos, num grande espaço aparentemente deserto, erguia-se sobre uma suave elevação um edifício

espaçoso com muros maciços, vários pátios e edifícios redondos semelhantes a torres, no interior dos quais se encontravam outros pátios. Era o antigo castelo em ruínas dos Reis de Israel. Uma parte havia caído em decomposição, mas outra era equipada como hospital e prisão. Algumas porções eram ruínas cobertas de vegetação, sobre as quais eram dispostos jardins de todos os tipos. Na praça diante da casa havia uma fonte cuja água, por meio de uma roda girada por um jumento, era levantada em sacos de couro e derramada numa grande bacia, da qual fluía por todos os lados, através de canais, em tanques, abastecendo assim a cidade em todas as direções. Cada bairro tinha o seu reservatório.

Nesta fonte, cinco discípulos do lado oposto do Jordão juntaram-se a Jesus e a Seus seguidores. Eram os dois jovens livrados de uma ligeira possessão demoníaca, os dois homens dos quais Jesus tinha expulso os demônios para os porcos, e um quinto. Eles haviam, de acordo com as ordens de Jesus, proclamado sua própria libertação e o milagre dos porcos nas pequenas cidades do país dos gerasenos e na Decápolis. Eles haviam curado naqueles lugares e haviam anunciado a aproximação do Reino de Deus. Abraçaram os discípulos e lavaram os pés uns dos outros na fonte. Jesus tinha vindo direto de uma casa fora da cidade, onde ele e os outros discípulos haviam passado a noite. Esses cinco informaram-Lhe que todos os discípulos que Ele havia enviado para a Alta Galiléia haviam voltado a Cafarnaum, e que uma imensa multidão de pessoas estava acampada no distrito ao redor, aguardando Sua vinda.

Jesus entrou ali com os discípulos no castelo, procurou o superintendente do hospital e pediu para ser apresentado aos seus aposentos. O superintendente obedeceu ao Seu pedido, e Jesus passou por salões e pátios até chegar às celas e recantos retirados onde jaziam os doentes que sofriam de toda sorte de doenças. Ele percorreu o meio deles, instruindo, curando e consolando. Alguns dos discípulos estavam com Ele, ajudando a levantar, carregar e conduzir os doentes; outros estavam espalhados pelos diferentes corredores, realizando curas e preparando o caminho para Jesus. Em um dos pátios havia vários possuídos por demônios, acorrentados, que gritavam e se enfureciam quando Jesus entrava na casa. Ordenou-lhes que se calassem, curou-os e expulsou os demônios deles. Na parte mais distante do hospital havia alguns leprosos, e ele os curou também. Ele foi sozinho até eles. Os curados que pertenciam a Tirza foram imediatamente levados pelos seus amigos, mas não antes de Jesus lhes ter ordenado comida e bebida. Aos pobres entre eles foram distribuídos, além disso, as roupas e cobertores que os discípulos haviam trazido com eles a Tirza da pousada de Bezek.

Jesus visitou também a morada das mulheres doentes. Era uma torre alta e redonda, com um pátio interior. Neste pátio, bem como no exterior da torre, uma escada projetava degraus levava de um andar para o outro, para no interior não havia uma pequena escada como hoje temos. Nos apartamentos exteriores haviam mulheres doentes de toda sorte de enfermidades. Jesus curou muitas. Nos apartamentos mais próximos do tribunal, dos quais eram separados por portas trancadas, as mulheres eram presas, algumas por seus excessos, algumas por causa de seu discurso ousado, enquanto muitas outras de seu número eram inocentes. No mesmo edifício, muitos homens pobres sofriam os rigores da penosa prisão, alguns por causa de dívidas, outros por terem se juntado a uma revolta, muitos também eram vítimas de vingança e inimizade, enquanto outros eram confinados apenas para tirá-los do caminho. Muitas dessas pobres criaturas estavam completamente abandonadas, deixadas a morrer de fome nas suas celas de prisão. Jesus ouviu queixas amargas sobre este assunto dos doentes que Ele curou e de outros. Ele realmente sabia tudo sobre isso, e foi principalmente por causa dessa miséria geral que Ele foi ali.

Tirsa contava numerosos fariseus e saduceus, e entre estes últimos havia muitos herodianos. A prisão era guardada por soldados romanos e tinha um superintendente romano. Os alojamentos dos guardas e dos superintendentes estavam fora do edifício. Jesus, tendo pedido permissão a este último, foi autorizado a visitar a parte aberta a estranhos. Ele ouviu a história dos prisioneiros sobre a miséria e os sofrimentos, ordenou que refrescos fossem distribuídos a eles, os instruiu e os consolou, e perdoou os pecados de muitos que confessaram a Ele. A vários dos presos por causa de dívidas, bem como a muitos outros, Ele prometeu libertação. A outros Ele ofereceu esperanças de alívio.

Da prisão, Jesus foi ter com o comandante romano, que não era um homem iníquo, e falou-lhe de modo sério e comovente a respeito dos prisioneiros. Ele ofereceu-se para pagar as dívidas pessoalmente, e como garantia de sua inocência e bom comportamento. Ele expressou Seu desejo também de conversar com aqueles que por tanto tempo haviam suportado uma prisão mais rigorosa. O Comandante ouviu Jesus com muito respeito, mas explicou-lhe que, visto que todos os prisioneiros eram judeus que haviam sido colocados na prisão em circunstâncias muito especiais, ele teria de falar com os fariseus e com as autoridades judaicas do lugar antes de poder conceder Seu pedido de ter acesso a eles. Jesus respondeu que, depois de ensinar na sinagoga, o chamaria novamente com as autoridades judaicas. Depois voltou para as prisioneiras, consolando-as e aconselhando-as. Ele recebeu de vários a confissão de suas transgressões e promessas de emenda, perdoou-lhes os pecados, fez com que a esmola fosse distribuída entre eles e prometeu reconciliá-los com seus amigos.

Assim, Jesus trabalhou desde as nove horas da manhã até quase as quatro da tarde nesta morada de miséria e aflição, enchendo-a de alegria e consolo num dia em que só nela se encontrava tristeza, pois na cidade tudo era júbilo. Foi o primeiro daqueles feriados que haviam sido acrescentados por Salomão à Festa de Ennorum, por conta dos presentes apresentados pela Rainha de Sabá. Jesus tinha observado o sábado deste primeiro dia celebrado na noite anterior, em Bezeque. Neste dia, toda a cidade, especialmente os bairros mais populosos, estava cheia de alegria. Havia arcos de triunfo, saltos, corridas e montes de grãos para distribuição entre os pobres. Mas ao redor daquele velho castelo, ao mesmo tempo prisão e hospital, tudo estava quieto. Somente Jesus tinha pensado nos pobres habitantes da cidade, e somente Ele lhes havia trazido verdadeira alegria. Na casa fora da cidade, Ele tomou com os discípulos uma pequena refeição, que consistia em pão, frutas e mel. Então, ele enviou alguns de seus seguidores para a prisão com toda a espécie de alimentos e refrigerios, enquanto ele com os outros se dirigiram à sinagoga.

## Jesus prega na sinagoga de Tirsa

A notícia do que Jesus havia feito no hospital já se tinha espalhado por toda a cidade. Muitos dos que Ele ali havia curado voltaram para a cidade e agora iam à sinagoga; outros se reuniram fora do edifício sagrado, onde Jesus e os apóstolos curaram muitos mais. Na sinagoga, reuniram-se os fariseus e os saduceus, e muitos herodianos secretos. Entre os primeiros mencionados estavam muitos da mesma seita de Jerusalém, que haviam ido ali para recreação. Estavam cheios de rancor e inveja pelas ações de Jesus, o que lançava a desgraça sobre os seus. Na escola também estavam presentes muitas pessoas de Bezech que haviam seguido Jesus até ali. Em Seu ensinamento, Jesus falou da festa e de seu significado, que era proporcionar uma oportunidade para recreação, para infundir alegria no coração dos outros e para fazer o bem. Ele se referiu novamente a uma das Oito Bem-

aventuras, "Bem-aventurados os misericordiosos". Explicou a parábola do Filho Pródigo, que já havia contado aos prisioneiros. Daí falou deles, bem como dos doentes e de suas misérias, de como eram esquecidos e abandonados, ao passo que outros enriqueciam-se por tomarem os fundos destinados ao seu sustento. Ele falou vigorosamente contra os administradores daquele estabelecimento, alguns dos quais estavam entre os fariseus presentes. Eles ouviram com raiva silenciosa. Ao contar a parábola do filho pródigo, Jesus fez alusão aos que haviam sido encarcerados por causa de seus delitos menores, mas que agora haviam se arrependido. Ele fez isso para reconciliar os parentes ali presentes com alguns dos prisioneiros. Todos ficaram muito comovidos.

Ali, também, Jesus contou a parábola do rei compassivo e do servo sem misericórdia. Ele o aplicou àqueles que permitiam que o pobre prisioneiro se desfalecesse por causa de uma dívida insignificante, ao passo que Deus permitia que sua própria dívida grande continuasse.

Os herodianos secretos haviam, por meio de seu engano, sido a causa da prisão de muitos pobres daquele lugar. Jesus uma vez fez uma vaga alusão a este fato quando, em Sua severa denúncia aos fariseus, disse: "Há muitos entre vós que muito provavelmente sabem como as coisas se deram com João". Os fariseus zombaram de Jesus. Utilizaram expressões entre si, tais como estas: "Ele faz a guerra com a ajuda das mulheres, e anda com elas. Ele não terá posse de um grande reino com esses guerreiros.

Jesus então pressionou os principais homens entre os magistrados e fariseus a irem com Ele ao superintendente romano da prisão, e a oferecerem resgate ao mais miserável e negligenciado dos presos. Esta proposta foi feita diante de muitos, de modo que os fariseus não podiam recusar. Quando Jesus e Seus discípulos partiram em direção à residência do superintendente, uma multidão seguiu, louvando Jesus. O superintendente era um homem muito melhor do que os fariseus, que maliciosamente fizeram as dívidas dos prisioneiros ser tão altas que, para a libertação de alguns deles, Jesus teve de pagar o quadruplo. Mas, como não tinha dinheiro, deu como penhor uma moeda triangular, na qual pendurava um bilhete de pergaminho, no qual havia escrito algumas palavras autorizando a soma a ser retirada da propriedade de Madalena, que Lázaro estava prestes a vender. O rendimento inteiro foi destinado por Madalena e Lázaro para o benefício dos pobres, para os devedores, e o alívio dos pecadores. Magdalum era uma propriedade mais valiosa do que a de Betânia. Cada lado da moeda triangular tinha cerca de cinco centímetros de comprimento, e no centro havia uma inscrição indicando seu valor. A uma extremidade pendurava-se uma tira de metal, como dois ou três elos de uma corrente, e a ela se fixava a escrita.

Depois da transação registrada acima, o superintendente ordenou que os pobres prisioneiros fossem trazidos. Jesus e os discípulos prestaram sua ajuda na execução de sua ordem. Muitas pobres criaturas em farrapos, meio nuas e cobertas de pêlos, foram arrastadas para fora de buracos escuros. Os fariseus retiraram-se com raiva. Muitos dos libertados estavam muito fracos e doentes. Eles se deitaram aos pés de Jesus chorando, enquanto ele os consolava e os exortava. Ele procurou para eles roupas, banhos, comida, alojamento, e cuidou das formalidades necessárias a serem observadas para restaurá-los à liberdade, pois tinham de permanecer sob a jurisdição da prisão e do hospital alguns dias, até que seu resgate fosse pago. Ocorreu situação semelhante entre as prisioneiras. Todos foram alimentados, Jesus e os discípulos os esperavam, e a parábola do filho pródigo foi depois contada a eles.

Assim, esta casa, por uma vez, encheu-se de alegria. Nela parecia ser prefigurada a libertação do Limbo dos Patriarcas a quem João, depois de sua morte, havia anunciado a iminente vinda do Redentor. Jesus e os discípulos passaram mais uma vez a noite na casa fora de Tirza.

Foi este assunto ali em Tirza que, quando relatado a Herodes, chamou sua atenção mais particularmente a Jesus, e provocou a observação: "É João ressuscitado do túmulo?" Daquele tempo, Herodes desejava ver Jesus. Deveras, ele já tinha ouvido falar dele por meio de relatos gerais e por meio de João, mas não havia pensado muito sobre o assunto. Agora, porém, sua consciência inquieta o fez notar o que antes tinha passado despercebido. Ele estava neste tempo morando em Hesbom, onde havia reunido todos os seus soldados em volta dele, entre eles algumas tropas romanas mercenárias.

De Tirsa a Cafarnaum, para onde Jesus agora prosseguiu com Seus discípulos, era uma viagem de dezoito horas. Não subiram pelo vale do Jordão, mas seguiram a base do monte Gelboa e atravessaram o vale de Abez, deixando Tabor à esquerda. Eles ficaram hospedados na pousada à beira do lago perto de Betúlia e, no dia seguinte, viajaram até Damna, onde Jesus encontrou Maria e algumas das santas mulheres que tinham chegado ali antes dele. Os outros seis apóstolos e alguns dos discípulos também haviam chegado a Damna. Os dois soldados de Macærus, que Lázaro havia enviado pela Samaria, juntaram-se aos seguidores de Jesus perto de Azanoth.

## Jesus em Cafarnaum e seus Arredores

Havia naquele tempo em Cafarnaum não menos de sessenta e quatro fariseus reunidos dos distritos vizinhos. No caminho para lá, eles haviam feito inquéritos sobre as curas mais notáveis de Jesus, e haviam ordenado que a viúva de Naim, com seu filho e testemunhas daquele lugar fossem convocadas para Cafarnaum, bem como o filho de Aquias, o centurião de Giskala. Também haviam interrogado de perto Zorobabel e seu filho, o centurião Cornélio e seu servo, Jairo e suas filhas, vários cegos e coxos que haviam sido curados - numa palavra, todos os que naquela parte do país se beneficiaram do poder de cura de Jesus. Em cada caso, convocaram testemunhas, a quem interrogaram e compararam suas respostas.

Quando, apesar de sua malícia, eles foram incapazes de interpretar o que ouviram como provas contra a verdade dos milagres de Jesus, ficaram ainda mais enfurecidos, e recorreram novamente à sua velha história, de que Ele tinha relações com o diabo. Afirmaram que Ele andava com mulheres de má reputação, incitava as pessoas à sedição, impedia as sinagogas de receberem as esmolas que lhes deveriam ser concedidas, e profanava o sábado, e jactavam-se de que agora iriam pôr fim aos Seus procedimentos.

Intimidados por essas ameaças, pela multidão cada vez maior de pessoas, e especialmente pela decapitação de João, os parentes de Jesus estavam em grande dificuldade. Imploraram-Lhe que não fosse a Cafarnaum, mas que tomasse Sua morada em outro lugar, e para isso deram nomes a muitos lugares, tais como Naim ou Hebrum ou as cidades do outro lado do Jordão. Mas Jesus os silenciou, declarando que iria para Cafarnaum, onde ensinaria e curaria, pois, assim que se pusesse face a face com os fariseus, eles cessariam de se vangloriar.

Quando os discípulos lhe perguntaram o que deviam fazer naquele momento, Jesus respondeu que lhes diria, e que daria aos Doze a mesma posição para eles, como Ele mesmo designou aos apóstolos. Quando chegou a noite, eles se separaram. Jesus foi com Maria, as mulheres e seus parentes para o leste, através da aldeia de

Zorobabel, até a casa de Maria, no vale de Cafarnaum, e os apóstolos e discípulos partiram por outras rotas. Naquela noite, Jairo procurou Jesus para contar-Lhe as perseguições que teve de suportar. Jesus acalmou-o. Tinha sido despedido de seu cargo, e agora pertencia inteiramente a Jesus.

Cafarnaum estava cheia de visitantes, doentes e saudáveis, judeus e gentios. As planícies e colinas circunvizinhas estavam cobertas de acampamentos. Nos campos e nos recantos das montanhas, camelos e jumentos pastavam; até mesmo os vales e nas colinas do lado oposto do lago estavam cheios de pessoas que esperavam por Jesus. Havia ali estrangeiros de todos os lados, da Síria, da Arábia, da Fenícia e até mesmo de Chipre.

Jesus visitou Zorobabel, Cornélio e Jairo. A família do último nomeado estava inteiramente convertida, a filha muito melhor do que anteriormente, e muito modesta e piedosa. Jesus foi depois à casa de Pedro, fora da cidade, e encontrou-a cheia de doentes. Pagãos, que nunca tinham estado ali antes, agora se apresentavam. A multidão de doentes era tão grande que os discípulos tiveram de erguer uma espécie de andaime, a fim de conseguir mais espaço para eles. Não só Jesus era procurado por todos os lugares pelos doentes, mas os apóstolos e discípulos também eram chamados por eles. És um dos discípulos do Profeta? Eles choravam. Tem piedade de mim! Ajudem-me! Leva-me até Ele! Jesus, os Apóstolos e cerca de vinte e quatro discípulos ensinaram e curaram durante toda a manhã. Havia ali alguns endemoninhados, que gritavam atrás de Jesus e dos quais ele expulsava os demônios. Nenhum fariseu estava presente, mas havia entre a multidão alguns espiões e alguns meio-insatisfeitos.

Depois de Jesus ter feito muitas curas, retirou-se para um salão para pregar, onde o seguiram os curados e outros. Alguns dos Apóstolos continuaram a curar, enquanto os outros se reuniram em torno de Jesus, que novamente ensinou sobre as Bem-aventuranças e contou várias parábolas. Entre outros pontos, ele tocou na oração, que, disse ele, nunca deveriam omitir. Relatou e desenvolveu a parábola do juiz injusto que, a fim de se livrar da viúva que sempre voltava a bater à sua porta, finalmente Lhe fez justiça. (Lucas 18:1-5) Se o juiz injusto foi assim forçado a obedecer, não será ainda mais misericordioso o Pai Celestial?

Daí, Jesus ensinou a multidão a orar, recitou as sete petições do Pai-Nosso, e explicou a primeira, "Pai-Nosso, que estás nos Céus". Já em Suas viagens, Ele havia explicado várias das petições aos discípulos; agora, no entanto, Ele as retomou como fez com as Bem-aventuranças, e as fez o assunto de Suas instruções públicas. Assim, a oração foi explicada por etapas, repetida em toda parte e publicada por todos os lados pelos discípulos. Jesus continuou as Oito Bem-aventuranças ao mesmo tempo. Falando da oração, ele usou esta parábola: Se um filho pedir pão a seu pai, dar-lhe-á uma pedra? Ou, se Lhe pedir um peixe, Lhe dará uma serpente ou um escorpião?

Agora eram quase três horas. Maria, ajudada por sua irmã e outras mulheres, também pelos filhos dos irmãos de José, de Dabereze, Nazaré, e do vale de Zabulon, preparara na parte da frente da casa uma refeição para Jesus e os discípulos. Durante vários dias, por causa de seus grandes trabalhos, não tinham horas regulares para as refeições. A sala de jantar estava separada do salão em que Jesus ensinava, perto de um tribunal lotada de pessoas, que podiam ouvir tudo o que se dizia através dos pórticos abertos do salão. Agora, quando Jesus continuava a ensinar, Maria, levando consigo alguns parentes, a fim de não passar sozinha pela multidão, aproximou-se com a intenção de falar com ele e rogou-Lhe que viesse e tomasse parte de alguma comida. Mas não podia passar por entre a multidão, de modo que o seu pedido foi passado de um para outro, até que chegou a um homem

que estava junto de Jesus. Ele era um dos espiões dos fariseus. Como Jesus havia feito várias vezes menção de Seu Pai Celestial, o espião, não sem um escarnecimento secreto, disse-Lhe: "Eis que tua mãe e teus irmãos estão do lado de fora, procurando-te". Mas Jesus, olhando para ele, disse: "Quem é a minha mãe, e quem são os meus irmãos?" Então, ele reuniu os Doze e colocou os discípulos ao seu redor, estendeu a mão sobre os primeiros e disse: "Eis a minha mãe!" E então, sobre estes últimos, disse: "E estes são os meus irmãos, que ouvem a palavra de Deus e a praticam". Pois quem faz a vontade do meu Pai que está nos céus, é meu irmão, minha irmã e minha mãe. Então, Ele continuou com Seu discurso, mas enviou Seus discípulos, por sua vez, a tomarem o alimento de que precisavam.

Depois disso, quando ele entrou com os discípulos na sinagoga, os doentes que ainda podiam andar seguiram-no, implorando-lhe ajuda. Ele curou-os. No pátio externo da sinagoga, embora o sábado já tivesse começado, aproximou-se dele um homem, mostrou-lhe a mão, aleijada e seca, e suplicou-lhe que o ajudasse. Jesus disse-lhe para esperar um pouco. Ao mesmo tempo, algumas pessoas levaram-lhe um homem surdo e mudo que estava furioso. Jesus mandou-lhe deitar-se em silêncio à entrada da sinagoga e esperar ali. O possuído sentou-se instantaneamente de pernas cruzadas, e inclinou a cabeça sobre os joelhos, mantendo um olhar lateral fixado em Jesus. Com exceção de um ligeiro estremecimento convulsivo ocasional, ele permaneceu em silêncio durante toda o ensinamento.

A lição do sábado era sobre Jetro dar conselhos a Moisés quando os israelitas estavam acampados ao redor do Sinai, de Moisés subir o monte e receber os Dez Mandamentos (Êxodo 18-21), e do profeta Isaías, as passagens que registram sua visão do trono de Deus e os serafins purificando seus lábios com um carvão ardente (Is. 6:1-13). A sinagoga estava repleta de pessoas, e uma grande multidão estava de pé do lado de fora. As portas e janelas estavam todas abertas, e muitas pessoas estavam olhando para dentro dos edifícios adjacentes. Muitos fariseus e herodianos estavam presentes, todos cheios de ira e amargura. Os recém-curados estavam na sinagoga, bem como todos os discípulos e parentes de Jesus. Os cidadãos de Cafarnaum e as multidões de estrangeiros estavam cheios de reverência e admiração por Jesus, de modo que os fariseus não ousavam atacá-Lo sem motivo aparente. Além disso, haviam vindo à sinagoga mais por desejo de apoiar uns aos outros em sua vazia jactância do que para fazer alguma oposição séria a Ele, embora não tenham sido capazes de fazer isso. Não se preocupavam mais em contradizê-Lo em público, visto que, em tais ocasiões, Suas respostas geralmente os envergonhavam diante do povo. Mas, quando ele se retirou, procuraram por todos os meios que puderam afastar o povo dele, e inventaram mentiras contra ele.

Havia ali um homem com a mão seca, e os fariseus procuravam ver se Jesus o curaria no sábado, para que pudessem acusá-lo. Este era o desejo especialmente daqueles que acabavam de chegar de Jerusalém. Eles estavam ansiosos por algo que pudessem levar para casa e colocar diante do Sinédrio. Visto que não podiam alegar nada de importância contra Ele, e embora conhecessem bem Seus sentimentos sobre o assunto, sempre voltavam, como por ignorância, à mesma pergunta, e a ela Jesus, com incansável paciência, geralmente dava a mesma resposta. Vários deles agora fizeram a pergunta: "É lícito curar no sábado?" Jesus, conhecendo os seus pensamentos, chamou o homem com a mão seca, colocou-o no meio deles e disse: "É lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal?" Para salvar uma vida, ou para destruí-la? Ninguém respondeu. Então, Jesus repetiu a parábola que geralmente usou em tais ocasiões: ?? Qual homem haverá entre vós que tenha uma ovelha: e se a mesma cair num poço no dia de sábado, não a agarrará e a

levantará? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é lícito fazer uma boa ação no sábado. Ele ficava muito perturbado com a obstinação daqueles homens, e Seu olhar de ira penetrava no fundo de suas almas. Tomando o braço do pobre homem em Sua mão esquerda, Ele o acariciou com a direita, o endireitou e separou os dedos tortuosos, e disse: "Estende a tua mão!" O homem estendeu a mão e a moveu. Tinha-se tornado tão longo quanto o outro e estava perfeitamente curado. Toda a cena foi obra de um instante. O homem lançou-se com gratidão aos pés de Jesus, e o povo irrompeu em gritos de júbilo, ao passo que os fariseus enfurecidos se retiraram para a entrada da sinagoga para discutir o que tinham testemunhado. Jesus, então, expulsou o demônio do homem que Ele havia deixado à guarda à porta, e imediatamente o homem foi dado a falar e a ouvir. O povo novamente gritou de alegria, e os fariseus novamente pronunciaram sua expressão difamatória: "Ele tem um demônio! Ele expulsa um demônio com a ajuda de outro! Jesus virou-se para eles e disse: Quem de vós pode convencer-Me de pecado? Se a árvore é boa, também o seu fruto será bom; se a árvore é má, também o seu fruto será mau; porque pela sua fruta se conhece a árvore. Ó geração de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo vós maus? Da abundância do coração fala a boca.

Ao ouvirem estas palavras, os fariseus levantaram um grande clamor: "Ele fará um fim a tudo isso! Já tivemos o suficiente disto! Mas um dos dois, que era um dos que o repreendiam, exclamou: Não sabes, acaso, que te podemos expulsar? Jesus e os discípulos saíram agora da sinagoga, e seguiram por caminhos diferentes, alguns para a casa de Maria, outros para a de Pedro, junto ao lago. Jesus fez uma refeição na casa de Sua Mãe, e depois passou a noite com os Doze na casa de Pedro. Este último, sendo o mais distante dos dois, oferecia um refúgio mais seguro.

No dia seguinte, Jesus, os Doze Apóstolos e os discípulos passaram o dia inteiro em casa de Pedro, curando os doentes. A multidão estava esperando por ele e o procurava em muitos lugares, mas ele permanecia fechado em casa.

Ao amanhecer, Jesus chamou a si os apóstolos e os discípulos, dois a dois, conforme os enviava, e recebeu deles o relato de tudo o que lhes acontecera durante a missão. Ele resolveu as dúvidas e as dificuldades que surgiram em certas circunstâncias, e instruiu-os sobre como deveriam agir no futuro. Ele disse-lhes novamente que logo lhes daria uma nova missão. Os seis apóstolos que haviam trabalhado na Alta Galileia haviam sido bem recebidos. Eles haviam encontrado pessoas bem dispostas e, em consequência, haviam batizado muitos. Os outros, que tinham ido à Judéia, não batizaram a ninguém, e aqui e ali haviam experimentado contradições. A multidão em torno da casa tornava-se cada vez maior, e Jesus e Seus discípulos se afastaram secretamente. As estrelas derramaram sua luz sobre o pequeno grupo, enquanto se apressavam ao longo dos caminhos secundários para a barca de Pedro. Eles atravessaram o lago e desembarcaram entre a o embarque de Mateus e a pequena Corozain. Daí, subiram ao monte ao pé do qual se encontrava a casa do costume, pois Jesus queria instruir os discípulos a sós. Mas a multidão tinha vislumbrado a partida deles, e a notícia logo se espalhou pelas tendas do acampamento. A multidão perto de Betsaida logo atravessou, alguns do outro lado do lago, outros ainda mais acima do outro lado da ponte do Jordão, e assim Jesus e Seu grupo, ali na montanha, foram novamente cercados pela imensa multidão. Os discípulos colocaram as pessoas em ordem, e Jesus começou novamente Seus ensinamentos sobre as Bem-aventuranças e a oração. Ele explicou novamente a primeira petição do Pai-Nosso. À medida que as horas passavam, as multidões aumentavam. As pessoas vinham de todas as cidades vizinhas, de Júlia, Corozain e Gergesa, trazendo consigo os doentes e os endemoninhados. Muitos foram curados por Jesus e pelos discípulos.

Terminado o ensino, a multidão se dispersou e no dia seguinte, no lugar em que este Sermão do Monte fora proferido. Jesus, com os Apóstolos e os discípulos, retiraram-se então para mais alto na montanha, para um lugar sombrio e solitário. Além dos Doze, havia com Jesus setenta e dois discípulos. Entre eles estavam os dois soldados de Machærus e alguns que ainda não tinham sido formalmente recebidos como discípulos e nunca haviam estado em missão. Os filhos do irmão de José estavam lá.

Jesus instruiu então os discípulos sobre a obra que lhes estava reservada. Disse-lhes que não levassem com eles nem bolsa, nem dinheiro, nem pão, senão apenas um cajado e um par de sandálias; que, em qualquer lugar em que fossem recebidos ingratamente, sacudissem o pó dos sapatos. Deu-lhes algumas instruções gerais para seus futuros deveres como apóstolos e discípulos, chamando-os de sal da terra, e falou da luz que não deve ser colocada debaixo de um copo, e da cidade assentada sobre um monte. Contudo, Ele não os informou da medida completa da perseguição que os aguardava.

O ponto principal deste ensino, porém, era aquele pelo qual Jesus traçou uma linha definitiva entre os Apóstolos e os discípulos, dos quais os primeiros foram colocados acima dos últimos. Disse-lhes que enviassem e chamassem os discípulos, assim como Ele mesmo os enviou e os chamou, a saber, os apóstolos. Isto foi-lhes concedido em virtude da sua própria missão. Entre os discípulos, Jesus também formou várias classes, colocando o mais velho e melhor instruído acima do mais jovem e mais recentemente recebido. Ele os dispôs da seguinte maneira, os Apóstolos, dois a dois, liderados por Pedro e João. Os discípulos mais velhos formaram um círculo em torno deles, e atrás deles os mais novos, segundo a ordem que Ele lhes havia designado. Daí, falou-lhes palavras fervorosas e tocantes, e impôs as mãos sobre os apóstolos, como confirmação da dignidade a que os havia elevado; aos discípulos, Ele apenas os abençoou. Tudo isto foi feito com a maior tranquilidade. Toda a cena foi profundamente impressionante. Ninguém ofereceu a menor resistência ou mostrou o menor sinal de descontentamento. A essa hora, já era tarde, e Jesus com André, João, Filipe e Tiago, o Menor, mergulharam profundamente na montanha, e ali passaram a noite em oração.

## **Alimentação dos Cinco Mil**

Quando na manhã seguinte Jesus e os Apóstolos voltaram ao monte onde Ele já havia ensinado várias vezes sobre as Oito Bem-aventuranças, Ele encontrou a multidão reunida. Os outros apóstolos tinham organizado os doentes em lugares protegidos. Jesus e os apóstolos começaram a curar e a instruir. Muitos que naqueles dias haviam vindo pela primeira vez a Cafarnaum, ajôelharam-se em círculo para receber o Batismo. A água, que havia sido trazida para esse fim em garrafas de couro, foi aspergida sobre eles três de cada vez.

A Mãe de Jesus tinha vindo com as outras mulheres, e agora ela ajudava entre as mulheres e crianças doentes. Ela não trocou palavras com Jesus, mas retornou prematuramente a Cafarnaum.

Jesus ensinou as Oito Bem-aventuranças e chegou até à sexta. A instrução sobre oração começou em Cafarnaum. Ele repetiu e explicou algumas das petições do Pai-Nosso.

O ensino e a cura continuaram até depois das quatro horas, e durante todo esse tempo as multidões que o ouviam não tinham nada para comer. Eles agora haviam seguido o caminho do dia anterior, e as escassas provisões que haviam trazido com eles se esgotaram. Muitos deles estavam muito fracos e em falta de alimento. Os

apóstolos, notando isso, aproximaram-se de Jesus com o pedido de que Ele interrompesse o ensinamento, a fim de que as pessoas pudessem procurar alojamento para a noite e obter alimento. Jesus respondeu: "Não precisam ir. Dá-lhes aqui algo para comer! Filipe respondeu-lhe: "Vamos comprar pão de duzentos denários e dar-lhes de comer?" Disse isto com alguma relutância, porque pensava que Jesus estava prestes a impor-lhes o cansaço de recolher do entorno pão suficiente para toda a multidão. Jesus respondeu: "Vejam quantos pães vocês têm! E continuou seu ensinamento.

Havia na multidão um servo, que fora enviado por seu amo com cinco pães e dois peixes como presente aos Apóstolos, e André contou isto a Jesus com as palavras: "Mas o que é isso para tantos?" Jesus ordenou que trouxessem os pães e os peixes, e, quando foram postos diante d'Ele, Ele continuou a explicação do pedido do pão diário. Muitas pessoas estavam desmaiando, e as crianças choravam por pão. Então Jesus, a fim de testar a Filipe, perguntou-lhe: De onde compraremos pão para que estas pessoas comam? Filipe respondeu-lhe: "Quinhentos denários não bastariam para que cada um deles recebesse um pouco". Jesus disse: "Fazei as pessoas sentarem-se, os mais famintos, por grupos de cinquenta, os outros por grupos de cem; e trazei-me os cestos de pão que tendes à mão". Os discípulos colocaram diante d'Ele uma fileira de cestos rasos, tecidos de largas tiras de casca, tais como as usadas para o pão. Então eles espalharam as pessoas, em grupos de cem e de cinquenta abaixo da montanha em espaços, cobertos com um gramado bonito e extenso. Jesus estava lá em cima, as pessoas sentadas abaixo dele na encosta da montanha.

Quando os discípulos contaram as pessoas e as sentaram em grupos de cinquenta e de cem, conforme Jesus ordenara, ele cortou os cinco pães com uma faca de osso, e os peixes que haviam sido cortados ao longo, ele os dividiu em pedaços de cruz. Depois, tomou um dos pães nas mãos, levantou-o e orou. Ele fez o mesmo com um dos peixes. Não me lembro se Ele fez o mesmo com o mel ou não. Três dos discípulos estavam ao Seu lado. Jesus, então, abençoou o pão, o peixe e o mel, e começou a partir as seções transversais em pedaços, e estes novamente em porções menores. Cada porção imediatamente aumentou até o tamanho original do pão, e em sua superfície apareciam, como antes, as linhas divisórias. Jesus então partiu os pedaços individuais em porções suficientemente grandes para satisfazer um homem, e deu a cada um um pedaço de peixe. Saturnino, que estava ao Seu lado, colocou o pedaço de peixe sobre a porção de pão, e um jovem discípulo do Batista, filho de um pastor, que mais tarde se tornou bispo, colocou sobre cada um uma pequena quantidade de mel. Não houve diminuição perceptível nos peixes, e o favo parecia aumentar. Tadeu colocou as porções de pão sobre as quais estavam os peixes e o mel nas cestas planas, que foram então levadas para os mais necessitados, que se sentavam por idade de cinquenta anos foram servidos primeiro.

Assim que os cestos vazios eram trazidos de volta, eram trocados por outros cheios, e assim o trabalho prosseguiu por cerca de duas horas até que todos tivessem sido alimentados. Aqueles que tinham esposa e filhos (e estes estavam separados dos homens) acharam sua porção tão grande que podiam compartilhar abundantemente com eles. O povo bebia da água que havia sido levada lá em garrafas de couro. A maioria deles usava copos feitos de casca de árvore dobrada em forma de cone, e outros traziam goletas ocas.

Todo o assunto foi resolvido o mais rápido possível e com perfeita ordem. Os apóstolos e discípulos foram preparados. Na maior parte do tempo, estavam ocupados carregando cestas aqui e ali e distribuindo seu conteúdo. Mas todos

ficaram em silêncio e surpresos ao ver como ocorria a multiplicação. O tamanho dos pães era de cerca de dois palmos, ou quarenta e cinco centímetros de comprimento, e um quinto a menos de largura. Eram divididos por cristas em vinte partes, cinco de comprimento e quatro de largura, de modo que a substância de cada uma dessas partes ficava cinquenta vezes maior, para alimentar os cinco mil homens. O pão tinha uns bons três dedos de espessura. Os peixes foram cortados em dois no sentido do comprimento. Jesus dividiu cada metade em numerosas porções. Apenas os dois peixes o tempo todo, era no tamanho e não em número que eles aumentavam maravilhosamente.

Quando todos ficaram saciados, Jesus mandou que os discípulos andassem por entre ele com os cestos e recolhessem os restos, para que nada fosse desperdiçado. E recolheram doze cestos cheios. Muitas pessoas pediram para levar algumas das peças para casa como lembranças. Não haviam soldados presentes desta vez, embora eu estivesse acostumada a ver muitos em todas os outros grandes ensinamentos. Eles haviam sido chamados a Hésebon, onde Herodes estava então peregrinando.

Quando as pessoas se levantaram de sua refeição, juntaram-se por toda a parte em grupos, cheias de admiração e espanto pelo milagre do Senhor. De boca em boca passava a palavra: "Este homem é genuíno! Este é o profeta que devia vir ao mundo. Ele é o Prometido!"

Já estava escurecendo, então Jesus mandou seus discípulos entrarem em seus barcos e passarem antes dele para Betsaida; enquanto isso, ele iria despedir a multidão e então seguiria. Os discípulos obedeceram. Tomando as cestas de pão, desceram para os seus barcos, e alguns deles atravessaram imediatamente para Betsaida. Os apóstolos e alguns dos discípulos mais velhos ficaram por um pouco mais de tempo e depois partiram no barco de Pedro.

Jesus agora despediu a multidão, que estava profundamente comovida. Mal havia deixado o lugar em que ensinava, quando surgiu o clamor: "Ele nos deu pão! Ele é o nosso Rei! Vamos fazê-lo nosso Rei! Mas Jesus desapareceu para o deserto, e ali se entregou a orar.

## Jesus anda sobre o mar

O barco de Pedro, com os apóstolos e alguns dos discípulos, foi atrasado durante a noite por ventos contrários. Eles remaram vigorosamente, mas foram levados para o sul da direção correta. Eu vi que a cada duas horas pequenos barcos com tochas eram enviados de cada margem. Eles levavam passageiros atrasados para os grandes barcos e serviam na escuridão para marcar sua direção. Como, como sentinelas, eram substituídos a cada duas horas, eram chamados de vigia noturna. Eu vi esses barcos mudarem quatro vezes, enquanto o barco de Pedro estava sendo conduzido para o sul do seu curso correto.

Daí, Jesus andou sobre o mar numa direção de nordeste a sudoeste. Ele estava a brilhar com luz. Os raios saíam dele, e podia-se ver a sua imagem invertida na água debaixo dos seus pés. Para andar numa direção de Betsaida-Júlia para Tiberíades, quase em frente ao que era o barco de Pedro, Jesus teve de passar entre os dois barcos de noite que remavam para o mar, um de Cafarnaum e o outro da margem oposta. As pessoas naqueles barcos, ao vê-lo caminhar, deram um longo grito de medo e tocaram a trombeta, pois pensaram que era um fantasma. Os apóstolos no barco de Pedro, que, a fim de encontrar o rumo certo, se guiava pela luz de um desses barcos, olharam na direção do som e viram Jesus vindo em sua direção. Ele parecia estar deslizando mais rapidamente do que na caminhada comum, e onde

quer que Ele se aproximava, o mar ficava calmo. Mas uma névoa permanecia sobre a água, de modo que ele só podia ser visto a uma certa distância. Embora já O tivessem visto antes andando assim, a visão incomum e fantasmagórica enchia-os de terror, e eles gritavam alto.

Mas, de repente, eles se lembraram da circunstância de Jesus andar pela primeira vez sobre a água, e Pedro, mais uma vez desejoso de mostrar sua fé, clamou novamente em seu ardor: "Senhor, se és tu, manda-me ir até ti!" Jesus respondeu: "Vem!" Desta vez, Pedro correu a uma distância maior até Jesus, mas sua fé ainda não era suficiente. Ele já estava perto dele quando ele pensou novamente em seu perigo, e no instante começou a afundar. Estendeu a mão e gritou: "Senhor, salva-me!" Ele não, no entanto, afundou para tão grande profundidade como da primeira vez. Jesus novamente lhe dirigiu as palavras: "Ó de pouca fé, por que duvidaste?" Quando Jesus subiu ao barco, todos correram e prostraram-se aos seus pés, clamando: "Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!" Jesus os repreendeu por seu medo e pouca fé, repreendeu-os severamente e depois deu-lhes instruções sobre a oração do Pai Nosso. Ele ordenou que eles se voltassem mais para o sul. Eles agora tinham vento favorável e rapidamente fizeram a viagem, enquanto descansavam um pouco na cabine, apoiando o remador no mastro. A tempestade desta ocasião não foi tão violenta quanto a anterior, mas haviam entrado na corrente do lago, que no meio era muito forte, e não conseguiam sair dela.

Jesus permitiu que Pedro viesse a Ele sobre as águas, a fim de humilhá-lo, pois sabia muito bem que ele ia afundar. Pedro era muito ardente e forte na fé, e em seu zelo queria dar testemunho de sua fé a Jesus e aos discípulos. Por afundar-se, ele foi preservado do orgulho. Os outros não tinham confiança suficiente para querer seguir seu exemplo e, ao mesmo tempo em que se admiravam da fé de Pedro, podiam ver que, embora superasse a deles, ainda não era o que deveria ser.

Ao nascer do sol, o barco de Pedro pôs-se no lado leste do lago, numa pequena aldeia que consistia apenas de algumas fileiras de casas entre Magdala e Dalmanuta. A aldeia pertencia a este último. Era a este lugar que se refere quando o Evangelho diz, "para as partes de Dalmanuta". (Marcos 8:10).

Logo que perceberam a aproximação do barco, os habitantes começaram a preparar todos os seus doentes, e vieram ao encontro de Jesus na costa. Ele e os discípulos curavam nas ruas. Depois, ele foi para a montanha, a uma curta distância de Dalmanuta, onde todos os habitantes, judeus e gregos, se reuniram ao seu redor. Ali ensinou as Oito Bem-aventuranças e o Pai-Nosso. Ele também curou os doentes que haviam trazido com eles.

Este pequeno lugar ficava perto da balsa, e nele era pago o pedágio. O povo em geral estava ocupado com o transporte de ferro da cidade de Efrom para Basã. Era deste ponto que enviavam o ferro para todos os outros portos da Galiléia. Das montanhas podia-se ver Efrom.

De lá, Jesus embarcou com os apóstolos para Tariqueia, que ficava a três ou quatro horas ao sul de Tiberíades. A cidade era construída em uma altura, a um quarto de hora da costa, para a qual, no entanto, haviam casas espalhadas aqui e ali. A costa deste ponto até o afluxo do Jordão era delimitada por uma parede forte e negra, sobre a qual se estendia uma estrada. Era uma cidade recém-construída, muito bonita e de arquitetura pagã, com colunatas na frente das casas. No mercado havia uma bela fonte protegida por um telhado de pilares.

Jesus foi imediatamente a esta fonte e ali se juntaram as pessoas com os doentes, a quem ele curou. Numerosas mulheres, veladas, com seus filhos, ficavam a certa distância atrás dos homens. Os fariseus e os saduceus estavam à volta de Jesus, entre eles alguns herodianos, enquanto ele falava sobre os Oito Bem-aventurados e

o Pai Nosso. Os fariseus não demoraram em apresentar suas acusações, que, como sempre, giravam em torno dos mesmos pontos, a saber, de que ele freqüentava a sociedade de publicanos e pecadores, de que atraía depois de si mulheres de má reputação, de que seus discípulos não lavavam as mãos antes das refeições, de que ele curava no sábado, etc. Jesus interrompeu-os e chamou as crianças para si. Depois de curá-las, instruí-las e abençoá-las, apresentou-as aos fariseus com as palavras: "Vós deveis tornar-vos semelhantes a estes".

Perto do lugar em que Jesus ensinava havia uma alta margem, coberta de musgo, na qual havia várias cavernas. Jesus mandou que se estendesse sobre ela um amplo guardanapo, sobre o qual foram depositados os cinco pães e os dois peixes. Os pães estavam sobrepostos no guardanapo. Eram longos e estreitos, com cerca de cinco centímetros de espessura. A crosta era fina e amarela, e o interior, embora não perfeitamente branco, era apertado e fino. Eram marcados com listras para facilitar a quebra ou o corte com uma faca. Os peixes eram do tamanho de um braço. Tinham a cabeça um pouco saliente, não como os nossos peixes. Cortados, assados e prontos para serem comidos, ficaram sobre folhas grandes. Outro homem tinha trazido dois de favos de mel, e eles também foram colocados no guardanapo.

Tariqueia era menos elevada do que Tiberíades. Quantidades de peixe eram aqui salgadas e secas. Antes de entrar na cidade, o viajante encontrou grandes molduras de madeira sobre as quais os peixes estavam secando.

O país nessas partes era extraordinariamente fértil. As colinas ao redor da cidade estavam cobertas de terraços cheios de vinhas e de toda espécie de árvores frutíferas. Toda a região até Tabor e os Banhos de Betulia era, além de toda concepção, florescente, repleta de abundância. Era mais geralmente conhecida como a Terra de Genesaret.

Por volta do anoitecer, Jesus deixou Tariqueia e navegou com os discípulos através do lago em direção a nordeste. Ensinou no barco, mas apenas do Pai-Nosso, e desta vez da quarta petição. Quando estava sozinho com eles, Jesus sempre preparava Seus discípulos para Seus ensinamentos públicos, mais elevados.

## **Jesus ensina sobre o pão da vida**

Jesus passou a noite no barco, que estava ancorado na costa entre o escritório alfandegário de Mateus e Betsaida-Júlia. Na manhã seguinte, ele discursou sobre o Pai-Nosso diante de cerca de cem pessoas, e, por volta do meio-dia, embarcou com os discípulos para a região de Cafarnaum, onde desembarcaram sem serem notados e foram imediatamente a casa de Pedro. Ali Jesus encontrou Lázaro, que tinha ido ali com o filho de Verônica e algumas pessoas de Hebrom.

Quando Jesus subiu a colina atrás da casa de Pedro, sobre a qual passava o caminho mais curto de Cafarnaum para Betsaida, a multidão acampada ao redor o seguiu. Vários dos que estavam presentes no dia anterior na multiplicação dos pães, e que desde então o procuravam, perguntaram-lhe: 'Rabi, quando vieste aqui? Temos estado à tua procura em ambos os lados do lago. Jesus, ao mesmo tempo começando Seu sermão, respondeu-lhes: "Em verdade, em verdade vos digo que me procurais, não porque viram sinais, mas porque comeram dos pães e se fartaram. Não trabalheis pela comida que perece, mas pela que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará. Para ele Deus Pai o selou. Estas palavras estão escritas assim no Evangelho, mas são apenas os pontos principais daquelas que Jesus pronunciou naquela ocasião, pois Ele se debruçou amplamente sobre o assunto. As pessoas sussurraram umas às outras: "O que ele quer dizer com o Filho do Homem? Somos todos filhos do homem! Quando, ao ser-lhes

exortado a fazerem as obras de Deus, perguntaram-lhe o que deviam fazer para cumprir essas obras, Ele respondeu: 'Creiam naquele que Ele enviou.' E então Ele lhes deu um ensinamento sobre a fé. E eles perguntaram: "Que sinal você vai fazer para que nós acreditemos nele?" Moisés deu aos seus pais o pão do céu para que acreditassem nele, ou seja, o maná. O que, perguntavam agora, lhes daria Jesus? Jesus respondeu: "Eu vos digo que não foi Moisés que vos deu o pão do céu, mas é o meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.

Jesus ensinou detalhadamente sobre este pão, e alguns deles disseram-Lhe: "Senhor, dá-nos sempre este pão". Mas outros objetaram: "Seu Pai nos dá pão do Céu! Como é que isso é possível? Seu pai José já está morto! Jesus continuou a ensinar sobre o mesmo assunto, demorando-se sobre ele por muito tempo, desenvolvendo-o e explicando-o em termos muito precisos. Mas apenas alguns O entenderam. Os outros achavam-se sábios; achavam que sabiam tudo.

No dia seguinte, Jesus, do monte atrás da casa de Pedro, continuou o assunto do discurso do dia anterior. Havia cerca de duas mil pessoas presentes, que trocavam de lugar por turnos, alguns avançando, outros se retirando, para que todos tivessem a oportunidade de ouvir melhor. Jesus também mudava de posição de vez em quando. Ele ia de um lugar para outro, repetindo amorosa e pacientemente Suas palavras de ensinamento e refutando as mesmas objeções. Além da multidão, havia muitas mulheres, veladas. Os fariseus continuavam a andar de um lado para o outro, fazendo perguntas e sussurrando suas dúvidas entre o povo.

Hoje Jesus falou em palavras simples, Ele disse: "Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. Todos os que o Pai me der virão a mim, e aquele que vem a mim, eu nunca o expulsarei. Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade do Pai que me enviou: que de tudo o que ele me deu, eu não perca nada, mas o ressuscite no último dia. E esta é a vontade do meu Pai que me enviou: que todo aquele que ver o Filho e nele crer tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

Mas muitos não o entenderam, e disseram: "Como pode ele dizer que desceu do céu? Ele é verdadeiramente o filho do carpinteiro José, Sua mãe e parentes estão entre nós, e nós conhecemos até mesmo os pais de Seu pai José! Ele disse hoje que Deus é o Seu Pai, e depois Ele disse novamente que Ele é o Filho do Homem! e murmuraram. Jesus respondeu-lhes: 'Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair. Novamente eles não conseguiram entender o que Ele queria dizer, e perguntaram o que significavam as palavras: "O Pai o chamou". Levaram-nas muito literalmente. Jesus respondeu: "Está escrito nos Profetas: E todos serão ensinados por Deus". Todo aquele que ouviu e aprendeu do Pai vem a mim!

Muitos deles disseram: "Não estamos nós com Ele?" E ainda não ouvimos falar do Pai, aprendemos com o Pai? A que Jesus respondeu: "Ninguém viu o Pai, senão aquele que é de Deus. Quem crê em mim tem vida eterna. Eu sou o pão que desceu do céu, o pão da vida.

Então, disseram novamente entre si: Não conhecemos nenhum pão que desceu do céu, exceto o maná. Jesus explicou que o maná não era o Pão da Vida, pois seus pais, que o haviam comido, morreram. Este é o pão que desce do céu, para que aquele que o comerem não morra. Ele disse que era o Pão da Vida, e que aquele que comesse dele viveria para sempre.

Todas estas catequeses foram acompanhadas de explicações completas e citações da Lei e dos Profetas. Mas a maioria dos judeus não os compreendiam. Eles

tomaram tudo literalmente de acordo com a aceitação comum, humana, e novamente perguntaram: O que significam estas palavras, que devemos comê-Lo, e a vida eterna? Quem, então, tem vida eterna, e quem pode comer Dele? Enoque e Elias foram retirados da terra, e dizem que não morreram; nem ninguém sabe para onde Malaquias foi, pois ninguém sabe da sua morte. Mas, para além destes, todos os outros homens devem morrer. Jesus respondeu, perguntando-lhes se sabiam onde estavam Enoque, Elias e Malaquias. Quanto a si mesmo, este conhecimento não lhe foi oculto. Mas, sabiam eles acreditava o que Enoque, o que Elias e Malaquias profetizaram? E Ele explicou algumas de suas profecias.

Jesus não ensinou mais naquele dia. O povo estava num estado extraordinário de excitação; meditavam sobre as Suas palavras e discutiam entre si o seu significado. Muitos dos novos discípulos até mesmo, especialmente os recentemente recebidos dentre os de João, duvidaram e vacilaram. Eles haviam aumentado o número dos discípulos para setenta, pois até esse período Jesus tinha apenas trinta e seis. As mulheres eram agora cerca de trinta e quatro, embora o número empenhado no serviço da Comunidade por fim tenha chegado a setenta. Foi aumentado por todas as hospedeiras, criadas e diretoras das pousadas.

Jesus novamente ensinou as pessoas no monte fora da cidade. Ele não falou mais do Pão da Vida, no entanto, mas limitou-se às Bem-aventuranças e ao Pai-Nosso. A multidão era muito grande, mas, visto que a maioria dos doentes já havia sido curada, a aglomeração e a pressa eram menores do que o habitual. O transporte dos doentes para o local da ação e sua posterior partida sempre causava muita confusão e perturbação, visto que todos queriam ser os primeiros tanto em entrar como em sair. Todos, e especialmente muitos dos discípulos de João, estavam em grande expectativa, ansiosos de ouvir o fim do ensinamento iniciado no dia anterior.

## **Jesus fala na sinagoga do Pão da Vida**

Naquela noite, quando Jesus estava ensinando na sinagoga sobre a lição do sábado, alguns de Seus ouvintes O interromperam com a pergunta: "Como podes chamar-Te a Ti mesmo o Pão da Vida, que desceu do Céu, visto que todos sabem de onde Tu és?" A qual Jesus respondeu repetindo tudo o que já havia dito sobre esse assunto.

Os fariseus novamente fizeram as mesmas objeções, e quando apelaram a seu pai Abraão e a Moisés, perguntando como Ele podia chamar a Deus de Seu Pai, Jesus lhes fez a seguinte pergunta: Como podeis chamar Abraão de vosso pai e Moisés de vosso legislador, visto que não seguis os mandamentos nem o exemplo de Abraão ou de Moisés? Então, Ele lhes expôs as suas condutas perversas e a sua vida ímpia e hipócrita. Ficaram confusos e furiosos.

Daí, Jesus retomou e continuou Seu ensinamento sobre o Pão da Vida. Ele disse: "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo". Com estas palavras, a multidão murmurou e sussurrou: "Como pode este homem dar-nos a sua carne para comer?" Jesus continuou e ensinou por extensão, conforme o relata o Evangelho: "A menos que comais a carne do Filho do Homem e bebais o Seu sangue, não tereis vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeiramente alimento, e o meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que me come, ele também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é pão como o maná, do qual os vossos pais comeram e, contudo, morreram. Quem comer deste pão, viverá para sempre. Jesus então explicou muitas passagens dos Profetas, especialmente de Malaquias, e

mostrou a sua realização em João Batista, de quem Ele falou extensamente. Perguntaram-lhe quando lhes daria o alimento de que falava. Ele respondeu distintamente: "Em seu próprio tempo", e então, com uma expressão peculiar, significou um certo período em semanas. Eu contei como Ele falou, e consegui: um ano, seis semanas, e alguns dias. O povo ficou muito agitado, e os fariseus procuraram incitá-lo ainda mais.

Depois disso, Jesus novamente ensinou na sinagoga. Ele explicou a sexta e a sétima petições do Pai Nosso, também a Beatitude, "Bem-aventurados os pobres de espírito". Ele disse que os instruídos não deveriam ter consciência disso, assim como os ricos não deveriam saber que possuem riquezas. Então os judeus murmuraram de novo e disseram: "De que serviria tal conhecimento ou tal riqueza, se o dono não soubesse que possuía um ou o outro?" Jesus respondeu: "Bem-aventurados os pobres em espírito!" Acrescentando que eles deviam se sentir pobres e humildes perante Deus, de quem vem toda a sabedoria, e sem quem toda a sabedoria é uma abominação.

Quando os judeus O questionaram novamente sobre Seu discurso do dia anterior, que era sobre o Pão da Vida, sobre comer Sua carne e beber Seu sangue, Ele repetiu Sua catequese anterior em termos fortes e precisos. Muitos de Seus discípulos murmuraram e disseram: "Esta palavra é dura; quem pode escutá-la?" Jesus respondeu que não deveriam escandalizar-se, que testemunhariam coisas ainda mais maravilhosas, e predisse-lhes claramente que o perseguiriam, que até mesmo os mais fiéis entre eles o abandonariam e fugiriam, e que cairia nos braços de Seus inimigos, que O matariam. Mas, Ele disse, Ele não abandonaria Seus discípulos infiéis; Seu Espírito pairava junto deles. As palavras, "Ele correria para os braços de Seu inimigo", não eram exatamente as usadas por Jesus. Era mais que Ele abraçaria o Seu inimigo, ou seria abraçado por ele, mas já não me lembro qual. Referia-se ao beijo e à traição de Judas.

Visto que os judeus estavam agora ainda mais escandalizados, Jesus disse: "E se virdes o Filho do homem subir para onde estava antes? É o espírito que dá vida; a carne não serve de nada. As palavras que vos tenho falado são espírito e vida. Mas há alguns dentre vós que não crêem. É por isso que vos disse: Ninguém pode vir a mim, a menos que lhe seja dado pelo meu Pai.

Estas palavras de Jesus foram recebidas por zombarias e murmurações em toda a sinagoga. Cerca de trinta dos novos discípulos, principalmente os seguidores de João, de mente estreita, foram ter com os fariseus e começaram a sussurrar com eles e a expressar sua insatisfação, mas os Apóstolos e os discípulos mais velhos reuniram-se mais perto de Jesus. Ele continuou a ensinar, e disse em voz alta: "É bom que aqueles homens mostrem de que espírito são filhos antes de terem causado maior maldade".

Ao sair da sinagoga, os fariseus e os discípulos desleais que haviam se aliado a eles queriam prendê-lo a fim de discutir com ele e exigir explicações sobre muitos assuntos. Mas os apóstolos, Seus discípulos e outros amigos O cercaram, de modo que Ele escapou de suas importunações, embora em meio a gritos e confusão. O discurso deles era como se pudesse ser ouvido dos homens de nosso próprio dia: "Agora nós o temos! Agora não precisamos de mais nada! Ele sem dúvida provou a todo homem sensato que Ele mesmo é desprovido de razão. Temos de comer a Sua carne! Temos de beber o Seu sangue! Ele é do Céu! Ele vai subir ao céu!

Jesus foi com Seus seguidores, embora por caminhos diferentes, ao monte e ao vale ao norte da cidade, perto das moradias de Zorobabel e Cornélio. Quando chegaram a um certo lugar, ele começou a instruir os seus discípulos, e então perguntou aos doze se também queriam deixá-lo. Pedro respondeu por todos: "Senhor, a quem

iremos? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus respondeu, entre outras coisas: "Eu também vos escolhi a vós, os doze, e, contudo, um de vós é um diabo".

Maria estava presente com outras mulheres naquele último discurso de Jesus no monte, bem como naquele proferido na sinagoga. De todos os mistérios propostos nesses discursos, ela já tinha a consciência interior; só que, assim como a Segunda Pessoa da Divindade, tendo tomado carne nela, tornou-se Homem e seu Filho, assim também este conhecimento estava oculto, envolto, por assim dizer, no mais humilde e mais reverente amor de seu coração-mãe por Jesus. Visto que Jesus tinha agora ensinado mais claramente desses mistérios do que nunca antes, para o escândalo daqueles que deliberadamente fechavam os olhos para a luz, as meditações de Maria foram direcionadas a eles. Vi-a naquela noite a rezar. Ela teve uma visão, uma contemplação interior da Saudação Angélica, do Nascimento e da Infância de Jesus, de sua própria maternidade e de Sua Filiação. Ela contemplou o seu Filho como o Filho de Deus, e foi tão dominada pela humildade e reverência que ela derreteu em lágrimas. Mas todas essas contemplações foram novamente absorvidas no sentimento de amor maternal por seu Filho Divino, assim como a aparência do pão esconde o Deus Vivo no Sacramento.

Na separação dos discípulos de Jesus, vi em dois círculos o Reino de Cristo e o reino de Satanás. Vi a cidade de Satanás e a meretriz babilônica com seus profetas e profetisas, seus milagreiros e apóstolos, todos em grande magnificência, mais brilhantes, mais ricos e mais numerosos do que o Reino de Jesus. Reis, imperadores e até mesmo sacerdotes corriam nela com cavalos e carros, e para Satanás foi colocado um magnífico trono.

Mas o Reino de Cristo na terra eu vi pobre e insignificante, cheio de miséria e sofrimento. Eu vi Maria como a Igreja, e Cristo na Cruz. Ele, também, era como a Igreja, cuja entrada era através da Ferida de Seu Lado.

## Jesus em Dan e Ornitópolis

Enquanto Jesus, com os apóstolos e discípulos, fazia a viagem de Cafarnaum para Caná e Cides, vi-O na região de Giskala colocando os Doze em três fileiras separadas e revelando a cada um seu próprio caráter e disposição peculiar. Pedro, André, João, Tiago, o Maior, e Mateus estavam na primeira fila; Tadeu, Bartolomeu, Tiago, o Menor, e o discípulo Barsabás, na segunda; Tomé, Simão, Filipe e Judas Iscariotes, na terceira. Cada um ouviu seus próprios pensamentos e esperanças revelados a ele por Jesus, e todos foram fortemente afetados. Jesus proferiu ao mesmo tempo um longo discurso sobre as dificuldades e sofrimentos que os esperavam, e nesta ocasião Ele novamente usou a expressão: "Entre vós há um diabo".

As três fileiras diferentes não estabeleceram nenhuma subordinação entre os Apóstolos, um ao outro. Os Doze foram classificados apenas segundo a sua disposição e caráter. José Barsabás estava à frente na fila dos discípulos, e mais próximo dos Doze; conseqüentemente, Jesus o colocou também na segunda fila com os Apóstolos, e revelou-lhe suas esperanças e medos. Nesta viagem, Jesus instruiu ainda mais os Doze e os discípulos exatamente como procederem no futuro ao curar os doentes e exorcizar os possuídos, como Ele mesmo fez nesses casos. Ele lhes impôs o poder e a coragem de sempre realizar, por imposição de mãos e unção com óleo, o que Ele mesmo podia fazer. Esta comunicação de poder ocorreu sem a imposição de mãos, embora não sem uma transmissão substancial. Eles estavam em volta de Jesus, e eu vi raios de cores diferentes disparando em direção a eles,

de acordo com a natureza dos presentes recebidos e a disposição peculiar de cada destinatário. Eles exclamaram: "Senhor, sentimos-nos dotados de força! As tuas palavras são verdade e vida! E agora cada um sabia exatamente o que tinha de fazer em cada caso, a fim de efetuar uma cura. Não havia espaço para escolha ou reflexão.

Depois disso, Jesus e todos os seus discípulos chegaram a Elcese, um lugar a uma hora e meia de distância de Cafarnaum. Ali, na sinagoga, Ele proferiu o sermão do sábado, no qual se fez referência à construção do Templo de Salomão. Lembro-me de que Ele se dirigiu aos apóstolos e discípulos como os obreiros que deveriam cortar os cedros da montanha e prepará-los para a construção. Ele falou também do adorno interior do Templo. No fim dos serviços religiosos, aos quais estavam presentes muitos fariseus, Jesus foi convidado a jantar. A refeição foi tomada numa casa de entretenimento público. Muitas pessoas ficaram ao redor durante esse tempo, para ouvir o que Jesus dizia, e numerosos pobres foram alimentados. Os fariseus, tendo observado que os discípulos não lavaram as mãos antes de comer, perguntaram a Jesus por que Seus discípulos não respeitavam as prescrições de seus antepassados, e por que não observavam as purificações costumeiras. Jesus respondeu à pergunta deles perguntando por que eles mesmos não guardavam os Mandamentos, por que, com todas as suas tradições, não honravam seu pai e sua mãe, e Ele os censurou por sua hipocrisia e sua vã adesão à purificação externa. Durante esta disputa a refeição chegou ao fim. Jesus, porém, continuou a dirigir-se à multidão que o cercava: "Ouçam e entendam! Não é o que entra na boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso contamina o homem. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! Os discípulos que haviam ficado atrás na sala de entretenimento disseram a Jesus que Suas palavras haviam escandalizado grandemente os fariseus. A que Ele respondeu: "Toda planta que meu Pai Celestial não plantou, será arrancada! Deixem-nos em paz! São cegos e líderes de cegos. E se o cego conduzir o cego, ambos cairão no poço.

Quando, na noite seguinte, Jesus estava terminando a catequese do sábado, os fariseus novamente o censuraram por causa do jejum irregular dos discípulos. Mas Jesus reagiu acusando-os de avareza e falta de misericórdia. Entre outras coisas, Ele disse: Os discípulos comem depois de um longo trabalho, e então somente se outros estão supridos. Mas, se estes últimos têm fome, dão-lhes o que têm, e Deus os abençoa. Ali, Jesus lembrou-se da multiplicação dos pães, ocasião em que os discípulos haviam dado seus pães e peixes à multidão faminta, e perguntou aos fariseus se eles teriam feito o mesmo.

De Elcese, Jesus foi com os apóstolos e discípulos através de Cedes-Naftali até Dan, também chamado Lais, ou Leixem. Cedes Neftalí era uma fortaleza e uma cidade levítica construída de pedra preta e brilhante. No caminho, Jesus instruiu Seus seguidores, e Seu assunto sempre foi a oração. Ele explicou o Pai-Nosso. Disse-lhes que no passado não haviam orado dignamente, mas, como Esaú, haviam pedido a gordura da terra; mas, agora, como Jacó, deviam pedir o orvalho do Céu, os dons espirituais, a bênção da iluminação espiritual, o Reino segundo a vontade de Deus, e não um segundo as suas próprias idéias. Ele lhes lembrou que até mesmo os próprios pagãos não suplicavam apenas por bens temporais, mas também por bens de natureza espiritual.

A cidade de Dã, situada na base de uma alta cordilheira, cobria uma grande extensão devido ao fato de que cada uma de suas casas estava cercada por um jardim. Todos os habitantes ocupavam-se com a jardinagem. Cultivavam toda a espécie de frutas e plantas aromáticas, bem como calamo, mirra, bálsamo, algodão e muitas ervas aromáticas, que constituíam o principal comércio deles com Tiro e

Sidom. Os pagãos de Dã estavam mais misturados com os judeus do que em outras cidades. Embora esta região fosse tão agradável e fértil, havia muitos doentes nela. Jesus ficou com os discípulos em uma de Suas próprias pousadas situadas no coração da cidade. Os apóstolos e discípulos a haviam estabelecido na sua última missão ali. Contando os Apóstolos, os discípulos com Jesus, naquele tempo, eram trinta. Aqueles que já haviam estado ali e a quem, conseqüentemente, os habitantes se aplicavam, levaram Jesus para os diferentes doentes. Os demais discípulos dispersaram-se pelos lugares circunvizinhos. Pedro, João e Tiago ficaram com Jesus, que andava de casa em casa curando os doentes. Ele curou os hidrópicos, os melancólicos, os possuídos, vários ligeiramente afetados pela lepra, os coxos, e especialmente um grande número de cegos, e outros com bochechas e membros inchados.

A cegueira tão prevalente vinha da picada de um pequeno inseto que infestava aquele país. Jesus apontou para uma erva, com cujo suco Ele pediu que ungissem os olhos para evitar que o inseto os picasse. Ele lhes deu também uma aplicação moral do seu significado. Os inchaços, que ficavam inflamados e produziram gangrena que terminava na morte de muitos afligidos, também eram causados por pequenos insetos, como o bolor, que eram soprados das árvores. Eram negros acinzentados, como fuligem de chaminé, e eram levados como uma densa nuvem negra pelo ar. O inseto mordida a pele e provocava um grande inchaço. Jesus indicou outro inseto, que devia ser esmagado e aplicado à picada. Disse-lhes que, no futuro, usassem-na em casos semelhantes. Tinha quinze pequenas pontas nas costas, tão grandes como um ovo de formiga, e podia enrolar-se em uma bola.

## A siro-fenícia

Enquanto Jesus ia de casa em casa em Dan, curando os doentes, foi perseverantemente seguido por uma idosa, pagã, que era aleijada de um lado. Ela era de Ornithopolis. Ela permaneceu humildemente à distância e, de vez em quando, implorou ajuda. Mas Jesus não deu atenção a ela, até mesmo pareceu evitá-la, pois Ele estava agora curando apenas judeus doentes. Um servo acompanhava a mulher carregando sua bagagem. Ela estava vestida como uma estrangeira. Seu vestido era de material listrado, os braços e o pescoço cortados com rendas. Em sua cabeça, ela usava um chapéu alto e pontiagudo, sobre o qual estava amarrado um lenço colorido e, finalmente, um véu. Ela tinha em casa uma filha doente e possuída por demônios, e por muito tempo esperava a ajuda de Jesus. Ela estava em Dã na época da missão dos Apóstolos ali, e agora mais de uma vez eles lembraram a Jesus dela. Mas ele respondeu que ainda não era a hora, e que queria evitar causar escândalo, e que não ajudaria os pagãos diante dos judeus.

À tarde, Jesus foi com Pedro, Tiago e João à casa de um dos anciãos judeus da cidade, um homem de muito boa disposição, amigo de Lázaro e Nicodemos, e seguidor de Jesus em segredo. Ele tinha contribuído em grande parte para o fundo comum das mulheres santas e para o apoio das pousadas. Ele tinha dois filhos e três filhas, todos de idade madura, sendo ele próprio um homem muito avançado em anos. Os filhos eram solteiros. Os filhos usavam o cabelo comprido na parte superior da cabeça e deixavam a barba crescer. Através do coçar das filhas, o cabelo podia ser visto igualmente separado. Eram nazarenos. Todos estavam vestidos de branco. O velho pai, cuja barba era longa e branca, foi levado pelos filhos para encontrar Jesus, pois ele não podia andar sozinho. Ele estava derramando lágrimas de alegria reverente. Os filhos lavaram os pés de Jesus e dos Apóstolos, e apresentaram-lhes refrescos, frutas e pães. Jesus era muito afável e tratava a família com grande

confiança. Ele falou-lhes das viagens que estava prestes a fazer, e disse-lhes que não se mostraria publicamente em Jerusalém na celebração da vindoura Páscoa. Ele não permaneceu muito tempo na casa, pois a multidão, tendo sabido onde ele estava, havia-se reunido fora e no pátio. Jesus saiu pelo pátio e entrou no jardim, onde por várias horas ensinou e curou entre as paredes de terraços que sustentavam os jardins. A pagã esperara muito tempo à distância. Jesus nunca se aproximou dela, e ela não ousou aproximar-se dele. De vez em quando, porém, ela repetia seu clamor: "Senhor! Filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha é atormentada por um espírito imundo! Os discípulos rogaram a Jesus que a ajudasse. Mas ele respondeu: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel". Por fim, a mulher aproximou-se, aventurou-se no salão, prostrou-se diante de Jesus e clamou: "Senhor, ajuda-me!" Jesus respondeu: "Não é bom tirar o pão das crianças e jogá-lo aos cachorros". Mas ela continuou a implorar: "Sim, Senhor! Pois os filhotes também comem das migalhas que caem da mesa de seus mestres. Então Jesus disse: "Ó mulher, grande é a tua fé! Por causa destas palavras, será-te dada ajuda! Jesus perguntou-lhe se ela mesma não queria ser curada, pois estava aleijada de um lado. Mas ela respondeu que não era digna, e que só pediu a cura da filha. E impôs-lhe as mãos sobre a cabeça e sobre o lado, dizendo: "Levanta-te! Faça-se em ti o que tu quiseses! O diabo saiu da tua filha. A mulher ficou ereta. Ela era alta e magra. Por alguns instantes, ela não disse uma palavra, e então com as mãos levantadas, ela gritou: "Ó Senhor, vejo minha filha deitada bem e em paz!" Ela estava fora de si de alegria. Jesus voltou-se com os discípulos.

Jesus depois tomou uma refeição na casa dos nazarenos. Os levitas de Cades estavam presentes, bem como todos os apóstolos e discípulos que se haviam reunido novamente na pousada. Era um grande entretenimento, tal como não havia sido dado por muito tempo, e daí abundantes esmolas foram distribuídas aos pobres pelos discípulos. Depois de tudo ter terminado, Jesus voltou para a pousada. A Festa da Lua Nova foi celebrada no dia anterior e naquele.

Quando Jesus, na manhã seguinte, estava curando e ensinando sob os pórticos do mercado, a mulher pagã trouxe a Jesus um de seus parentes que vinha com ela de Ornitópolis. Ele estava paralisado no braço direito, além de ser surdo e mudo. A mulher suplicou a Jesus que o curasse e também que visitasse sua casa, para que ali pudessem agradecê-Lo dignamente.

Jesus levou o homem à parte da multidão, impôs as mãos sobre o braço aleijado, orou e estendeu o braço, que ficou perfeitamente curado. Então Ele molhou os ouvidos dele com um pouco de saliva, disse-lhe para levantar a mão curada para a língua, olhou para cima e orou. O homem levantou-se, falou e deu graças. Jesus retirou-se com ele para a multidão apressada, e o homem começou a falar palavras maravilhosas e proféticas. Ele se ajoelhou aos pés de Jesus e agradeceu-lhe. Então, voltando-se para os judeus e pagãos, ele proferiu ameaças contra Israel, nomeou alguns lugares específicos, referiu-se aos milagres de Jesus e à obstinação dos judeus e disse: "O alimento que vocês, os filhos da casa, rejeitam, nós, os banidos, recolheremos. Vamos viver nela e sermos gratos. O fruto das migalhas que recolhemos será para nós o que vocês permitiram ir a desperdício do Pão do Céu. Suas palavras eram tão maravilhosas, tão inspiradas, que surgiu grande agitação na multidão.

Imediatamente depois disso, Jesus saiu da cidade e subiu com os apóstolos e discípulos a uma cordilheira montanhosa a oeste de Lesem. Chegaram a uma altura solitária, onde encontraram uma caverna espaçosa contendo assentos esculpidos na rocha. Cavernas desse tipo serviam como lugares de descanso para os viajantes. Jesus e Seus seguidores haviam viajado cerca de duas horas, e ali passaram a noite.

Jesus instruiu os Apóstolos e discípulos sobre diversos modos de cura e as várias cerimônias que as acompanhavam, pois haviam-lhe perguntado por que havia ordenado ao mudo que colocasse a própria mão na boca, e por que O havia retirado. Jesus os satisfaz nesses pontos, instruiu-os novamente sobre a oração e elogiou a mulher pagã que sempre implorara, não por bens materiais, mas pelo conhecimento da verdade. Ele prescreveu certa ordem a ser seguida por eles: Eles deveriam ir em suas missões dois a dois, todos deveriam ensinar as mesmas coisas, deveriam proclamar as últimas instruções que Ele lhes dera. De tempos em tempos, deveriam reunir-se para comunicar individualmente tudo o que lhes acontecera. Os apóstolos, então, deviam transmitir aos discípulos tudo o que acontecera nesse ínterim e que devia ser conhecido em comum. Que orassem juntos em suas viagens, e não falassem senão dos assuntos de suas missões.

Tendo retomado a sua rota, passaram pela grande e muito elevada cidade de Hamot-Dor, depois da qual subiram em colinas íngremes e penosas até chegarem ao alto cume que dava para ver o Mediterrâneo. Desceram agora a montanha por várias horas, atravessaram um riacho que desaguava no mar através do norte de Tiro e pararam numa estalagem à beira da estrada, entre três e quatro horas de Ornitópolis.

## Jesus na Cidade Sírio-Fenícia

A siro-fenícia era uma senhora muito distinta em seu lugar natal. Ela tinha passado por estas partes em seu caminho para casa, e tinha preparado uma pousada muito confortável para Jesus. Os pagãos saíram mais humildemente para receber Jesus e seus seguidores, guiando-os até o seu destino, e mostrando-lhes todas as espécies de atenções com um ar tímido e reverente. Eles olhavam para Jesus como um grande Profeta.

No dia seguinte, Jesus e os discípulos subiram a um monte na vizinhança de uma pequena cidade pagã, e ali encontraram uma cadeira de professor. Ela existia desde os tempos dos primeiros Profetas, alguns dos quais haviam pregado com freqüência a partir dela. Os pagãos sempre tiveram grande estima por aquele lugar, e hoje o adornaram erguendo um belo toldo sobre a cadeira.

Havia numerosos doentes reunidos no monte, mas permaneciam tímidamente à distância, até que Jesus e os discípulos se aproximaram e curaram muitos deles. Alguns tinham tumores, outros estavam paralisados, outros desmaiados, alguns eram melancólicos ou meio possuídos. Estes últimos, quando curados, pareciam como se estivessem despertando de um sono. Os membros de alguns estavam muito inchados e inflamados. Jesus pôs a mão sobre o inchaço, que imediatamente diminuiu e a inflamação se apagou. Ele instruiu os discípulos a trazerem uma planta que crescia ali na rocha nua. Tinha folhas grandes, suculentas e profundamente entalhadas. Ele abençoou uma dessas folhas, derramou sobre ela um pouco de água que Ele carregava com Ele em um frasco, e os discípulos a amarraram, com o lado entalhado para baixo, na parte afetada.

Ao terminar a cura, Jesus deu uma instrução sobre a vocação dos gentios. Foi mais do que impressionante. Ele explicou várias passagens dos Profetas, e descreveu a vaidade de seus ídolos. Depois disso, Ele foi com os discípulos três horas em direção noroeste até Ornitópolis, que estava distante de três quartos de hora do mar. Esta cidade, que não era muito grande, continha alguns belos edifícios. Em uma altura nos arredores orientais ficava um templo pagão.

Jesus foi recebido com afeto mais do que o normal. A siro-fenícia tinha preparado tudo para a ocasião da maneira mais suntuosa e honrosa, mas, em sua humildade,

deixou às poucas famílias pobres de judeus que moravam na cidade a liberdade de fazer as honras da recepção. Todo o lugar ressoava com a cura de sua filha, bem como com a de sua própria e de seu parente surdo e mudo. O último, ao relatar sua cura, falou de Jesus em palavras inspiradas. Os habitantes foram colocados fora das casas. Os pagãos se afastaram humildemente e fecharam a procissão que ia com ramos verdes ao encontro de Jesus. Os judeus, em número de cerca de vinte, entre os quais alguns homens muito idosos que tinham de ser conduzidos, também os professores com todas as crianças, encabeçavam a procissão. As mães e as filhas seguiam-nos, cobertas de véu.

Uma casa perto da escola havia sido preparada para Jesus e os discípulos. Foi equipado pela senhora com belos tapetes, móveis e lâmpadas. Ali, os judeus humildemente lavaram os pés de Jesus e de Seus discípulos e trocaram as sandálias e as roupas deles, até que as suas foram sacudidas, escovadas e limpas. Jesus então foi com os anciãos à escola e ensinou.

Depois disso, foi dado um magnífico entretenimento num salão público, às custas da siro-fenícia. Podia-se ver em todos os preparativos, nos pratos, nas refeições e no mobiliário da mesa em geral, que era uma festa dada pelos pagãos. Havia três mesas muito mais altas do que as usadas entre os judeus, com sofás correspondentemente altos. Alguns dos adornos eram muito notáveis, sendo feitos em figuras que representavam animais, árvores, montanhas e pirâmides. Alguns outros eram bastante enganosos, sendo na realidade muito diferentes do que pareciam; por exemplo, havia todo tipo de doces maravilhosos, pássaros feitos de peixes, peixes feitos de carne, e cordeiros feitos de especiarias, frutas, farinha e mel. Havia também uns cordeiros de verdade. Numa mesa, Jesus comeu com os apóstolos e os anciãos entre os judeus; nos outros dois, os discípulos e os outros judeus. As mulheres e as crianças estavam sentadas numa mesa separada das outras por uma cortina. Durante a refeição, a senhora com sua filha e parentes entraram para dar graças pelas curas operadas entre eles, seus servos seguindo com presentes em caixões ornamentados, que eles carregavam entre eles em tapeçaria. A filha, velada, pôs-se atrás de Jesus, quebrou um pequeno frasco de óleo precioso sobre a Sua cabeça, e então modestamente voltou para sua mãe. Os servos entregaram os presentes (era da filha) aos discípulos. Jesus retribuiu os agradecimentos. A senhora deu-lhe as boas-vindas a seu lugar natal, e declarou como ela deveria ser feliz se ela pudesse só mostrar sua boa vontade e, apesar de sua indignidade, reparar até mesmo o menor dos muitos ferimentos que Ele experimentou tantas vezes de seus companheiros pagãos. Ela falou humildemente e em poucas palavras, permanecendo todo o tempo a uma distância respeitosa. Jesus ordenou que o dinheiro que fazia parte das dádivas, bem como a comida, fosse distribuído na sua presença entre os judeus pobres.

A senhora era viúva e muito rica. O marido dela havia morrido há cinco anos. Ele possuía em sua vida muitos grandes barcos no mar e um grande número de servos, além de muita propriedade. Ele era dono de aldeias inteiras. Não muito longe de Ornithopolis havia um assentamento pagão em um cabo que se estendia para o mar, todos os quais pertenciam à senhora, sua viúva. Acho que era um grande comerciante. Sua viuvices era considerada com mais estima do que o normal em Ornitópolis, onde os judeus pobres viviam quase inteiramente de sua generosidade. Ela era inteligente e benéfica, e não sem um certo grau de iluminação em sua piedade pagã. Sua filha tinha vinte e quatro anos, alta e muito bonita. Ela vestia-se de cores e adornava o pescoço com correntes, os braços com pulseiras. Sua riqueza trouxe muitos pretendentes, e ela ficou possuída por um espírito maligno. Ela era afligida com convulsões tão violentas que em seu frenesi ela saltava do leito e

tentava fugir; consequentemente, ela precisava ser trancada e até mesmo amarrada. Mas quando o paroxismo acabou, ela voltou a ser boa e virtuosa. Sua condição causava grande aflição a ela e a sua mãe, e para ambos era motivo de profunda humilhação. A pobre menina era obrigada a viver isolada, e ela suportava seus sofrimentos por vários anos. Quando a mãe se aproximou de sua casa, foi recebida por sua filha, que tinha saído com esse propósito, bem como para lhe contar a sua cura, que ocorreu exatamente no instante em que Jesus a havia prometido. E, oh, a sua alegria e admiração em ver a sua mãe, outrora aleijada, de novo uma mulher alta e graciosa! E ouvir-se claramente e alegremente recebida por seu paralisado, surdo e mudo parente! Ela estava cheia de gratidão e reverência por Jesus, e ajudou a preparar tudo para Sua recepção.

Os presentes que Jesus recebeu consistiam em dotes pertencentes à filha. Eles tinham sido dados a ela em seus primeiros anos por seus pais, principalmente por seu pai, cujo negócio abriu-lhe comunicações com terras distantes, e cujo único e bem amado filho era ela. Algumas eram jóias de artesanato antigo, objetos forjados de metais preciosos, tais como os que são ordinariamente dados aos filhos dos ricos. Entre elas estavam algumas coisas que antes pertenceram aos pais dela. Havia muitos ídolos maravilhosos de pérolas e pedras preciosas enroladas em ouro, pedras raras de grande valor, vasilhas minúsculas, animais dourados e figuras de cerca de um dedo de comprimento, com os olhos e a boca formados de pedras preciosas. Havia também pedras odoríferas e ramos de âmbar e dourado que pareciam pequenas árvores vivas, carregadas de pedras coloridas em vez de frutas... e muitas, muitas coisas assim! Era um tesouro em si mesmo, pois alguns desses objetos agora valeriam mil dólares cada. Jesus disse que as distribuiria aos pobres e necessitados, e que o Pai Celestial recompensaria os doadores.

No sábado, Jesus visitou cada uma das famílias judaicas, distribuiu esmolas, curou e consolou. Muitos desses judeus eram pobres e abandonados. Jesus reuniu-os na sinagoga, onde falou-lhes em termos ao mesmo tempo profundamente tocantes e consoladores, pois as pobres criaturas se consideravam como filhos de Israel excluídos e indignos. Ele também preparou muitos deles para o batismo. Cerca de vinte homens foram batizados num jardim de banho, entre eles os parentes surdos e mudos curados da senhora pagã.

Jesus visitou também a siro-fenícia, junto com Seus discípulos. Ela morava em uma bela casa cercada por inúmeros pátios e jardins. Jesus foi recebido com grande solenidade. Os domésticos em vestimentas festivas espalharam tapetes sob Seus pés. Na entrada de uma bela casa de verão, que era sustentada em pilares, a viúva e sua filha avançaram velados para encontrá-Lo. Eles se prostraram aos Seus pés e derramaram a sua gratidão, na qual se juntaram ao seu parente curado, outrora surdo e mudo. Na casa de verão foram apresentados figuras de aparência estranha em doces e frutas de todos os tipos em pratos caros. Os vasos eram de vidro, que pareciam feitos de muitos fios coloridos que pareciam correr juntos e cruzar-se uns com os outros, como se se dissolvessem uns nos outros. Entre os judeus ricos, vi vasos semelhantes, mas apenas em pequenos números. Ali pareciam estar em abundância. Muitos desses vasos eram guardados atrás de cortinas nos cantos do salão. Estavam dispostas em prateleiras no alto da parede. Os pratos eram colocados em pequenas mesas, algumas redondas, outras com cantos, que podiam ser colocadas juntas para formar uma grande mesa.

Entre os refrescos havia uvas secas muito finas ainda penduradas na videira colocada sobre aqueles pratos de vidro colorido, também outro tipo de fruto seco que surgia dos ramos como de uma pequena árvore. Havia juncos com folhas longas e cordadas e frutos em forma de uva. Eram perfeitamente brancas, talvez

açucaradas, e pareciam a parte branca da couve-flor. Os convidados os arrancaram do caule e descobriram que tinham um sabor doce e agradável. Eles foram criados não muito longe do mar, em um lugar pantanoso pertencente à sírio-fenícia.

Em uma parte separada do salão, as donzelas pagãs, amigas da filha, estavam de pé junto com os criados. Jesus aproximou-se e falou-lhes. A mulher suplicou muito fervorosamente a Jesus em favor das pessoas pobres de Sarepta. Ela suplicou-Lhe que as visitasse, assim como a outras pessoas da vizinhança. Ela era muito inteligente e tinha uma maneira inteligente de propor coisas. Suas palavras eram algo assim: "Zarepta, cuja pobre viúva tinha compartilhado todo seu pouco com Elias, era ela mesma uma pobre viúva ameaçada de fome. Tenha piedade dela, ó maior dos profetas! Perdoa-me, uma viúva e uma vez pobre, a quem Tu devolveste tudo, se eu me atrever a pleitear também por Sarepta. Jesus prometeu fazer o que ela desejava. Ela disse-Lhe que queria construir uma sinagoga, e pediu-Lhe que indicasse onde deveria ser. Mas não me lembro da resposta de Jesus.

A senhora possuía grandes fábricas de tecelagem e tingimento. No pequeno lugar perto do mar e a alguma distância de sua residência, havia grandes edifícios no topo dos quais eram plataformas onde coisas cinzentas e amarelas foram espalhadas. Entre os presentes apresentados a Jesus estavam muitos pequenos pratos e bolas de âmbar, consideradas naquelas regiões muito preciosas.

Jesus celebrou o fim do sábado na escola judaica, que estava muito bem adornada. A fim de consolar os pobres judeus, Ele ensinou que o provérbio: "Nossos pais comeram uvas azedas, e os dentes dos filhos ficaram embotados", não deveria ser mais usado em Israel. "Todo aquele que permanece na Palavra de Deus anunciada por Mim, que faz penitência e recebe o Batismo, já não carrega os pecados de seu pai". O povo ficou extraordinariamente alegre ao ouvir estas palavras.

Na tarde do dia seguinte, Jesus despediu-se da senhora que, em união com sua filha e parente curados, apresentou-Lhe figuras de ouro com uma mão de comprimento, e provisões de pão, bálsamo, frutas, mel em cestas de cana e pequenos frascos. Estas provisões foram destinadas para a Sua viagem e para os pobres de Sarepta. Jesus dirigiu palavras de conselho a toda a família, recomendando-lhes os pobres judeus e sua própria salvação, e partiu da casa em meio às lágrimas e saudações reverentes de todos. A senhora sempre foi muito iluminada e muito sincera na busca da perfeição. Daí em diante, nem ela nem sua filha mais foram ao templo pagão. Observaram os ensinamentos de Jesus, juntaram-se aos judeus e procuraram gradualmente fazer seu povo segui-los.

Jesus repetiu várias vezes mais Suas instruções aos discípulos sobre a ordem que deviam observar e os deveres que deviam cumprir na sua presente missão. Tomé, Tadeu e Tiago, o Menor, foram com alguns dos discípulos (os outros permaneceram com Jesus) até a tribo de Aser. Eles não podiam levar nada com eles. Jesus com os nove Apóstolos restantes, com Saturnino, Judas Barsabás e outro, foram para o norte, a Sarepta. Dezesseis judeus acompanharam a Jesus por todo o caminho, ao passo que todos os outros e muitos pagãos foram apenas uma parte. Ele não entrou em Sarepta, que ficava a cerca de duas horas e meia de distância de Ornitópolis, mas parou numa fileira de casas bastante distante da cidade. Ocuparam o local onde a viúva de Sarepta estava recolhendo lenha quando Elias se aproximou da cidade. Alguns judeus pobres haviam se estabelecido ali. Eles ainda eram mais pobres do que os de Ornitópolis, que desfrutavam da generosidade da siro-fenícia. Ali também havia uma hospedaria preparada para Jesus e Seus seguidores, e presentes para os pobres haviam sido enviados de antemão - tudo por causa da bondade daquela senhora. Os habitantes, indizivelmente felizes e profundamente impressionados, saíram com as mulheres e as crianças para receber Jesus e lavar-

lhe os pés, bem como os de Seus seguidores.

Jesus consolou-os e ensinou-os. Daí, Ele prosseguiu a Sua viagem de algumas horas para o leste, acompanhado pelos dezesseis homens de Ornítópolis e por alguns outros de Sarepta. O país estava a subir, e a estrada subia. Em uma elevação perto de uma pequena cidade pagã, Jesus deu um ensino aos habitantes que lá encontrou esperando por Ele, depois da qual avançou mais longe. Aqueles que o seguiram de Ornithopolis até ali, partiram.

A certa distância mais adiante, Jesus e os discípulos subiram na direção leste, em direção ao monte Hermon, que forma o pico culminante da alta cordilheira que delimita a Alta Galiléia. Atravessaram Hermôn para um vale elevado e pararam em Recobe, a sudoeste, ao pé da montanha abaixo de Baal-Hermôn. Esta última cidade era muito grande e, com seus numerosos templos pagãos, desprezava Requob.

## **Jesus em Gessur e Nobe. Celebração da Festa de Purim**

Jesus viajou sete horas para o nordeste, de Recobe até Gesur, onde parou com os publicanos, muitos dos quais moravam na estrada que levava a Damasco. Gessur era uma bela e grande cidade guarnecida por soldados romanos. Os judeus e os pagãos ocupavam bairros separados, apesar dos quais as comunicações entre eles eram muito íntimas. Os judeus de Gesur eram, por isso, desprezados por aqueles de outros lugares.

Muitos dos judeus e pagãos de Gessur estavam presentes no sermão do Monte das Bem-Aventuranças, e alguns de seus doentes foram curados pelos Apóstolos que tinham recentemente visitado o lugar. Havia também um homem cego que havia recuperado a visão na catequese antes da multiplicação dos pães. O marido de Maria Suphan era de Gessur, mas ele agora residia com ela em Aion.

Quando Absalão estava fugindo de Davi, ele se instalou por algum tempo em Gesur, pois sua mãe, Maaca, era filha do rei daquele lugar, que se chamava Tolmai. (1 Par. 3:2).

O apóstolo Bartolomeu, que havia acompanhado Jesus até ali, era descendente da mesma casa real. Seu pai havia usado por muito tempo os banhos de Betulia, razão pela qual se mudara para Caná e se estabelecera no vale de Zabulon. Foi devido a isso que Bartolomeu se tornou um habitante dessa parte do país. Ele ainda tinha em Gessur um tio-avô muito idoso do lado de sua mãe, um pagão e possuía grandes propriedades e riquezas. Este homem idoso residia em uma grande casa no coração da cidade. Ele mesmo foi conduzido ao bairro dos publicanos, a fim de ver Jesus, que ensinava num terraço onde a mercadoria que passava por ali era examinada, tributada e reembalada. O velho tio conversou com os Apóstolos, especialmente com seu sobrinho Bartolomeu, e convidou Jesus para jantar em sua casa. Todos os habitantes, homens e mulheres, judeus e pagãos, assistiram as catequese de Jesus. Era um público promíscuo. Jesus também comeu com os publicanos e muitos outros. Havia uma agitação considerável, pois os publicanos estavam colocando todos os seus bens para fazer uma distribuição aos pobres.

Quando Jesus entrou no bairro pagão da cidade, para visitar o tio de Bartolomeu, foi recebido com magnificência de acordo com o estilo pagão. Foram estendidos tapetes diante d'Ele, e foram dispostos suntuosos refrescos, todos de acordo com as costumes pagãos.

Os pagãos de Gesur adoravam um ídolo de muitos braços, que sustentava em sua cabeça uma medida de copo cheio de espigas de trigo. Muitos deles inclinavam-se para o judaísmo, e muitos outros para as doutrinas de Jesus. Vários deles já haviam sido batizados por João ou pelos Apóstolos em Cafarnaum.

Os publicanos distribuíram a maior parte de sua riqueza. No lugar onde Jesus havia ensinado, acumularam grandes quantidades de trigo, que depois mediram para os pobres. Do mesmo modo, deram campos e jardins a trabalhadores e escravos pobres, e repararam todo o mal que haviam cometido.

Quando Jesus estava novamente ensinando na casa do costume, perante os pagãos e os judeus, chegaram alguns estrangeiros, fariseus, para celebrar ali o sábado. Eles censuraram a Jesus por hospedar-se entre os publicanos e por ter relações familiares com eles e com os pagãos.

O tio de Bartolomeu, junto com outros dezesseis homens idosos, foi batizado num jardim balnear, a água de um poço da cidade era conduzida ao jardim por um canal muito elevado. José Barsabás administrou o Batismo. O jardim tinha sido adornado em estilo festivo, a cerimônia foi muito solene, e os pobres foram abundantemente favorecidos com esmolas, para as quais o velho tio em grande parte contribuiu.

Jesus encerrou o sábado com um ensino na sinagoga, despediu-se de todas as pessoas no porto, distribuiu esmolas aos pobres, e foi acompanhado por uma numerosa comitiva por uma distância de cinco horas até a aldeia de pescadores nas margens do lago de Phiala. Este lago ficava num planalto a cerca de três horas a leste de Paneas. Ele chegou tarde e ficou com a professora em uma casa ao lado da escola. As pessoas do lugar eram em sua maior parte judeus.

O Lago Phiala durava apenas uma hora. Suas margens estavam inclinadas, suas águas claras, e sua saída fluía em direção a uma montanha, onde desaparecia. Havia alguns barcos na sua superfície. A região estava coberta de campos de grãos e belos prados, nos quais muitos jumentos, camelos e outros animais pastavam; havia também bosques de castanhas. Em ambos os lados do lago havia vilas de pescadores judeus, cada uma com sua própria escola.

Jesus ensinou nas escolas, e foi com alguns dos habitantes e os Apóstolos para as casas dos pastores ao redor do lago. João Batista havia passado algum tempo nesta região.

## **Jesus vai para a cidade de Nobe**

A partir daquele lugar, Jesus com João, Bartolomeu e um discípulo foram três horas para o sul até Nobe, uma cidade da Decápolis. Os habitantes eram pagãos e judeus. Eles moravam separados, sendo a cidade dividida em dois quadrantes, cada um dos quais tinha um nome um pouco diferente. Todas as cidades desta parte do país eram construídas de pedra preta e brilhante. Jesus ensinou em Nobe e em alguns dos pequenos lugares ao redor. João e Bartolomeu estavam com Ele, e os outros apóstolos e discípulos estavam espalhados por todo o país vizinho.

Jesus preparou o povo para o Batismo, que foi administrado por Bartolomeu. A água nesses lugares era preta e lamacenta, mas era purificada em grandes reservatórios de pedra redondos, de onde era permitida fluir para outros que eram mantidos cobertos. Os apóstolos derramaram nela alguma água de seus vasos de beber, e Jesus abençoou a totalidade. As pessoas, com a cabeça inclinada, ajoelhavam-se para o Batismo ao redor da bacia de pedra.

Os pagãos de Nobe receberam Jesus com muita solenidade. Eles foram ao encontro d'Ele carregando ramos verdes e fluorescentes, estenderam cordões de ambos os lados para conter a multidão, e espalharam tapetes para que Ele andasse. Estes últimos eram postos ao longo das ruas, e, quando Jesus passava por cima deles, eram levantados rapidamente, levados a certa distância à frente, e mantidos novamente prontos para a Sua aproximação. Isto se repetiu muitas vezes, e, como sempre, Jesus andou sobre eles. Os rabinos, que eram fariseus, receberam-no no

bairro judeu, onde ensinava na sinagoga, pois era o sábado da festa de Purim. Quando tudo terminou, houve um banquete no salão público. Durante o entretenimento, os fariseus novamente disputavam sobre certos pontos, e criticavam Jesus por causa de Seus discípulos comerem frutas à beira do caminho e arrancarem as espigas de trigo.

Jesus contou a parábola dos trabalhadores na vinha, também a do rico glutão e do pobre Lázaro. Ele censurou os fariseus por não terem, segundo o costume, convidado os pobres para o banquete; e eles responderam que suas receitas eram muito pequenas para permitir isso. Daí, Jesus perguntou se o presente entretenimento fora preparado para Ele, e quando responderam que sim, Ele colocou sobre a mesa cinco moedas de dinheiro grandes, amarelas, de três cantos, anexadas a uma pequena corrente, dizendo que poderiam deixá-las aos pobres. Então ele ordenou aos discípulos que chamassem muitos dos pobres, que se sentassem à mesa e participassem das refeições. O próprio Jesus os serviu, instruindo-os entretanto e distribuindo-lhes quantidades de alimento. O dinheiro apresentado por Jesus talvez fosse o imposto do Templo costumeiramente pago naquele dia, ou apenas uma dádiva comum naquele tempo, pois as pessoas nessa festa trocavam presentes de frutas, pão, grãos e roupas.

Nesta festa, liam na sinagoga toda a história de Ester. Faziam o mesmo com os doentes e idosos em suas próprias casas. Jesus também passou lendo aos anciãos o livro de Ester, e curou alguns dos doentes. Vi também jogos festivos e procissões das jovens donzelas e mulheres, que tinham grandes privilégios naquele dia. Uma vez elas entraram na sinagoga como se em uma embaixada, e penetraram até mesmo na parte superior. Elas haviam escolhido uma de seu número como rainha, a quem agora acompanhavam em vestimentas reais, e apresentavam aos sacerdotes belas vestimentas sacerdotais. Eles tinham alguns jogos entre si em um jardim. Escolheram por vezes esta, outra vez aquela para rainha, e por sua vez as destronaram. Eles também tinham um fantoche que eles maltratavam e, em seguida, penduravam, enquanto os meninos pequenos batiam com martelos em tábuas e proferiram imprecações. Isto era feito para representar o castigo merecido pelo iníquo Amã.

## Jesus em Regaba e em Cesaréia de Filipe

De Nobe, Jesus foi para Gaulon. A estrada contornava para o oeste uma alta cadeia de montanhas por uma distância de quatro horas. Galão era habitada tanto por judeus como por pagãos, e ficava a algumas horas do Jordão. Jesus permaneceu ali apenas algumas horas ensinando e curando. Continuando Sua viagem, Ele passou pela cidade de Argos, construída em alta altitude, num cume de montanha, e chegou tarde naquela noite à fortaleza de Regaba. Ele descansou com os Seus companheiros na grama dum lugar solitário fora da cidade, enquanto aguardava os outros apóstolos e discípulos, quinze em número. Quando estes chegaram, todos foram com o seu Mestre à pousada estabelecida ali para o seu alojamento. Regaba pertencia ao distrito de Gergesean. Era a mais setentrional de suas cidades, e uma das mais bem equipadas. Galão era uma cidade fronteiriça do tetrarca Filipe.

A maioria dos habitantes, tanto judeus como pagãos, já havia sido batizada, e seus doentes haviam sido curados no Monte das Bem-Aventuranças. Jesus passou o dia inteiro ensinando, consolando e fortalecendo almas na fé. Uma multidão imensa de toda a região se ajuntara ali para o sábado, e a ela foi acrescentada uma caravana da Arábia. Esta multidão de pessoas trouxe consigo os coxos, os cegos, os mudos e outros doentes. Eles pressionaram com tal violência que Jesus saiu da sinagoga com

os discípulos e retirou-se para uma montanha. Alguns dos discípulos ficaram para trás e esforçaram-se, tanto quanto puderam, por pôr a multidão em ordem. O povo seguiu Jesus ao monte, onde Ele ensinou o Pai-Nosso, a oração que não devia ser feita com ostentação e em lugares públicos para ser vista, e a concessão da oração. Ele também curou muitos doentes, e depois voltou à sinagoga em Regaba. Durante estes últimos dias, Jesus tinha falado muito sobre a oração, tanto em Suas viagens como nas escolas. Havia alguns discípulos com Ele que não estavam presentes em todas as explicações do Pai Nosso. Disseram-Lhe: "Ensina-nos a orar, como ensinaste aos outros". Ele também explicou o Pai Nosso e os advertiu contra a falsa oração.

Regaba estava situada muito alta e tinha uma vista magnífica sobre o lago, através de Genesaret, e para longe de Tabor. Ainda mais alto do que a cidade, que não era muito grande, erguia-se sobre uma rocha um edifício quadrado com grandes paredes íngremes, como se fosse esculpido nas rochas. Era provido de cúpulas e salas, e era um lar para os soldados. O telhado era coberto por uma plataforma sobre a qual cresciam árvores. Era uma cidadela. De Regaba até o lago, a distância era de cerca de cinco horas para o sudoeste; até o Monte das Bem-aventuranças, de três a quatro horas para o oeste; cerca de cinco horas até Betsaida-Júlia; e de sete a oito horas do lugar em que Jesus expulsou o diabo para os porcos. Para Cesareia de Filipe, talvez tenham sido cinco horas. Uma estrada para caravanas atravessava a alta montanha entre Regaba e Cesareia.

Durante aqueles dias, Jesus falou muito do futuro sombrio que estava diante Dele. Ele disse que os homens o perseguiriam em toda parte e até mesmo tentariam matar-Lhe, e certa vez disse que sua prisão estava próxima. Desde a última agitação em Cafarnaum, Ele não havia falado em público do Pão da Vida, nem de comer Sua Carne e beber Seu Sangue. Ele havia ensinado sobre este mistério principalmente para testar Seus discípulos e livrar-se dos maus, que Ele não desejava mais reter como Seus seguidores.

Os arredores elevados de Regaba eram muito agradáveis, embora um pouco selvagens. Para o nordeste, porém, o país era árido e rochoso. Os excelentes frutos, como os que tinham em Genesaret, não cresciam ali, mas havia abundância de grãos, e nos montes bons pastos. Ao redor pastavam grandes rebanhos de jumentos e vacas. Alguns destes últimos tinham chifres muito largos e focinhos pretos que eles carregavam alto no ar; outros levavam suas cabeças mais baixas e seus chifres para a frente, enquanto os chifres de muitos outros eram quebrados. Havia também grandes rebanhos de camelos, que à distância pareciam bem pequenos. Muitas vezes dormiam de pé, apoiados nas árvores e nas pedras. Em um bairro, no qual cresciam árvores como faia, vi manadas de porcos. Nunca vi judeus ou pagãos prepararem carne defumada, embora eles secassem peixe ao sol e o salgassem. Ali em cima nas montanhas havia grande escassez de água, conseqüentemente havia cisternas mais abaixo em que a chuva foi capturada, e a água, em seguida, carregado em garrafas de couro.

## Jesus em Cesaréia de Filipe

De Regaba, Jesus foi com seus discípulos a Cesaréia de Filipe, onde chegou por volta do meio-dia. A estrada para lá passava por montanhas, e em muitos lugares era muito selvagem. A situação de Cesaréia era extraordinariamente bela. Ficava entre cinco colinas de um lado e uma cadeia de montanhas do outro. Era cercado por bosques e jardins, e fôra construída no estilo pagão de colunas e arcos. Havia talvez até sete palácios, e numerosos templos pagãos. Ainda assim, os pagãos moravam

separados dos judeus. Em um pequeno vale fora da cidade havia uma lagoa muito grande, no centro do qual havia um pequeno edifício giratório. A água descia dela para o lago e de lá descia para o Jordão. No bairro pagão da cidade, havia um poço muito profundo sobre o qual fôra construído um belo edifício. Era muito profundo para se olhar para baixo, acho que se comunicava através da montanha com a fonte que fluía do Lago Phiala. Eu vi fora da cidade arcos e abóbadas também através do qual a água fluía, como se através de cavernas e sobre pontes.

Jesus foi bem recebido. Estavam à espera dele, a caravana tinha avisado a sua chegada. Alguns dos parentes da mulher a quem Jesus curara do fluxo de sangue saíram do lago para o encontrar. Ele ficou perto da sinagoga, numa pousada pertencente aos fariseus, e logo foi cercado por uma multidão de doentes e outros. Os apóstolos curaram aqui e ali. Alguns dos fariseus daquele lugar não tinham boa disposição para com Jesus. Formaram parte da Comissão de Cafarnaum.

Jesus curou e ensinou num monte fora da cidade. Estrangeiros de todos os lados tinham trazido ali os seus doentes, e estes últimos estavam continuamente clamando: "Senhor, manda que um de teus discípulos nos ajude". Os fariseus zombaram de Jesus, perguntando-Lhe por que andava com pessoas tão más, por que não se associava com os eruditos.

As esmolas, que consistiam em alimentos e roupas, eram distribuídas pelos discípulos. Eram supridos por Enue (a que fora curada da hemorragia) e seu tio, ainda pagão, que morava em Cesaréia.

Os três Apóstolos e todos os discípulos que de Ornitópolis tinham sido enviados por Jesus a Tiro, Cabul e a tribo de Aser, encontraram Jesus ali em Cesaréia, como Ele havia designado. O encontro em tais ocasiões era sempre muito comovente. Davam as mãos e abraçavam-se. O povo lavava os pés dos recém-chegados, que imediatamente participavam na distribuição de alimentos e outras esmolas, e na cura dos doentes.

Jesus foi depois com todos os Apóstolos e discípulos, cerca de sessenta em número, para a casa do tio de Enoque, onde Ele foi recebido de forma mais solene de acordo com os costumes pagãos, com tapetes estendidos para Ele andar, e ramos verdes e grinaldas sendo carregados. O tio, liderado por Enue e sua filha, foi ao encontro de Jesus, e as mulheres se prostraram diante dele.

Foi em parte em resposta à oração deste ancião que Jesus veio a Cesaréia. Ele e vários outros pagãos queriam ser batizados, mas tinham escrúpulos sobre o assunto da circuncisão. Jesus nunca tocou neste ponto em Seu discurso público, mas teve uma entrevista privada com o tio. Nesses casos, Ele nunca ordenou a circuncisão; embora, ao mesmo tempo, Ele não defendeu a sua descontinuação. Quando velhos pagãos piedosos, ao receberem o Batismo, contavam-Lhe, em confiança, seus problemas com esta questão, Jesus costumava consolá-los, dizendo-lhes que, se não desajassem tornar-se judeus, deveriam permanecer como eram, mas crer e praticar o que tinham ouvido Dele. Tais pessoas viviam então separadas tanto do judaísmo como do paganismo. Oravam, davam esmolas e se tornaram cristãos sem passar pelo judaísmo. Mesmo para os Apóstolos, Jesus absteve-se de se expressar sobre este ponto, a fim de não escandalizá-los, de modo que eu nunca me lembro de ter ouvido os fariseus, que ouviam tão de perto para pegá-Lo em Suas palavras, nunca acusá-Lo naquela questão, não, nem mesmo no momento de Sua Paixão.

Sobre o pátio interior, lindamente pavimentado, da casa do velho homem, estava estendido um toldo de tecido branco, e por uma abertura no centro pendurava-se uma coroa de flores. Além das árvores, todo o pátio estava adornado com guirlandas de flores. O batismo foi administrado sob o toldo. Antes da cerimônia, Jesus ensinou e falou em particular com os neófitos, que abriram seus corações para

Ele. Eles expuseram a Ele toda a sua vida e fizeram a sua profissão de fé n'Ele. Jesus então os absolveu de seus pecados, e eles foram batizados por Saturnino em uma bacia de água que Jesus havia abençoado anteriormente. A cerimônia foi seguida de uma grande animação em que participaram todos os discípulos e amigos familiares. A refeição foi realizada de acordo com os costumes pagãos. A mesa era mais alta do que as usadas entre os judeus, e os convidados reclinavam-se em sofás longos e elevados, com os pés voltados para fora e um braço apoiado numa almofada. A borda da mesa era recortada e diante de cada um dos convidados havia alguns pratos pequenos, embora os pratos principais estivessem nos grandes, no centro da mesa.

Enue, desde a sua cura, era quase irreconhecível, tão boa e alegre se tinha tornado. Ela e sua filha, que tinha cerca de vinte e um anos de idade, sentaram-se à mesa ao lado de seu tio. Durante o entretenimento, levantaram-se e retiraram-se por algum tempo. Quando voltaram, a mãe ficou um pouco para trás, enquanto a filha, vestida com um belo véu e levando um pequeno vaso branco de perfume, foi atrás de Jesus, partiu-o e derramou o conteúdo sobre a cabeça dele. Então, com ambas as mãos, ela alisou com a mão direita e deixou o cabelo dele, e puxou a parte atrás das orelhas com as mãos. Depois, ela reuniu a ponta do seu véu, colocou-o sobre a cabeça de Jesus para secá-lo, e retirou-se. Uma quantidade de comida foi distribuída aos pobres do lado de fora da casa.

Esta casa não era a antiga residência do tio. Era uma para a qual ele se mudara com Enue, a fim de evitar relações com os pagãos e freqüentar seus templos; ainda assim, não estava no bairro judeu. Enue era filha de seu irmão ou de sua irmã. Ela tinha tido comunicações com os judeus, um dos quais ela havia casado, mas ele estava agora falecido. No entanto, foi de seus pais pagãos que ela herdou toda a sua riqueza. Ao deixar sua antiga casa, Enue e seu tio deixaram para trás quantidades de milho, roupas e cobertores para os pobres.

## Jesus discute com os fariseus

Cesareia-Filipe ficava quatro horas a leste de Lesem, ou Lais, para onde a siro-fenícia havia ido a Jesus; conseqüentemente, não eram uma e a mesma cidade.

Durante a estadia de Jesus em Cesaréia, os pagãos celebravam uma festa perto da fonte na cidade. Tinha referência ao benefício que eles obtiveram da água. Incenso era queimado em trípodas diante de um ídolo, em torno do qual se ajuntou uma multidão de donzelas com coroas. O ídolo era composto de três ou quatro figuras sentadas de costas umas às outras, cada uma com sua própria cabeça, mãos e pés. Os braços até os cotovelos estavam presos ao corpo, mas as mãos estavam estendidas. A fonte de todos os lados derramava água em bacias. De um lado fluía para um lugar fechado, no qual havia salões independentes e cisternas de banho. Este era o lugar de banho dos judeus.

Quando terminou a festa dos pagãos, Jesus foi lá e preparou vários judeus, que depois foram batizados pelos discípulos. Terminada a cerimônia, Jesus, com vários de Seus discípulos, voltou para a casa de Enue e de seu tio e se despediram deles. Humildemente, reverentemente e com muitas lágrimas, estas pessoas dignas despediram-se de Jesus. Eles haviam anteriormente enviado presentes para o lugar fora da porta da cidade, onde Jesus continuou por mais algum tempo Seus ensinamentos aos pobres viajantes que pertenciam à caravana e a outros da cidade. Os presentes consistiam em pão, milho, roupas e cobertores, que, junto com tudo o que haviam recebido, Jesus mandou distribuir entre os necessitados. Muitos dos judeus devotos e os recém-batizados seguiram este exemplo de caridade. Eles

mediam o milho e distribuíam linho, cobertores, mantos e pão para os pobres, para quem este era um dia de gala.

Jesus foi posteriormente constrangido pelos fariseus, embora da maneira mais educada, a entrar na sinagoga e explicar-lhes alguns pontos. Os apóstolos acompanharam seu Mestre, e uma multidão bastante considerável estava presente. Os fariseus haviam inventado toda sorte de perguntas capciosas sobre o assunto do divórcio, pois havia muitos assuntos matrimoniais complicados naquele lugar, e Jesus já havia reconciliado algumas partes e as corrigido. Os fariseus começaram agora a discutir maliciosamente com Jesus, e a fazer-lhe contas de tudo o que Ele exigia de Seus discípulos, pois um jovem, no seu grupo, havia se queixado a eles d'Ele. Este jovem era rico e bem instruído, e há muito tempo se havia imposto a Jesus como Seu discípulo. Mas Jesus tinha estabelecido para ele várias condições, a saber, que ele devia deixar pai e mãe, distribuir sua riqueza aos pobres, etc. Ele havia novamente, em Cesaréia de Filipe, oferecido-se a Jesus. Mas ele ainda queria reter sua fortuna e o direito de administrá-la ele mesmo, em consequência do que Jesus o tinha novamente despedido. Os fariseus perguntaram a Jesus por que Ele impunha tais condições inauditas às pessoas. O jovem alegou várias coisas que Jesus tinha dito e chamou os Apóstolos para testemunharem suas declarações, pois eles também as tinham ouvido. Os apóstolos ficaram envergonhados. Não estavam preparados para tal ataque, e não sabiam como responder. Os fariseus, portanto, censuraram Jesus por confraternizar apenas com os ignorantes, e atribuíram o afastamento do jovem ao fato de que este era educado. Jesus respondeu-lhes com palavras severas, e partiu de perto deles.

## **Jesus em Argob e na direção de Betsaida-Júlias**

Saindo da cidade, Jesus deu instruções aos apóstolos e discípulos e os enviou a lugares distantes, a leste e a nordeste. Tinham diante de si uma longa e difícil viagem a Damasco, à Arábia e a cidades que nunca haviam visitado. O próprio Jesus, com dois discípulos, deixando o lago de Fialá à esquerda, foi para Argob, uma cidade construída na altura, a quatro horas diretas de Cesaréia. Ali, Ele se pôs com os levitas perto da sinagoga. Argob era habitada em sua maior parte por judeus. Os poucos pagãos eram pobres e trabalhavam para eles. Produtos de algodão eram fabricados ali, e mulheres, crianças e homens trabalhavam em fios e tecelagem. O lugar sofria de falta de água, que tinha de ser levada à cidade em garrafas de couro, e então derramada nas cisternas. Jesus ensinou numa praça pública, curou alguns doentes e visitou em suas próprias casas alguns idosos e enfermos, a quem curou e consolou. Quase todos os habitantes haviam sido batizados, e não havia fariseus entre eles. Uma visão muito distante podia ser obtida de Argob. Eles podiam ver longe para a Alta Galiléia, o Monte das Bem-Aventuranças erguia-se diante deles, e a perspectiva para baixo em Betsaida-Julias era notavelmente bela.

Jesus, com dois de Seus discípulos, e escoltado por uma parte do caminho por algumas pessoas de Argob, retomou Sua viagem. Atravessou a região montanhosa em direção ao leste, em direção a Regaba, e parou a uma distância de duas horas daquela cidade, numa cabana aberta pertencente à pousada. As caravanas, que passavam três vezes por ano naquela direção, muitas vezes acampavam naquele lugar. Jesus foi ali recebido por quatro de Seus jovens discípulos, que trouxeram um suprimento de provisões. Eles tinham vindo de Jerusalém, tomando o caminho de Cafarnaum.

Da hospedaria, Jesus foi para a cidadela, ou fortaleza, de Regaba, onde se havia reunido uma grande multidão, além de muitos da caravana. A cidadela parecia

esculpida numa rocha. Ao seu redor havia algumas fileiras de casas e uma sinagoga. Seis dos Apóstolos juntaram-se novamente a Jesus ali. Eles tinham ido a lugares vizinhos a leste de Cesaréia, os outros tendo ido a distâncias maiores. Esses seis eram Pedro, André, João, Tiago, o Maior, Filipe e Tiago, o Menor. Havia muitos fariseus ali. A sinagoga estava tão lotada que até mesmo a sala estava ocupada por pessoas em pé. Jesus tirou seu texto de Jeremias. Ele disse que agora eles estavam ansiosos para vê-Lo e ouvi-Lo, mas chegaria o tempo em que todos O abandonariam, zombariam Dele e O maltratariam.

Os fariseus começaram a ter uma violenta discussão com Jesus, novamente acusando-o de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu. Jesus chamou-os de filhos do pai da mentira, e disse-lhes que Deus não desejava mais sacrifícios sangrentos. Ouvi-O falar do Sangue do Cordeiro, do sangue inocente que eles logo derramariam, e do qual o sangue de animais era apenas um símbolo. Com o Sacrifício do Cordeiro, continuou Ele, seus ritos religiosos chegarão ao fim. Todos os que cressem no Sacrifício do Cordeiro seriam reconciliados com Deus, mas os a quem Ele se dirigia deveriam ser condenados, como os assassinos do Cordeiro. Ele advertiu Seus discípulos na presença dos fariseus para que tivessem cuidado com eles. Isto enfureceu tanto esses homens, que Jesus e Seus discípulos tiveram de se retirar e fugir apressadamente para o deserto. Vi entre a multidão que escutava, alguns homens com bastões. Jesus nunca tinha atacado os seus agressores tão corajosamente. Ele e os seus discípulos passaram a noite no deserto e depois foram para Corozain.

Multidões de pessoas se ajuntaram ali, e deitaram os enfermos ao longo da estrada, pela qual Jesus ia passar. No caminho para a sinagoga, ele curou os hidrópicos, os coxos e os cegos.

Apesar dos ataques violentos dos fariseus, Jesus falou em termos proféticos de Sua futura Paixão. Fazia alusão aos seus repetidos sacrifícios e expiações, apesar dos quais ainda permaneciam cheios de pecados e abominações. Falou então do bode que, na Festa da Expição, era conduzido de Jerusalém ao deserto, com os pecados do povo colocados sobre ele. Ele disse muito significativamente (e ainda assim eles não O entenderam) que se aproximava o tempo em que, da mesma forma, expulsariam um Homem inocente, Aquele que os amava, Aquele que tinha feito tudo por eles, Aquele que verdadeiramente carregava seus pecados. Eles iriam expulsá-lo, disse ele, e matá-lo no meio do confronto de armas. Ao ouvir estas palavras, surgiu grande alvoroço e gritos de zombaria entre os fariseus. Jesus saiu da sinagoga e entrou na cidade. Então os fariseus vieram e perguntaram-lhe sobre o que ele tinha dito, mas ele lhes respondeu que não podiam entender agora.

Enquanto Jesus estava sendo assim pressionado, trouxeram-lhe um surdo e mudo, para que ele o curasse. Era um pastor daquela região, bom e piedoso. Seus amigos o levaram a Jesus, a quem imploraram que lhe impusesse a mão. Jesus então ordenou que fosse separado da multidão. Seus amigos obedeceram, mas os fariseus seguiram. Jesus, portanto, curou-o na presença deles, para que pudessem ver que Ele curou em virtude da oração e da fé em Seu Pai Celestial, e não por meio do diabo. Jesus pôs os dedos nos ouvidos do mudo, molhou os dedos com sua própria saliva e tocou a língua dele. Então, suspirando, Ele olhou para o céu e disse: "Abrete!" No mesmo instante, o homem podia tanto ouvir como falar perfeitamente, e cheio de alegria dava graças. Mas Jesus ordenou-lhe que não falasse nem se vangloriasse da sua cura.

A multidão se tornava maior, pois uma caravana acabara de chegar, e Jesus e Seus companheiros saíram da cidade e foram duas ou três horas mais longe, até a casa de Mateus. Mas, como também ali a multidão estava aumentando, Jesus, deixando

um par de Seus discípulos para trás, embarcou com os outros e remou até Betsaida-Julias, onde desembarcaram e ficaram até a noite num lugar solitário, ao pé do Monte das Bem-Aventuranças.

Antes de amanhecer, saíram de Betsaida e remaram novamente para a margem leste do lago, onde Jesus proferiu um discurso no cume da montanha, atrás da casa de costume de Mateus. Havia pagãos de Decápolis presentes, também as pessoas pertencentes à caravana. Muitos doentes eram trazidos para o monte em berços e jumentos, e Jesus os curou.

Jesus ensinou sobre a oração, como e onde deve ser feita, e sobre a perseverança nela. Ele disse: "Quando uma criança pede pão, o pai não lhe dá uma pedra, nem lhe dá uma serpente quando pede um peixe, ou um escorpião em vez de um ovo". Ele observou como ilustração que conhecia os pagãos que tinham tal confiança em Deus que nunca pediam por nada, mas aceitavam com gratidão tudo o que lhes era dado. "Se servos e estrangeiros têm tanta confiança", disse Jesus, "o que não deveria ser dos filhos do Pai?" Ele falou também da gratidão pela restauração da saúde, gratidão que deveria ser evidenciada pela emenda da vida, e da punição incorrida pela recaída no pecado. O estado espiritual daqueles que recam é sempre pior do que antes de sua cura. A essa altura, a multidão havia-se tornado tão grande que Jesus foi novamente forçado a retirar-se - não, porém, antes de ter anunciado uma grande catequese a ser proferida no dia seguinte, em outro monte. Este último monte era a leste do Monte das Bem-Aventuranças, e para ele afluía a multidão de todos os lados. Toda a região ao redor, montanhas e vales, estava coberta de acampamentos, e em toda a parte ressoava a pergunta: "Onde está Jesus?" Jesus ensinou sobre a sétima e a oitava bem-aventuranças, depois das quais, para escapar da multidão, Ele foi com os Apóstolos e discípulos a bordo do barco de Pedro. Eles desceram o lago com o remo, mas não conseguiram chegar à terra, porque o povo, depois de ter assegurado os barcos, os seguiram.

## **Conclusão do Sermão da Montanha. Alimentação dos quatro mil**

Na manhã seguinte, Jesus e Seus seguidores subiram ao alto monte, a uma hora a nordeste da pequena Corozain, e foi a partir daí, onde ocorreu a primeira multiplicação dos pães. Ficava no deserto, à direita de Corozain, duas horas e meia a oeste de Regaba, que estava em uma altitude ainda maior. Lá em cima, onde Jesus deu o ensinamento, havia um grande espaço plano, não muito longe da estrada pela qual Ele havia viajado ultimamente de Cesaréia de Filipe a Regaba. O local era muito usado como um acampamento para viajantes. As ruínas de fortificações eram encontradas nele, e uma longa saliência rochosa, sobre a qual os viajantes costumavam espalhar suas provisões nas refeições. Era uma região perfeitamente solitária. Abaixo daquele planalto haviam cachoeiras e pequenos vales., nos quais os jumentos e outros animais de carga podiam pastar. Uma multidão considerável já estava reunida no planalto, ao passo que outros ainda estavam afluindo de todos os lados.

Foi ali que Jesus concluiu as Oito Bem-aventuranças e proferiu o chamado Sermão da Montanha. Suas palavras, naquela ocasião, foram mais do que ordinariamente contundentes e impressionantes. Havia ali uma multidão de estrangeiros e pagãos, toda a multidão, sem contar mulheres e crianças, num total de cerca de quatro mil. Ao anoitecer, Jesus fez uma pausa em Seu ensino e disse a João: "Tenho compaixão das multidões, porque já passaram três dias comigo, e não têm nada para comer; mas não os mandarei embora jejuando, para que não desfaleçam no caminho". João

respondeu: "Estamos longe no deserto, e seria difícil trazer pão desta distância. Vamos colher para eles os frutos e bagas que ainda estão nas árvores por aqui? Jesus respondeu dizendo-lhe para perguntar aos outros apóstolos quantos pães tinham. O último respondeu: "Sete pães e sete peixinhos". Os peixes eram, no entanto, de um braço de comprimento. Ao receber esta resposta, Jesus ordenou que os cestos vazios de pão que o povo tinha trazido com eles, junto com os pães e os peixes, fossem postos sobre a saliência rochosa; depois disso, Ele continuou a ensinar por cerca de meia hora. Ele falou muito claramente de ser o Messias, das perseguições que o aguardavam e de sua iminente prisão. Mas, no dia em que Ele disse: "Essas montanhas tremerão e a rocha se fenderá" (ali Ele apontou para a encosta da rocha) sobre a qual Ele anunciara a verdade que eles recusaram receber. Então Ele clamou ai de Cafarnaum, de Corozain, e de muitos outros lugares daquela região. No dia de Sua prisão, todos deviam tomar consciência de terem rejeitado a salvação. Ele falou da felicidade desta região para a qual Ele havia partido o Pão da Vida, mas acrescentou que os estrangeiros que passavam por ali tinham levado consigo essa felicidade. Os filhos da casa jogavam o pão debaixo da mesa, enquanto o estranho, os filhotes, como os chamava a siro-fenícia, recolhiam as migalhas, que eram suficientes para revitalizar e animar cidades e distritos inteiros. Jesus, então, despediu-se das pessoas. Implorou-lhes mais uma vez que fizessem penitência e corrigissem sua vida, repetiu Suas ameaças na linguagem mais contundente, e informou-lhes que esta era a última vez que ensinaria naquelas partes. O povo chorou. Estavam cheios de admiração por suas palavras, embora não compreendessem todas.

Depois disso, Jesus ordenou que ocupassem seus lugares na encosta em volta da montanha, e, como na ocasião anterior, os apóstolos e discípulos foram instruídos a alinhá-los em ordem. Jesus dividiu os pães e os peixes como antes, e os discípulos levaram as porções em cestas para as pessoas em ambos os lados do monte. Quando tudo acabou, sete cestos de restos foram recolhidos e distribuídos aos viajantes pobres.

## Os pobres viajantes

Durante o discurso de Jesus, vários fariseus estavam no meio da multidão. Alguns deles saíram e desceram para o vale antes do encerramento, enquanto outros ficaram o suficiente para ouvir as ameaças de Jesus e testemunhar a multiplicação dos pães. Antes que as pessoas se dispersassem, porém, estes últimos desceram do monte, a fim de conferir com os outros sobre como deveriam encontrar Jesus na Sua descida. Esses fariseus eram cerca de vinte. Sob o pretexto de visitarem as sinagogas, seguiram constantemente a Jesus em pequenos grupos, a fim de espionarem Suas ações. Estavam em Cesareia de Filipe, em Nobah, Regaba e Corozain. Por mensageiros ou de boca em boca, transmitiram a Cafarnaum e a Jerusalém tudo o que tinham visto e ouvido.

Jesus despediu-se das pessoas, que derramaram lágrimas e elevaram suas vozes agradecendo-lhe e louvando-o. Ele se separou deles apenas com dificuldade e foi com os discípulos ao lago, a fim de atravessar o lado sudeste para a região de Magdala e Dalmanuta. Quando estavam prestes a embarcar logo acima do escritório alfandegário de Mateus, os fariseus se aproximaram e, ao pé do monte em que ocorreu a primeira multiplicação dos pães, exigiram dele um sinal do céu. Fizeram isso porque Ele havia falado de terríveis terremotos e outros sinais na natureza. Ele lhes respondeu como está registrado no Evangelho. Ouvi-O mencionar também um certo número de semanas, no fim das quais lhes seria dado o sinal de Jonas. Este

número correspondia exatamente com a Sua Crucificação e Ressurreição. Jesus, então, os deixou ali, e foi com os apóstolos ao barco de Pedro, onde os outros discípulos estavam prontos para recebê-Lo. Eles remaram para o mar aberto, e então desceram a corrente do Jordão, na qual o barco só precisava ser dirigido. Passaram a noite a bordo, orando em certas horas, e assim chegaram aos confins de Magdala e Dalmanuta.

Na manhã seguinte, saindo da correnteza, remaram de volta ao lado ocidental do lago, e então observaram que só tinham um pão com eles.

A passagem foi lenta, e Jesus instruiu Seus seguidores sobre muitos pontos. Ele falou de Seu iminente cativo, de Sua Paixão, da perseguição que Ele deveria suportar, e disse em termos mais significativos do que nunca que Ele era o Cristo, o Messias. Eles acreditavam em Suas palavras; mas, embora não pudessem fazê-las coincidir com seu modo simples e humano de compreender as coisas, e se entregassem a seus pontos de vista habituais, pontos de vista derivados de sua própria experiência, contudo, faziam uma anotação delas e as colocavam entre outras de natureza profundamente significativa e profética. Falou também de Sua ida a Jerusalém e da perseguição que acompanharia a mesma. Eles, disse ele, escandalizar-se-iam por causa Dele, e as coisas iriam tão longe que atirariam pedras contra Ele. Jesus disse também que quem não renunciasse a todos os seus bens e a seus parentes e não O seguisse fielmente no Seu tempo de perseguição, não poderia ser Seu discípulo. Ele falou igualmente das viagens que ainda tinha de fazer e das múltiplas tarefas a serem cumpridas antes de Sua prisão. Muitos, disse Ele, que O abandonaram voltariam. Os discípulos perguntaram se aquele jovem, que queria enterrar primeiro seu pai, voltaria; se Jesus não o receberia então, pois, de fato, pareceu-lhes que ele merecia isso. Mas Jesus revelou-lhes a disposição daquele jovem, e mostrou-lhes como ele se agarrava às coisas terrenas. Compreendi nessa ocasião que a expressão "enterrar o pai" era figurativa, e significava "colocar os assuntos em ordem". Era isso que o jovem queria fazer. Ele queria pôr seus assuntos em ordem, e obter uma divisão da herança entre ele e seu velho pai, a fim de garantir a sua própria parte antes de se separar dele. Quando Jesus falou do desejo do jovem por bens temporais, Pedro exclamou animado: "Graças a Deus, nunca tive tais pensamentos desde que te sigo!" Mas Jesus repreendeu-o, dizendo-lhe que se calasse sobre esse ponto, até ser-lhe pedido que falasse.

Quando Jesus e os discípulos chegaram a Betsaida, foram à casa de André para se refrescarem e ali permaneceram tranquilos e sem o aborrecimento da grande multidão, visto que, não sabendo para onde Jesus se havia retirado, a multidão se dispersara. Havia em Betsaida um homem idoso cego de nascença, a quem Jesus até então se recusara a curar. Agora, porém, foi trazido de novo a Ele e, quando Jesus e os discípulos estavam prestes a voltar para o barco, o homem clamou a Ele por ajuda. Jesus pegou-lhe pela mão, levou-o para fora da cidade, e ali, na presença de Seus apóstolos e discípulos, tocou-lhe os olhos com a língua e com a saliva, impôs-lhe as mãos e perguntou-lhe se via alguma coisa. Com estas palavras, o homem abriu os olhos e olhou em volta, dizendo: 'Vejo pessoas grandes como árvores andando.' Jesus pôs as mãos novamente sobre os olhos dele, e pediu-lhe que olhasse ao redor. Agora ele via perfeitamente. Jesus ordenou-lhe que fosse para casa e agradecesse a Deus, mas que não andasse pela cidade vangloriando-se da sua cura.

Por volta do anoitecer, Jesus e Seus Apóstolos remaram para a margem oposta do lago e, tendo desembarcado, tomaram a estrada que sobe pela margem oriental do Jordão até Betsaida-Julias. Nesta viagem, os apóstolos e discípulos que haviam sido enviados de Cesaréia de Filipe em sua missão em direção ao leste, ao descerem das

montanhas, encontraram Jesus e Seu grupo, e todos partiram juntos para Betsaida-Júlia.

No caminho, Jesus falou de Sua iminente prisão e dos perigos que ameaçavam; e os Apóstolos imploraram a Ele que não os mandasse embora mais, para que pudessem estar perto Dele em caso de necessidade.

Uma hospedaria havia sido preparada para eles em Betsaida-Julias. Quando se aproximaram da cidade, onde já havia sido anunciado pela população que Jesus ia para lá no sábado, alguns moradores saíram ao encontro deles. Foram recebidos graciosamente e levados à pousada para refrescos e lavagem dos pés. Muitos gentios moravam em Betsaida, e agora saudavam Jesus de longe.

Jesus ensinou na sinagoga. Havia presentes muitos escribas e fariseus de Safet, em cujo lugar havia uma escola para o estudo da ciência, humana e divina.

Todos se regozijaram muito com a chegada repentina de Jesus, que agora os visitava pela primeira vez; a maioria do povo estava sincera no desejo de vê-Lo, mas os escribas eram movidos pela vaidade. Queriam ouvir o Mestre, cuja fama soava por todo o país, especialmente em Cafarnaum, e julgar os Seus méritos. Eles eram perfeitamente corteses, embora como certos professores frios e orgulhosos em sua postura. Discutiam com Jesus, fazendo-Lhe perguntas baseadas na Lei e nos Profetas. Ainda assim, não havia nada de malicioso em suas intenções. Eles eram movidos pela curiosidade, e impulsionados pela vaidade para exhibir seu conhecimento perante as pessoas.

Jesus leu e comentou a Lição para o Sábado, e ensinou sobre o Quarto Mandamento: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que os teus dias sejam longos na terra". Para as palavras, "os teus dias podem ser longos na terra", Ele deu uma explicação mais admirável e profunda. "Esse riacho deve secar", disse ele, "que obstrui sua própria fonte". A instrução foi seguida de uma festa de entretenimento, na qual as crianças da escola assistiram em mesas separadas. Durante o sermão, Jesus explicou a parábola dos trabalhadores na vinha.

Julias era uma cidade moderna, ainda não terminada. Era muito bela, construída segundo o estilo pagão, com numerosos arcos e colunas. Ficava ao longo do Jordão. No leste, onde era contíguo com as alturas crescentes, a parte de trás de muitas das casas era esculpida na rocha sólida. Quando Jesus, depois de ter ensinado mais uma vez na sinagoga, estava andando fora da cidade, os moradores o pararam, perguntando-lhe sobre a verdadeira doutrina e o que deviam fazer. Ele respondeu que não seguiriam as Suas instruções, mesmo que Ele as lhes desse. Eles eram, Ele disse, curiosos. Eles já haviam ouvido a Sua doutrina tantas vezes naquela região. Por estas perguntas, perguntaram outra? Ele até mesmo o havia anunciado abertamente na sinagoga. Essas pessoas levaram Jesus a alguns de seus edifícios recém-construídos, e a um lugar onde havia depósitos de materiais de construção, madeira e pedra. Falaram-lhe do belo novo estilo de arquitetura. Jesus aproveitou a oportunidade para contar-lhes as parábolas da casa construída sobre a areia, e da outra construída sobre a rocha. Ele se referiu à pedra angular que os construtores rejeitaram e à derrubada de seu edifício. No caminho, Ele curou vários doentes, alguns coxos, outros hidrópicos, e um casal de possuidores de demônios que, além disso, eram privados de raciocínio. De Betsaida-Julias, Jesus e os Doze e cerca de trinta discípulos foram para a cidade rural de Sogane, a uma hora e meia de Cesareia, onde ensinou e curou. Alguns dos habitantes de Betsaida-Júlia escoltaram Jesus e Seu grupo até o ponto em que o Jordão desagua no Lago Merom. O povo de Sogane veio aglomerado em torno de Jesus, implorando instruções. Ensinou e curou até o entardecer, e então, com Seus discípulos, voltou a uma montanha, a uma distância de cerca de uma hora, onde passou a maior parte da noite em oração.

## Pedro recebe as chaves do Reino dos Céus

No caminho para o monte e até que Jesus se retirou para orar, os apóstolos e discípulos que tinham voltado pela última vez de suas várias missões deram ao seu Mestre um relato completo de tudo o que lhes acontecera, de tudo o que tinham visto e ouvido e feito. Ele ouviu tudo e exortou-os a orar e a ficarem prontos para o que Ele lhes ia comunicar.

Ao amanhecer, Jesus reuniu-se novamente com os doze discípulos. À Sua direita estavam primeiro João, depois Tiago, o Velho, e em terceiro lugar, Pedro. Os discípulos ficaram fora do círculo, o mais velho deles mais próximo. Daí, Jesus, como que retomando o discurso da noite anterior, perguntou: 'Quem dizem os homens que eu sou?' Os apóstolos e os mais velhos dos discípulos repetiram as várias conjecturas das pessoas a respeito dEle, como haviam ouvido aqui e ali em diferentes lugares; alguns, por exemplo, disseram que Ele era o Batista, outros Elias, enquanto outros o tomaram por Jeremias, que havia ressuscitado dos mortos. Relataram tudo o que se lhes tinha tornado conhecido sobre este assunto, e depois ficaram à espera da resposta de Jesus. Houve uma breve pausa. Jesus estava muito grave, e eles fixaram seus olhos em Seu rosto com alguma impaciência. Por fim, Ele disse: "E vocês, por quem vocês me tomam?" Ninguém se sentiu compelido a responder. Só Pedro, cheio de fé e zelo, dando um passo à frente no círculo, com a mão levantada como uma afirmação solene, exclamou em voz alta e ousadamente, como se fosse a voz e a língua de todos: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!" Jesus respondeu com grande seriedade, Sua voz forte e animada: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque carne e sangue não te revelaram isto, mas o Meu Pai que está nos Céus! E eu digo-te: Tu és uma rocha, e sobre esta rocha eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E darei-te as chaves do Reino dos Céus. E o que tu amarrares na terra, será amarrado também nos céus; e o que tu soltares na terra, será solto também nos céus. Jesus deu essa resposta de uma maneira solene e profética. Ele parecia estar brilhando com a luz, e foi levantado alguma distância acima do chão. Pedro, no mesmo espírito em que confessara a Divindade, recebeu as palavras de Jesus em seu pleno significado. Ficou profundamente impressionado com elas. Mas os outros Apóstolos pareciam perturbados. Olharam de Jesus para Pedro, que exclamou com grande zelo: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus!" Até mesmo João deixou que sua ansiedade se tornasse tão manifesta que Jesus, depois, quando andava sozinho com ele pela estrada, o repreendeu severamente por sua expressão de surpresa.

As palavras de Jesus a Pedro foram proferidas no momento em que o sol nascia. Toda a cena era tanto mais grave e solene, visto que, com esse propósito, Jesus se havia retirado com Seus discípulos ao monte e os havia mandado orar. Só Pedro ficou sensivelmente impressionado com isso. Os outros apóstolos não compreenderam plenamente, e ainda assim formaram para si idéias terrenas. Pensavam que Jesus pretendia conceder a Pedro o cargo de Sumo Sacerdote no Seu Reino, e Tiago disse a João, ao caminharem juntos, que muito provavelmente eles mesmos receberiam lugares depois de Pedro.

Jesus agora disse aos apóstolos em termos claros que Ele era o prometido Messias. Aplicou a si mesmo todas as passagens a esse respeito encontradas nos profetas, e disse que agora deviam ir a Jerusalém para a festa. Dirigiram então seus passos para o sudoeste e voltaram para a ponte do Jordão.

Pedro, ainda profundamente impressionado com as palavras de Jesus relativas ao poder das Chaves, aproximou-se Dele no caminho para pedir informações sobre alguns pontos que não lhe eram claros. Ele estava tão cheio de fé e ardor que

imaginava que sua obra deveria começar imediatamente, pois as condições, a saber, a Paixão de Cristo e a descida do Espírito Santo, ainda eram desconhecidas para ele. Ele perguntou, portanto, se neste ou naquele caso também podia absolver do pecado, e fez alguns comentários sobre os publicanos e os culpados de adultério abertamente. Jesus tranquilizou-lhe a mente, dizendo-lhe que mais tarde ele saberia todas as coisas claramente, que seriam muito diferentes do que ele esperava e que uma nova Lei substituiria a antiga.

Ao prosseguirem a viagem, Jesus começou a esclarecer a Seus apóstolos o que os aguardava. Deveriam agora ir a Jerusalém, comer o cordeiro pascal com Lázaro, após o que poderiam esperar muitos trabalhos, muito cansaço e perseguição. Ele mencionou em termos gerais muitas circunstâncias de Seu futuro: a saber, a ressurreição de um de seus melhores amigos dentre os mortos, fato que provocaria tal fúria entre Seus inimigos que Ele seria obrigado a fugir; e a volta deles novamente, depois de mais um ano, à Festa, altura em que um deles O trairia. Ele lhes disse, além disso, que seria maltratado, açoitado, escarnecido e humilhanamente morto; que teria de morrer pelos pecados dos homens, mas que no terceiro dia ressuscitaria. Ele disse-lhes tudo isto em pormenor e provou-o através dos profetas. Ele estava muito sério, mas cheio de amor. Pedro ficou tão angustiado com o pensamento de Jesus ser maltratado e morto que, seguindo-O, falou com Ele em particular, discutindo com Ele e exclamando contra tal sofrimento, tal tratamento. Não, disse ele, isso não deveria ser. Ele preferia morrer a sofrer tal coisa! Longe de Ti, Senhor! Isto não será para ti! exclamou. Mas Jesus virou-se para ele com seriedade e disse com calor: "Vai-te para trás de mim, Satanás! És um escândalo para mim. Tu não estás saboreando as coisas que são de Deus, mas as coisas que são dos homens! e depois seguiu em frente. Pedro, atingido pelo temor, começou a revirar em sua mente por que Jesus, pouco tempo antes, havia dito que não era de carne e sangue, mas por uma revelação de Deus, que ele (Pedro) O havia declarado ser o Cristo; mas agora Ele o chamou de Satanás e, porque ele havia protestado contra Seus sofrimentos, Ele o censurou por falar não segundo Deus, mas segundo os desejos e considerações humanas. Comparando as palavras de louvor de Jesus com as da Sua reprovação, Pedro tornou-se mais humilde e olhou para Ele com maior fé e admiração. Não obstante, ele estava muito aflito, visto que assim ficou apenas mais convencido da realidade dos sofrimentos que aguardavam Jesus.

Os apóstolos e os discípulos avançaram em grupos separados, cada um caminhando com o Senhor por turnos. Ele andou rapidamente, sem parar em nenhum lugar, evitando as cidades e aldeias, tanto quanto possível até o anoitecer, quando colocado na pousada perto dos Banhos de Bethulia. Lá, Lázaro e alguns dos discípulos de Jerusalém esperavam a vinda de Jesus.

Lázaro já havia sido informado de que Jesus e Seus discípulos comeriam o cordeiro pascal com ele, e ele tinha vindo até ali para encontrar-se com Jesus, a fim de adverti-Lo, aos Apóstolos e aos discípulos, a respeito desta solenidade pascal. Ele disse-lhes que uma revolta ameaçava explodir durante a Festa. Pilatos queria cobrar um novo imposto sobre o Templo, a fim de erigir uma estátua ao Imperador. Ele desejava igualmente certos sacrifícios em sua honra e que certos altos títulos de reverência lhe fossem publicamente decretados. Os judeus estavam, por isso, prontos para a revolta, e um grande número de galileus se levantou contra os procedimentos de Pilatos. Eles eram liderados por certo Judas, um galonita, que tinha numerosos adeptos e que contrapunha fervorosamente contra a servidão de seu povo e os impostos romanos. Seria bom, disse Lázaro, que Jesus se ausentasse da festa, pois poderiam surgir grandes distúrbios. Jesus, porém, respondeu que Sua

hora ainda não havia chegado, que nada lhe aconteceria. Esta revolta era apenas o precursor de uma muito maior que ocorreria no ano seguinte, quando, como Ele disse, teria chegado a Sua hora. Então o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores.

Jesus enviou seus apóstolos e discípulos à frente. Foram divididos em grupos separados e tinham de viajar por rotas diferentes. Simão e Tadeu, Natanael perseguido e Judas Barsabás, ficaram com Ele. Alguns deveriam descer ao longo do Jordão, enquanto outros iam para o oeste, de Garizim, através de Efraim, visitando, a caminho da festa, alguns lugares em que ainda não haviam estado. Lázaro viajou com os discípulos. Jesus ordenou-lhes que não entrassem nas cidades samaritanas, e deu-lhes várias instruções quanto à sua conduta. Ele mesmo foi até Ginnim, à propriedade de Lázaro, onde passou a noite.

No dia seguinte, atravessou Lebona, Coréia e o deserto até Betânia.

## Jesus em Betânia e Jerusalém

A cerca de três horas de Betânia, mas ainda no deserto, ficava uma solitária cabana de pastores, cujos ocupantes dependiam em grande parte da caridade de Lázaro. A esta morada, Madalena e uma companheira solteira, Maria Salomé, parente de José, haviam ido ao encontro de Jesus. Ela tinha preparado alguns refrescos para Ele. Ao se aproximar, ela saiu apressadamente e abraçou os pés dele. Jesus descansou ali apenas por pouco tempo e depois partiu para a casa de Lázaro, a uma hora de Betânia. As duas mulheres voltaram para casa por outro caminho. Jesus encontrou alguns dos discípulos que Ele havia enviado em sua missão já voltando e na pousada; outros vieram mais tarde, e todos se reuniram novamente em Betânia. Jesus não passou por Betânia, mas entrou na morada de Lázaro por trás. Quando ele chegou, todos correram para a tribuna para o receber. Lázaro lavou-lhe os pés, e depois passaram pelos jardins. As mulheres saudaram Jesus com os véus abaixados. Um incidente muito comovente ocorreu na chegada de Jesus. Os quatro cordeiros destinados à solenidade pascal foram trazidos no mesmo momento em que Jesus entrou. Eles foram separados do rebanho e transformados em um pequeno parque gramado. A Santíssima Virgem, que também estava ali, e Madalena tinham pequenas grinaldas que deveriam ser penduradas em volta do pescoço. A vinda de Jesus ocorreu pouco antes do início do sábado, e Ele o celebrou com a família num salão. Ele estava muito sério. Ele leu a lição para o sábado, e ensinou sobre ela. Durante a ceia, Ele falou do cordeiro pascal e de Sua futura Paixão.

A insurreição irrompeu em Jerusalém pouco antes de o sábado começar, mas, ainda assim, sem violência, Pilatos, cercado por um guarda-costas, ocupou uma posição elevada na parede da fortaleza de Antônia, e todo o povo estava reunido na praça do mercado, abaixo. A fortaleza Antonia foi construída em uma rocha projetada no canto noroeste do Templo. Se, ao sair do palácio de Pilatos, alguém virasse para a esquerda e passasse pelo arco do lugar da flagelação, a fortaleza estaria à sua esquerda. As novas leis de Pilatos, pelas quais era cobrado um imposto sobre o Templo, foram lidas ao povo. Primeiro, o imposto deveria ser usado para fazer um aqueduto para conduzir a água ao grande mercado e ao Templo; e segundo, havia a questão de certas honras, títulos e sacrifícios a serem oferecidos ao Imperador. Imediatamente, surgiu um grande tumulto. Gritos e murmurações em alta voz saíam da multidão, especialmente do bairro ocupado pelos galileus. Ainda assim, a agitação não chegou à violência. Pilatos dirigiu algumas palavras de advertência ao povo, e deu-lhes tempo para refletir; em seguida, indignados e murmurando, eles se dispersaram. Os herodianos eram secretamente os principais motivadores e

instigadores do povo, mas ninguém os podia condenar por tais tratos. Eles mantiveram Judas Galonita sob seu controle, e ele tinha toda uma seita de galileus como seus seguidores, a quem ele constantemente incitava contra o pagamento de tributo ao Imperador, e despertava sua sede de liberdade sob o pretexto de zelo pela religião. Os herodianos eram exatamente como os maçons e outras sociedades secretas de nossos dias. Eles agitavam a multidão insensível, que não sabia para onde o seu zelo os levava, até que pagavam a pena com o seu sangue.

No sábado, Jesus ensinou em Lázaro, e depois todos foram passear pelos jardins. Jesus falou da Sua Paixão e disse em termos claros que Ele era o Cristo. Suas palavras aumentaram a reverência e admiração de Seus ouvintes por Ele, enquanto o amor e a contrição de Madalena atingiram o seu auge. Ela seguia Jesus para onde quer que fosse, sentava-se aos seus pés, ficava de pé e esperava por ele em todos os lugares. Ela só pensava nele, só o via, só conhecia o seu Redentor e os seus próprios pecados. Jesus freqüentemente dirigiu-se a ela com palavras de consolo. Ela mudara muito. O seu semblante e a sua postura eram ainda nobres e distinguidos, embora a sua beleza tivesse sido destruída pela penitência e pelas lágrimas. Ela se sentava quase sempre sozinha em sua estreita cela de penitência, e às vezes realizava os serviços mais baixos para os pobres e doentes.

Naquela noite houve uma grande festa. Todos os amigos de Jerusalém, bem como as santas mulheres do mesmo lugar, estavam presentes. Vi também Heli, de Hebron, viúvo de uma das irmãs de Isabel, que na Última Ceia ocupou o cargo de mordomo e dono da casa para Jesus. Ele tinha com ele seu filho, o levita, que agora possuía a casa paterna de João, e suas cinco filhas, que eram essênias e solteiras.

Lázaro e sua família eram amigos familiares e profundamente simpáticos de Jesus e de Seus discípulos. Com os seus bens e posses, tornaram-se os poderosos ajudantes e apoiadores da Comunidade.

Por volta das dez horas da manhã seguinte, Jesus foi com os apóstolos e cerca de trinta discípulos para o outro lado do Monte das Oliveiras e através de Ofel ao Templo. Todos usavam a túnica comum de lã castanha comum entre os galileus, à qual se assemelhava a de Jesus, que tinha um anel largo sobre o qual havia uma inscrição em letras. Ele não atraiu atenção, visto que bandos de galileus vestidos de modo similar eram encontrados em todos os lados. A Festa estava aproximando-se. Grandes acampamentos de cabanas e tendas estavam dispostos ao redor da cidade, e multidões de pessoas circulavam por toda parte. Jesus ensinou no templo durante uma hora inteira, na presença de Seus discípulos e de um grande número de pessoas. Havia várias cadeiras de professores, das quais eram dadas catequeses. Todos estavam tão ocupados com os preparativos para a Festa, e tão ocupados com a revolta contra Pilatos, que nenhum dos sacerdotes de primeiro escalão notou Jesus, mas alguns fariseus maliciosos e insignificantes se aproximaram dele e perguntaram como ele ousava mostrar-se ali, e por quanto tempo isso duraria, acrescentando que logo iriam pôr fim a seus procedimentos. Jesus deu-lhes uma resposta que os envergonhou, e continuou o Seu discurso sem ser interrompido, depois do qual voltou a Betânia, e retirou-se à noite ao Monte das Oliveiras.

Naquele dia, uma grande multidão reuniu-se novamente na praça diante da fortaleza de Antonia, para falar com Pilatos. Mas ele já sabia tudo o que tinham a dizer, pois tinha entre eles seus próprios espiões e soldados disfarçados. Os herodianos haviam despertado Judas, o galonita, e seus seguidores galileus, que foram sem medo a Pilatos e lhe disseram que ele deveria abster-se de seu desígnio de tocar o dinheiro pertencente ao tesouro do Templo. Visto que muitos deles usavam uma linguagem muito desenfreada, Pilatos ordenou a sua guarda que os

atacassem inesperadamente, e cerca de cinquenta deles foram levados prisioneiros. Mas, imediatamente, o resto da multidão saiu em socorro, libertaram os prisioneiros e depois se dispersaram. Cerca de cinco judeus inofensivos e alguns soldados romanos foram mortos durante a briga. Este caso só serviu para aumentar o descontentamento geral. Herodes estava em Jerusalém naquele tempo.

Na manhã seguinte, Jesus voltou ao templo com todos os seus discípulos. A presença de Jesus agora se tornara conhecida, e o povo o esperava no pátio do templo, pelo qual ele devia passar. Já no caminho para lá, Jesus subiu a um monte, e, ao subir a um monte, trouxeram-lhe um homem que estava com hidropesia, deitado numa cama. Jesus curou-o, e no templo curou outros doentes e gota. Em consequência destas curas, Ele foi seguido por uma multidão numerosa. Ao aproximar-se do templo, onde ainda estavam ocupados aqui e ali limpando e ordenando os lugares destinados à imolação dos cordeiros no dia seguinte, Jesus passou junto ao homem que havia curado junto à piscina de Betsaida, e que estava ali empregado como trabalhador diurno. Jesus virou-se para ele e disse: "Eis! Foste curado. Não peques mais, para que algo pior não te aconteça! Este homem, que era bem conhecido, tinha sido questionado sobre quem o havia curado no dia de sábado. Mas ele não conhecia a Jesus, a quem viu ali novamente pela primeira vez. Agora, porém, tomou-se o dever de informar aos fariseus, à medida que passavam, que este mesmo Jesus, que no dia anterior havia operado tantas curas, era o mesmo que o havia curado na piscina de Betsaida. Visto que a cura deste homem havia causado grande excitação e os fariseus haviam sido muito provados pelo que chamavam de violação do sábado, agora acharam nela uma nova causa de queixa contra Jesus. Reuniram-se em torno de Sua cadeira e novamente apresentaram a antiga história de Sua violação do sábado. Não houve, porém, nenhum distúrbio especial naquele dia, embora estivessem muito enfurecidos. Jesus ensinou duas horas no Templo perante uma grande audiência. Seu assunto era o sacrifício pascal. Ele disse que Seu Pai Celestial não desejava sacrifícios sangrentos deles, mas sim um coração penitente, e que o cordeiro pascal era meramente simbolismo de um sacrifício infinitamente maior que logo seria cumprido. Muitos de Seus inimigos maliciosos entre os fariseus se levantaram, zombando Dele e discutindo contra Ele. Entre outras coisas, perguntaram com palavras de desprezo se o Profeta Ihes daria a honra de comer o cordeiro pascal com eles. Jesus respondeu: "O próprio Filho do Homem é um sacrifício pelos vossos pecados". Aquele jovem que havia dito que primeiro enterraria seu pai, e a quem Jesus havia respondido: "Deixe os mortos enterrarem os mortos!" também estava em Jerusalém. Ele havia repetido essas palavras de Jesus aos fariseus. Agora eles o repreendiam com ele, e perguntaram-lhe o que ele queria dizer com eles. Como pode um morto enterrar outro? Jesus respondeu dizendo que quem não segue Seus ensinamentos, não faz penitência e não crê em Sua missão, não tem vida nele e, consequentemente, está morto; que quem valoriza bens e riquezas mais do que sua salvação, quem não segue Seus ensinamentos e não crê Nele, não tem em si mesmo vida, mas morte. Tais eram as disposições deste jovem. Ele desejava chegar a um acordo com seu idoso pai a respeito de sua herança e colocar este último em aposentadoria; ele se apegava à herança morta, e, por conseguinte, não podia ter parte no Reino de Jesus e na vida eterna. Foi por esta razão que Jesus lhe havia dito que deixasse os mortos enterrarem os seus mortos, enquanto ele mesmo voltasse à vida. Jesus continuou a ensinar nesta tensão, e repreendeu-os severamente por sua cobiça. Mas, quando advertiu Seus discípulos contra o fermento dos fariseus e contou a parábola do homem rico e do pobre Lázaro, os fariseus ficaram tão exasperados que levantaram um grande tumulto. Jesus foi forçado a desaparecer na multidão e escapar, caso contrário, eles teriam feito sua prisão.

Os quatro cordeirinhos destinados aos quatro grupos que deveriam comer a Páscoa em Lazaro, e que eram diariamente lavados em uma fonte e adornados com flores frescas, foram levados à noite daquele dia para o Templo em Jerusalém. Cada um tinha, preso à pequena grinalda em volta do pescoço, um bilhete com o nome e o sinal do mestre da família a que pertencia. Depois de serem lavados mais uma vez, foram transformados num belo recinto de grama no monte do Templo. Toda a família de Lázaro realizou ali as suas purificações. O próprio Lázaro trouxe a água para ser usada na preparação do pão sem fermento, e também entrou com um servo nos diferentes quartos. O servo carregava uma lanterna e Lázaro limpava um pouco os cantos. Era uma apresentação cerimonial, após a qual os servos e as servas varriam e limpavam bem. Lavaram e esfregaram igualmente os vasos e outros objetos que seriam usados na preparação dos pães ázimos. Tudo isso era um simbolismo da limpeza do velho fermento. Simão, o fariseu de Betânia, já havia visitado Jesus. Não muito tempo atrás, ele parecia estar se aproximando do estado de lepra, mas agora parecia mais saudável. Ele era um seguidor temeroso de Jesus. O homem curado na piscina de Betsaida apressou-se a ir a Betânia e a qualquer lugar onde Jesus se permitisse ser visto. Ele disse a todos os fariseus que descobriu que fora curado por Jesus, e, conseqüentemente, decidiram prender Jesus e matá-lo. Vi Jesus várias vezes andando com os discípulos e outros amigos no Monte das Oliveiras, ao passo que Maria, Madalena e outras mulheres caminhavam a alguma distância. Vi os discípulos arrancarem espigas dos campos maduros de milho, e aqui e ali comerem frutas e bagas. Jesus deu aos discípulos instruções minuciosas sobre a oração, advertiu-os contra a hipocrisia nela, e repetiu-lhes muitas coisas que Ele havia dito antes. Ele igualmente os exortava a andar sempre em oração ininterrupta na presença de Deus, seu próprio Pai e o Pai deles.

## A Páscoa na Casa de Lázaro

O cordeiro pascal naquela Páscoa não foi morto no Templo tão cedo como na época da Crucificação de Cristo, quando o abate começou às doze horas e meia, a mesma hora em que o próprio Jesus foi morto na Cruz. Aquele dia era sexta-feira e, por causa da aproximação do sábado, começaram mais cedo. Hoje, porém, começaram por volta das três da tarde. As trombetas soaram, tudo estava pronto, e o povo entrou no Templo em grupos separados. A rapidez e a ordem com que tudo era feito eram certamente admiráveis. Embora a multidão fosse grande, ninguém obstruía o caminho do seu próximo. Todos tinham espaço para vir, para matar e para retirar. Os quatro cordeiros para a casa de Lázaro foram abatidos pelos quatro que deveriam presidir as mesas: Lázaro, Heli de Hebrom, Judas Barsabas e Heliacím, o último filho de Maria Heli e irmão de Maria Cléofas. Os cordeiros eram amarrados a um espeto de madeira que tinha um travessão, o que lhes dava a aparência de serem crucificados. Foram assados de pé num forno. As entranhas, o coração e o fígado eram substituídos no cordeiro ou fixados na parte da frente da cabeça. Betfagé e Betânia eram consideradas parte de Jerusalém, conseqüentemente a Páscoa podia ser comida em qualquer lugar.

À tarde, quando começou o dia 15 de nisã, comia-se o cordeiro pascal. Todos estavam de cintos, calçados com sandálias novas, e cada um tinha uma vara na mão. Eles começaram cantando os Salmos: "Bendito seja o Senhor Deus de Israël" e "Bendito seja o Senhor", enquanto com as mãos levantadas se aproximaram da mesa, dois a dois, e tomaram o lugar um em frente do outro. Na mesa em que Jesus se sentou com os Apóstolos, Heli, de Hebrom, presidiu; Lázaro estava na de sua própria família e amigos; os discípulos estavam na terceira, presidida por Heliacim; e

Judas Barsabás fazia as honras na quarta. Trinta e seis discípulos ali comeram a Páscoa.

Após a oração, um copo de vinho era apresentado ao mestre em cada mesa. Ele a abençoou, bebeu um gole e passou-a aos presentes, depois lavou as mãos. Na mesa estava o cordeiro pascal, um prato de pão sem fermento, uma tigela de molho castanho, outra de caldo, uma terceira cheia de pequenos galhos de ervas amargas, e uma quarta na qual as ervas verdes estavam dispostas próximas umas das outras em posição vertical, dando-lhes assim a aparência de crescimento real. O dono de cada mesa então esquartejou o cordeiro pascal e o serviu aos convidados, que o consumiram muito rapidamente. Eles cortavam pedaços das ervas bem amontoadas, mergulhavam-nas no caldo e os comiam. O dono então partia um dos pães não levedados e colocava um pequeno pedaço dele debaixo da toalha de mesa. Tudo era feito muito rapidamente e acompanhado de orações e passagens das Escrituras. Os convidados estavam apoiados contra os assentos. A taça foi passada mais uma vez, o mestre novamente lavou as mãos, e colocou um pouco de ervas amargas em um pedaço de pão, que ele mergulhou e comeu, todos os convidados seguiram seu exemplo.

O cordeiro pascal tinha de ser inteiramente consumido. Os ossos eram raspados com facas de marfim, depois lavados e queimados. Depois de mais alguns cânticos, os convidados sentaram-se à mesa devidamente, para comer e beber. Todos os tipos de pratos elegantemente preparados agora faziam sua aparição, e a alegria e a emoção prevaleceram. Na casa de Lázaro, todos tinham pratos bonitos dos quais comiam. Na última festa pascal de Jesus, porém, os pratos consistiam em discos de pão sobre os quais estavam impressas várias figuras. Elas se deitavam em lugares ocultos, espalhados ao redor da mesa.

As mulheres também estavam de pé durante a refeição pascal, e elas também estavam vestidas como para uma viagem. Cantavam Salmos, mas não observavam outras cerimônias. Eles não cortavam o cordeiro, mas as porções eram enviadas para eles de outra mesa. Nos corredores laterais da sala de jantar, um grande número de pobres comiam seu cordeiro pascal. Lázaro custeava todas as despesas de suas refeições, e além disso lhes dava presentes.

Durante a ceia, Jesus ensinou e explicou. Ele deu uma catequese extremamente bela sobre a videira, sobre o seu cultivo, sobre o extermínio dos brotos maus, o plantio de brotos melhores, e a poda dos mesmos depois de cada novo crescimento. Ele então voltou-se para os Apóstolos e discípulos e disse-lhes que eles eram os rebentos de que Ele falava, que o Filho do Homem era a verdadeira videira, e que eles deviam permanecer n'Ele; que, quando Ele fosse submetido à lagarta, eles deviam continuar a publicar o conhecimento da verdadeira Videira, a saber, d'Ele mesmo, e enxertar todas as vinhas com a mesma. Os convidados não se separaram até muito tarde da noite. Todos ficaram profundamente impressionados e alegres.

Judas Barsabás era, com exceção de André, o discípulo mais velho. Ele era casado, e sua família vivia no estado pastoral em uma fileira de casas entre Machmethat e Iscariot. Heliacim também era casado, e vivia no estado pastoral no campo de Ginnim. Ele era muito mais velho que Jesus. Jesus raramente enviava esses discípulos a aquela região.

## O rico e o pobre Lázaro

A festa começou muito cedo no templo, que foi aberto logo depois da meia-noite, e todo o lugar estava iluminado com lâmpadas. O povo veio antes do amanhecer com suas ofertas de ação de graças, que consistiam em todas as espécies de aves e

animais, que foram recebidos e inspecionados pelos sacerdotes. Além disso, havia ofertas de dinheiro, coisas, milho, óleo, etc.

De madrugada, Jesus e os discípulos levaram Lázaro e sua família, e as mulheres, e foram ao templo, onde Jesus permaneceu com o Seu próprio grupo, de pé, no meio da multidão. Muitos Salmos foram cantados, os músicos tocaram, foram oferecidos sacrifícios, e foi dada uma bênção que todos receberam de joelhos. O povo entrou em grupos, as portas foram fechadas atrás deles, e depois de terem sacrificado, saíram antes que outro grupo entrasse, para que não surgisse confusão. Muitos, especialmente estrangeiros, iam à bênção dada nas sinagogas da cidade, onde havia cânticos e leitura da Lei. Por volta do meio-dia, por volta das onze horas, houve uma pausa na recepção das ofertas. Muitas das pessoas já se haviam dispersado. Alguns foram para as cozinhas no alpendre das mulheres, onde a carne das vítimas era preparada para ser comida, o que ocorria nas salas de jantar, nas quais famílias inteiras estavam reunidas. As santas mulheres tinham voltado antes para Betânia.

Até o momento em que as ofertas deixaram de ser recebidas, Jesus permaneceu de pé com Seu grupo; mas quando os corredores foram novamente abertos, Ele foi para a cadeira do grande Mestre, que ficava no templo no pátio diante do santuário. Uma grande multidão se juntou a ele, entre eles muitos fariseus, e também o homem que fora curado na piscina de Betsaida. Durante dois dias inteiros, relatou o que sabia de Jesus, freqüentemente usando a expressão de que quem pudesse fazer tais obras como Ele, devia ser o Filho de Deus. É verdade que os fariseus o haviam proibido de falar, mas em vão. Como no dia anterior Jesus havia ensinado com muita ousadia no Templo, os fariseus temiam que ele os pudesse colocar em ainda maior descrédito perante o povo; e como todos os seus colegas do país ao redor, reunidos ali para a festa, apresentaram queixas e mentiras contra Jesus, decidiram aproveitar a primeira oportunidade de prendê-lo e de lhe dar sentença. Portanto, quando Jesus começou a ensinar, muitos deles o cercaram, interrompendo seu discurso com inúmeras objeções e repreensões. Perguntaram-lhe por que ele não comeu o cordeiro pascal com eles no templo, e se ele tinha oferecido hoje um sacrifício de graças. Jesus referiu-os aos chefes do banquete que tinham cumprido essa obrigação para com Ele. Então repetiram as velhas acusações, de que Seus discípulos não observavam os usos habituais, de que comiam com as mãos não lavadas e roubavam milho e frutas ao longo da estrada, de que Ele nunca foi visto oferecendo sacrifício, de que seis dias eram para trabalho e o sétimo para descanso, e ainda assim Ele havia curado aquele homem no sábado, e de que era um violador do sábado. Jesus respondeu às acusações deles com palavras severas. De sacrifício, Ele disse novamente que o próprio Filho do Homem era um sacrifício, e que eles desonravam o sacrifício por sua cobiça e suas calúnias contra seus semelhantes. Deus, prosseguiu Jesus, não desejava holocaustos, mas corações contritos; seus sacrifícios terminariam, mas o sábado continuaria a existir. De fato, existiria, mas para a utilidade do homem, para a salvação do homem. O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.

Então os fariseus questionaram Jesus sobre o assunto da parábola do pobre Lázaro, que Ele havia relatado recentemente. Perguntaram, zombando, como Ele sabia tão bem aquela história, como sabia o que Lázaro, Abraão e o homem rico haviam dito. Ele esteve com o homem rico no Inferno? Não se envergonhava de impor tais coisas ao povo? Jesus retomou novamente esta parábola e ensinou sobre ela, censurando-os por sua avareza, sua crueldade para com os pobres, sua auto-satisfeita observância de formas e costumes vazios, junto com sua total falta de caridade. Ele aplicou a história do rico glutton inteiramente a eles mesmos. Essa história é

verdadeira. O glutão era bem conhecido até sua morte, que foi terrível. Vi novamente que o rico glutão e o pobre Lázaro realmente existiam e que por sua morte haviam se tornado bem conhecidos em todo o país. Mas eles não moravam em Jerusalém, onde mais tarde suas chamadas moradias foram mostradas aos peregrinos. Morreram nos primeiros anos de Jesus, e eram muito mencionados nas famílias piedosas daquele tempo. A cidade em que moravam chamava-se Aram, ou Amtar, e ficava nas montanhas a oeste do mar da Galiléia. Eu não lembro mais toda a história em detalhes, mas ainda me lembro disto: O homem rico era muito rico. Ele vivia no alto, ocupava a primeira posição entre seus companheiros, e era um fariseu distinto, muito rigoroso na observação externa da Lei; mas, por outro lado, era extremamente severo e impiedoso para com os pobres. Vi-o repreender duramente os pobres do lugar que se dirigiram a ele, como a seu magistrado-chefe, pedindo ajuda e apoio. Havia um homem pobre e miserável no lugar chamado Lázaro. Ele estava cheio de miséria e coberto de úlceras, mas ao mesmo tempo humilde e paciente. Passando fome de pão, ele mesmo foi levado para a casa do homem rico, a fim de defender a causa dos pobres tão grosseiramente rejeitados. O homem rico estava reclinado à mesa e embriagado, mas Lázaro foi severamente rejeitado como impuro. Ele se deitava à porta pedindo apenas as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhe dava para comer. Os cães, mais misericordiosos, lambiam as suas feridas, o que significa que os pagãos eram mais misericordiosos do que os judeus. Depois disso, Lázaro morreu de uma morte muito bela e edificante. O homem rico também morreu, mas a sua morte foi terrível. Depois, ouviu-se uma voz procedente de seu túmulo, e a notícia disso se espalhou por toda a região.

Tendo Jesus terminado a parábola com a relação de verdades ocultas desconhecidas do resto dos homens, os fariseus zombaram Dele, perguntando se Ele tinha estado com Lázaro no seio de Abraão para ouvir toda essa conversa. Visto que o rico glutão tinha sido um observador dos costumes muito rigoroso e farisaico, era especialmente irritante para os fariseus que esta parábola fosse aplicada a eles mesmos, também porque nela estava implícito que não escutavam a Moisés e aos profetas. Jesus disse-lhes em palavras claras: Quem não o ouvir, não ouvirá os Profetas, pois falaram d'Ele; quem não o ouvir, não ouvirá Moisés, pois ele falou d'Ele; e mesmo se os mortos ressuscitarem, não creriam no seu testemunho a respeito d'Ele. Mas os mortos deveras deveriam ressuscitar e dar testemunho d'Ele (isso aconteceu no ano seguinte e naquele mesmo Templo, no tempo da morte de Jesus), e ainda assim eles, os fariseus, não acreditavam. Eles mesmos, continuou ele, um dia se levantarão, e ele os julgará. Tudo o que Ele fez, Seu Pai fez nele até mesmo ressuscitar os mortos. Jesus falou também de João e de seu testemunho, do qual, porém, Ele não tinha necessidade, visto que Suas próprias obras davam um testemunho ainda mais convincente de Sua missão, e o próprio Pai dava testemunho disso. Mas eles não conheciam a Deus. Queriam ser salvos pelas Escrituras, e, contudo, não guardaram os Mandamentos. Contudo, Ele não os acusaria, como disse, pois Moisés, que escreveu a respeito d'Ele, e em quem eles não crriam, faria isso.

Jesus continuou a ensinar muitas coisas em meio a repetidas interrupções. Por fim, os fariseus ficaram tão indignados que gritaram, pressionaram contra ele e mandaram chamar os guardas do templo para prendê-lo. Neste momento, de repente escureceu e, quando o alvoreço estava no auge, Jesus olhou para o céu e disse: "Pai, dá testemunho de Teu Filho!" No mesmo instante, uma nuvem escura cobriu os céus, e ressoou um forte barulho como de um trovão, e ouvi uma voz penetrante proclamando através do edifício: 'Este é o meu Filho amado, em quem tenho meu prazer.' Os inimigos de Jesus ficaram completamente atônitos, e olharam

para cima com terror. Mas os discípulos, que estavam de pé atrás de Jesus em semicírculo, começaram a se afastar e a cercar-O. Assim escoltado, Ele passou sem dificuldade pela multidão que agora se abria, para fora do lado ocidental do Templo, e para fora da cidade pelo portão do canto perto da casa de Lázaro. Prosseguiram um pouco mais ao norte, até Rama.

Os discípulos não tinham ouvido a voz, mas apenas o trovão, pois a hora deles ainda não havia chegado; mas alguns dos mais irados fariseus ouviram isso. Quando ficou novamente claro, não fizeram comentários sobre o que acabara de acontecer, mas saíram apressadamente e enviaram pessoas para prenderem a Jesus. Mas Ele não foi encontrado, e os fariseus ficaram então indignados contra si mesmos por terem sido tão surpreendidos que permitiram que Ele escapasse.

Em Suas catequeses desses dias, tanto no Templo como em Betânia, aos discípulos e à multidão ali reunida, Jesus aludiu várias vezes à obrigação de segui-Lo e de carregar a cruz atrás Dele. "Quem quiser salvar a sua vida, a perderá; e quem perder a sua vida por minha causa, a achará. Porque de que lhe serve ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Quem se envergonhar de mim perante esta geração adúltera e pecaminosa, de tal pessoa se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na glória de seu Pai, para retribuir a cada um segundo as suas obras. Jesus acrescentou que havia alguns entre os seus ouvintes que não veriam a morte até verem o Reino de Deus vir em todo o seu poder. Com estas palavras, eles zombaram dele. Não posso dizer agora o que Jesus quis dizer com isso. As palavras do Evangelho sempre soam para mim como meros títulos das principais doutrinas, pois os ensinamentos de Jesus eram muito mais extensas. Seus discursos, que muitas vezes ocupavam horas, podiam ser lidos ali em alguns minutos.

Estevão já estava em comunicação com os discípulos. Na festa em que Jesus curou o homem de Betsaida, ele se familiarizou com João, e depois disso ele andava muito com Lázaro. Ele era muito magro, de uma disposição amável, e um estudioso da Lei Sagrada. Ele estava neste tempo em Betânia com vários outros discípulos de Jerusalém, e ouvia os ensinamentos de Jesus.

## Jesus em Ataroth e Hadad-Rimom

De Rama, Jesus foi com os discípulos a Tânate-Silo, perto de Sicar. Visto que todos os fariseus estavam ausentes na festa em Jerusalém, Jesus foi recebido com grande alegria em Tanate. Apenas os idosos e os enfermos, as mulheres e as crianças ficaram em casa na festa, também os pastores idosos com seus rebanhos. Em Rama e Thanath, vi as pessoas em procissão atravessando os campos de milho, cortando feixes de grãos e carregando-os em um poste para suas casas e sinagogas. Aqui e ali, nos campos, e também em Tânate-Silo, onde passaram a noite, Jesus ensinou e fez alusão ao Seu fim iminente. Ele chamou todos a si mesmo para buscar consolo, e falou do sacrifício mais agradável a Deus, a saber, um coração contrito.

De Tânate-Silo, Jesus foi a Ataroth, ao norte da montanha perto de Meroz, onde os fariseus lhe trouxeram um homem morto para ser curado. O lugar ficava a cerca de quatro horas a norte de Tanate-Silo. Jesus chegou a Ataroth por volta do anoitecer. Ele ensinou no monte fora da cidade, aonde uma multidão de idosos e doentes, mulheres e crianças o seguiram. Todos os doentes, e outros que tinham medo perante os fariseus, agora faziam a sua aparição implorando ajuda e consolo. Os fariseus e os saduceus de Ataroth ficaram tão indignados com Jesus que, certa vez, quando souberam que Ele estava na vizinhança deles, fizeram fechar os portões da cidade. Jesus ensinou em termos muito severos, embora ao mesmo tempo com muito amor, e advertiu o povo pobre contra a iniquidade dos fariseus. Ele continuou

a falar em termos claros de Sua missão, de Seu Pai Celestial, da perseguição que logo O alcançaria, da ressurreição dos mortos, do julgamento e de segui-Lo. Ele curou muitos doentes: aleijados, cegos, hidropéticos, crianças doentes e mulheres afligidas de hemorragia. Os discípulos haviam preparado para o seu Mestre uma hospedaria fora de Ataroth, perto de um simplório professor de escola, um homem idoso, que morava ali entre os jardins. Jesus e Seus discípulos lavaram os pés, tomaram alguns refrescos e se dirigiram à sinagoga de Ataroth para celebrar o sábado. Havia ali congregados muitos que haviam vindo de todo o país, bem como todos os que haviam sido curados. Um idoso fariseu, um aleijado, que não tinha ido a Jerusalém, presidia a sinagoga. Fazia-se de grande, embora para o povo fosse um objeto de escárnio. As lições bíblicas do dia consistiam em passagens referentes à impureza legal contraída pelo parto, à lepra, à multiplicação do pão das primícias e do milho novo por Eliseu e à cura de Naamã. 1

Jesus havia ensinado por muito tempo, quando se virou para onde as mulheres estavam, e chamou-lhe uma viúva pobre e aleijada. Suas filhas a levaram à sinagoga e a colocaram no lugar que ela costumava ocupar. Nunca lhe ocorreu pedir ajuda, embora estivesse doente há dezoito anos. Ela estava aleijada da cintura. Quando andava, a parte superior de sua pessoa era tão inclinada para a terra que quase podia andar sobre as mãos. Jesus dirigiu-se a ela enquanto suas filhas a conduziam a Ele: "Mulher, estás livre da tua enfermidade!" E pôs a mão nas costas dela. Ela levantou-se como uma vela, e começou a louvar a Deus: "Bendito seja o Senhor Deus de Israel!" Então ela se prostrou aos pés de Jesus, e todos os presentes louvaram a Deus.

Mas o velho malandro deformado estava zangado por tal milagre ter acontecido em Ataroth durante o tempo do seu domínio. Não ousando expor-se ao que poderia resultar de um ataque direto contra Jesus, ele se virou para o povo e, com um ar de grande autoridade, começou a achar falhas e a dizer: "Há seis dias em que podemos trabalhar. Venham e sejam curados, mas não no dia de sábado! Jesus respondeu: "Hipócrita! Não solta cada um de vós o seu boi ou o seu jumento da manjedoura, no dia de sábado, e o leva a beber água? E esta mulher, filha de Abraão, a qual Satanás manteve presa há dezoito anos, não deveria ser libertada desse laço? O fariseu aleijado e seus seguidores ficaram envergonhados, ao passo que o povo louvava a Deus e se regozijava com os milagres.

Foi verdadeiramente comovente ver as filhas e alguns rapazes pertencentes à sua família expressar sua alegria ao redor da mulher curada. Sim, todos os habitantes se regozijaram, pois ela era rica, amada e estimada na cidade. Era risível, embora ao mesmo tempo lamentável, ver o fariseu aleijado, em vez de desejar alívio para si mesmo, enfurecer-se com a cura da piedosa mulher deformada. Jesus continuou com Sua instrução no sábado, e falou em termos tão severos como os que havia usado no templo, por ocasião da sua reprovação por ter curado o homem na piscina de Betsaida. Ele passou a noite com o mestre de escola fora de Ataroth, e no dia seguinte visitou a casa da mulher curada, que alimentava muitos pobres e dava grandes esmolas. Depois disso, Ele fechou os serviços de sábado na sinagoga, e avançou um par de horas para uma pousada perto de Ginnim.

No dia seguinte, Ele e os discípulos viajaram cerca de oito horas em direção ao norte, através do vale de Esdrelon e atravessaram o riacho Quisom até Hadad-Rimom, deixando Endor, Jezreel e Naim à direita. Rimom ficava, no máximo, a uma hora a leste de Mageddo, não muito longe de Jezreel e de Naim, cerca de três horas a oeste de Tabor, e a sudoeste, a aproximadamente a mesma distância de Nazaré. Era uma cidade bastante importante e populosa, pois uma estrada, tanto militar como comercial, passava por ela, de Tiberíades até a costa. Jesus hospedou-se

numa hospedaria fora da cidade. Ensinou por todo o caminho e, aqui e ali, curou pastores e outros pobres doentes. O tema daquelas catequeses foi o amor ao próximo. Ele ordenou aos Seus ouvintes que amassem os samaritanos e todos os homens. Ele também explicou a parábola do samaritano misericordioso.

Em Hadad-Rimom Jesus ensinou principalmente a respeito da ressurreição dos mortos e do julgamento. Ele curou os doentes. Uma grande multidão de pessoas veio a Suas catequeses. Estavam em Jerusalém, mas chegaram lá apenas no dia seguinte à partida de Jesus. Os apóstolos e discípulos ensinaram nos lugares circunvizinhos.

No dia seguinte à partida de Jesus de Jerusalém, Pilatos havia proibido os zelosos galileus de deixarem a cidade sob pena de morte, embora estivessem ansiosos por fazê-lo. Muitos deles tinham sido presos como reféns. Pouco depois, Pilatos libertou os últimos e deu permissão a todos de fazerem suas ofertas no Templo e de deixarem a cidade. Ele mesmo, por volta do meio-dia, fez os preparativos para sua própria partida para Cesareia. Os galileus presos não ficaram menos surpresos do que encantados com a restauração de sua liberdade. Correram para o Templo para oferecer o sacrifício de expiação, pois haviam incorrido em culpa e ainda não haviam oferecido sacrifício pela mesma.

Era costume naquele dia trazer todos os tipos de presentes para o Templo. Muitos compravam um animal e o traziam para ser sacrificado, ao passo que outros (e estes eram os mais numerosos) vendiam os objetos de que não precisavam e depositavam o dinheiro na caixa destinada a tais ofertas. Os ricos forneciam aos seus vizinhos mais pobres os meios para fazer suas ofertas. Vi três caixas diferentes para este propósito, e por cada uma delas eram dadas instruções, enquanto alguns dos adoradores estavam ocupados com suas devoções. Outros estavam no local do abate com os seus animais para sacrifício. O Templo estava bastante lotado, mas não transbordando. Vi em diferentes lugares pequenos grupos de israelitas inclinados em adoração, ou de pé, ou prostrados no chão, com a cabeça coberta de manto de oração.

Judas, o galonita, estava de pé perto de uma das caixas de esmolas, cercado por seus seguidores, os galileus que Pilatos havia encarcerado e depois libertado. Alguns deles eram meros enganadores, outros instrumentos astutos dos herodianos. Muitos deles eram da Gália, mas um número ainda maior era de Tirza, seus arredores, e outros lugares infestados de herodianos. Agora, quando essas pessoas fizeram as ofertas de dinheiro e se perderam em suas devoções, não se desviando para a direita nem para a esquerda, vi cerca de dez homens roubando-os de todos os lados. Quando se aproximaram, tiraram de debaixo dos seus mantos espadas de três ares, com cerca de um quilo de comprimento, com as quais esfaquearam os mais próximos dos adoradores. Então surgiu um grito terrível. As pessoas indefesas fugiram confusas em todas as direções, perseguidas por aqueles que eu tinha visto ajoelhados e envoltos em seus mantos. Eram romanos disfarçados, e atacavam e esfaqueavam todos os que encontravam. Muitos deles se apressaram para as caixas de esmolas, e rasgaram os sacos de dinheiro; todavia, não levaram tudo, uma boa parte ficou lá. O tumulto foi tão grande que uma quantia considerável de dinheiro foi jogada ao redor do Templo. Os romanos, então, apressaram-se para o local da matança, e esfaquearam os galileus ali. Vi esses soldados romanos saírem de todos os cantos do edifício, até mesmo pulando para dentro e para fora das janelas. Como quando o grito de assassinato foi levantado, todos os que estavam no Templo correram em confusão para escapar, muitas pessoas inofensivas pertencentes a Jerusalém foram mortas no tumulto, bem como algumas das pessoas pobres que vendiam alimentos no pátio e nas recessões das

paredes. Vi alguns galileus numa passagem escura a tentar salvar-se. Eles haviam derrotado alguns dos soldados romanos e tirado-lhes as armas. E agora entrou Judas o Gaulonita na mesma passagem da entrada oposta. Ele também estava tentando escapar. Os outros galileus o tomaram por romano e perfuraram-no com suas armas, apesar de seus gritos de que ele era Judas, pois a confusão era tão grande, devido à semelhança de roupas entre os assassinos e suas vítimas, que eles atacavam indiscriminadamente a todos que encontravam. O massacre durou cerca de uma hora. Os habitantes, armados com armas, começaram agora a se aglomerar no Templo, após o que os soldados romanos se retiraram apressadamente e se fecharam na fortaleza de Antonia. Pilatos já havia ido embora, a guarnição havia tomado posse de todos os pontos da cidade capazes de ser defendidos, e todas as vias de comunicação foram tomadas e cortadas.

Olhei para baixo, da altura vertiginosa de um lado do Templo, para as ruas estreitas abaixo, e ali vi mulheres e crianças frenéticas correndo de casa em casa. Tinham acabado de receber a notícia do assassinato de maridos e pais, pois muitas das pessoas pobres que moravam na vizinhança do Templo, vendedores ambulantes e trabalhadores diários, haviam sido mortas na briga. A confusão no Templo era assustadora, e as pessoas corriam para fora por todas as lacunas. Anciãos e superintendentes, homens armados e fariseus todos

vieram em bando. Ao redor haviam cadáveres, sangue e moedas espalhadas, enquanto os feridos e os moribundos jaziam no chão gemendo e encharcados de sangue. Logo apareceram na cena os parentes daqueles que pertenciam a Jerusalém e que haviam sido assassinados acidentalmente, e de todos os lados surgiram lamentos, gritos de indignação, fúria e angústia. Os fariseus e os sumos sacerdotes ficaram aterrorizados, pois o Templo havia sido terrivelmente profanado. Os sacerdotes não se atreviam a entrar por medo de se contaminarem com os mortos. A Festa foi consequentemente interrompida.

Vi os cadáveres dos Jerusalémitas massacrados envoltos em lençóis, postos sobre andares, e levados pelos seus parentes chorosos; os dos outros foram removidos por escravos inferiores. Tudo o mais - gado, comidas, móveis de todos os tipos - tinha de ser deixado no Templo, porque tudo era impuro agora. Todos se retiraram, exceto os guardas e os trabalhadores. As vítimas eram mais numerosas do que as da queda do edifício durante a construção do aqueduto. Com exceção do povo inocente de Jerusalém, os massacrados eram, na sua maior parte, adeptos de Judas, o gaulonita, que havia declarado tão zelosamente contra o imposto imperial e a contribuição para o aqueduto cobrado, ao contrário dos privilégios do Templo, sobre o dinheiro oferecido em sacrifício. Foram estas pessoas que tão corajosamente se opuseram às propostas de Pilatos, e que também mataram alguns soldados romanos na disputa que então ocorreu. Pilatos, ao atacá-los desarmados, vingou a morte de seus soldados, bem como descarregou sua vingança sobre Herodes pela destruição maliciosa da torre por este último. Havia entre as vítimas muitos de Tiberíades, Galo, Alta Galiléia e Cesareia de Filipe.

## A Transfiguração no Monte Tabor

Da hospedagem perto de Hadad-Rimom, Jesus foi com alguns dos discípulos para o leste, até Kislot-Tabor, que ficava aos pés de Tabor, para o sul, a cerca de três horas de Rimom. No caminho para lá, Ele era acompanhado, de vez em quando, pelos discípulos que retornavam de sua missão. Em Kislóth, outra grande multidão de viajantes que tinham vindo de Jerusalém novamente se ajuntou ao seu redor. Ele ensinou, e depois curou os doentes. Ao anoitecer, ele mandou os discípulos

imediatamente e saiu ao redor do monte, para ensinar e curar. Tomando consigo Pedro, João e Tiago, o Maior, ele subiu ao monte por um caminho de pedestres. Eles passaram quase duas horas subindo, pois Jesus freqüentemente parava nas diferentes cavernas e lugares memoráveis pela estadia dos Profetas. Ali Ele lhes explicou muitos mistérios e se uniu a eles em oração. Não tinham provisões, pois Jesus lhes havia proibido de trazer alguma coisa, dizendo que deviam saciar-se até transbordar. A vista do cume da montanha se estendia por toda parte. Nele havia um grande espaço aberto cercado por uma parede e árvores de sombra. O chão estava coberto de ervas aromáticas e flores de cheiro doce. Escondido numa rocha havia um reservatório, que ao girar uma torneira derramava água espumante e muito fria. Os apóstolos lavaram os pés de Jesus e depois os seus, e refrescaram-se. Então Jesus retirou-se com eles para uma caverna profunda atrás de uma rocha que formava, por assim dizer, uma porta para a caverna. Era como a gruta no Monte das Oliveiras, para onde Jesus tantas vezes se retirava para orar, e de onde se descia até uma abóbada.

Jesus continuou ali Suas instruções. Falou de ajoelhar-se para orar, e disse-lhes que de dali em diante deviam orar fervorosamente com as mãos levantadas. Ele também lhes ensinou a intercalar o Pai Nosso, às várias orações com versículos dos Salmos, e eles os recitavam meio ajoelhados, meio sentados ao seu redor em semicírculo. Jesus ajoelhou-se oposto a eles, apoiando-se em uma rocha proeminente, e de vez em quando interrompeu a oração com instruções maravilhosamente profundas e doces sobre os mistérios da Criação e Redenção. Suas palavras eram extraordinariamente amorosas, como as de alguém inspirado, e os discípulos ficaram inteiramente embriagados por elas. No início de Sua instrução, Ele havia dito que lhes mostraria quem Ele era, para que O contemplassem glorificado, para que não vacilassem na fé quando Seus inimigos O zombassem e O maltratassem, quando O contemplassem na morte despojado de toda glória.

O sol se pôs e estava escuro, mas os apóstolos não haviam notado o fato, de modo que as palavras e a atitude de Jesus eram fascinantes. Tornou-se cada vez mais brilhante, e aparições de espíritos angélicos pairavam em volta Dele. Pedro os viu, pois interrompeu a Jesus com a pergunta: "Mestre, o que significa isto?" Jesus respondeu: "Eles me servem!" Pedro, completamente fora de si, estendeu as mãos, exclamando: "Mestre, não estamos aqui? Nós seremos Tu em todas as coisas! Jesus começou novamente Suas instruções, e junto com as aparições angélicas fluíram fluxos alternados de perfumes deliciosos, de deleites celestiais e contentamento sobre os Apóstolos. Jesus, entretanto, continuou a brilhar com esplendor cada vez maior, até que se tornou como se fosse transparente. O círculo em torno deles era tão iluminado na escuridão da noite que cada pequena planta poderia ser distinguido no gramado verde como se em plena luz do dia. Os três apóstolos foram tão penetrados, tão arrebatados que, quando a luz atingiu um certo grau, cobriram suas cabeças, prostraram-se no chão, e permaneceram ali deitados.

Eram cerca de meia-noite quando vi esta glória no seu auge. Vi um caminho brilhante que chegava do Céu à terra, e nele espíritos angélicos de diferentes cores, todos em constante movimento. Alguns eram pequenos, mas de forma perfeita; outros eram apenas rostos espiando para fora da luz brilhante; alguns estavam vestidos de sacerdotes, enquanto outros pareciam guerreiros. Cada um tinha alguma característica especial diferente da dos outros, e de cada um irradiava algum refrigério, força, deleite e luz especiais. Estavam em constante ação, em constante movimento.

Os apóstolos ficaram em êxtase, e não em sono, prostrados em seus rostos. Então vi três figuras brilhantes aproximando-se de Jesus na luz. A sua vinda parecia

perfeitamente natural. Era como a de alguém que sai da escuridão da noite para um lugar brilhantemente iluminado. Dois deles apareceram numa forma mais definida, uma forma mais parecida com a corpórea. Dirigiram-se a Jesus e conversaram com Ele. Eram Moisés e Elias. A terceira aparição não disse nada. Era mais etéreo, mais espiritual. Era o Malaquias.

Ouvi Moisés e Elias cumprimentarem Jesus, e ouvi-O a falar-lhes da Sua Paixão e da Redenção. O fato de estarem juntos parecia perfeitamente simples e natural. Moisés e Elias não pareciam velhos nem envelhecidos como quando deixaram a terra. Eles estavam, pelo contrário, na flor da juventude. Moisés - mais alto, mais grave e mais majestoso do que Elias - tinha na testa algo como duas protuberâncias. Ele estava vestido com uma longa túnica. Ele parecia um homem resoluto, como alguém que poderia governar com rigor, embora ao mesmo tempo ele carregava a impressão de pureza, retidão e simplicidade. Ele disse a Jesus como se regozijava em ver Aquele que o havia conduzido a si e ao seu povo para fora do Egito, e que agora estava mais uma vez prestes a redimi-los. Ele se referiu aos numerosos tipos do Salvador em seu próprio tempo, e proferiu palavras profundamente significativas sobre o cordeiro pascal e o Cordeiro de Deus. Elias era o oposto de Moisés. Ele parecia ser mais refinado, mais amável, de um temperamento mais doce. Mas tanto Elias como Moisés eram muito diferentes da aparência de Malaquias, pois no primeiro se podia traçar algo humano, algo terreno em forma e semblante; sim, havia até mesmo uma semelhança de família entre eles. Malaquias, porém, parecia bem diferente. Havia em sua aparência algo sobrenatural. Parecia um anjo, a personificação da força e do repouso. Ele era mais tranquilo, mais espiritual do que os outros.

Jesus falou-lhes de todos os sofrimentos que Ele tinha suportado até o presente, e de todos os que ainda O esperavam. Ele contou a história de Sua Paixão em detalhes, ponto por ponto. Elias e Moisés freqüentemente expressaram sua emoção e alegria. Suas palavras estavam cheias de simpatia e de consolação, de reverência pelo Salvador e de louvores ininterruptos a Deus. Referiram-se constantemente aos tipos dos mistérios de que Jesus falava, e louvaram a Deus por ter desde toda a eternidade tratado com misericórdia a Seu povo. Mas Malaquias ficou em silêncio.

Os discípulos levantaram a cabeça, olharam por muito tempo para a glória de Jesus e viram Moisés, Elias e Malaquias. Quando, ao descrever Sua Paixão, Jesus chegou à Sua exaltação na Cruz, Ele estendeu os braços para as palavras: "Assim será levantado o Filho do Homem!" Seu rosto estava voltado para o sul, Ele estava inteiramente penetrado pela luz, e Sua túnica brilhava com um brilho branco azulado. Ele, os Profetas e os três Apóstolos foram todos levantados acima da terra. E agora os Profetas separaram-se de Jesus, Elias e Moisés desapareceram para o leste, Malaquias para o oeste na escuridão. Então Pedro, arrebatado de alegria, exclamou: "Mestre, é bom para nós estarmos aqui! Façamos aqui três tendas: um para ti, um para Moisés, e um para Elias! Pedro quis dizer que eles não precisavam de outro Céu, pois o lugar onde estavam era tão doce e abençoado. Por tendas, ele quis dizer lugares de descanso e honra, as moradas dos santos. Ele disse isso no delírio de sua alegria, em seu estado de êxtase, sem saber o que estava dizendo.

Quando eles voltaram ao seu estado de vigília habitual, uma nuvem de luz branca desceu sobre eles, como o orvalho da manhã flutuando sobre os prados. Vi os céus abertos acima de Jesus e a visão da Santíssima Trindade, Deus Pai sentado num trono. Ele parecia um idoso sacerdote, e a Seus pés estavam multidões de anjos e figuras celestiais. Um fluxo de luz desceu sobre Jesus, e os apóstolos ouviram acima deles, como um doce e suave suspiro, uma voz pronunciando as palavras: "Este é o meu Filho amado, em quem tenho muito prazer. Ouçam-no! O medo e o tremor caíram sobre eles. Vencidos pelo sentimento de sua própria fraqueza humana e pela

glória que contemplaram, lançaram-se de rosto para baixo sobre a terra. Tremiam na presença de Jesus, em cujo favor haviam acabado de ouvir o testemunho de Seu Pai Celestial.

Jesus foi ter com eles, tocou-os, e disse: "Levantai-vos, e não tendes medo!" Levantaram-se, e viram a Jesus sozinho. Já se aproximava das três da manhã. O amanhecer cinzento brilhava nos céus e os vapores úmidos pairavam sobre o país ao redor do pé da montanha. Os apóstolos ficaram em silêncio e intimidados. Jesus disse-lhes que Ele lhes permitira contemplar a Transfiguração do Filho do Homem, a fim de fortalecer sua fé, para que não vacilassem quando O vissem entregue pelos pecados do mundo nas mãos dos malfeitores, para que não se escandalizassem quando testemunhassem Sua humilhação, e para que naquele tempo fortalecessem seus irmãos mais fracos. Ele novamente aludiu à fé de Pedro, que, iluminado por Deus, foi o primeiro de Seus seguidores a penetrar no mistério de Sua Divindade, e falou da rocha sobre a qual Ele iria construir Sua Igreja. Daí, uniram-se novamente em oração, e, à luz da manhã, desceram pelo lado noroeste da montanha.

lançou à terra, onde ele se contorcia em contorções temerosas, com a boca a borbulhar de espuma. Jesus ordenou-lhe que se calasse, e ele ficou quieto. Então Jesus perguntou ao pai: "Há quanto tempo ele está assim? " Ele respondeu: "Desde a infância. Se puderes, ajuda-nos! Tenha piedade de nós! Jesus respondeu: "Se podes crer, pois todas as coisas são possíveis para aquele que crê!" E o pai, chorando, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda a minha incredulidade!"

Ao ouvir estas palavras proferidas em voz alta, o povo, que permanecia tímidamente de pé à distância, aproximou-se. Jesus levantou Sua mão de maneira ameaçadora para o menino e disse: "Ó espírito mudo e impuro, eu te ordeno que saias dele e nunca mais volte a entrar nele!" E o espírito, clamando, convulsionou-o violentamente, e saiu dele, deixando-o pálido e imóvel como morto. Tentaram em vão restaurar-lhe a consciência, e muitos da multidão gritaram: "Está morto! Ele está mesmo morto! Mas Jesus pegou-o pela mão, levantou-o bem e com alegria, e devolveu-o ao pai com algumas palavras de admoestação. Este último agradeceu a Jesus com lágrimas e cânticos de louvor, e todos os observadores abençoaram a majestade de Deus. Esta cena ocorreu cerca de um quarto de hora a leste daquele pequeno lugar perto de Tabor, onde Jesus, no ano anterior, havia curado o proprietário leproso, aquele que havia enviado seu menino servo atrás d'Ele.

Jesus então prosseguiu o seu caminho com os discípulos. Passaram perto de Caná, atravessaram o vale dos Banhos de Betulia e chegaram à pequena cidade de Dothain, a três horas de Cafarnaum. Eles tomaram principalmente as estradas secundárias, a fim de escapar das multidões que retornavam em tropas de Jerusalém. Jesus e os seus discípulos iam em grupos. Jesus andava às vezes sozinho, às vezes com este ou aquele grupo. Os apóstolos que haviam sido testemunhas de Sua Transfiguração se aproximaram de seu Mestre no caminho, e O questionaram sobre as palavras: "Até que o Filho do homem ressuscite dos mortos", que ainda eram para eles um assunto de reflexão e discussão. Argumentaram: Os escribas realmente dizem que Elias deve vir novamente antes da Ressurreição. Jesus respondeu: "É verdade que Elias há de vir e restaurar todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele o que quiseram, como está escrito sobre ele. Assim também o Filho do Homem sofrerá por eles. Jesus disse várias outras coisas, e os apóstolos compreenderam que ele falava de João Batista.

Quando todos os discípulos se reuniram de novo ao redor de Jesus na pousada em Dotan, perguntaram-lhe por que não tinham podido livrar o rapaz lunático do demônio. Jesus respondeu: "Por causa da vossa incredulidade. Pois, em verdade vos digo, se tiverdes fé como um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: 'Mova-te daqui para cá', e ela se moverá, e nada vos será impossível. Mas este tipo de demônio só é expulso pela oração e pelo jejum. Daí, instruiu-os sobre o que era necessário para vencer a resistência dos demônios. A fé dá vida e poder à ação, ao mesmo tempo em que obtém sua própria força do jejum e da oração. Aquele que jejuou e orou privou o demônio que deseja expulsar de seu poder, poder que o exorcista atrai, por assim dizer, para dentro de si.

## Jesus em Cafarnaum e seus Arredores

Jesus partiu de Dotan por um caminho direto para Cafarnaum, onde a festa do retorno a casa era solenemente celebrada. Jesus e os discípulos foram convidados para uma festa em que alguns fariseus também participavam. Quando estavam prestes a tomar seus lugares à mesa, o discípulo Manaém, da Coreia, apresentou-se diante de Jesus, e com ele um jovem de Jericó, de boa educação. Jesus já havia

rejeitado este último, mas novamente pediu para ser recebido entre os discípulos. Ele tinha se inscrito em Manahem, porque o conhecia. Tinha grandes propriedades em Samaria, das quais Jesus lhe havia dito algum tempo antes que renunciasse. Tendo organizado seus assuntos e dividido seus bens entre seus parentes, ele voltou agora a Jesus pela segunda vez. Ele tinha, no entanto, reservado uma propriedade para seu próprio suporte, sobre o qual ele era extremamente solícito. Foi por esta razão que Jesus recusou seu pedido, e ele foi-se embora indignado. Os fariseus ficaram escandalizados, pois estavam a favor do jovem. Eles censuraram a Jesus, dizendo que Ele era destituído de caridade; que Ele falava dos fardos insuportáveis impostos pelos fariseus, e, todavia, Ele mesmo colocava sobre os outros fardos igualmente insuportáveis. Este jovem, continuaram, era instruído, mas Jesus favorecia apenas os ignorantes. Ele negou aos homens as necessidades da vida, e ainda sancionou a violação de costumes há muito estabelecidos. Mais uma vez apresentaram suas antigas acusações, de quebrar o sábado, de colher o milho, de negligenciar a lavagem das mãos, etc., mas Jesus os confundiu.

Enquanto Jesus estava hospedado na casa de Pedro, alguns homens de Cafarnaum disseram a Pedro lá fora: "Não paga o vosso mestre o imposto, as duas dirâmias?" Pedro respondeu: "Sim". E, quando entrou na casa, Jesus disse-lhe: "Que te parece, Simão? Os reis da terra, de quem recebem eles tributos ou impostos? Dos seus próprios filhos, ou dos estranhos? Pedro respondeu: "Dos estranhos". E Jesus respondeu: "Então, os filhos estão livres. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança um gancho e pega o primeiro peixe que levantar, e quando abrires a boca dele, encontrarás um cetro. Toma isso e dá-lhes por mim e por ti! Pedro foi com simples fé à sua pesca, lançou um dos ganchos sempre prontos para uso, e com ele puxou um peixe muito grande. Ele tocou na sua boca, e encontrou uma moeda amarelada oblonga, com a qual pagou o tributo para Jesus e para si mesmo. O peixe era tão grande que deu a toda a companhia uma refeição abundante.

Depois disso, Jesus perguntou aos discípulos sobre que assunto haviam conversado no caminho de Dotan a Cafarnaum. E eles ficaram calados, porque haviam discutido entre si qual deles era o maior. Jesus, porém, conhecia os seus pensamentos, e disse: "Quem de vós quiser ser o primeiro, seja o último e o servo de todos".

Depois do jantar, Jesus, os doze e os discípulos foram a Cafarnaum, onde era celebrada uma festa em honra daqueles que tinham voltado de Jerusalém. As ruas e as casas eram adornadas com flores e guirlandas. Crianças e idosos, mulheres e eruditos saíram ao encontro dos viajantes retornados, que marchavam em multidões pelas ruas como em procissão, e visitavam as casas de seus amigos e personagens principais da cidade. Os fariseus e muitos outros, de vez em quando, juntavam-se a Jesus e aos discípulos e andavam com eles.

Jesus visitou as casas dos pobres e de muitos de Seus amigos, e eles apresentaram-lhe as crianças, a quem Ele abençoou e a quem Ele deu alguns presentes. No mercado, de um lado do qual se erguia a antiga, do outro a nova sinagoga construída por Cornélio, havia casas com pórticos na frente. Ali, as crianças da escola e as mães com os seus pequeninos estavam reunidas para saudar a Jesus. Jesus havia ensinado em diferentes lugares ao longo do caminho, e ali Ele abençoou e ensinou as crianças. Ele mandou que pequenas túnicas fossem distribuídas entre eles, tanto aos ricos como aos pobres. Foram preparados pelas empregadas da Comunidade e trazidos até ali pelas santas mulheres de Jerusalém. As crianças também receberam frutas, tábuas de escrita e outros presentes. Tendo os discípulos perguntado novamente quem seria o maior no Reino dos Céus, Jesus chamou a Ele uma senhora rica, a esposa de um mercador, que estava com seu filho de quatro anos de idade na porta de sua casa próxima. Ela tirou o véu e avançou

com o menino. Jesus o tomou dela, e ela imediatamente voltou. Então Jesus abraçou o menino, colocou-o diante d'Ele no meio dos discípulos e das multidões de crianças que estavam ao redor, e disse: "Quem não se tornar como as crianças, não entrará no Reino dos Céus! Quem receber uma criança como esta em meu nome, recebe a mim, sim, antes, recebe aquele que me enviou. E quem se humilhar como esta criança, é o maior no Reino dos Céus.

João interrompeu Jesus quando Ele falou em receber em Seu nome. Os discípulos haviam verificado certo homem que, embora não estivesse entre eles, havia, todavia, expulso demônios em nome de Jesus. Jesus os repreendeu por isso e continuou a dar-lhes instruções por algum tempo mais. Então Ele abençoou o menino, que era muito adorável, deu-lhe algumas frutas e uma pequena túnica, fez um sinal para a mãe, e devolveu-lhe o filho com algumas palavras proféticas a respeito de seu futuro, que só foram compreendidas em um período posterior. O menino tornou-se discípulo dos Apóstolos e foi chamado Inácio. Ele foi depois bispo e mártir.

Durante toda a procissão e o ensino de Jesus, uma mulher velada seguiu-o na multidão. Ela parecia estar fora de si com emoção e alegria. Com as mãos juntas, ela freqüentemente pronunciava as palavras em voz baixa, de modo que as mulheres que estavam perto dela ficaram profundamente tocadas e movidas à devoção: "Bendito o ventre que te deu à luz! Bem-aventurados os seios que Te amamentaram! Mas muito mais abençoados são os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam! Ela disse essas palavras com abundantes lágrimas e com um movimento tocante das mãos. Eles saíam do íntimo de seu coração a cada pausa que Jesus fazia, a cada expressão marcante que saía de Seus lábios, e isso com extraordinária emoção, amor e admiração. Ela teve um interesse inexprimivelmente infantil e absorvente na vida, na carreira, nos ensinamentos tão cheios de amor do Redentor. Era Lia, esposa de um fariseu malicioso pertencente a Cesaréia de Filipe, e irmã do falecido marido de Enoé, a mulher (também de Cesaréia de Filipe) que havia sido curada da emissão de sangue. Foi ela que, em uma ocasião anterior, exclamara em uma das instruções de Jesus: "Bem-aventurado o ventre, etc"., e a quem Jesus respondeu: "Mas ainda mais bem-aventurados são os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam!" Desde então, ela havia juntado a resposta de Jesus com suas próprias palavras de admiração. Elas estavam constantemente em seus lábios, e tinha se tornado para ela uma oração de amor e devoção. Ela tinha vindo ali para visitar as santas mulheres, e tinha feito muitos presentes ricos para a Comunidade.

Jesus continuou a ensinar na praça até que o sábado começou, quando voltou a entrar na sinagoga para ensinar. A Lição do Sábado foi sobre a purificação do leproso, e a fome de Samaria que cessou tão repentinamente de acordo com as palavras proféticas de Eliseu.

Jesus, os Apóstolos e alguns dos discípulos foram para Betsaida, onde também vieram muitos dos outros discípulos, alguns de missões, outros de suas casas. A maioria deles vinha do outro lado do lago, de Decápolis e Gerasa. Estavam muito fatigadas, e precisavam muito de cuidados e atenção. Foram carinhosamente recebidos na praia por seus companheiros discípulos, que os abraçaram e os serviram de todas as maneiras. Foram conduzidos até a casa de André, onde lhes lavaram os pés, prepararam banhos para eles, providenciaram roupas novas e prepararam uma refeição.

Enquanto Jesus estava muito ocupado em dar-lhes uma ajuda no serviço, Pedro suplicou-Lhe que desistisse. "Senhor", disse ele, "Você vai servir! Deixe isso para nós. Mas Jesus respondeu que fora enviado para servir, e que o que era feito para esses discípulos era feito para Seu Pai. E novamente Seu ensinamento virou-se para

a humildade. Aquele que é o menor, aquele que serve a todos os outros... será o maior. Mas, quem não serve por motivo de caridade, quem se abaixa para ajudar seu próximo, para consolar um irmão necessitado, mas para ganhar distinção a esse custo, é um traidor duplo, um servo para o olhar. Ele já tem a sua recompensa, pois serve a si mesmo e não ao seu irmão. Havia nesta ocasião talvez setenta discípulos presentes, e havia ainda alguns outros em Jerusalém e nos arredores.

Jesus entregou aos Apóstolos e discípulos um ensinamento profundamente significativo e maravilhoso, na qual Ele disse claramente que Ele não foi concebido pelo homem, mas pelo Espírito Santo. Ele falou com grande reverência de Sua Mãe, chamando-a de a mais pura, a mais santa das criaturas, um vaso de eleição, após a qual por milhares de anos os corações dos devotos haviam suspirado e as línguas dos profetas haviam orado. Ele explicou o testemunho de Seu Pai Celestial no momento de Seu batismo, mas Ele não fez nenhuma menção disso em Tabor. Ele falou do tempo presente como feliz e santo, desde que Ele veio, e declarou que o relacionamento entre Deus e o homem foi mais uma vez restaurado. Ele se referiu, com palavras muito profundas, à Queda do homem, à sua separação do Pai Celestial e ao poder de Satanás e dos espíritos malignos sobre ele. Ele disse que, por Seu próprio nascimento da mais pura, da mais esperada das virgens, o Reino e o poder de Deus entre os homens tomaram nova vida, e que por Ele e nEle todos deveriam novamente se tornar filhos de Deus. Através d'Ele, tanto na ordem da natureza como da graça, foi novamente estabelecida a ligação, a ponte entre Deus e o homem, mas quem quer que desejasse atravessar aquela ponte tinha de fazê-lo com Ele e n'Ele, tinha de deixar para trás os prazeres terrenos e deste mundo. Ele disse que o poder dos espíritos malignos sobre o mundo e a humanidade, bem como sua participação nele, foi por Ele mesmo reduzido a nada, e que toda a miséria resultante dessa influência diabólica sobre a natureza e a humanidade poderia, em Seu nome, ser esmagada pela união interior com Ele por meio da fé e do amor. Jesus falou sobre estas coisas com muita sinceridade e veemência. Os discípulos não compreenderam tudo o que ele disse, e tremaram quando ele falou da sua paixão. Os três Apóstolos que haviam estado com Ele em Tabor tinham, desde então, sido muito graves e meditativos.

Tudo isso ocorreu durante e depois do sábado. Alguns dos discípulos ficaram em Cafarnaum, outros em casa de Pedro, fora da cidade. Todas as despesas foram cobertas pelas ações ordinárias. Era quase como uma comunidade religiosa.

No dia seguinte ao sábado, Jesus foi com os discípulos de Cafarnaum, para o norte, até o monte de onde Ele os havia enviado em sua primeira missão. Ele viajou por cerca de duas horas entre os camponeses que cortavam milho e entre os pastores, uma vez instruindo essas pessoas, outra vez os discípulos. Era apenas a época da colheita.

O milho era mais alto que um homem. Cortavam-na a uma altura conveniente, cerca de meio braço de comprimento. As espigas eram mais longas e mais grossas do que as do nosso milho e, para que os caules não pudessem afundar sob sua carga, os campos eram, em intervalos curtos, providos de cercas de estacas. Tinham uma espécie de foice mais parecida com a de um pastor do que a nossa. Com a mão direita, eles cortaram um punhado de caules, que eles mantinham contra o peito com a esquerda, e assim dirigido que eles caíam em seus braços. Depois as amarravam em pequenos feixes. Era um trabalho árduo, mas eles o realizavam muito rapidamente. Tudo o que caía no chão pertencia aos pobres colhedores que seguiam os segadores.

Durante as pausas para descansar, Jesus instruiu os trabalhadores. Perguntou-lhes quanto semeavam, quanto colhiam, a quem pertencia o trigo, que tipo de solo era,

como o cultivavam, etc., e em torno dessas perguntas ele disse parábolas relacionadas com a sementeira, com a erva daninha, com os pequenos grãos de trigo, com o julgamento e com o queimar do joio pelo fogo. Ensinou também aos discípulos como deviam ensinar, e deu-lhes outra instrução sobre o ensino. Explicou-lhes o significado espiritual da colheita, chamando-os Seus semeadores e segadores, e disse-lhes que tinham de recolher o grão de semente para o tesouro duma colheita vindoura, visto que Ele não estaria agora com eles por muito tempo. Os discípulos ficaram muito ansiosos e perguntaram se Ele não ficaria com eles até o Pentecostes. Jesus disse-lhes: "O que será de vós quando eu já não estiver convosco?"

Aos pastores também Jesus introduziu Seu discurso de muitas maneiras: É este o teu próprio rebanho? São estas ovelhas de vários rebanhos? Como os protege? Porque é que as tuas ovelhas andam espalhadas? etc. Desta maneira, Ele fez perguntas com as quais ligou Suas parábolas da ovelha perdida, do bom pastor, etc. Jesus então foi a um vale que ficava para o oeste e numa região mais elevada do que Cafarnaum. A montanha de Saphet estava à direita. Ali Ele viajou por vales e lugares solitários, ensinando agora os ceifeiros e pastores, agora os discípulos. Ele enumerou todos os deveres de um bom pastor e os aplicou a si mesmo, visto que estava prestes a dar a Sua vida pelas Suas ovelhas. Ele indicou assim aos discípulos como deviam tratar com tais pessoas que encontrassem em distritos isolados, privados de ajuda espiritual, e deviam semear boa semente entre eles. Estas viagens de Jesus por lugares solitários, e Seu ensino cheio de paz e amor, foram profundamente tocantes e impressionantes.

Voltaram por uma rota um pouco mais para o nordeste e pararam na pequena cidade de Lecum, a meia hora do Jordão, para onde os seis apóstolos tinham ido em sua primeira missão. O próprio Jesus ainda não havia estado ali. Os habitantes que tinham ido a Jerusalém para a Páscoa haviam voltado, e havia também escribas e fariseus na cidade. Quando os discípulos visitaram seus conhecidos, estes relataram-lhes a circunstância do massacre dos galileus no Templo, mas não fizeram menção disso a Jesus.

Lecum era um lugar pequeno e bem-sucedido, a cerca de meia hora do Jordão e a algumas horas do ponto em que desaguava no lago. Os habitantes eram judeus. Apenas nos arredores do lugar viviam alguns pobres pagãos em cabanas. Eles tinham, de vez em quando, ficado para trás das caravanas. O cultivo do algodão era a principal indústria ali. Preparavam a matéria-prima, e fiavam e teciam coberturas e vários tipos de tecidos. Até mesmo as crianças eram assim empregadas.

A festa de boas-vindas para os que haviam voltado de Jerusalém estava sendo celebrada em Lecum, assim como acabara de ser em Cafarnaum. As ruas estavam adornadas com flores e grinaldas de verde. Aqueles que tinham voltado para casa visitavam as casas de seus amigos, e as escolas saíam ao seu encontro.

Jesus entrou em algumas casas para visitar os idosos, e curou alguns doentes. Na praça do mercado em frente à sinagoga, Ele proferiu um longo discurso primeiro às crianças, a quem acariciava e abençoava, depois aos jovens e moças que, por causa da festa geral, estavam presentes com seus professores. Depois que se retiraram para casa, ele ensinou sucessivamente a vários grupos de homens e mulheres, usando toda sorte de parábolas. Seu assunto era o casamento, que Ele tratou em termos muito belos e profundamente significativos. Começou por dizer que na natureza humana muito do mal está misturado com o bem, mas que pela oração e renúncia os dois devem ser separados e o mal subjugado. Aquele que segue as suas paixões desenfreadas comete um erro. As nossas obras seguem-nos e, num futuro, levantar-se-ão contra o seu autor. Nosso corpo é uma imagem do Criador, mas

Satanás pretende destruir essa imagem em nós. Tudo o que é supérfluo traz consigo pecado e doença, deformidade e se torna uma abominação. Jesus exortou seus ouvintes à castidade, moderação e oração. A continência, a oração e a disciplina produziram homens santos e profetas. Jesus ilustrou todas essas semelhanças referindo-se à sementeira dos grãos, à remoção das pedras e do mato do campo. para seu plantio, e a bênção de Deus sobre a terra justamente adquirida. Ao falar do estado de casado, ele emprestou suas parábolas do plantio da videira e da poda dos ramos. Ele falou de descendência nobre, de famílias piedosas, de vinhas melhoradas, e de raças exaltadas e enobrecidas. Ele falou do patriarca Abraão, de sua santidade, e da aliança concluída com Deus na circuncisão, e disse que seus descendentes haviam caído em desordens por sua indulgência de paixão desenfreada e seus casamentos repetidos com os pagãos. Jesus falou também do dono da vinha que enviou seu filho, e relatou tudo o que lhe acontecera.

As pessoas ficaram muito comovidas; muitas choraram e sentiram-se impelidas a corrigir suas vidas. Jesus deu esse ensino principalmente porque nunca lhes havia sido ensinado nada sobre tais mistérios, e também porque viviam de modo muito dissoluto.

Jesus ensinou também a ação essencial da boa vontade na oração e na renúncia, e da própria cooperação do homem. Ele disse que o que eles privaram a si mesmos em comida e bebida e confortos supérfluos, deveriam colocar com confiança nas mãos de Deus, implorando-Lhe que permitisse que isso beneficiasse os pobres pastores no deserto e outros necessitados. O Pai Celestial então gostaria que um verdadeiro pai de família ouvisse suas orações, se eles gostassem de servos fiéis que compartilhassem a abundância que Ele lhes havia dado com os pobres que conheciam ou que amorosamente procuravam. Esta foi verdadeira cooperação, e Deus trabalha com Seus verdadeiros servos fortes na fé. Jesus apresentou ali o exemplo de uma árvore (a palmeira), que, por amor e desejo, por assim dizer, mas sem contato, dá fertilidade à sua companheira.

De Lecum, Jesus atravessou o Jordão até Betsaida-Julias, onde ensinou.

A festa de boas-vindas a casa também estava a ser celebrada ali. Vi Jesus com os discípulos, alguns dos escribas e fariseus, e outras personalidades ilustres de Júlio andando e ensinando. Ali eles contaram a Jesus sobre o massacre dos galileus no Templo. Ouvi dizer naquele tempo que cem pessoas pertencentes a Jerusalém e cento e cinquenta dos seguidores sediciosos de Judas, o galonita, haviam sido assassinados. Esses últimos haviam persuadido muitos, talvez forçando-os por meio de ameaças, a ir com eles e oferecer sacrifício. Os cem habitantes de Jerusalém haviam-se unido aos rebeldes, embora soubessem de sua injusta determinação de não pagarem o imposto ao Imperador, e, conseqüentemente, foram assassinados com eles.

O país em torno de Júlio era extraordinariamente encantador, fértil, solitário e verdejante, cheio de burros e camelos pastando. Era como um jardim zoológico, a morada de todas as espécies de pássaros e animais. Caminhos serpenteantes desciam até o porto, e as fontes eram abundantes. O sol do meio-dia brilhava sobre ele e brilhava na superfície do lago, semelhante a um espelho. A estrada para Julias corria mais perto do Jordão, mas o país de que falo era uma solidão. Jesus e os discípulos voltaram a atravessar o Jordão e prosseguiram para Betsaida e Cafarnaum. No último lugar, Jesus ensinava na sinagoga, pois era sábado. A Escritura designada para o dia eram passagens de Moisés (Lv. 16-19), que tratavam do sacrifício anual de expiação, daquele oferecido diante do tabernáculo, da proibição de comer o sangue de animais e dos graus de parentesco em que o casamento não podia ser celebrado. Também foram lidas passagens de Ezequiel sobre os pecados da cidade de Jerusalém. (Ez. 22).

Jesus e os discípulos foram convidados por um dos fariseus a jantar não muito longe da morada de Cornélio, o centurião. Ali encontrou um homem aflito de hidropisia, que suplicou por socorro. Jesus perguntou aos fariseus se era lícito curar no dia de sábado. Eles não lhe disseram nada. Então ele pôs as mãos sobre o doente e o curou. Enquanto o pobre homem se retirava com muitos agradecimentos, Jesus observou aos fariseus, como costumava fazer em tais ocasiões, que nenhum deles hesitaria em tirar no dia de sábado seu boi ou seu jumento que caísse num poço. Os fariseus ficaram escandalizados, mas não puderam responder.

Os fariseus haviam convidado apenas os seus próprios parentes e amigos, e quando Jesus percebeu que haviam tomado os melhores lugares à mesa para si mesmos, disse: "Quando for convidado a um casamento, não te assentes no primeiro lugar, para que talvez alguém mais honrado do que tu também seja convidado, e o anfitrião te obrigue a dar lugar a esse, e assim te envergonhe. Mas se alguém tomar o último lugar e o anfitrião disser: "Amigo, sobe mais alto", isso traz consigo honra. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado. Daí, Jesus dirigiu-se ao anfitrião: "Quem convida para o seu banquete os seus parentes, amigos e vizinhos ricos, os quais, por sua vez, o convidarão para o seu, já terá recebido a sua recompensa. Mas quem chama os pobres, os coxos, os cegos, os enfermos, que não podem retribuí-lo, receberá sua recompensa feliz na Ressurreição. A isso um dos convidados respondeu: Sim, bendito será realmente aquele que se sentar no banquete no Reino de Deus! Então Jesus voltou-se para ele e contou a parábola do grande banquete.

Jesus, por meio dos discípulos, fez com que muitos dos pobres se juntassem aos fariseus. Agora, perguntou ao anfitrião se o entretenimento havia sido preparado para Ele, e ao receber a resposta afirmativa, ordenou que o que sobrasse depois que os convidados terminassem fosse distribuído aos pobres.

Depois disso, Jesus foi com os discípulos através da propriedade do centurião Zorobabel para uma bela região solitária entre Tiberíades e Magdala. À medida que uma multidão numerosa o seguia, ele aproveitou a oportunidade para falar sobre renunciar a tudo para segui-lo. Quem quer que seja, disse ele, que o siga e seja seu discípulo, deve amá-lo mais do que todos os seus parentes mais próximos, sim, até mais do que a si mesmo, e deve carregar a sua cruz atrás dele. Aquele que quiser construir uma torre deve primeiro calcular o custo, senão talvez nunca a termine, talvez se torne ridículo. Aquele que vai à guerra deve, antes de tudo, comparar o número de suas forças com as de seu inimigo, e se ele achar insuficiente, ele deve antes buscar a paz. É preciso renunciar a todas as coisas, para se tornar Seu discípulo.

## Jesus ensina na montanha perto de Gabara

Jesus continuou a viajar, ensinando pelo país de Genesare, e enviou um grande número dos discípulos mais velhos para convidar as pessoas a um ensinamento a ser dado na montanha além de Gabara. Era para começar na quarta-feira seguinte e durar vários dias. Ouvi dizer que o dia era diferente, mas sabia que se referia à próxima quarta-feira.

Muitos dos discípulos atravessaram o lago para a região dos gergeseus, de Dalmanuta e de Decápolis. Foram encarregados de convidar a todos, pois Jesus não estaria com eles por muito mais tempo, e deveriam trazer de volta com eles quantos pudessem. Cerca de quarenta discípulos fizeram esta missão. Jesus manteve com Ele os Apóstolos, bem como os discípulos que haviam voltado pela última vez, a todos os quais Ele continuou a ensinar. Ele foi com eles a Tariqueia, no

extremo sul do lago. A viagem a Tariqueia não podia ser feita ao longo da margem do lago, pois a duas horas de distância daquele lugar ergueriam-se penhascos íngremes que se estendiam até o lago. Jesus contornou Tariqueia para o oeste, e atravessou uma ponte até um lugar que parecia ser um dos arredores da cidade. A ponte atravessava a barragem de pedra que se estendia de Tarichæa até o ponto em que o Jordão saía do lago. Perto da ponte corria duas fileiras de casas. Antes de chegar a eles, Jesus teve de passar pela morada dos leprosos, onde havia operado algumas curas no ano anterior. Informados de Sua chegada, estes curados saíram para agradecer-Lhe, ao passo que outros, que haviam vindo ali desde Sua última visita, agora clamavam a Ele por ajuda, e Ele os curou. Quando chegaram às casas mencionadas acima, muitos doentes foram trazidos a ele. Eles tinham sido transportados para o outro lado do lago de Dalmanutha. Jesus ajudou-os. Essa barragem, junto com a maioria das casas, foi derrubada pelo terremoto na morte de Jesus. Foram abandonadas e nunca reconstruídas, visto que a costa do lago foi muito alterada pela catástrofe. Tiberíades era, na realidade, apenas metade de uma cidade, sendo completamente inacabada de um lado.

De todos os lados afluíam imensas multidões ao monte Gabara, e barcos cheios de passageiros vinham sobre o lago. Traziam com eles tendas e provisões, também os doentes carregados em cestos de areia nas costas dos jumentos. Os discípulos organizaram a multidão, e deram ajuda em todos os lugares.

Enquanto Jesus, com os Apóstolos, seguiam para Gabara, foram recebidos por alguns dos fariseus, que O interrogaram quanto ao significado daquele grande movimento das pessoas, aquelas multidões apressando-se para a montanha. O país inteiro, disseram, estava em estado de agitação! Jesus respondeu, dizendo-lhes que também eles poderiam, se quisessem, vir ouvir Seu discurso na manhã seguinte, que Ele convidara a multidão, porque não ficaria mais muito tempo entre eles.

As santas mulheres foram para a pousada ao pé da montanha para suprir as necessidades dos discípulos.

Era por volta das dez horas do dia seguinte quando Jesus apareceu no monte. Os discípulos haviam ordenado as pessoas e indicado-lhes como deveriam, em certo número, trocar de lugar de tempos em tempos, a fim de ouvirem o discurso de Jesus, pois a multidão era muito maior do que poderia ser acomodada a uma distância de audição da cadeira do instrutor. As pessoas estavam sob tendas, as do mesmo distrito acampando juntas. Cada distrito tinha seu próprio acampamento, cuja entrada era adornada com um arco formado pelos frutos peculiares daquele distrito e superado por uma coroa feita dos mais magníficos espécimes. Alguns tinham vinhas e milho; outros, plantas de algodão, cana-de-açúcar, ervas aromáticas e toda a espécie de frutas e bagas. Cada distrito tinha seu próprio sinal distintivo, adornado com flores e lindamente arranjado. O conjunto produziu um efeito muito agradável. Numerosos pássaros, entre eles pombos e codornizes, haviam tomado seus aposentos no acampamento e estavam ocupados recolhendo as migalhas espalhadas. Tinham-se tornado tão familiares, tão mansos, que o povo os alimentava das suas mãos. Muitos fariseus, saduceus, herodianos, escribas e magistrados de vários lugares estavam presentes, e haviam tomado posse dos lugares ao redor da cadeira de Jesus. Eles haviam providenciado assentos confortáveis, uma espécie de banquinho, ou cadeira, que haviam mandado trazer para seu próprio uso.

Jesus reuniu Seus discípulos em volta Dele, para desagrado dos fariseus, que não estavam dispostos a vê-los preferidos a si mesmos. Jesus começou por orar e chamou as pessoas à ordem. Pediu-lhes que estivessem atentos, porque Ele lhes ia ensinar o que não aprenderiam de outros, mas que era ao mesmo tempo necessário

para a sua salvação. O que eles não pudessem compreender então, seria repetido e explicado a eles mais tarde por Seus discípulos, a quem Ele enviaria a eles, pois Ele mesmo não estaria entre eles por muito mais tempo. Daí, em voz alta e abertamente, advertiu os discípulos reunidos em torno dele contra os fariseus e os falsos profetas, e instruiu a multidão sobre a oração e o amor ao próximo. Os discípulos conduziram os diferentes grupos por turnos. Os fariseus e outros versados na Lei freqüentemente interrompiam Jesus com toda sorte de comentários contraditórios, mas Ele não lhes dava atenção. Ele continuou a ensinar, falando muito severamente contra eles e advertindo o povo contra eles, até que ficaram muito indignados. Ele não fez curas ali, mas ordenou que os enfermos cansados fossem trazidos em suas camas, por sua vez, e colocados sob toldos perto Dele, para que também pudessem ouvir Seu ensino. Enviou-lhes a palavra de serem pacientes até o fim de Seu ensino. Ensinava até a tarde sem intervalo, o povo tomando refrigério por turnos. Não vi Jesus comendo. Ele ensinou a grande multidão de modo tão incansável que, ao anoitecer, Sua voz tornou-se bastante estridente e fraca. Por fim, desceu à hospedagem na planície. A propriedade pertencia anteriormente à propriedade de Madalena em Magdalum e, quando da sua venda, tinha sido reservada para uso da Comunidade.

Lázaro e Marta, Dina e a sufanita, Maroni de Naim, a Mãe de Jesus, e as outras mulheres da Galileia foram ali com quantidades de provisões, materiais para roupas, e também roupas prontas. Havia preparado uma refeição econômica para Jesus e os discípulos, e todo o resto era distribuído aos pobres.

No dia seguinte, Jesus continuou a ensinar no monte. Ele falou novamente da oração, do amor ao próximo, da vigilância no bem, da confiança na bondade de Deus, e admoestou o povo a não se deixar confundir pelos opressores e caluniadores.

Hoje os fariseus estavam ainda mais inquietos. Eles se reuniram em número ainda maior do que ontem, para disputar com Jesus. Chamavam-no de agitador municipal, criador de travessuras. Eles disseram que Ele atraía pessoas para Sua obra que poderiam segui-Lo por todo o país. Eles tinham seus dias de descanso, suas festas e seu trabalho de ensino; não havia necessidade de suas inovações. Repetiram pela enésima vez as antigas censuras contra ele e os seus discípulos, e terminaram ameaçando com Herodes. Eles, disseram, reclamaram que em relação às ações e ensinamentos de Jesus, ele já estava de olho nele, e logo estariam sendo tomadas providências para reduzir suas obras. Jesus respondeu-lhe severamente. Ele disse que, sem ser molestado por causa de Herodes, ensinaria e curaria até que sua missão fosse cumprida. Os fariseus estavam tão ousados e violentos que as pessoas se aglomeravam diante deles. A confusão tornou-se grande quando eles se empurraram e pisaram nos pés uns dos outros, de modo que os fariseus finalmente recuaram com grande descontentamento. Jesus, porém, continuou o ensino com palavras comoventes e cheias de ternura. Como muitos dos que estavam na viagem de volta de Jerusalém haviam esgotado suas provisões, Jesus orientou os discípulos mais velhos a distribuir entre eles pão, mel e peixe, muitos dos quais haviam sido trazidos da hospedagem. As santas mulheres cuidaram da alimentação anterior. Roupas, peças de vestuário, cobertores, sandálias e túnicas para as crianças também foram distribuídas aos necessitados. As santas mulheres trouxeram todas essas coisas em abundância, distribuíram-nas às mulheres e os discípulos aos homens.

Entretanto, Jesus continuou a instruir os discípulos a sós, falando sobre o caráter dos fariseus e dizendo-lhes como deveriam, no futuro, comportar-se com eles. Depois, ele desceu com eles para a hospedaria, onde estava à espera deles uma refeição.

Durante esse tempo, Lázaro falou do massacre dos galileus no Templo, sobre o qual

havia muita discussão entre os discípulos e o povo em geral. Ele também falou das mulheres de Hebron, parentes do Batista, e de algumas de Jerusalém que tinham ido a Machærus em busca da cabeça de João, quando os esgotos estavam sendo limpos e a fortaleza ampliada. O próprio Lázaro havia tomado medidas nesse assunto.

No início da manhã do terceiro dia, Lázaro e as mulheres santas voltaram para casa, enquanto Jesus e os Apóstolos foram visitar os doentes cujas cabanas e tendas haviam sido arranjadas, alguns na vizinhança da pousada, e outros no acampamento público ao pé do monte das catequeses. Eles curaram todos os que estavam ali, e não saíram do local até que todos estivessem de pé novamente. Os discípulos ocuparam-se em distribuir entre eles o que restava das provisões, das roupas e dos materiais não doados. Os curados e seus amigos enchiam o ar com Salmos de agradecimento. Por fim, todos partiram, a fim de chegarem aos seus lares antes do sábado.

Jesus foi então a Garisima, a cerca de uma hora ao norte de Seforis, numa colina no fim do vale. Enviou alguns dos discípulos adiante para preparar a pousada, ao passo que Ele mesmo, por causa de alguns doentes que queria visitar, tomou um caminho indireto para lá. Vi-o e o seu grupo a ficar um pouco no pequeno lugar de Capharoth, perto de Jetebatha. A estrada de Cafarnaum a Jerusalém passava por ela. Saul vagou por esta parte do país pouco antes de sua visita à bruxa de Endor e sua desastrosa batalha. Era uma viagem de cerca de cinco horas de Cafarote até Garisima, que ficava no meio de vinhas. Ele desfrutava da manhã e de parte do sol do meio-dia, mas no oeste e norte não tinha nada além de sombra.

Os discípulos que haviam sido enviados adiante vieram ao encontro de Jesus, que tinha uma hospedaria logo ao lado do lugar. Lavaram os pés uns dos outros e, depois de tomar os refrescos habituais, Jesus foi à sinagoga, onde ensinou de Levítico e do profeta Ezequiel. Desta vez, não teve de suportar nenhuma contradição, pois Seus ouvintes ficaram espantados com Seu conhecimento da Lei e com Suas maravilhosas explicações. A instrução terminada, Ele fez uma refeição com os Seus próprios discípulos na pousada. Alguns de Seus parentes da região de Sephoris estavam em Garisima, e comiam com eles. Jesus falou nesta ocasião do Seu fim se aproximando.

Quase cem discípulos, junto com os Apóstolos, reuniram-se em torno de Jesus em Garisima para o sábado. Os dois filhos de Cirino, de Chipre, que haviam sido batizados em Dabereth, também estavam ali com outros judeus do mesmo lugar. Uma grande multidão destes últimos estavam acampados ali. Estavam voltando a Chipre da festa pascal em Jerusalém e ouviam com admiração o ensino de Jesus no sábado. A presença de Jesus era ardentemente desejada em Chipre, onde havia numerosos judeus, todos em estado de abandono espiritual.

Jesus instruiu também os discípulos em Garisima, reunindo-os para este fim num monte. Muitos deles até então haviam servido apenas como mensageiros entre os discípulos dispersos em vários lugares e os amigos de Jesus. Havia outros que, em sua maior parte, haviam sido detidos em casa, e que, em consequência, não haviam ouvido muito dos ensinamentos de Jesus, não haviam ouvido nada sobre a maneira em que deveriam se comportar em suas missões, nem sobre a aplicação e interpretação das parábolas. Jesus, então, continuando Sua instrução, explicou todas as coisas a esses discípulos num estilo simples e fácil, e passou rapidamente por tudo o que havia ensinado até o presente. Depois disso, Ele foi com eles de quatro a seis horas a noroeste de Garisima, para as montanhas de uma região muito deserta, e ali passaram a noite. Rebanhos de jumentos, camelos e rebanhos de ovelhas pastavam nos vales do lado ocidental da alta cordilheira que atravessava o coração do país. Os vales ali corriam em direção a um ziguezague, como a planta conhecida

como musgo comum, ou garra do lobo. Havia uma grande quantidade de palmeiras naquele deserto, também uma espécie de árvore cujos ramos entrelaçados caíam para a terra, e sob a qual se poderia rastejar como em uma cabana. Os pastores da região costumavam refugiar-se sob elas. Jesus e os discípulos passaram a maior parte da noite em oração e ensino. Jesus repetiu muitas das instruções que lhes havia dado quando os enviava pela primeira vez para suas missões anteriores. Fiquei especialmente impressionada ao ouvir que não deviam possuir bolsa privada. Isso devia ser confiado ao seu Superior, um dos quais era designado para cada dez. Jesus indicou-lhes os sinais pelos quais poderiam reconhecer os lugares em que poderiam fazer algum bem, disse-lhes que sacudissem o pó dos sapatos diante dos mal-dispostos e os instruiu a respeito de como deviam justificar-se quando fossem presos. Não deviam ser perturbados quanto ao que deviam responder, pois palavras lhes seriam então colocadas na boca, nem deviam ter medo, visto que suas vidas não estariam em perigo algum.

Vi aqui e ali, em torno desta região, homens com longos bastões e azadas de ferro. Eles estavam guardando os rebanhos contra os ataques de animais selvagens que vinham da costa.

Muito cedo na manhã seguinte, Jesus enviou os discípulos e os apóstolos em missão. Sobre estes últimos, bem como sobre os discípulos mais velhos, Ele impôs as mãos, mas sobre os demais Ele apenas abençoou. Por esta cerimônia Ele encheu-os de nova força e energia. Não era, porém, ordenação sacerdotal, mas apenas uma impartição de graça e vigor à alma. Dirigiu-lhes também muitas palavras sobre o valor da obediência aos superiores.

Pedro e João não permaneceram com Jesus, mas foram para o sul, Pedro para o país de Joze, e João mais para o leste, para a Judéia. Alguns foram para a Alta Galiléia, outros para a Decápolis. Tomé recebeu a sua missão para o país dos gergeseus, para onde foi com um grupo de discípulos, tomando uma rota tortuosa para Asaque, uma cidade situada numa altura entre dois vales, a cerca de nove horas de Seforis e no máximo a uma à esquerda da estrada. Havia muitos judeus nesta cidade, que pertencia aos levitas.

Jesus agora viajou em direção noroeste. Com Ele estavam cinco Apóstolos, cada um dos quais tinha sob seu comando dez discípulos. Lembro-me de ter visto nessa ocasião Judas, Tiago, o Menor, Tadeu, Saturnino, Natanæl, Barnabé, Azor, Manson e os jovens de Chipre. No primeiro dia, andaram de seis a oito horas. Várias cidades se encontravam à direita e à esquerda de sua estrada e, de vez em quando, alguns do grupo se separavam de seu Mestre para visitá-las. Jesus passou por Tiro na costa à esquerda. Ele havia indicado aos apóstolos e discípulos um certo lugar onde, em cerca de trinta dias, deveriam juntar-se novamente a ele. Ele passou a noite como a anterior, debaixo de algumas árvores com os Seus companheiros.

## **Jesus viaja para o país de Ornitópolis e de lá embarca para Chipre**

Vi Jesus com Seus seguidores, discípulos e outros, cerca de cinquenta no total, viajando através de uma profunda e montanhosa ravina. Era uma montanha de aspecto muito notável. Em ambos os lados de cerca de uma hora de comprimento eram moradias e casebres de madeira leve, espreitando em que o transeunte contemplava os ocupantes como se em cavernas. Às vezes, o galpão proeminente era coberto de juncos, musgo ou gramineas. Aqui e ali surgiam obras que se assemelhavam a fortificações, para impedir que os deslizamentos de terra da montanha enchessem a estrada. Ali moravam pagãos pobres e rejeitados cujo dever

era manter a estrada em bom estado e livrar a região das feras ferozes. Eles vieram a Jesus e imploraram Sua ajuda contra esses animais - criaturas longas, de pés largos, manchadas, como lagartos imensos. Jesus abençoou o país e ordenou que os animais se retirassem para um pântano negro que ficava perto. Árvores selvagens de laranjas cresciam à beira da estrada. Ficava a cerca de quatro horas de distância de Tiro.

Jesus ali se separou de Seus companheiros e, mergulhando cada vez mais fundo no barranco, ensinou aqui e ali diante das cavernas de seus habitantes. A estrada descia ao longo do rio Leontes, claro e tolerantemente rápido, que, fluindo através de seu leito profundo, desaguava no mar a algumas horas ao norte de Tiro. O rio era atravessado por uma ponte de pedra alta, na extremidade oposta da qual havia uma grande hospedaria, onde os discípulos novamente encontraram Jesus.

De lá, enviou alguns de Seus companheiros às cidades da terra de Cabul, e Judas Iscariotes com alguns discípulos a Caná, perto de Sidom. Os discípulos haviam resignado-se ao cuidado dos Apóstolos, cada um ao que havia sido designado sobre ele como seu superior, qualquer dinheiro ou bens que porventura tivessem com eles. Só a Judas, Jesus deu uma soma para si. Jesus conhecia a sua ganância pelo dinheiro e não o expôs à tentação de apropriar-se do dinheiro dos outros. Ele havia comentado sua ansiedade sobre a pontuação do dinheiro, embora Judas gostava de se gabar de sua frugalidade e estrita observância da lei da pobreza. Ao receber o dinheiro, perguntou a Jesus quanto poderia gastar diariamente. Jesus respondeu: Aquele que tem consciência de ser tão estritamente temperante, não precisa nem de regra nem de orientação. Ele carrega em si a sua lei.

Cerca de cem pessoas estavam na pousada esperando por Jesus. Pertenciam à mesma tribo judaica que Ele já havia visitado e consolado em Ornitópolis e perto de Sarepta. Alguns deles tinham vindo ali com o propósito de encontrá-Lo, enquanto outros pertenciam a aquele distrito, onde possuíam uma sinagoga. Receberam-no a Ele e aos Seus seguidores com humildade e alegria, e lavaram os pés deles. Eles estavam em suas roupas de férias de estilo muito antigo, usavam barbas compridas e tinham manipolas de pele penduradas em seus braços. Eles tinham muitos costumes singulares, e algo peculiar em seu modo de vida, como os essênios. Os pagãos deste lugar também eram muito reverentes para com Jesus. Eles também tinham estima pelos judeus, uma circunstância mais comum por todo aquele distrito do que em Decápolis. Esses judeus eram descendentes de um filho natural que o patriarca Judá teve de uma serva. Este filho, fugindo da perseguição de seus irmãos Her e Onã, estabeleceu-se ali. Sua família, tendo se casado com os pagãos do país, não desceu com os outros israelitas para o Egito e, por fim, tornou-se bastante afastada da religião e dos costumes de seu povo.

Os pagãos com quem esses descendentes de Judá se casaram, quando Jacó - depois do infortúnio de Dinah - vivia perto de Samaria, na herança de José, já haviam experimentado o maior desejo de entrar em relações matrimoniais com os filhos de Jacó, ou pelo menos com seus servos e servas. Atravessaram as montanhas humildemente para colocar diante dele seu desejo de se casarem entre seus seguidores, e de sua própria vontade se ofereceram para receber a circuncisão. Mas Jacó não quis ouvir a pedido deles. Quando, então, aquele filho perseguido de Judá procurou refúgio entre eles com sua família, foi muito calorosamente recebido pelos pagãos, e seus filhos logo se uniram a eles em casamento. Quão maravilhosa é a dispensação de Deus! O desejo grosseiro desses gentios de se unir à raça santa sobre a qual repousava a Promessa não foi totalmente frustrado, e os acontecimentos posteriores resultaram no enobrecimento deste povo por intermédio da descendência banida de Judá.

Apesar das grandes desordens decorrentes desses casamentos mistos, havia ainda uma família entre eles que se preservava pura; e foi, pela primeira vez, instruída na Lei por Elias, que muitas vezes peregrinou naquela região. Salomão havia se dado muito trabalho para unir novamente estas pessoas com os judeus, mas sem sucesso. Ainda assim, havia entre eles cerca de cem almas piedosas de descendência pura de Judá. Elias havia conseguido unir novamente este ramo separado com Israel; e, no tempo de Joaquim e Ana, os instrutores vinham do país de Hebrom, a fim de mantê-los na observância da Lei. Os descendentes desses instrutores ainda moravam entre eles, e foi por meio deles que a siro-fenícia e seu povo entraram em relações com os judeus. Viviam com sentimentos de profunda humildade, estimando-se indignos de pisar a Terra Prometida. O cipriota Cirino tinha, quando em Dabereth, falado sobre eles a Jesus, e este último aproveitou a ocasião deste fato para discursar longa e familiarmente com eles.

Ele ensinou primeiro em frente à hospedagem, as pessoas em pé em torno de árvores abertas, ou barracas. A hospedagem pertencia aos judeus ou era alugada por eles. Mais tarde, ele ensinou na sinagoga, e muitos pagãos o ouviam do lado de fora. A sinagoga era elevada e bela. O telhado era provido com uma plataforma em torno da qual se poderia andar e comandar uma visão muito estendida do país.

Naquela noite, os judeus ofereceram a Jesus, na pousada, um entretenimento festivo, no qual aproveitaram a oportunidade de expressar a Ele, em grupo, sua sincera gratidão por não tê-los desprezado, por ter vindo a eles, as ovelhas perdidas de Israel, e proclamando-lhes a salvação. Tinham mantido sua tabela genealógica em boa ordem. Colocaram-na agora diante de Jesus e ficaram profundamente comovidos ao descobrirem que eram da mesma tribo que Ele. Foi um entretenimento alegre, e em tudo ajudou. Falaram muito dos Profetas, especialmente de Elias, a quem mencionaram com palavras de grande afeição, relatando suas profecias sobre o Messias, também as de Malaquias, e dizendo que o tempo para seu cumprimento devia estar agora próximo. Jesus explicou-lhes tudo, e prometeu conduzi-los à terra da Judéia. De fato, ele mais tarde os estabeleceu nas suas fronteiras do sul, entre Hebrom e Gaza.

Jesus usava naquele lugar uma longa túnica branca de viagem. Ele e os Seus seguidores estavam ceifados e com as suas roupas arrumadas, como se fossem para uma viagem. Eles não tinham bagagem. Levavam o que era necessário sob a túnica exterior, enrolada ao redor do corpo acima do cinto. Algumas tinham bastões. Eu nunca vi Jesus com qualquer cobertura regular para a Sua cabeça; às vezes Ele puxava sobre ela o lenço que geralmente era usado ao redor do pescoço.

Havia nesta parte do país um tipo feio de animal manchado com asas membranosas, que podia voar muito rapidamente. Era como um enorme morcego, e sugava o sangue de homens e animais durante o sono. Estes animais vinham dos pântanos à beira-mar e causavam muitos danos. O Egito também já havia sido infestado por eles. Não eram dragões de verdade, nem tão horríveis. Os dragões não eram tão numerosos, e viviam solitários nos desertos mais selvagens. Frutos como nozes eram recolhidos nessas partes, alguns como castanhas, e bagas que ficavam pendurados em cachos.

Da pousada, Jesus foi para um porto a cerca de três horas de distância de Tiro. Ao lado do porto havia uma língua de montanha que se estendia longe no mar, como uma ilha, e sobre ela foi construída a cidade pagã de Ornitópolis. Os poucos, mas devotos, judeus do lugar pareciam viver dependentes dos pagãos. Vi cerca de trinta templos pagãos espalhados aqui e ali. Às vezes pareceu-me que o porto pertencia a Ornitópolis. A siro-fenícia possuía lá tantos edifícios, fábricas para tecelagem e tingimento, tantos barcos, que eu acho que todo o lugar deve ter sido, em algum

momento, sujeito a seu falecido marido ou seus antepassados. Ela morava agora em Ornithopolis em si, embora em uma espécie de subúrbio. Atrás da cidade erguia-se uma alta montanha, e atrás dela estava Sidom. Um pequeno rio corria entre Ornithópolis e seu porto. A costa entre Tiro e Sidom era, com exceção do porto, mas pouco acessível, sendo áspera e selvagem. O porto a que me refiro era o maior entre Sidom e Tiro, e o número de barcos que se aglomeravam em suas águas o tornava quase como uma pequena cidade.

A propriedade da siro-fenícia, com seus numerosos edifícios, pátios e jardins, parecia uma imensa propriedade. Suas fábricas e plantações estavam cheias de trabalhadores e escravos, cujas famílias tinham suas casas ali. Mas, neste preciso momento, as coisas haviam parado; a atividade anterior ainda não havia sido retomada. A senhora estava prestes a libertar-se de todos esses laços, e desejava que seu povo escolhesse um superior dentre eles.

Ornitópolis ficava a cerca de três horas do pequeno lugar do outro lado do rio, onde Jesus havia passado a noite, mas do assentamento dos pobres judeus ficava a uma hora e meia. Quando Jesus atravessou este lugar direto para o porto, Ornitópolis estava à Sua esquerda. O assentamento judaico ficava em direção a Sarepta, que recebia os raios do sol nascente, pois naquele lado as montanhas erguiam-se em suave inclinação. No norte ficava perfeitamente sombreado. A situação era muito boa. Entre Ornitópolis, o assentamento judeu, e o porto, havia tantos edifícios isolados, tantos outros pequenos assentamentos, que, olhando para eles de cima, se poderia pensar que, em tempos, todos eles estavam unidos. Jesus tinha com Ele agora apenas Tiago, o Menor, Barnabé, Mnasão, Azor, Cirino, dois filhos, e um jovem cipriota que aqueles últimos tinham trazido a Jesus. Todos os outros apóstolos e discípulos estavam espalhados por todo o país em missões. Judas foi o último a partir. Ele foi com a sua pequena tropa para Cana, a Grande.

Jesus foi com Seus companheiros à casa da siro-fenícia que, por causa de seus parentes curados, O convidara para um banquete. Uma grande quantidade de pessoas se juntou a Ele, também os pobres e os aleijados. Jesus curou muitos destes últimos. A morada da sirofenícia, com seus jardins, pátios e edifícios de todos os tipos, era provavelmente tão grande quanto Dulmen. Peças de material, amarelo, roxo, vermelho e azul celeste, foram estendidas nas galerias de muitos dos edifícios. Estas galerias eram suficientemente largas para permitir que uma pessoa caminhasse por elas. O corante amarelo era extraído de uma planta que era cultivada na vizinhança. Para o vermelho e o roxo, eles empregavam caracóis marinhos. Eu vi grandes camas em que eles eram capturados ou criados, e havia outros lugares cheios de lodo, como o desova de rãs. A planta do algodão também era cultivada ali, embora não fosse nativa daquela parte do país. O solo, em geral, não era tão fértil como o da Palestina, e em volta havia muitas lagoas e lagos.

Olhando para o mar da costa, podia-se imaginar que ele se encontrava mais alto do que o país circunvizinho, tão azul que se elevava em direção ao céu. Aqui e ali, na costa, haviam árvores baixas com grandes troncos negros e galhos espalhados. Suas raízes densas se estendiam tão longe na água que se podia andar sobre elas até certa distância da terra. Os troncos pretos eram, na sua maior parte, ocos, e ofereciam abrigo para todos os tipos de insetos nocivos.

Jesus foi recebido com solenidade. Enquanto ele estava à mesa, a filha da viúva derramou um frasco de óleo perfumado sobre a cabeça dele. A mãe ofereceu-Lhe peças de roupas, cintos e moedas de ouro de três cantos; a filha, peças do mesmo metal precioso acorrentadas. Ele não permaneceu com eles por muito tempo, mas foi com Seus companheiros ao porto, onde foi recebido solenemente pelos habitantes judeus e pelos judeus cipriotas que ali se haviam reunido ao voltarem da

festa da Páscoa. Jesus ensinava na sinagoga, em torno da qual muitos pagãos se achavam de fora, ouvindo.

Foi à luz da estrela que Jesus, acompanhado de todos os viajantes, desceu ao porto e embarcou. A noite estava clara, e as estrelas pareciam maiores do que parecem para nós. Havia uma pequena frota pronta para receber os viajantes. Um grande barco de carga levou a bagagem, as mercadorias e o gado, e um grande número de jumentos. Dez galeras carregando velas foram para o alojamento dos convidados cipriotas da Páscoa, Jesus e Seus seguidores. Cinco dessas galeras foram amarradas com cordas à frente e aos lados do barco de carga, que eles puxavam para a frente atrás deles. Os cinco restantes formavam um círculo externo a estes. Cada um desses barcos tinha, como a barca de Pedro no Mar da Galiléia, bancos para os remadores levantados ao redor do mastro e abaixo dessas pequenas cabines. Jesus parou perto do mastro dos barcos que estavam presos ao grande e, ao afastar-se, abençoou tanto a terra quanto o mar. Os cardumes de peixes enxameavam-se atrás da flotilha, entre eles alguns muito grandes, com bocas de aspecto notáveis. Divertiram-se e estenderam as cabeças para fora da água, como se escutassem os ensinamentos dados por Jesus durante a viagem.

A travessia foi tão extraordinariamente rápida, o mar tão suave e o clima tão belo que os marinheiros, tanto judeus como pagãos, exclamaram: Oh, que viagem auspiciosa! Isso é devido a Ti, ó Profeta! Jesus estava de pé perto do mastro. Ordenou-lhes que ficassem em silêncio e que dessem glória somente ao Deus Todo-Poderoso. Daí, falou de Deus, único e todo-poderoso, e de Suas obras, da inexistência das divindades pagãs, da proximidade do tempo, sim, até mesmo de sua própria presença, em que a mais alta salvação seria dada à terra, e da vocação dos gentios. Todo o discurso foi dirigido aos pagãos.

As poucas mulheres nos barcos permaneciam separadas. Muitos dos passageiros ficavam bastante enjoados durante a viagem; eles estavam deitados em cantos retirados e vomitavam violentamente. Jesus curou vários a bordo do seu barco. Muitos dos outros barcos chamaram-no e lhe apresentaram as suas necessidades, e ele os curou de longe.

Vi-os também a comer nos barcos. Eles tinham fogo em um recipiente de metal, e longas tiras, torcidas de algo, marrom e claro como cola, que eles dissolviam em água quente. Eles passavam a comida em porções em pratos equipados com uma borda e uma alça. Havia várias escavações como pratos em cada prato destinado a coisas diferentes, como bolos redondos, legumes, etc. O molho era derramado sobre ele.

De Ornitópolis a Chipre, o mar não parecia tão amplo como abaixo de Joze. Lá não se via nada além de água.

Ao anoitecer, os barcos entraram no porto de Salamina, que era muito espaçoso e seguro. Era fortemente fortificada com baluartes e muralhas altas, e os dois moles que a formavam iam longe para o mar. A cidade em si estava a uma boa meia hora no interior, embora dificilmente se observasse o fato, uma vez que o espaço intermediário era definido por árvores e coberto com jardins magníficos. Os barcos no porto eram numerosos. Aquele em que Jesus estava não podia chegar perto da costa, que, como uma forte e alta muralha, se erguia obliquamente; além disso, o barco puxava muita água para se aproximar mais. Por isso, lançaram âncora a certa distância. Perto da costa, haviam vários barcos pequenos presos com cordas. Aproximaram-se dos barcos maiores, receberam os passageiros e, por meio das cordas, puxaram-nos de volta para a costa. No que Jesus e os discípulos embarcaram para desembarcar, estavam alguns judeus que tinham saído para dar as boas-vindas e e recebê-Lo.

Na costa haviam muitos outros que, tendo espiado os barcos à distância, saíram da cidade em solene procissão. Era costumeiro receber assim os judeus ao regressarem da celebração da Páscoa. Os que estavam na praia eram principalmente idosos, mulheres, meninas e crianças em idade escolar com seus professores. Eles tinham flautas, carregavam flâmulas voadoras, galhos verdes, coroas em postes e cantavam canções de alegria.

Cirino, três irmãos mais velhos de Barnabé, e alguns idosos judeus vestidos com vestimentas festivas receberam Jesus e Seus seguidores, e os conduziram a um adorável terraço verde a alguma distância do porto. Ali encontraram tapetes estendidos, lavatórios cheios de água e em mesas vários pratos com refrescos. Cirino e seus companheiros lavaram os pés de Jesus e de Seus discípulos, e os serviram para comer.

Um homem idoso, o pai de Jonas, o novo discípulo, foi agora conduzido à frente. Ele caiu chorando no pescoço de seu filho, que o apresentou a Jesus, diante de quem ele se inclinou. Ele não sabia o que havia acontecido com seu filho, pois os que haviam começado a viajar com ele haviam voltado há muito tempo. Todos os presentes ocuparam-se em cuidar dos viajantes que retornaram. Muitos se apressaram na multidão, clamando: "Há alguém assim aqui? Existe um tal? E quando encontraram os seus amigos, abraçaram-nos e levaram-nos embora. As notícias da revolta e do massacre de Pilatos no Templo, várias vezes exageradas, já haviam chegado a Chipre, e o povo estava muito ansioso por seus parentes.

O lugar em que Jesus foi recebido era encantador. Para o oeste, via-se a imensa cidade com suas inúmeras cúpulas e edifícios imponentes que se tornavam vermelhos pelos raios de fogo do sol que se afundava enorme e vermelho abaixo do horizonte. Para o leste, a vista se estendia sobre o mar até as altas cordilheiras da Síria, que ali se erguiam como nuvens contra o céu. Salamina ficava no meio de uma ampla planície, coberta por inúmeras belas árvores altas, terraços e parques de diversões. O solo parecia-me muito frágil, como pó ou areia, mas a água potável não parecia ser abundante. A entrada para o porto não estava aberta. Era guardada por ilhas fortificadas, entre as quais havia uma estrada larga e várias estradas menores. As pequenas ilhas eram fortificadas com torres semicirculares, baixas e largas, por cujas janelas abertas se podia observar tudo o que acontecia lá fora. O bairro judeu ficava na parte norte da cidade. Quando Jesus e Seus seguidores deixaram o porto e caminharam meia hora em direção à cidade, viraram para a direita e, ainda fora da cidade, percorreram uma considerável distância para o norte.

Quando Jesus e Seus discípulos chegaram, os judeus que voltavam da Páscoa já estavam reunidos numa praça aberta, em terraços. Um dos antigos, um ancião da sinagoga, estava em um ponto elevado, de onde podia ver tudo abaixo. Lembrava-me um posto de observação, para ver se todos os soldados estavam presentes. O ancião estava recebendo informações sobre os detalhes da viagem. Perguntou se algum deles havia sofrido ferimento no caminho, ou se tinha alguma queixa a apresentar contra um companheiro de viagem, e pediu um relato do que havia acontecido em Jerusalém. Jesus e Seus discípulos não estavam presentes nessa assembléia. Ele foi solenemente recebido por vários velhos judeus veneráveis e, do terraço, proferiu uma exortação à multidão reunida, após a qual se dispersaram para suas casas. No cruzamento das duas ruas que formavam o bairro judeu, havia uma magnífica sinagoga, as moradias dos anciãos e dos rabinos, as escolas e, a certa distância, o hospital para os doentes, com um reservatório, ou lago. A estrada que levava à cidade era muito firme e sólida, coberta de areia fina e sombreada por belas árvores. No ponto mais alto daquele local de reunião judaico havia uma árvore em cujos ramos fortes e frondosos se podia sentar-se como num arbor.

Jesus e Seus seguidores foram escoltados pelos anciãos a um grande salão próximo à sinagoga, onde passaram a noite. Ali Jesus curou de hidropisia alguns doentes que haviam sido levados em camas para o pátio da hospedagem. Havia naquela casa uma espaçosa sala de palestras, e nela os rabinos viajantes eram alojados. Era muito bonito, construído em estilo pagão com uma colunata ao redor. O interior era uma sala imensa com escadas de assentos e cadeiras de professores contra as paredes. No piso inferior, enrolados contra as paredes, havia sofás, e acima deles, enfiados e fixados à parede, havia coberturas de tenda que podiam ser baixadas ao redor das camas, formando assim um alcovar privado. Podia-se, do lado de fora, subir ao telhado plano do salão, sobre o qual se colocavam vários tipos de plantas em vasos. O pai de Jonas, o novo discípulo, passou ali a noite, pois não pertencia à cidade, mas Cirino e seus filhos foram para casa.

## Jesus ensina em Salamina

Na manhã do dia seguinte, Jesus foi acompanhado pelo superior, um idoso venerável, e por alguns dos professores até o hospital, um edifício circular que cercava um jardim. No centro desta última havia um reservatório, ou lagoa, para banho; mas, para beber e cozinhar, a água era coletada em grandes barris e purificada por meio de certas frutas jogadas nele. Ervas medicinais eram cultivadas ao redor do lago. A terceira parte do hospital era ocupada por mulheres inválidas, e era separada do resto do prédio por portas mantidas trancadas. Jesus curou alguns dos pacientes do sexo masculino com hidropisia e gota, assim como os que tinham uma ligeira mancha de lepra. O recém-curado seguiu-O até a praça aberta onde, entretanto, os outros judeus se haviam reunido, e onde Jesus deu instruções primeiro aos homens. Ele tomou como tema a colheita do maná no deserto, e disse que o tempo para o verdadeiro Maná Celestial de doutrina e conversão de coração havia chegado, e que um novo tipo de Pão do Céu estava prestes a ser dado a eles. Após este ensino, os homens se retiraram e as mulheres tomaram o seu lugar. Havia muitas mulheres pagãs presentes, mas elas permaneciam em pé, em segundo plano. Jesus instruiu as mulheres em termos gerais, por causa dos pagãos entre elas. Ele falou do único Deus Todo-Poderoso, do Pai e Criador do Céu e da terra, da loucura do politeísmo e do amor de Deus pela humanidade.

Depois disso, Jesus e seus discípulos foram jantar na casa do superior, onde Jesus e alguns rabinos foram convidados. Era uma mansão muito grande de arquitetura pagã, com pátios, pórticos abertos e terraços. Tudo ali estava preparado para um grande entretenimento. Várias mesas estavam espalhadas sob a colunata e havia arcos erguidos e adornados com grinaldas. Parecia ser um banquete destinado principalmente a Jesus e amigos que voltavam da solenidade pascal. O Superior conduziu Jesus a um edifício lateral, no qual estavam sua esposa e algumas outras mulheres. Vários doutores os acompanharam. Depois que as mulheres veladas haviam cumprimentado Jesus com baixa inclinação e Ele lhes tivesse dito algumas palavras graciosas, apareceu uma procissão de crianças coroadas de flores, tocando flautas e outros instrumentos, para conduzir Jesus à festa. A mesa estava adornada com vasos e buquês. Era mais alta do que as usadas na Judéia, e os outros convidados se recostavam menos estendidos, mais próximos uns dos outros. Lavaram as mãos. Entre os vários alimentos estava um cordeiro. Jesus o desossou e o distribuiu aos convidados em pequenos rolinhos redondos. No entanto, tinha sido cortado e montado novamente antes de ser colocado na mesa.

Daí, as crianças músicas voltaram a aparecer. Entre eles havia crianças cegas e outras com outros defeitos. Eles eram seguidos por um grupo de garotinhas alegres,

de oito a dez anos de idade, entre elas a filha ou a neta do anfitrião. Todos estavam vestidos de tecido fino e branco, um pouco brilhante. As roupas usadas neste país não eram tão amplos em confecção, nem tão fluentes em estilo como as da Judéia. Seus cabelos penduravam em três partes, as pontas unindo-se em um laço, ou fixados juntos por algum tipo de ornamento ao qual penduravam várias pequenas jóias, franjas, pérolas, ou bolas vermelhas como frutas. Por meio desse arranjo, seus cabelos negros ou castanhos-avermelhados eram impedidos de se espalhar. Várias das meninas carregavam uma grande coroa feita de grinaldas e vários tipos de ornamentação. Era composto de círculos dispostos de modo que cada um estava firme em seu próprio lugar. Ao primeiro e maior, o segundo era preso por fechos, e do último se erguia um tufo brilhante, ou uma pequena bandeira. Eu não acho que as grinaldas eram formadas de flores naturais, pelo menos não inteiramente, para muitas das flores me parecia seda, ou lã misturado com penas e vários tipos de ornamentos brilhantes. As meninas colocaram esta grande coroa como um dossel sobre um pedestal alto, ornamentado de maneira semelhante, que ficava atrás do assento de Jesus, enquanto outras trouxeram ervas aromáticas e perfumes em pequenos pratos e vasos de alabastro, que colocaram diante Dele. Um menino que pertencia à casa quebrou um dos pequenos frascos, derramou seu conteúdo sobre a cabeça de Jesus, e estendeu-o com um pano de linho sobre os cabelos de Jesus, após o que as crianças se retiraram. As meninas passavam por essas cerimônias com perfeita compostura e sem dizer uma palavra, seus olhos abaixados nunca olhavam para os convidados. Jesus recebeu muito calmamente suas atenções e agradeceu-lhes com algumas palavras gentis e graciosas, após as quais as crianças - sem levantar os olhos - voltaram para o salão das mulheres. As mulheres comiam todas juntas.

Não vi Jesus e Seus discípulos sentados à mesa por muito tempo. Jesus constantemente enviava comida e bebida para as mesas dos pobres por Seus discípulos, que passavam a maior parte do tempo servindo aos outros. Depois de algum tempo, o próprio Jesus passou de mesa em mesa, distribuindo alimentos, ensinando e explicando.

Depois do banquete, o superior e alguns dos mestres foram com Jesus e os discípulos ao aqueduto, ao qual se aproximaram do lado ocidental. A cidade tinha água ruim. Vi algumas dessas estruturas estupendas, como pontes imensas, que continham muitos grandes reservatórios, ou cisternas. Cada bairro da cidade tinha sua própria hidrelétrica e reservatório. De alguns eles tiveram de bombear a água; de outros a água podia ser retirada. O reservatório dos judeus se destacava por si só. Mostraram-na a Jesus, queixaram-se a Ele da escassez e da má qualidade da água, e queriam que Ele a melhorasse. Ele falou do novo reservatório em construção, disse que queria que o Batismo fosse dado ali, e disse-lhes como deveria ser organizado.

Depois disso, eles foram à sinagoga, pois o sábado havia começado. Era um edifício extraordinariamente grande e bonito, iluminado por inúmeras lâmpadas e cheio de pessoas. Ao redor do exterior havia degraus e varandas de onde os espectadores podiam ver e ouvir o que estava acontecendo dentro. Todos esses lugares eram ocupados por pagãos, e abaixo eles tinham até mesmo se aglomerado no interior da sinagoga, onde agora se encontravam silenciosamente lado a lado com os judeus.

O ensino era baseada em passagens do terceiro livro de Moisés, que tratava de sacrifícios e de várias leis, e outras de Ezequiel. Começou por alguns dos doutores lerem estas passagens, que Jesus explicou e comentou de modo tão belo que todos ficaram profundamente impressionados. Ele falou também de Sua própria missão e de seu rápido cumprimento. Seus ouvintes acreditavam que Ele não era apenas um

profeta, mas ainda mais do que um profeta. Ele devia, pensaram, ser pelo menos o que precederia o Messias. Jesus explicou-lhes que aquele precursor era João, e enumerou os sinais pelos quais poderiam reconhecer o Messias - sem, porém, indicar-lhes claramente que Ele mesmo era o Messias. No entanto, eles o entenderam, e ouviram com reverência e temor respeitoso. Depois de receber o ensino, todos se dispersaram para suas casas, e Jesus voltou com Seus discípulos à casa do Superior.

Em geral, Jesus foi recebido em Salamina com extraordinária afeição. Os habitantes se ajuntavam ao seu redor, todos desejando honrá-lo, pois não havia entre eles seitas nem discórdias. Jesus curou várias pessoas doentes em suas próprias casas. Judeus e pagãos viviam ali em termos muito familiares, embora em bairros separados. Na casa dos judeus havia duas ruas. A casa dos filhos de Cirino era um grande edifício quadrado. Estavam envolvidos no comércio e possuíam barcos. Um estilo peculiar de arquitetura era predominante em Salamina. Vi inúmeras torres e pináculos, uma grande quantidade de grades, muitas janelas com grades e todo tipo de ornamentação nos edifícios. As pessoas deram a Jesus e aos discípulos, na chegada, sandálias novas e uma muda de roupa. Jesus guardou os Seus só até os Seus serem sacudidos e desempoeirados; então Ele os deu aos pobres.

Na manhã do sábado, Jesus ensinou novamente na sinagoga sobre o tempo da graça e o cumprimento das profecias, e isso tão eloquentemente que muitos de Seus ouvintes derramaram lágrimas. Ele exortou à penitência e ao batismo. Este ensino durou entre três e quatro horas.

Jesus foi com Seus discípulos e os doutores para Cirino, onde eles haviam sido convidados para jantar. Ficava bem entre os bairros judeus e pagãos. Salamina tinha oito ruas, duas das quais pertenciam aos judeus. O pequeno grupo não passou por este último, mas por uma rota que corria entre os dois quartos e na parte de trás das casas. Desta forma, passaram pelos grandes portões da cidade. Nos portões estava reunida uma multidão de pagãos, homens, mulheres e crianças. Eram muito respeitosas e saudaram Jesus e Seus seguidores timidamente de longe. Eles haviam ouvido a Sua catequese da escola, e estavam agora com seus amigos aos portões.

No fim da rua e meio dentro dos muros do bairro pagão estava a magnífica casa de Cirino, com seus pátios e edifícios laterais. Assim que a casa se tornou visível à distância, a esposa e as filhas de Cirino foram vistas se aproximando com seus servos. Saudavam Jesus e os seus discípulos. Cirino tinha cinco filhas, juntamente com sobrinhas e outros parentes jovens. Todas estas crianças traziam presentes que, depois de se prostrarem diante de Jesus, colocavam aos Seus pés sobre os tapetes que haviam estendido anteriormente. Os presentes consistiam em tijolos de todas as formas, alguns de âmbar, outros de coral, notadamente uma pequena árvore do último montada em um suporte. Parecia que cada criança queria oferecer o objeto mais precioso que possuía, e se ela não podia chegar perto o suficiente do próprio Jesus, ela o apresentava a um de Seus companheiros.

A morada de Cirino era muito espaçosa e construída em estilo pagão, com pátios e degraus exteriores. No telhado havia um jardim bem arrumado de plantas que cresciam em vasos. Tudo estava adornado em estilo festivo. A mesa era mais alta do que as de uso comum, e coberta com um pano vermelho sobre o qual havia um transparente de seda brilhante, ou trituração de palha fina. Os leitos ao redor da mesa, também, eram mais de acordo com os costumes pagãos, mais curtos do que os usados entre os judeus. Além dos discípulos, os convidados eram cerca de vinte homens. As mulheres comiam separadamente, e depois do jantar todas faziam o costumeiro passeio de sábado até a barragem.

De lá, Jesus permitiu que Ele e Seus discípulos fossem conduzidos por Jonas, o novo discípulo, à casa de seu pai, que ficava cercada de jardins, um pouco distante do bairro judeu. Era como uma grande casa de fazenda, tendo algo do claustro em sua disposição. O velho era um essênio, e com ele morava, embora em uma parte separada da casa, várias mulheres idosas, parentes viúvas, sobrinhas ou filhas, que estavam vestidas de forma um pouco diferente e usavam véus brancos. O ancião era humilde e alegre como uma criança, e permitiu-se ser conduzido por seus filhos ao encontro de Jesus. Não sabia o que dar a Jesus, pois não tinha tesouros. Mas ele apontou em torno dele, para si mesmo, seus filhos, suas filhas, como se dissesse: "Senhor, tudo o que temos, nós mesmos somos teus" e meu filho mais querido, meu filho é teu! Convidou Jesus e os discípulos a jantar com ele no dia seguinte.

Jesus então voltou à central de abastecimento de água e falou com o superior sobre os arranjos para o poço de batismo, que ainda não tinha teto e nenhum meio de deixar entrar água. Primeiro, tiveram de implorar ou comprar água aos pagãos. Tinha de ser levado até lá pelo aqueduto que, na planície, tinha cerca de um andar de altura, com reservatórios de ambos os lados. A fonte da água estava na cordilheira a oeste. O novo poço de batismo tinha mais de quatro cantos, e havia degraus que desciam até ele. Em volta dele havia cavidades na forma de uma bandeja, que podia ser preenchida com água pressionando um guincho. O conjunto era cercado por uma muralha e nas proximidades, para ensino, era um lugar aberto encantador coberto por um toldo.

Um grande número de judeus e de pagãos se reuniu no local, e Jesus disse-lhes que no dia seguinte instruiria os que queriam receber o batismo. Os judeus faziam freqüente alusão a Elias e Eliseu, que também haviam estado ali.

Mulheres judaicas com seus filhos haviam-se posicionado aqui e ali no caminho. Jesus acariciava as crianças em Sua vizinhança, freqüentemente chamava os outros a Ele, e dava a todos a Sua bênção. Vários professores pagãos, ou mães com véus amarelos, estavam de pé com suas filhas e meninos. Jesus os abençoou de longe.

Depois disso, todos se dirigiram à sinagoga para os exercícios finais do sábado. Jesus novamente ensinou sobre o sacrifício, tomando Seus textos do terceiro livro de Moisés (Levítico) e do Profeta Ezequiel. Havia algo maravilhosamente doce e impressionante em Suas palavras, ao mostrar que as Leis de Moisés estavam agora realizadas em seu mais elevado significado. Ele falou da oferta de um coração puro. Ele disse que os sacrifícios multiplicados mil vezes não poderiam mais ser de qualquer utilidade, pois a pessoa devia purificar sua alma e oferecer suas paixões como holocausto. Sem rejeitar nada, sem condenar ou abolir nenhuma das prescrições da Lei mosaica, Ele a explicou de acordo com seu verdadeiro significado, fazendo-a assim parecer muito mais bela e digna de reverência. Jesus, ao mesmo tempo, preparou os seus ouvintes para o Batismo e exortou-os ao arrependimento, pois o tempo estava próximo.

Suas palavras e o tom de Sua voz eram como correntes vivas de luz, profundamente penetrante. Ele falava com extraordinária calma e poder, e nunca muito rapidamente, exceto às vezes quando falava com os fariseus. Nesses momentos, as Suas palavras eram como flechas afiadas e a Sua voz era menos suave. O tom de Sua voz comum era um tenor agradável, perfeitamente puro em som, sem a contrapartida na de qualquer ser humano. Ele poderia, sem elevá-lo, ser claramente ouvido acima de um grande clamor.

As lições e as orações eram cantadas na sinagoga em um tom recitativo, da mesma maneira que o canto coral e a Missa dos cristãos, e às vezes os judeus cantavam alternadamente. Jesus leu desta maneira as passagens que Ele explicou das Escrituras Sagradas.

Depois do ensino de Jesus, um velho e piedoso doutor da Lei começou a dirigir-se à assembléia. Ele tinha uma barba longa e branca, era de uma forma magra e um rosto gentil e benevolente. Ele não pertencia a Salamina, mas era um pobre e itinerante professor que viajava de um lugar para outro da ilha, visitando os doentes, consolando os presos, coletando para os pobres, instruindo os ignorantes e as crianças pequenas, consolando viúvas e fazendo discursos nas sinagogas. Nesta ocasião, ele parecia ser inspirado pelo Espírito Santo. Ele dirigiu-se ao povo num discurso que dava testemunho de Jesus, tal como nunca antes tinha ouvido em público de nenhum dos rabinos. Ele lembrou todos os benefícios de Deus Todo-Poderoso a seus pais e a si mesmos, e os exortou a ser gratos a Ele por ter permitido que eles vivessem com a vinda de tal Profeta, tal Mestre, a quem também deviam graças por ter viajado por eles todo o caminho da Terra Santa. Ele lembrou-lhes da misericórdia de Deus para com sua tribo (eles eram da tribo de Issacar), e os exortou a fazer penitência e melhorar suas vidas. Ele disse que Deus não os trataria tão severamente agora como o fez quando castigou os fabricantes e adoradores do bezerro de ouro. Eu não sei a força de sua alusão, talvez muitos de sua tribo estivessem entre os idólatras. Disse também coisas maravilhosas a respeito de Jesus: que o estimava mais do que a um profeta, embora não se atrevesse a dizer quem Ele realmente era, que o cumprimento das Promessas estava próximo, que todos deveriam considerar-se felizes por ouvir tais ensinamentos de tais lábios, e por terem vivido numa época de tal esperança, de tal consolo para Israel. As pessoas ficaram profundamente comovidas, e muitas derramaram lágrimas de alegria. Tudo isto aconteceu na presença de Jesus, que estava em silêncio, de pé, a um lado, entre os seus discípulos.

Jesus foi depois com Seus seguidores à casa do ancião, onde a conversa ficou muito animada. Todos os presentes tentaram fazer com que Jesus permanecesse entre eles. Citaram as palavras de alguns dos Profetas relativas à perseguição e aos sofrimentos, palavras que pareciam se aplicar ao Messias. Confiavam que tal não poderia acontecer a Jesus, e perguntavam se Ele era o precursor do Messias. Então Jesus falou-lhes sobre João, e declarou-lhes que ele não podia permanecer entre eles. Um dos presentes, que havia estado na Palestina quando Jesus lá estava, começou a falar do ódio dos fariseus contra Ele, e disse algumas coisas duras sobre aquela seita. Mas Jesus repreendeu-o por sua severidade, disse algumas palavras em sua desculpa, e voltou a conversa para outros assuntos.

No dia seguinte, no hospital e no poço de batismo recém-construído, Jesus preparou as pessoas para o Batismo. Vários no hospital fizeram-lhe conhecimento dos seus pecados, para o qual propósito se retiraram para longe d'Ele. Ele fez com que água para o Batismo fosse colocada ali em bacias, e nela os doentes foram mais tarde batizados pelos discípulos.

Quando Jesus chegou à praça aberta perto do poço do batismo, encontrou ali uma grande multidão reunida, entre a qual muitos gentios, pois durante a noite o povo vinha das regiões circunvizinhas. Jesus ensinou sob um toldo. O seu discurso focou-se na Sua própria missão, na penitência e no batismo, e explicou o Pai-Nosso.

## **Jesus é convidado para a casa do comandante romano em Salamina**

Enquanto Jesus estava ensinando, apareceu um soldado pagão, ou policial, com uma mensagem para os magistrados. Foi com este propósito que o comandante romano em Salamina desejava falar com o novo Mestre e, conseqüentemente, O convidou para sua casa. O soldado transmitiu sua mensagem com certa severidade, como se

se sentisse mal por não terem trazido Jesus a ele imediatamente. Os magistrados o transmitiram a Jesus por intermédio dos discípulos durante uma pausa no discurso. Jesus respondeu que iria, e continuou a falar. Após Seu ensino, acompanhado pelos discípulos e anciãos, Ele seguiu o mensageiro ao Comandante. Tiveram de percorrer uma distância de meia hora, pelo mesmo caminho pelo qual Jesus tinha vindo do porto, antes de chegarem à porta principal de Salamina, um belo e alto arco apoiado em colunas.

À medida que passavam pelas grandes muralhas e grandes jardins no caminho, o povo pagão e os trabalhadores olhavam curiosamente para Jesus, e muitos, à medida que Ele se aproximava, se escondiam timidamente atrás das muralhas e dos arbustos. Ao entrarem em Salamina, chegaram a uma grande praça aberta. As casas, à medida que passavam, estavam alinhadas com espectadores, de pé nas galerias dos pátios, atrás das grades, e nos portões. Em algumas das esquinas das ruas e debaixo dos arcos havia mulheres e crianças pagãs, em filas de três por três, em ordem regular. As mulheres estavam veladas, e inclinavam-se para Jesus quando ele passava. Aqui e ali, as crianças, às vezes também as mulheres, avançavam e apresentavam a Jesus ou a Seus companheiros diversos pequenos presentes, tais como cachos de arbustos aromáticos, pequenos frascos de perfumes, pequenos bolos castanhos e objetos em forma de estrelas e outras coisas que exalavam um delicioso odor. Isso parecia ser o costume do país, um sinal de recepção reverente. Jesus permaneceu por alguns instantes perto desses grupos, lançou sobre eles olhares graciosos e sinceros, e os abençoou, embora sem tocá-los. Vi ídolos aqui e ali. Não eram como os da Grécia e de Roma, imagens em forma humana, mas como as de Sidom, Tiro e Joze, figuras com asas, ou escamas. Também vi alguns como bonecas.

À medida que se aproximavam da cidade, a multidão que seguia a Jesus aumentava constantemente, e as pessoas corriam de todos os lados para a praça. No centro desta última havia um belo poço. Os degraus conduziam até ele, e através do meio da bacia a água borbulhava. Era protegido por um telhado apoiado em pilares e cercado por pórticos abertos, árvores pequenas e flores. A entrada do poço era geralmente fechada. As pessoas só podiam obter parte de sua água por certos privilégios, pois era a melhor da cidade e se pensava que possuía propriedades peculiarmente saudáveis.

Em frente a este poço estava o palácio do Comandante com sua colunata. Em uma varanda aberta, sobre a qual havia um telhado de pilares, o comandante romano sentava-se numa cadeira de pedra, observando Jesus aproximar-se. Ele estava vestido com traje militar, uma túnica branca que se encaixava bem em volta do corpo, listrado aqui e ali com vermelho. Descia até abaixo das ancas e terminava em tiras, ou franjas. Os membros inferiores estavam amarrados. Ele usava um manto vermelho curto e em sua cabeça um chapéu que me parecia um prato de barbear. Era um homem forte e robusto, com uma barba curta, preta e afiada. Atrás dele e nas escadas da varanda estavam soldados romanos.

Os pagãos ficaram espantados com os sinais de respeito que ele mostrou a Jesus, pois quando este se aproximou, ele desceu da varanda, prendeu Sua mão na extremidade de um lenço de linho que ele segurava em sua própria, e a pressionou com a outra mão, na qual estava a outra extremidade do lenço, ao mesmo tempo inclinando-se baixamente diante Dele. Então ele levou Jesus até a varanda, onde lhe fez, muito gentilmente, pergunta após pergunta. Ele tinha, disse ele, ouvido falar dele como um sábio Mestre. Ele mesmo respeitava a Lei judaica. Se tudo o que se dizia a Seu respeito era verdade, Jesus realmente fez grandes milagres. Quem lhe deu o poder para tais coisas? Era Ele o prometido Consolador, o Messias dos judeus?

Os judeus estavam à espera de um rei. Era Ele esse rei? Por que meios tomaria posse do Seu Reino? Ele tinha um exército algures? Talvez Ele fosse reunir forças aqui em Chipre, entre os judeus? Será que demoraria muito antes de Ele se mostrar em todo o Seu poder? O Comandante colocou várias perguntas deste tipo num tom cheio de respeito e sinceridade. Sua profunda simpatia e reverência por Jesus eram visíveis. Jesus respondeu a todos em termos vagos e gerais, como costumava fazer quando tais perguntas eram feitas a Ele por magistrados. Ele, por exemplo, respondia: Você o diz! É o que eles pensam. Os Profetas declararam isso. A perguntas relativas ao Seu Reino, ao Seu exército, Ele respondeu que o Seu Reino não era deste mundo. Os reis deste mundo precisavam de guerreiros, mas Ele reuniu as almas dos homens no Reino do Pai Todo-Poderoso, o Criador do Céu e da terra. Em palavras profundamente significativas, Ele tocou, de passagem, muitos assuntos. O Comandante ficou espantado com a linguagem e comportamento dele. Ele havia ordenado que fossem trazidos refrescos ao poço na praça aberta, e agora convidou Jesus e Seus discípulos a segui-lo até lá. Examinaram o poço e comeram dos refrescos, que foram espalhados sobre um suporte de pedra previamente coberto. Havia vários pratos castanhos com molho da mesma cor, em que mergulharam bolos. Comiam também pedaços de doces, ou tiras de queijo, de cerca de um braço de comprimento e dois centímetros de espessura, frutas e doces feitos em forma de estrelas e flores. Pequenos jarros de vinho foram colocados ao redor do estande. Outras, feitas de algo com veias coloridas, de forma semelhante às de Caná, só que muito menores, eram enchidas com água do poço. O Comandante também falou com marcada desaprovação de Pilatos, da violência que ele havia exercido no Templo, e de seu caráter em geral, também do aqueduto demolido perto de Silo.

Jesus manteve outra conversa com o comandante ali no poço. Ele falou da água e de suas diferentes fontes, algumas barrocas, outras claras, algumas amargas e salgadas, outras doces, da grande diferença em seus efeitos, de como ela era conduzida ao poço e novamente distribuída em canais. De tais observações Ele passou a instruir tanto pagãos como judeus sobre as águas do Batismo, a regeneração da humanidade por meio da penitência e da fé, quando todos se tornariam filhos de Deus. Era uma instrução admirável, com algo parecido com Sua conversa com a samaritana no poço. Suas palavras causaram profunda impressão no Comandante, que já estava muito bem disposto para com os judeus. Ele queria ouvir Jesus com frequência.

Em Salamina, a separação entre judeus e pagãos não era tão acentuada. Ali, como na Palestina, os judeus mais esclarecidos, e especialmente os seguidores de Jesus, comiam e bebiam com a classe superior dos pagãos, embora sempre usassem vasos separados. Ao seu retorno, Jesus foi saudado por muitos dos pagãos, e isso ainda mais respeitosamente do que antes, devido às marcas de honra mostradas a Ele pelo Comandante. Flores naquele país eram extremamente abundantes, e as artificiais eram mais artisticamente feitas de lã colorida, seda e pequenas penas. Vi as crianças pagãs que Jesus abençoou adornadas na sua maior parte com tais flores. As meninas eram, como os meninos, vestidas com roupas muito curtas de tecido fino; os mais pequenos dos pobres tinham apenas um cinto ao redor da cintura. As jovens donzelas das classes mais ricas usavam túnicas finas e amarelas ricamente cobertas com as flores de lã coloridas de que falei. Em volta dos ombros, as pontas cruzadas sobre o peito, usavam um lenço de textura fina, e em seus braços e cabeça, pequenas guirlandas de flores artificiais. Eles deviam ter criado bichos-da-seda ali, pois eu vi ao longo das paredes árvores cuidadosamente criadas em que esses insetos estavam rastejando e girando seus casulos.

## **Jesus na Casa do Pai de Jonas. Ensino no poço do batismo**

Quando Jesus visitou a casa do essênio, o pai de Jonas, Ele foi acompanhado apenas por Seus discípulos e alguns dos doutores. Ele foi recebido com as cortesias usuais, isto é, lavando os pés. Os arranjos domésticos eram ali muito mais simples, mais parecidos com o campo do que os da mansão em que Jesus tinha sido hospedado pela primeira vez. A família era grande e pertencia à seita dos essênios, daqueles que se casavam. Viviam em grande pureza, sendo piedosos e simples em suas maneiras. A porção feminina era de viúvas com filhos já crescidos, filhas do velho, com quem moravam. Jonas, o discípulo, era filho de um casamento posterior, e sua mãe morreu ao dar-lhe à luz. O velho o amava tanto mais como ele era seu único filho, e ele tinha estado em grande ansiedade sobre sua ausência por mais de um ano. Ele tinha olhado para ele como perdido, quando ele recebeu notícias dele através de Cirino, cujos filhos tinham encontrado Jonas na festa de Páscoa e em Dabereth perto de Tabor. Os jovens viajavam para obter informações, como os jovens estudantes costumam fazer. Ele tinha visitado o mais notável dos Lugares Sagrados, os essênios na Judéia, o túmulo de Jacó perto de Hebrom, e o de Raquel entre Jerusalém e Belém. O último nomeado ficava naquela época na rota direta entre esses dois lugares; agora, porém, fica um pouco de um lado. Ele também havia visitado tudo o que era mais interessante em Belém, bem como os montes Carmelo e Tabor. Tinha ouvido falar de Jesus e tinha estado presente num dos Sermões da Montanha antes de Ele ir para o país dos gergeseus. Depois da festa da Páscoa, ele tinha ido com os filhos de Cirino de Dabereth para a última instrução em Gabara. Foi então que Jesus o recebeu como discípulo, na qual qualidade ele agora voltava para casa.

O entretenimento era realizado num jardim em que havia árvores longas e densamente sombreadas. Um banco verde elevado, coberto com um pano, servia de mesa. Os sofás também consistiam de bancos de grama semelhantes cobertos de tapetes. A refeição era composta de vários tipos de doces, caldo, legumes embebidos em molho, carne de cordeiro, frutas e pequenos jarros de alguma coisa, tudo muito simples. As mulheres comiam em uma mesa separada, embora parecessem estar mais à vontade do que outras mulheres judaicas. Serviram à mesa, baixaram os véus e sentaram-se à distância, ouvindo depois as palavras de Jesus. Em ambos os lados do jardim havia fileiras inteiras de árvores formadas de folhagem densa e verde. Eu acho que eles foram concebidos como lugares para os exercícios devocionais da família, que era como uma perfeita pequena comunidade essênia. Viviam da agricultura e da criação de gado, do tecelagem e de fios.

De lá, Jesus foi com os discípulos ao poço de batismo recém-construído, onde preparou muitos judeus para o Batismo por meio de um discurso no qual exortou ao arrependimento e abençoou a água do batismo. Ao redor do poço central havia algumas bacias em forma de salveira em um nível com a superfície circundante. Essas bacias eram cercadas por pequenas valas, nas quais os neófitos desciam por um par de degraus. Aquele que batizava ficava à beira da bacia e derramava água sobre a cabeça dos neófitos inclinados sobre a mesma. Os padrinhos ficavam atrás e imprimiam as mãos sobre eles. Por meio da abertura ou pressão de uma peça de maquinário no poço central, a água podia ser introduzida nas bacias e valas. Vi Barnabé, Tiago e Azor batizarem em três das bacias. Antes da cerimônia eu vi Jesus, de um vaso de couro plano que eles haviam trazido com eles da Judéia, derramando um pouco de água do Jordão, tirada de Seu próprio lugar de batismo, nas bacias, e depois abençoando a água assim misturada com ela. Após o Batismo, não só toda esta água batismal era derramada novamente no poço central, mas as bacias eram

secas com um pano que era então espremido para o poço. Eu vi os neófitos com pequenos mantos brancos em volta dos ombros.

Depois disso, vi Jesus indo em uma direção mais ocidental entre jardins e muralhas, onde estavam esperando por Ele vários pagãos que, preparados por seu amigo Cirino, também desejavam o Batismo. Ele se afastou com alguns deles a quem ensinou mais, e cerca de trinta deles foram batizados nos vários jardins balneares ao redor. A água era introduzida nos banhos para esse fim, água que Jesus abençoou.

Além das duas ruas pertencentes aos judeus, havia na vizinhança de Salamina toda uma cidade judaica. De um lado de Salamina havia uma torre redonda de circunferência extraordinária, à qual estavam ligados todos os tipos de dependências. Era como uma cidadela. A cidade possuía muitos templos, um dos quais era de dimensões incomuns, e seu terraço podia ser alcançado por um degrau interior ou exterior. No templo, encontraram-se numerosas colunas, algumas tão grandes ao redor, que nelas havia degraus e pequenos apartamentos cortados, nos quais as pessoas podiam ficar em pé e observar as cerimônias religiosas. A algumas horas de Salamina, vi outra cidade importante.

A oeste da cidade, vi uma caravana de estrangeiros se aproximando, que acampavam sob tendas. Eles deviam estar vindo do outro lado da ilha; de fato, por causa da direção, eu estava inclinada a pensar que eles tinham vindo da própria Roma. Tinham com eles algumas mulheres e um grande número de bois grandes e pesados, com chifres largos e cabeças baixas. Eles eram amarrados juntos, dois a dois, com longas varas nas costas, nas quais carregavam cargas. Acho que esses estranhos vinham em parte por causa da colheita. Eles traziam comércio que queriam trocar por grãos.

Na manhã seguinte, Jesus proferiu, na praça aberta perto do poço de batismo, uma longa catequese tanto para os judeus como para os pagãos. Ele ensinou sobre a colheita, a multiplicação do grão, a ingratidão da humanidade que recebe as maiores maravilhas de Deus de forma tão indiferente, e predisse para esses ingratos o destino do joio e das ervas daninhas, a saber, serem lançados no fogo. Ele disse também que de um grão de semente foi colhida uma colheita inteira, que todas as coisas vieram de um só, Deus Todo-Poderoso, o Criador do Céu e da terra, o Pai e Apoiador de todos os homens, que recompensaria suas boas obras e puniria seus maus. Mostrou-lhes também como os homens, em vez de se voltarem para Deus, o Pai, se voltam para as criaturas, para os blocos sem vida. Passam friamente pelas maravilhas de Deus, ao passo que contemplam com espanto as obras aparentes, embora insignificantes, dos homens, até mesmo honrando os miseráveis malabaristas e feiticeiros. Ali, Jesus aproveitou a ocasião para falar dos deuses pagãos, das idéias ridículas que se tinham deles, da confusão existente nessas idéias, do serviço prestado a eles e de todas as crueldades relacionadas com eles. Daí, Ele falou de alguns desses deuses individualmente, fazendo perguntas tais como estas: Quem é este deus? Quem é o outro? Quem era o pai dele? etc. A essas perguntas, Ele mesmo deu as respostas, expondo nelas as genealogias confusas e as famílias de suas divindades pagãs e as abominações relacionadas com elas, todos os quais poderiam ser encontrados, não no Reino de Deus, mas apenas no do pai da mentira. Por fim, Ele mencionou e analisou os vários e contraditórios atributos desses deuses.

Embora Jesus falasse de maneira tão severa e conclusiva, todavia, Seu ensino era tão agradável, tão sugestiva de bons pensamentos para Seus ouvintes, que não podia suscitar nenhum desagrado. Seu ensino contra o paganismo era muito mais moderado aqui em Salamina do que costumava ser na Palestina. Falou também da

vocação dos gentios ao Reino de Deus e disse que muitos estrangeiros do Oriente e do Ocidente possuíam os tronos destinados aos filhos da casa, visto que estes últimos afastariam a salvação deles.

Durante uma pausa no ensino, Jesus tomou um bocado para comer e beber, e as pessoas se entretinham com o que acabavam de ouvir. Entretanto, alguns filósofos pagãos se aproximaram de Jesus e O questionaram sobre alguns pontos que não compreendiam, também sobre algo que lhes fora transmitido por seus antepassados como vindo de Elias, que havia estado naquelas partes. Jesus deu-lhes a informação desejada, e então começou a ensinar sobre o Batismo, também sobre a oração, referindo-se para Seu texto à colheita e ao seu próprio pão diário. Muitos dos pagãos receberam as mais salutares impressões das instruções de Jesus e foram levados a reflexões produtivas de frutos. Mas outros, achando que Suas palavras não lhes agradavam, partiram.

E agora eu via um grande número de judeus batizados no poço de batismo, as águas das quais Jesus abençoou. Três de cada vez estavam em volta de uma bacia. A água nas valas chegava até a panturrilha.

Jesus, depois disso, foi com Seus seguidores e alguns dos doutores até uma cidade judaica separada, a cerca de meia hora ao norte. Ele foi seguido por muitos de Seus últimos ouvintes, e Ele continuou a falar com vários pequenos grupos. O percurso levava a lugares mais elevados, abaixo dos quais havia prados e jardins. Aqui e ali havia fileiras de árvores, e novamente alguns solitários, alta e densa, até que o viajante podia subir e encontrar um assento sombreado. A visão se estendia ao redor de várias pequenas localidades e campos de trigo dourado. Às vezes, a estrada passava ao longo de largas paredes de rocha nuas, nas quais filas inteiras de celas haviam sido escavadas para os trabalhadores do campo.

Fora da cidade judaica havia uma bela pousada e um jardim de lazer. Ali entrou o próprio grupo de Jesus, enquanto ordenou ao resto da sua escolta que voltasse para casa. Os discípulos lavaram os pés de Jesus, depois os uns dos outros, deixaram as suas vestes, e seguiram o seu Mestre até a cidade judaica. Durante a lavagem dos pés, vi perto da estalagem, de um lado da estrada principal que corria ao longo da cidade, edifícios longos e leves, semelhantes a galpões, nos quais havia um grande número de mulheres e servas judaicas ocupadas em selecionar, organizar e preservar cuidadosamente os frutos que as escravas, ou empregadas domésticas, levavam para lá em cestas dos jardins vizinhos. As frutas eram de todos os tipos, grandes e pequenas, também bagas. Separavam os bons dos ruins, faziam todo tipo de divisões, e até mesmo colocavam alguns embrulhados em algodão em prateleiras uma sobre a outra. Outros estavam empenhados em colher e embalar algodão. Notei que todas as donas de casa baixavam os véus assim que os homens apareciam na estrada. Os galpões estavam divididos em vários compartimentos. Pareciam-me um pomar geral, onde a porção destinada aos dízimos e a das esmolas eram colocadas de lado. Foi uma cena muito movimentada.

Jesus foi com Seu grupo à morada dos rabinos perto da sinagoga. O rabino mais velho O recebeu cortesmente, embora com um toque de rígida reserva em sua maneira. Ofereceu-Lhe os refrescos habituais, e disse algumas palavras sobre Sua visita à ilha e Sua fama, etc. Tendo a chegada de Jesus se tornado conhecida, vários enfermos imploraram Sua ajuda, e então, acompanhado pelos rabinos e discípulos, Ele os visitou em suas casas e curou muitos aleijados e paralisados. Eles e as suas famílias saíram das suas casas, louvando a Deus. Mas ele os silenciou e mandou-os voltar. Nas ruas Ele era recebido por mães e seus filhos, a quem abençoava. Alguns trouxeram-lhe crianças doentes, e ele as curou.

E assim passou a tarde até a noite, quando Jesus acompanhou os rabinos a um entretenimento em Sua honra, entretenimento que também estava ligado ao começo da colheita. Os pobres e o povo trabalhador eram alimentados nela, costume que recebeu de Jesus palavras de elogio. Eram trazidos dos campos em cordas e sentados em longas mesas, como bancos de pedra, onde eram servidos vários pratos. Jesus, de vez em quando, servia-os Ele mesmo com os discípulos, e os instruía em frases curtas e parábolas. Vários doutores judeus estavam presentes no entretenimento; mas, no geral, esta companhia não estava tão bem disposta, não tão sincera como os judeus em torno da pousada de Jesus, perto de Salamina. Havia um toque de farisaísmo neles e, depois de se terem aquecido, fizeram alguns comentários ofensivos. Perguntaram se Ele não poderia convenientemente permanecer mais tempo na Palestina, qual era o verdadeiro objetivo de Sua visita a eles, se Ele pretendia ficar algum tempo entre eles, e terminaram sugerindo que Ele não deveria causar perturbação em Chipre. Tocaram igualmente em diversos pontos de Sua doutrina e modo de agir que os fariseus da Palestina tinham o hábito de ensaiar. Jesus respondeu-lhes como costumava fazer em ocasiões semelhantes, com mais ou menos severidade, segundo a medida de sua própria civilidade. Ele lhes disse que tinha vindo para exercer as obras de misericórdia como o Pai Celestial queria que Ele fizesse. A conversa foi muito animada. Deu a Jesus a oportunidade de proferir um sermão severo, no qual, ao mesmo tempo em que elogiava a bondade deles para com os pobres e qualquer outra coisa louvável neles, denunciou a hipocrisia deles. Já era tarde quando Jesus saiu com seus seguidores. Os rabinos acompanharam-no até à porta da cidade.

## **A sacerdotisa pagã Mercuria. Os literatos pagãos**

Quando Jesus voltou com os discípulos para a pousada, um pagão se aproximou dele e pediu-lhe que fosse com ele a um certo jardim a alguns passos de distância, onde uma pessoa em apuros esperava implorar sua ajuda. Jesus foi com os discípulos ao lugar indicado. Lá, Lá ele viu parada entre as paredes da estrada uma senhora pagã, que se curvou profundamente diante dele. Ordenou aos discípulos que se afastassem um pouco, e então perguntou à mulher o que ela queria. Ela era uma pessoa notável, perfeitamente desprovida de instrução, profundamente mergulhada no paganismo e totalmente devotada ao seu serviço abominável. Um olhar de Jesus deixou-a ansiosa e despertou nela a sensação de que estava errada, mas ela não tinha uma fé simples e tinha uma maneira muito confusa de se acusar. Ela disse a Jesus que tinha ouvido falar que ele havia ajudado Madalena e também a mulher aflita a dar à luz, na qual ele havia tocado mais do que a bainha de seu manto. Ela implorou a Jesus que a curasse e a acusasse, mas, novamente, ela disse que talvez ele não pudesse curá-la, pois ela não estava, como a mulher com o problema, fisicamente doente. Confessou que era casada e tinha três filhos, mas que aquele, desconhecido de seu marido, fora gerado em adultério.

Ela também teve relações sexuais com o comandante romano. Quando Jesus, no dia anterior, visitou o último nomeado, ela tinha observado-O de uma janela e viu um halo de luz em torno de Sua cabeça, que visão muito poderosamente impressionou ela. No começo, ela pensou que seu sentimento vinha do amor a Jesus, e a idéia causou-lhe uma angústia tão intensa que ela caiu no chão inconsciente. Quando voltou a si mesma, toda a sua vida, todo o seu interior passou diante dela de uma forma tão terrível que ela perdeu totalmente a sua paz de espírito. Ela então fez perguntas a respeito de Jesus, e soube de algumas mulheres judaicas sobre a cura de Madalena, e também sobre a de Enue, de Cesaréia de Filipe, a mulher que sofria

de hemorragia. Ela agora implorou a Jesus que a curasse, se fosse possível. Jesus disse-lhe que a fé daquela aflita mulher era simples; que, na firme crença de que, se pudesse tocar somente na costura de Sua veste, seria curada, ela havia se aproximado Dele furtivamente e sua fé a havia salvo.

A mulher tola novamente perguntou a Jesus como Ele poderia ter sabido que Enue O tocou e que Ele a curou. Ela não compreendia a Jesus nem o Seu poder, embora desejasse sinceramente a Sua ajuda. Jesus a repreendeu, mandando-a renunciar à sua vida vergonhosa, e falou-lhe de Deus, o Todo-Poderoso, e de Seu Mandamento: "Não cometerás adultério". Ele colocou diante dela todas as abominações da devassidão (contra a qual sua própria natureza se revoltou) praticada no serviço impuro de seus deuses; e Ele a confrontou com palavras tão sérias e tão cheias de misericórdia que ela se retirou chorando e refletiu com tristeza. O nome da senhora era Mercuria. Ela era alta e tinha cerca de vinte e cinco anos. Ela estava envolta em um manto branco, longo e fluente nas costas, mas um pouco mais curto na frente, que formava um boné em torno da cabeça. Suas outras vestes também eram brancas, embora com bordas coloridas. Os materiais com que as mulheres pagãs se vestiam eram tão macios e tão aderentes à forma que esta podia ser facilmente identificada pelo olhar.

A manhã inteira do dia seguinte foi dedicada pelos discípulos ao batismo na fonte, e vi Jesus ensinar tanto ali como nas obras de água. Seus ensinamentos foram dados principalmente em parábolas sobre a colheita, o pão diário, o maná, o Pão da Vida que lhes seria dado, e o único Deus. Os trabalhadores eram enviados para a colheita em grupos, e vi Jesus instruí-los enquanto passavam à Sua frente. As pessoas ali acampadas sob tendas também eram judeus, que haviam vindo ali especialmente por causa de Jesus. Tinham trazido os seus doentes em animais de carga, e agora, hoje, foram colocados em berços debaixo de toldos e árvores nas proximidades do local de ensino. Jesus curou cerca de vinte aleijados e paralisados.

Ao chegar às obras hidráulicas, foi abordado por vários homens, pagãos eruditos, que haviam estado presentes segundo as Suas catequeses do dia anterior. Eles imploravam uma explicação sobre vários pontos, falaram de suas divindades, especialmente de uma deusa que tinha surgido ali do mar, e de outro representado em seu templo sob a forma de um peixe. Este último era chamado Derketo. Perguntaram-lhe também sobre um relato que circulava entre os judeus e que se relacionava com Elias. Foi para este efeito, que Elias viu uma vez uma nuvem a subir do mar, que a nuvem era, na realidade, uma virgem. Queriam saber, disseram, de onde ela desceria, pois dela devia proceder um Rei. Um que fosse para fazer o bem ao mundo inteiro. Agora, de acordo com os cálculos, era hora de isto acontecer. Com esta história, misturaram outra a respeito de uma estrela que sua deusa havia deixado cair sobre Tiro, e perguntaram se poderia ser essa a nuvem de que haviam falado.

Um deles dizia que havia um relato atual de um aventureiro na Judéia, que estava aproveitando a nuvem de Elias e a circunstância da plenitude dos tempos, para se proclamar rei. Jesus não deu nenhuma indicação de que Ele era aquele com quem estavam preocupados, embora disse: "Esse homem não é aventureiro, nem proclama o que é falso. Muitas mentiras são espalhadas contra Ele, e você diz que agora essas coisas, vocês se uniram a eles para caluniá-lo. Mas chegou a hora das profecias se cumprirem. Ele caluniou por si mesmo, porque tinha ouvido falar de Jesus de uma forma geral.

Esses homens eram filósofos. Tinham alguma insinuação da verdade misturada com a fé em suas próprias divindades, as quais tentavam novamente explicar com várias interpretações. Mas todos os personagens e ídolos que eles queriam explicar, no

decorrer do tempo, tornaram-se tão misturados e confusos em suas mentes que até mesmo a nuvem de Elias e a Mãe de Deus, de quem eles não sabiam nada, tiveram que ser arrastados por eles para a confusão geral. Chamavam a sua deusa Derketo, a Rainha do Céu. Falavam dela como de alguém que tinha trazido à terra tudo o que ela possuía de sabedoria e prazer. Diziam que, tendo seus seguidores deixado de reconhecê-la, ela lhes profetizou tudo o que lhes aconteceria no futuro; também que ela mergulharia no mar e reapareceria como um peixe para estar com eles para sempre. Tudo isso, acrescentaram, tinha realmente acontecido, etc. Sua filha, que ela havia concebido nos ritos sagrados do paganismo, era Semiramis, a sábia e poderosa Rainha de Babilônia.

Que maravilha! Enquanto esses homens estavam falando assim, eu vi toda a história dessas deusas, como se elas realmente tivessem surgido antes de mim e ainda estivessem vivas. Sentia-me impaciente por desiludir os filósofos de seus erros grosseiros. Eles me pareciam tão surpreendentemente tolos em não vê-los, que eu ficava pensando: "Agora, isto é tão distinto, tão claro que eu vou explicar tudo a eles!" Então, novamente, pensei: "Como você se atreve a falar sobre tais coisas! Estes homens instruídos devem saber melhor do que tu! e tornei-me um tormento durante aquela conversa de várias horas.

Jesus explicou aos filósofos a confusão e o absurdo de seu sistema idólatra. Relatou-lhes a história da Criação, de Adão e Eva, da Queda, de Caim e Abel, dos filhos de Noé, da construção da Torre de Babilônia, da separação dos maus e de sua gradual queda para a impiedade. Ele lhes disse que essas pessoas iníquas, a fim de restaurar suas relações com Deus, de quem haviam caído, haviam inventado todos os tipos de divindades e haviam sido seduzidas pelo maligno no erro mais grosseiro; não obstante, a Promessa de que a semente das mulheres esmagaria a cabeça da serpente estava entrelaçada com toda a poesia, costumes e cerimônias de sua arte necromântica. Foi em consequência desta vaga idéia que tinham da Promessa que tantas personagens haviam de tempos em tempos aparecido com o vazio desígnio de trazer salvação ao mundo; mas, em vez disso, haviam dado a ele ainda maiores pecados e abominações extraídos da fonte impura da qual eles mesmos haviam nascido. Ele falou-lhes sobre a separação da família de Abraão do resto da humanidade; a educação de uma raça especial para a guarda da Promessa; a orientação, direção e purificação dos Filhos de Israel; e Ele concluiu falando-lhes sobre os Profetas, sobre Elias e suas Profecias, e que o tempo presente seria o de sua realização. As palavras de Jesus eram tão simples, tão convincentes e impressionantes que alguns dos filósofos ficaram muito esclarecidos, enquanto outros, voltando a seus relatos míticos, ficaram novamente enredados em seus labirintos. Jesus conversou com os filósofos até quase uma hora. Alguns deles creram e reformaram suas vidas. Esses homens estavam envolvidos em suas elucidações, aparentemente eruditas, de toda sorte de perguntas tolas e confusas. Jesus, porém, deixou cair um raio de luz sobre suas almas, quando lhes provou que para a raça caída da humanidade e sua história sempre permaneceu um vestígio, mais ou menos correto, dos desígnios de Deus sobre os homens. Mostrou-lhes como eles, vivendo como viviam num reino de trevas e confusão, haviam sido apanhados pelas múltiplas impropriedades e abominações da idolatria que, no meio de sua tolice, ainda oferecia o brilho externo da verdade perdida; mas Deus, em Sua misericórdia para com a humanidade, formou de alguns dos mais inocentes uma nação da qual devia proceder o cumprimento da Promessa. Então Ele apontou para eles que este tempo de graça chegara agora, que quem quer que fizesse penitência, corrigisse sua vida, e recebesse o Batismo, deveria nascer de novo e tornar-se um filho de Deus.

Antes desta entrevista com os filósofos e imediatamente após o Batismo, Jesus enviara Barnabé e alguns outros discípulos a Quitros, a algumas horas de distância, onde morava a família de Barnabé. Jesus tinha com Ele apenas o discípulo Jonas e outro discípulo de Dabereth, quando Ele andou meia hora para o oeste de Salamina até uma região rica e fértil, onde havia uma pequena aldeia cujos habitantes estavam ocupados com a colheita. Eram principalmente judeus, pois seus campos estavam daquele lado da cidade. O país era muito agradável, e a agricultura era praticada de uma maneira diferente da nossa. O grão era cultivado em cordilheiras muito altas, semelhantes a muralhas, entre as quais havia pastagens cercadas por inúmeras árvores frutíferas, olivais e outras. Eles estavam cheios de gado que, embora preso, podia pastar na sombra, e ainda assim não prejudicavam as colheitas. Esses prados baixos também eram uma espécie de reservatório para o orvalho e a água. Vi muitas vacas negras sem chifres; bois, jorobados, de pés pesados e de chifres muito largos, usados como animais de carga; inúmeros jumentos; ovelhas extraordinariamente grandes com caudas espessas; e, além do resto, rebanhos de carneiros, ou ovelhas com chifres. Casas e galpões estavam espalhados aqui e ali. O povo tinha uma escola muito bonita e um lugar para ensinar ao ar livre, também um doutor da Lei entre eles; mas, no sábado, costumavam ir à sinagoga em Salamina, perto da hospedaria de Jesus.

A estrada era muito bonita. Assim que os ceifeiros notaram Jesus (eles já O haviam visto na sinagoga e no Batismo), eles deixaram seu trabalho e suas ferramentas, jogaram fora o pedaço de casca que usavam em sua cabeça como proteção dos raios do sol, e, apressando-se em bandos das altas cordilheiras, ajoelharam-se diante Dele. Muitos deles até se prostraram no chão. Jesus os saudou e os abençoou, depois de que eles voltaram ao seu trabalho. À medida que Jesus se aproximava da escola, o doutor, que tinha sido informado de Sua vinda, saiu com algumas outras personalidades honradas para encontrá-Lo. Ele deu-Lhe as boas-vindas, acompanhou-O até um belo poço, lavou-Lhe os pés, tirou-Lhe o manto, que depois foi sacudido e escovado, e ofereceu-Lhe comida e bebida.

Jesus, com estas pessoas e outras que haviam vindo de Salamina, ia de campo em campo, instruindo os ceifeiros em breves parábolas sobre a semeadura, a colheita, a separação do trigo do joio, a construção do celeiro e o lançamento do joio no fogo. Os ceifeiros ouviam-no em grupos, e então voltavam ao seu trabalho, enquanto Jesus passava para outro grupo.

Os homens usavam uma faca torta na colheita. Eles cortavam o caule cerca de um pé abaixo da orelha, e entregava-o para as mulheres que estavam atrás para recebê-lo. Os últimos amarravam as orelhas em feixes e as levavam em cestas. Vi que muitas das orelhas baixas eram deixadas de pé, e que mulheres pobres vimham depois, as cortavam e recolham as caídas como sua parte. Estas mulheres usavam roupas muito curtas. As suas cinturas eram enroladas com faixas de linho, e a sua túnica enrolada em volta do corpo formava um saco, no qual colocavam as orelhas que recolham. Seus braços eram descobertos, o peito e o pescoço escondidos por faixas de linho, e a cabeça velada, ou simplesmente protegida por um tipo de chapéu, conforme fossem casadas ou virgens.

Jesus prosseguiu andando e ensinando por cerca de meia hora, e depois voltou ao poço perto da escola. Ali, encontrou uma refeição preparada numa mesa de pedra para si e para os seus companheiros. Consistia de um molho espesso, mel, eu acho, em pratos rasos, longos bastões de algo do qual eles quebravam um pouco e colocava-os em seu pão, pequenos rolos de pastel, frutas, e jarros com um pouco de algum tipo de bebida. O poço era extremamente bonito. Atrás dele havia um terraço alto cheio de árvores. Era preciso descer muitos degraus para chegar à cisterna do

poço, que era fresca e com sombra. A parte feminina da família do doutor morava a alguma distância da escola. Eles estavam cobertos quando trouxeram os alimentos para a refeição. Jesus ensinou sobre o Pai-Nosso. À noite, os ceifeiros se reuniram na escola, onde Jesus explicou as parábolas que Ele havia contado a eles nos campos, e ensinou também sobre o maná, o pão diário e o Pão do Céu. Ele foi depois com o doutor e outros para visitarem os doentes em suas cabanas, e curou vários dos coxos e hidrópicos, que se encontravam principalmente em pequenas células construídas na parte de trás das casas. Assim, ele visitou uma senhora afligida de hidropisia. Seu pequeno aposento só era grande o suficiente para acomodar sua cama. Estava aberta a seus pés, permitindo-lhe assim olhar para um pequeno jardim de flores. O telhado era leve e podia ser levantado para permitir-lhe um vislumbre do céu. Alguns homens e mulheres foram com Jesus até a cabana da mulher doente. Eles tiraram a cortina, e Jesus assim se aproximou da inválida: "Mulher, desejas ser aliviada?" Ao que ela respondeu humildemente: "Eu desejo o que agrada ao Profeta". Daí, Jesus disse: "Levanta-te! A tua fé te ajudou! A mulher levantou-se, saiu de sua pequena cela, e disse: "Senhor, agora eu sei o Teu poder, pois muitos outros tentaram me ajudar, mas não conseguiram". Ela e os seus familiares deram graças e louvaram ao Senhor. Muitos vieram vê-la, perguntando-se sobre a cura dela. Jesus voltou para a escola.

Eu vi, naquele dia em Salamina, Mercuria, a pecadora, andando para cima e para baixo em seus apartamentos, presa de profunda tristeza e inquietação. Ela chorava, torcia as mãos, e, envolta em seu véu, muitas vezes se jogava no chão em um canto. O marido dela, que não me parecia muito inteligente, pensava como as criadas que ela tinha perdido a cabeça. Mas Mercuria estava dilacerada pelo remorso por seus pecados; seu único pensamento, seu sonho constante, era como ela poderia se libertar de seus laços e se juntar às mulheres santas na Palestina. Ela tinha duas filhas de oito e nove anos, e um menino de quinze anos. A sua casa ficava perto do grande templo. Era grande, com muralhas maciças e cercada por moradias de servos, colunas, terraços e jardins. Convidaram-na a ir ao templo, mas ela recusou, alegando estar doente. Este templo era um edifício extraordinário cheio de colunas, salas, moradias para os sacerdotes pagãos e abóbadas. Nele havia uma gigantesca estátua da deusa, que brilhava como ouro. O corpo era de um peixe, e a cabeça tinha chifres como uma vaca. Diante dele havia outra figura de menor estatura, sobre cujos ombros a deusa descansava seus braços curtos, ou garras. As figuras ficavam sobre um pedestal alto, no qual havia cavidades para queimar incenso e outras ofertas. Os sacrifícios em honra da deusa consistiam até mesmo de crianças, especialmente de aleijados.

A casa de Mercuria tornou-se posteriormente a morada de Costa, o pai de Santa Catalina. Catalina nasceu e cresceu nela. O seu pai era descendente de um príncipe da Mesopotâmia. Por certos serviços, foi recompensado com grandes posses em Chipre. Casou-se em Salamina com uma filha da mesma família sacerdotal pagã à qual Mercuria pertencia. Mesmo em sua infância, Catarina era cheia de sabedoria, e tinha visões interiores pelas quais era guiada. Ela não podia suportar os ídolos pagãos, e expulsá-los de vista onde quer que pudesse. Como castigo por isso, seu pai uma vez a colocou em confinamento.

As cidades dessas regiões não eram como as nossas, nas quais as casas estão separadas. Os edifícios dessas cidades pagãs eram enormes, com terraços e muralhas maciças nas quais, novamente, eram construídas moradias para pessoas mais pobres. Muitas das ruas eram como amplas muralhas, e eram plantadas com árvores. Sob essas vias foram encontradas as moradas de um grande número de pessoas. Grande ordem reinou em Salamina. Cada classe de habitantes tinha sua

própria rua. As crianças da escola também eu vi na maior parte em uma rua em particular, e havia outros separados para as bestas de carga. Os filósofos tinham um grande edifício próprio. Era cercado por pátios, e eu os via passeando na rua que lhes pertencia. Enrolados em seus mantos, caminhavam em grupos de quatro ou cinco, em fila, e falavam por turnos. Eles sempre mantiveram um lado da rua para ir, e para o outro em retornar. Esta ordem era observada em todas as ruas.

A praça com a bela fonte, na qual o Comandante realizou sua entrevista com Jesus, era muito mais alta do que as ruas adjacentes. Para chegar lá, era preciso subir uma série de degraus. Ao redor desta praça havia arcadas cheias de lojas. De um lado havia a praça do mercado, perto da qual havia fileiras de árvores densas, em forma de pirâmide, nas quais se podia subir e sentar-se em sua folhagem em forma de arco. O palácio do Comandante ficava nesta praça.

## Jesus Ensina em Citro

Na manhã seguinte, Jesus passou novamente pelos campos de colheita instruindo os trabalhadores. Uma névoa notável perdurava sobre o país durante todo o dia, tão densa que mal se podia ver o seu vizinho, e o sol brilhava através dela como uma mancha branca. Os campos iam para nordeste entre as elevações crescentes até que terminavam em um ponto. Vi inúmeras perdizes, codornizes e pombos com enormes colheitas. Lembro-me também de ter visto uma espécie de maçã grossa, cinza, costelada, com a polpa estriada de vermelho. Crescia em árvores espalhadas, que eram cultivadas em treliças. Jesus ensinou em parábolas sobre a colheita e o pão diário, e curou várias crianças aleijadas que estavam deitadas em peles de ovelha numa espécie de berço, ou balde. Quando algumas pessoas começaram a louvar em voz alta o Seu ensino, Jesus as examinou com algumas palavras como estas: "A quem tem, a ele será dado; e quem não tem (ainda que ele pense que tenha), será tirado dele". Os judeus daquele lugar tinham dúvidas sobre vários pontos, sobre os quais Jesus os instruiu. Temiam não ter parte na Terra Prometida, pensavam que Moisés não tinha necessidade de atravessar o Mar Vermelho, e que não havia razão para ele vagar tanto tempo no deserto, visto que havia outras e mais diretas rotas. Jesus respondeu às suas objeções com a resposta de que podiam obter a posse do Reino de Deus, e que não havia necessidade, era verdade, de uma tão longa permanência no deserto. Desafiou-os, visto que eles desaprovavam tais procedimentos em Moisés, a não vaguearem por si mesmos no deserto do pecado, da incredulidade e da murmuração, mas a tomarem o caminho mais curto por meio da penitência, do Batismo e da fé. Os judeus de Chipre haviam se casado livremente com os pagãos, mas, em tais contatos, os pagãos sempre se tornavam convertidos ao judaísmo. Naquela caminhada de ensino pelos campos de colheita, Jesus e Seus companheiros chegaram à estrada principal que, seguindo algumas horas para o oeste de Salamina, ligava o porto na costa noroeste de Chipre ao porto no sudeste. Ali havia uma grande hospedaria judaica, onde Jesus e seus discípulos se hospedaram. Não muito longe estavam barracões e uma pousada com um poço para as caravanas pagãs. A estrada estava sempre repleta de viajantes. Não havia nenhuma mulher na pousada; as mulheres moravam separadas. Jesus acabara de lavar Seus pés e tomar alguns refrescos quando os discípulos, que haviam permanecido em Salamina batizando, chegaram. Os companheiros de Jesus agora eram vinte em número, e ele continuou a ensinar ao ar livre ao povo que voltava para casa do trabalho. Traziam-lhe alguns trabalhadores doentes que já não podiam ganhar o seu pão. Ao crerem na Sua doutrina, Jesus os curou e mandou que retomassem imediatamente o seu trabalho diário.

Ao anoitecer chegou uma caravana de árabes. Tinham com eles, como animais de carga, bois cangados em pares. Tinham dois postes nas costas, carregavam enormes pacotes de mercadorias que se elevavam acima de suas cabeças. Em partes estreitas da estrada, iam um atrás do outro, ainda mantendo seu fardo entre eles. Vi também jumentos e camelos carregados de fardos de lã. Esses árabes eram da região em que Jetro habitava. Eram de pele mais castanha que os cipriotas, e haviam vindo ali com suas mercadorias em barcos. Nos distritos mineiros pelos quais passavam, trocavam alguns de seus bens por cobre e outros metais, e agora seguiam seu rumo para o sul, ao longo da estrada principal, a fim de embarcar novamente para casa. Os animais carregavam o metal pesado em longos baús, os pacotes menores do que o habitual por causa de seu peso. Acho que o metal estava em barras, ou em longas placas. Algumas delas já estava forjadas em vários vasos e chaleiras, que eu vi, em pacotes redondos e na forma de um barril. As mulheres eram extremamente diligentes. Durante a viagem, seja a pé ou a cavalo, elas se ocupavam em tecer, e sempre que acampavam, começavam a tecer cobertores e lenços. Consequentemente, podiam sustentar-se na viagem e renovar suas próprias roupas. Eles usavam para seu trabalho a lã embalada nas bestas de carga. Enquanto fiavam, fixavam a lã aos ombros, fiavam o fio com uma mão e o enrolavam no fuso que giravam na outra. Quando o fuso estava cheio, o fio era enrolado em uma bobina pendurada no cinto.

Quando essas pessoas descarregaram e cuidaram de seus animais, cumprimentaram a Jesus e rogaram que lhes fosse permitido ouvir Sua doutrina. Ele os elogiou por sua diligência e aproveitou a ocasião para fazer a pergunta: Para quem era todo o seu trabalho, para que todo o seu trabalho. A partir daí, Ele passou a falar do Criador e Preservador de todas as coisas, da gratidão a Deus, da misericórdia de Deus para com os pecadores e as ovelhas perdidas que vagam sem conhecer seu Pastor. Ele os ensinou com palavras mansas e amorosas. Ficaram comovidos e felizes, e queriam dar-Lhe toda sorte de presentes. Ele abençoou seus filhos e os deixou. Com Seus companheiros, dirigiu então Seus passos mais para o norte, em direção a Quitros, situada entre quatro e cinco horas a partir daquele lugar e cerca de seis horas a partir de Salamina. O caminho agora se tornara montanhoso.

Vi ali no campo oliveiras e algodões, também uma planta da qual acho que faziam uma espécie de seda. Não se parecia com o nosso linho, mas sim como o cânhamo, e fornecia um fio longo e macio. Mas o mais notável de tudo era uma pequena árvore com quantidades de belas flores amarelas, muito encantadora de se ver. Seu fruto era quase o mesmo que o do medlar, ou caqui; pareceu-me ser açafraão. À esquerda, um tinha uma bela vista das montanhas cobertas de altas florestas. Os ciprestes eram numerosos, assim como pequenos arbustos resinosos de deliciosa fragrância. Também ali, entre as montanhas, descia um pequeno riacho que em uma parte formava uma cachoeira. Ainda mais longe e mais alto, havia de um lado da montanha uma floresta, do outro, o solo nu sobre o qual havia um caminho, e de ambos os lados haviam cavernas que se estendiam na montanha. Desses eram extraídos cobre e algum tipo de metal branco como a prata. Vi os mineiros a perfurá-los, também de cima. O metal devia ter sido fundido no local, e que com um certo amarelo algo do qual havia uma montanha inteira na vizinhança. O operário amassava a massa derretida em grandes bolas e depois deixava-as secar. Ouvi dizer naquela ocasião que a montanha às vezes pegava fogo.

Depois de quatro horas de viagem, Jesus chegou a uma hospedaria a mais de meia hora de Citrô. Ao longo de toda a estrada, ainda se podiam ver minas. Ali Jesus e Seus companheiros pararam, e o pai de Barnabé, junto com alguns outros homens,

receberam o Senhor e fizeram a Ele os habituais atos de bondade. Jesus descansou ali e ensinou, depois de ter tomado uma refeição leve com seus companheiros.

Chytrus ficava em uma planície baixa. Jesus aproximou-se do lado onde estavam as minas. A população era composta de judeus e pagãos. Por toda a cidade havia numerosos edifícios isolados. Pareciam oficinas rurais ligadas por jardins e campos.

Fiquei muito perturbado com o pequeno fruto resultante do grande cansaço e trabalho de Jesus em Chipre. Era tão pequeno que, como me disse o peregrino, nada se sabia daquela viagem, não se fazia menção dela nas Escrituras, nem mesmo dos trabalhos de Paulo e Barnabé ali. Vi então uma visão a respeito disso, da qual me lembro dos seguintes pormenores: Jesus ganhou quinhentas e setenta almas, pagãos e judeus, em Chipre. Vi que a pecadora Mercuria e seus filhos não tardaram em segui-Lo, e que ela trouxe com ela uma grande riqueza em bens e dinheiro. Ela se juntou às mulheres santas; e nos primeiros assentamentos cristãos entre Ofel e Betânia, feitos sob os diáconos, ela contribuiu em grande parte para as construções e o apoio dos irmãos. Vi também que, numa insurreição contra os cristãos (Saulo ainda não se convertendo), Mercuria foi assassinada. Foi na época em que Saulo se dirigia a Damasco. Logo após a partida de Jesus da ilha, muitos pagãos e judeus, com seu dinheiro e seus bens de valor, deixaram Chipre e viajaram para a Palestina, e pouco a pouco, transferiram para lá toda a sua riqueza. Então, surgiu um grande clamor entre outros membros dessas famílias que não haviam abraçado a doutrina de Jesus. Eles se consideravam feridos pela partida de seus parentes, e zombavam de Jesus como de um impostor. Os judeus e os pagãos fizeram uma causa comum, e consideraram um crime até mesmo falar dele. Muitas pessoas foram presas e açoitadas. Os sacerdotes pagãos perseguiam os de sua própria crença e os obrigavam a oferecer sacrifícios. O comandante que havia entrevistado Jesus foi chamado de volta a Roma e destituído de seu cargo. Chegaram ao ponto de enviar soldados romanos para tomar posse dos portos, de modo que ninguém pudesse deixar a ilha. Não ficaram muito tempo, mas, ao partirem, levaram consigo alguns dos habitantes.

No caminho para Citrô, Jesus instruiu os mineiros em grupos separados. Algumas das minas eram alugadas por pagãos; outras, por judeus. Os trabalhadores pareciam muito magros, pálidos e miseráveis. Seus corpos nus eram protegidos em vários lugares com pedaços de couro castanho, nos quais eram envolvidos como tartarugas em suas conchas. Jesus tomou como objeto de Sua instrução o ourives, que purifica o minério no fogo. Os pagãos e os judeus trabalhavam em lados diferentes da estrada, de modo que ambos podiam ouvir ao mesmo tempo. Havia algumas criaturas possuídas, ou gravemente perturbadas, que tinham de ser amarradas com cordas, mesmo quando estavam trabalhando, e, à medida que Jesus se aproximava, começavam a enfurecer-se e a chorar. Eles divulgaram Seu nome, e clamaram para saber o que Ele queria com eles. Jesus ordenou-lhes que se calassem, e ficaram calados. Alguns mineiros judeus agora se apresentaram queixando-se de que os pagãos haviam aberto minas sob a estrada em seu distrito, invadindo assim seus direitos, e rogaram a Ele que decidisse o assunto entre eles. Daí, Jesus mandou que fosse feito um buraco perto da fronteira, através da parte que pertencia aos judeus, e os trabalhadores foram às minas pagãs. Foram encontrados montes de restos brancos, metálicos, acho que zinco ou prata, que tentaram os pagãos a ultrapassar os seus limites. Jesus deu uma catequese sobre o escândalo e os bens ilícitos. Os pagãos foram condenados, pois os fatos testemunharam contra eles. Mas, como o magistrado não estava no local, nada podia ser feito, e os pagãos se retiraram murmurando sua insatisfação.

Chytrus era um lugar muito emocionante. Os habitantes, pagãos e judeus, viviam

em bons termos uns com os outros, como eu mais de uma vez vi, embora as duas seitas morassem em bairros diferentes. Os pagãos tinham vários templos, e os judeus, duas sinagogas. Casamentos mistos eram muito frequentes entre eles, mas, nesses casos, o partido pagão sempre abraçava o judaísmo.

Fora da cidade, Jesus foi recebido pelos anciãos e doutores judeus, bem como por dois dos filósofos de Salamina, que, tocados por Sua doutrina, O haviam seguido até lá, a fim de ouvi-Lo novamente. Depois de terem dado a Jesus uma recepção com as atenções costumeiras, lavando-lhe os pés e dando-lhe refrigerios na casa dedicada a tais propósitos, eles O suplicaram pela cura de várias pessoas doentes que haviam ansiosamente aguardado Sua vinda. Jesus acompanhou Sua escolta até o bairro judeu, onde, na rua em frente a várias casas, jaziam cerca de vinte enfermos, a quem Ele curou. Alguns deles eram aleijados. Eles estavam apoiados em muletas, que eram como molduras apoiadas em três pés. Os curados e seus parentes proclamavam os louvores de Jesus, gritando depois Dele breves passagens de encomios tiradas principalmente dos Salmos, mas os discípulos lhes disseram para ficarem calados.

Jesus foi ao lado da casa do ancião da sinagoga, onde estavam reunidos vários dos letrados, entre eles alguns que pertenciam à seita dos recabitas. Estes últimos usavam uma vestimenta um pouco diferente dos outros judeus, e seus modos e costumes eram peculiarmente rigorosos. No entanto, já haviam deixado de lado muitos deles. Eles tinham uma rua inteira para si mesmos, e estavam especialmente envolvidos na mineração. Pertenciam àquela raça que se estabeleceu em Efrom, no reino de Basã, em cuja vizinhança também se operava a mineração. Jesus foi convidado pelo ancião para um jantar, que ele ordenara que fosse preparado para Ele depois do sábado. Mas, como ele havia prometido jantar com o pai de Barnabé, ele convidou todos os convidados presentes para acompanhá-lo lá, e pediu ao ancião que hospedasse os trabalhadores pobres e mineiros depois que a sinagoga terminasse com as refeições preparadas para o jantar.

A sinagoga estava cheia de pessoas, e multidões de pagãos escutavam nos pórticos do lado de fora. Jesus tirou Seu texto do terceiro livro de Moisés, que trata do sacrifício do Tabernáculo, e de Jeremias, relacionado à Promessa. Ele falou de sacrifícios vivos e mortos, respondeu às perguntas de Seus ouvintes sobre a diferença entre eles e ensinou as Oito Bem-aventuranças.

Havia na sinagoga um velho rabino piedoso que havia sido afligido por muito tempo com hidropisia, e que, como de costume, se fazia levar para lá, para o seu lugar habitual. Enquanto os letrados disputavam com Jesus sobre vários pontos, ele clamou em voz alta: Silêncio! Permita-me uma palavra! e quando todos se calaram, ele gritou: "Senhor! Mostraste misericórdia para com os outros. Ajuda-me, também, e manda-me vir até Ti! Então Jesus disse ao homem: "Se você crê, levante-se e venha a mim". O homem doente levantou-se instantaneamente, exclamando: "Senhor, eu creio!" Ele foi curado. Ele subiu os degraus até onde Jesus estava, e agradeceu-lhe, enquanto toda a assembléia irrompeu em gritos de alegria e louvor. Jesus e Seus discípulos saíram da sinagoga e foram para a casa de Barnabé. Então, o chefe do banquete convocou os pobres e os trabalhadores para participarem do jantar que Jesus lhes havia deixado.

## **A Casa Paterna e a Família de Barnabé. Jesus ensina nos arredores de Quitros**

O pai de Barnabé morava além dos limites ocidentais da cidade, em uma das muitas casas espalhadas por lá. Quitro era cercada por tais moradias, algumas das quais,

em grupos, formavam aldeias. A casa era muito bonita. De um lado, era terraço, as paredes castanhas como se pintadas a óleo ou esmaltadas com resina... ou era essa a cor natural? Nesses terraços havia plantas e folhagem. Além dos terraços, a casa era cercada por uma colunata, uma galeria aberta, sobre a qual havia belas árvores. Além disso, havia vinhas e um espaço aberto cheio de madeira para construção, tudo em boa ordem. Nele havia alguns troncos de árvores extraordinariamente grossos, e havia todos os tipos de figuras feitas de madeira, mas tudo estava tão bem organizado que se poderia facilmente andar entre eles. Acho que a madeira era para a construção de barcos. Vi carruagens muito longas, mas não mais largas do que a própria madeira, e providas de pesadas rodas de ferro. Eles eram puxados por bois amarrados bem distantes. Pode-se ver, não muito longe de Chytrus, uma floresta muito bonita de árvores altas.

O pai de Barnabé era viúvo. Sua irmã, com suas servas, tinha uma casa na vizinhança; ela cuidava de sua casa e fornecia as refeições. Os pagãos que acompanhavam Jesus, bem como os filósofos de Salamina, não se recostaram com Ele à mesa, porque ainda era sábado; mas andavam de um lado para o outro na sala aberta, comendo de suas mãos e, de pé, sob o pilar, escutando o ensino de Jesus. A refeição consistia em pássaros e peixes largos e planos, além de bolos, mel e frutas. Havia também pratos com pedaços de carne enrolados em forma de espiral e adornados com todo tipo de ervas. Jesus falou de sacrifício, da Promessa, e demorou muito tempo sobre os Profetas.

Durante o jantar, vários grupos de crianças pobres, de quatro a seis anos de idade, apareceram. Tinham em pequenos cestos mal tecidos algum tipo de ervas comestíveis, que ofereciam aos convidados em troca de pão ou outro alimento. Pareciam preferir aquele lado da mesa em que Jesus e Seus seguidores se recostavam. Jesus levantou-se, esvaziou seus cestos de ervas, encheu-os dos alimentos sobre a mesa e abençoou os pequeninos. Esta cena foi muito encantadora, muito comovente.

Na manhã seguinte, Jesus ensinou na parte de trás da casa de Barnabé, onde havia um terreno de bela elevação, equipado com uma cadeira de professor. O caminho que levava a ela da casa passava por magníficos arbustos de videiras. Uma grande audiência se reuniu. Jesus dirigiu-se primeiro aos mineiros e outros trabalhadores, depois aos pagãos e, por fim, a uma grande multidão de judeus que se casaram com famílias pagãs. Muitos pagãos doentes haviam implorado a Jesus ajuda e permissão para ouvir suas instruções. Eram em sua maioria trabalhadores, doentes e aleijados, que jaziam em sofás perto da cadeira do professor. A catequese de Jesus para os trabalhadores era sobre o Pai-Nosso e o refinamento do minério pelo fogo; para os pagãos, sobre os rebentos selvagens de árvores e videiras (que tinham de ser cortados), ou o único Deus, os filhos de Deus, o filho da casa e o servo, e a vocação dos gentios. Daí, voltou-se para o assunto dos casamentos mistos, que não deveriam ser tomados de ânimo leve, embora pudessem ser tolerados por condescendência. No último caso, porém, só poderiam ser permitidos quando houvesse a perspectiva de converter ou aperfeiçoar uma das partes, mas nunca apenas para a gratificação da sensualidade. Só poderiam ser suportadas quando ambas as partes fossem animadas por uma intenção santa. Ele falou, contudo, mais contra do que a favor de tais uniões, e declarou-as felizes, as que criaram filhos puros na casa do Senhor. Ele tocou no sério relato que o partido judeu teria de fazer, da responsabilidade de educar os filhos na piedade, da necessidade de corresponder com a graça no tempo de sua visita, e da penitência e do Batismo. Depois disso, Jesus curou os doentes e jantou com Barnabé. Acompanhado de Seus amigos, Ele então foi para o lado oposto da cidade, onde havia um número de

colmeias colocadas a uma distância invulgarmente grande umas das outras, entre os grandes jardins de flores. Perto havia uma fonte e um pequeno lago. Jesus ensinou ali e contou parábolas, depois das quais todos foram para a cidade, para a sinagoga, onde a catequese sobre o sacrifício e a Promessa foi concluída.

Havia neste tempo alguns judeus eruditos viajando pelo país. Fizeram a Jesus toda sorte de perguntas astutamente inventadas, mas Ele logo as respondeu. Esses homens pareciam ser movidos por algum mau desígnio. Suas perguntas referiram-se a casamentos mistos, a Moisés e aos números que ele fez matar, a Arão, ao bezerro de ouro que ele ordenou fazer, ao seu castigo, etc.

O dia seguinte parecia ser uma festa ou um jejum entre os judeus, pois havia serviço matinal na sinagoga, isto é, oração e pregação. Depois disso, Jesus deixou a cidade pelo lado norte com todos os Seus discípulos e alguns jovens pagãos. Seu pequeno grupo foi acompanhado por alguns doutores judeus e vários recabitas, de modo que havia no total cem homens. Eles continuaram sua viagem por cerca de uma hora para um lugar que era a principal sede da indústria de criação de abelhas. Muito longe, em direção ao sol nascente, havia longas fileiras de colmeias brancas, com a altura de um homem e tecidas, penso eu, de juncos ou cascas. Tinham muitas aberturas, e eram colocadas uma sobre a outra. Cada grupo tinha diante de si um campo florido, e eu notei que o bálsamo crescia ali em abundância. Cada campo, ou jardim, era cercado por uma cerca, e todo o conjunto tinha a aparência de uma cidade. Podia-se reconhecer prontamente a parte pagã dela, pois aqui e ali, em nichos, estavam marionetes com caudas, como as de um peixe, curvadas atrás delas no ar. Tinham patas pequenas e curtas e rostos não totalmente humanos.

A própria aldeia consistia em muitas pequenas casas pertencentes aos proprietários de abelhas, que mantinham lá os vasos e utensílios usados em seu ramo de indústria. A hospedagem era um grande edifício com todos os tipos de dependências. Linhas de galpões, ou salões abertos, cruzavam-se em torno dos pátios, nos quais haviam numerosos cabides e longos tapetes. O mordomo deste estabelecimento supria as necessidades de todos os que ali estavam empregados. Era um pagão. Os judeus tinham os seus próprios salões e lugares para rezar, acho que a cera e o mel eram preparados na casa e sob os longos galpões. Parecia uma casa para a reunião geral dos produtos. Vi ali também muitas dessas pequenas árvores cujas flores amarelas eram tão bonitas. As folhas eram mais amarelas do que verdes, e as flores caíam tão densamente no chão que formavam, por assim dizer, um tapete macio. Largos tapetes eram estendidos sob as árvores para pegá-los. Vi os trabalhadores prensando as flores para extrair delas algum tipo de corante. As pequenas árvores, quando jovens, eram plantadas em vasos, e depois muitas vezes transplantadas em buracos de rochas com terra ao redor das raízes. Havia árvores semelhantes na Judéia. Vi ali também grandes plantas de linho, das quais tiravam fios longos.

Não muito longe de Citrô, a cerca de meia hora ao norte, um rio bastante considerável brotava da rocha, fluía primeiro pela cidade e depois regava a região pela qual Jesus havia vindo. Em alguns lugares, fluía livremente, em outros, era coberto por uma ponte. Acho que o abastecimento de água dos aquedutos de Salamina eram obtido a partir dele. Formava na sua fonte um verdadeiro lagozinho. Em suas águas o Batismo ainda não havia sido dado, e acho que havia alguma alusão a isso. O número de belas flores silvestres nesta região era surpreendente. Ao longo das estradas havia laranjas, figos, groselhas e videiras.

Jesus tinha ido ali principalmente para poder instruir os pagãos sem interrupção, sem ser perturbado por visitantes. Ele fez isso o resto do dia nos jardins e árvores da pousada. Seus ouvintes estavam de pé ou deitados na grama, enquanto ele os

instruía sobre o Pai-Nosso e as Oito Bem-aventuranças. Quando se dirigiu aos idólatras, falou especialmente da origem e abominações de seus deuses, da vocação de Abraão e sua separação dos idólatras, e da orientação de Deus sobre os filhos de Israel. Ele falou abertamente e com força. Havia cerca de cem homens ouvindo-O. Após a instrução, todos tomaram refrescos na pousada, os pagãos à parte. A refeição consistia em pão, longas tiras de queijo de cabra, mel e frutas. O proprietário da casa era pagão, mas muito humilde e reservado em suas maneiras. Naquela noite, tendo os pagãos se retirado, Jesus instruiu os judeus e eles oraram juntos. Todos passaram a noite na hospedagem.

Quitros era um lugar muito mais movimentado do que Salamina, onde todo tipo de negócios e tráfego se limitavam ao porto e a algumas ruas. Ali, porém, reinava grande atividade. Do lado por onde Jesus se aproximava da cidade, havia um grande mercado onde eram expostos gado e pássaros para venda. Perto do coração da cidade havia outro mercado lindo de se ver. Era muito alta e em torno dela, bem como sob seus arcos elevados, penduravam muitos tipos diferentes de tecidos e coberturas coloridas. O lado oposto da cidade era ocupado quase inteiramente pelos trabalhadores do metal e suas fundições. As marteladas e golpes eram tão surpreendentemente altos que ninguém podia ouvir suas próprias palavras, embora a maioria das fábricas estivessem fora da cidade. Faziam todos os tipos de vasos, especialmente uma espécie de forno oval, grande e leve, com uma pequena tampa e duas alças perto do topo. Na sua fabricação, o metal era primeiro dobrado em forma, e depois colocado em imensos fornos, onde a massa fundida era soprada por meio de longos tubos na forma do vaso oco necessário. Eram amarelas por fora e brancas por dentro. Todos os tipos de frutas, bem como mel ou xarope, eram exportados por eles. Quando eram transportadas pelo mar, eram colocadas numa espécie de ponteiro, e na terra eram transportadas por meio de postes passados pelas alças.

No dia seguinte, Jesus novamente ensinou no apiário, tendo o número de Seus ouvintes aumentado para duzentos. Em termos mais convincentes, Ele novamente explicou aos pagãos seus erros, e representou a existência de seus deuses como tão lamentável que eles tinham de explicá-la por todos os tipos de significados, a fim de serem capazes de suportá-los. E quando ele continuou a sua conversa, exortando-os a abandonar suas sutilezas, suas ilusões, sua luta constante em prol da mentira, e na simplicidade de seus corações, a limitar suas pesquisas a Deus e a Seus versículos, alguns deles, que haviam vindo a ele, como se fossem letrados e viajando com suas varas nas mãos, se indignaram e voltaram para o seu caminho murmurando. Jesus comentou nesta conjuntura: "Deixai-os ir! É melhor que o façam do que permanecerem e fazerem novos deuses com o que acabaram de ouvir. Ele proferiu muitas palavras proféticas sobre a desolação que um dia viria sobre aquela bela região, suas cidades e seus templos, e sobre o julgamento que cairia sobre todos aqueles países. Ele disse que, quando a idolatria tivesse atingido seu auge, então o paganismo se tornaria nada, e Ele demorou muito tempo a castigar os judeus e a destruição de Jerusalém. Os pagãos aceitaram tudo melhor do que os judeus, que, apoiando-se em suas Promessas, sempre tinham algumas objeções a apresentar. Jesus passou por todos os Profetas com eles, explicou as passagens relacionadas com o Messias e disse-lhes que havia chegado o tempo para seu cumprimento. O Messias surgiria entre os judeus, mas eles não O aceitariam. Escarneceriam dele e zombariam dele, e quando ele lhes dizia que era aquele que eles esperavam, eles o pegariam e o matariam. Esta linguagem não era de modo algum do gosto de muitos de Seus ouvintes, e Jesus os lembrou de como estavam acostumados a fazer com seus profetas. Concluiu dizendo que, assim como haviam

tratado os arautos, assim também agiriam para com Aquele a quem anunciaram.

Os recabitas falaram com Jesus a respeito de Malaquias, a quem tinham grande veneração. Disseram a Jesus que o consideravam um anjo de Deus, que ele havia aparecido como criança a certas pessoas piedosas, que ele havia desaparecido com frequência por algum tempo, e que ninguém sabia se ele estava agora realmente morto ou não. Meditaram por muito tempo nas suas profecias sobre o Messias e Seu novo sacrifício, que Jesus explicou como referentes ao presente e ao futuro próximo. Do apiário, Jesus foi com uma grande companhia (que, contudo, diminuiu constantemente na estrada) de volta à casa de Barnabé, uma viagem de várias horas. O maior número do Seu grupo consistia de jovens pertencentes à comunidade judaica, e que estavam prestes a embarcar para Jerusalém para celebrar a festa de Pentecostes. Todavia, os que permaneceram com Jesus formaram um grupo bastante considerável. Cerca de trinta a quarenta mulheres e donzelas pagãs e cerca de dez moças judaicas se reuniram à entrada dos jardins para honrar a Jesus. Tocavam flautas e cantavam cânticos de louvor; traziam coroas de flores e espalhavam ramos verdes pelo caminho. Aqui e ali também espalhavam os leitos no caminho por onde Jesus passaria, inclinando-se humildemente diante dele, e ofereciam-lhe presentes de grinaldas, flores, arbustos aromáticos e pequenos frascos de perfume. Jesus agradeceu-lhes e dirigiu-lhes algumas palavras. Eles o seguiram até o pátio da casa de Barnabé, e colocaram seus presentes na sala de reunião. Tinham enfeitado tudo com flores e guirlandas. Esta recepção, embora rural e menos barulhenta, era algo semelhante à que Jesus recebeu no Domingo de Ramos. Sua escolta logo voltou para suas casas, pois já era noite.

Fiquei espantado com o traje das mulheres pagãs. As meninas usavam bonés de aspecto curioso, como as chamadas cestas de cuco que, quando criança, eu costumava tecer de juncos. Alguns eram sem ornamento, outros tinham uma coroa de flores entrelaçada em torno deles a partir do qual inúmeros fios com todos os tipos de ornamento caiam sobre a testa. A borda inferior sempre consistia de uma grinalda feita de flores de estame ou de penas. O véu era usado sob o chapéu, ou gorro. Era em duas partes para que pudesse ser aberto na frente, ou jogado para cima sobre o chapéu; no último caso, caia para trás tão baixo quanto o pescoço. Eles eram cintos muito apertados, usavam uma peitoral, e ao redor do pescoço todos os tipos de fitas e ornamentos. Os vestidos inferiores estavam muito cheios. Consistia em várias saias de material fino, uma sobre a outra, e cada uma com cerca de um palmo, ou nove polegadas, mais longa do que a que estava acima dela, de modo que a mais baixa de todas era a mais longa. Os braços não estavam inteiramente cobertos. O vestido não tinha mangas, apenas lapetes longos, e pequenas grinaldas eram presas em torno dos braços. O material era de cores diferentes: amarelo, vermelho, branco, azul, alguns listrados e outros cobertos de flores. O cabelo caia em volta dos ombros como um véu. Ele era preso nas extremidades com um cordão de borlas, e assim impedido de flutuar na brisa. As sandálias dos pés descalços eram dobradas em uma ponta no dedo do pé e mantidas no lugar por meio de laços. O cocar das mulheres casadas não era tão alto como o das meninas. Tinha uma folha rígida na frente que protegia a testa e descia em um ponto até o nariz, e de lá curvado acima das orelhas, expondo-os assim a vista com seus pingentes de pérolas. Era aberta e enrolada com cabelos trançados, pérolas e todo tipo de ornamentos. Eles usavam longos mantos que penduravam muito na parte de trás. As crianças com eles não tinham outra roupa do que uma banda de algum tipo de coisa, que, passando por um ombro, cruzava o peito, e era amarrado em torno da cintura, formando uma cobertura para o meio do corpo. Essas mulheres haviam esperado Jesus por três horas inteiras.

Uma refeição tinha sido preparada em Barnabé. Mas os convidados não se recostaram à mesa. A comida era entregue a cada um numa pequena tábua, um garçom de madeira, tal como tinha sido usado no barco. Muitos anciãos estavam reunidos ali, entre eles o velho doutor da Lei, a quem Jesus havia curado na sinagoga. O pai de Barnabé era um homem velho, sólido e quadrado, e era fácil ver que ele estava acostumado a trabalhar com madeira. Os homens daqueles dias pareciam muito mais robustos do que os da era atual.

Depois vi Jesus sentado na cadeira do professor na fonte fora de Chytrus. Ele estava preparando os neófitos para o Batismo, que os discípulos conferiam, primeiro aos judeus e depois aos pagãos.

Jesus falou ali também com os doutores judeus sobre o assunto da circuncisão. Ele disse que não deveria ser imposta aos pagãos convertidos, a menos que eles mesmos o desejassem. Ao mesmo tempo, não se devia esperar que os judeus permitissem a entrada desses convertidos na sinagoga, pois deviam evitar escândalo. Mas deviam agradecer a Deus que os pagãos, tendo abandonado sua idolatria, estavam aguardando a hora da salvação. Poderiam ser-lhes impostas outras mortificações, a circuncisão do coração e de toda espécie de concupiscência. Jesus providenciou a instrução e as devoções deles, à parte dos judeus.

## Jesus na Cidade de Mallep

Reparei em alguns homens que, com muito respeito, fechavam o poço fora de Citrô, onde os discípulos haviam sido batizados. A multidão que estava presente aos ensinamentos de Jesus, bem como os recém-batizados, estavam prestes a separar-se para suas casas. Alguns estavam em pé em torno de vários viajantes judeus que acabavam de chegar. Para suas perguntas sobre o paradeiro de Jesus, receberam a resposta: "O Profeta ensinou aqui desde o início desta manhã até o meio-dia. Mas agora Ele foi com Seus discípulos e cerca de sete filósofos de Salamina, recém-batizados, para a grande aldeia de Mallep. Este lugar era construído pelos judeus, portanto, só judeus viviam nele. Estava situado em uma altura em direção à base de uma cadeia de montanhas, e abrigava uma vista maravilhosamente bela de todos os lados, até mesmo até o mar. Tinha cinco ruas, todas convergindo em direção ao centro, onde, escavado na fundação rochosa, havia um reservatório que recebia seu suprimento de água do canal do poço perto de Chytrus. Ao redor do reservatório havia belos assentos sob árvores sombreadas, e de lá se dava uma vista magnífica sobre toda a cidade e o campo circunvizinho, que estava repleto de frutas. Mallep era cercada por uma trincheira dupla, a interna mais baixa que a externa. Grande parte dela era escavada na rocha, e além dela, parecendo pequenos vales, haviam valas ao redor da cidade. Na espada verde fresco, coberto com flores adoráveis, estavam fileiras de árvores frutíferas mais magníficas, sob a qual estava a grande fruta amarela na grama, para tudo ali estava agora em plena colheita. As pessoas estavam ocupadas secando frutas que iriam ser enviadas para longe. Fabricavam também panos, tapetes, esteira, caixas leves e rasas, de madeira, para secar os frutos.

Quando Jesus chegou, foi recebido na porta pelos doutores da sinagoga, pelos estudantes e pela multidão que tinha vindo recebê-Lo, todos adornados como para uma festa. As crianças cantavam, tocavam instrumentos musicais e carregavam ramos de palmeira, as meninas indo à frente dos meninos. Jesus passou por entre as crianças, abençoando-as à medida que caminhava, e com Seus seguidores, cerca de trinta homens, foi escoltado pelos doutores até uma sala de recepção, onde foi realizada a cerimônia de lavar os pés.

Enquanto isso, cerca de vinte enfermos, alguns coxos, outros hidropéticos, eram trazidos para a rua fora da casa. Jesus os curou e mandou que o seguissem até o poço no coração da cidade. Grande foi a alegria dos parentes, quando, com o recentemente curado, fizeram o caminho para o lugar designado, onde Jesus lhes deu ensinamentos sobre o pão diário e a gratidão a Deus.

De lá, Ele foi à sinagoga e ensinou sobre a petição: "Venha o teu reino". Ele falou do Reino de Deus em nós e de sua proximidade. Explicou a Seus ouvintes que era um reino espiritual, não terrestre, e disse-lhes como seria o destino daqueles que o rejeitassem. Os pagãos que haviam seguido a Jesus estavam atrás dos judeus, pois a linha de separação era mais rigorosamente observada ali do que nas cidades pagãs.

Terminada a catequese, Jesus assistiu a um jantar oferecido pelos doutores, após o qual eles o acompanharam até a hospedaria, que havia sido preparada para ele e seus companheiros. Um mordomo havia sido designado para cuidar de todas as coisas.

No dia seguinte, Jesus ensinou novamente na extraordinariamente bela sinagoga, onde todas as pessoas estavam reunidas. Falou do semeador, de diferentes tipos de solo, de ervas daninhas e do grão de mostarda, que produz tanto fruto. Ele tomou Suas semelhanças de um arbusto que crescia naquelas regiões que, a partir de um núcleo muito pequeno, brotava um caule espesso como o braço e quase tão alto quanto um homem, e que era muito útil. Seu fruto era grande como uma bolota, vermelho e preto. Seu suco, quando extraído, era usado para tingir. Os pagãos batizados não estavam na sinagoga, mas fora, nos terraços, escutando as palavras de Jesus.

Depois disso, quando Jesus estava jantando com os anciãos, três meninos cegos, de cerca de dez a doze anos de idade, foram levados a Ele por outras crianças. Os primeiros estavam tocando flautas e outro tipo de instrumento que eles mantinham na boca e tocavam ao mesmo tempo com os dedos. Não era uma flauta, e fazia um zumbido, um zumbido como a harpa dos judeus. Em intervalos também cantavam de maneira muito agradável. Seus olhos estavam abertos, e parecia que uma catarata havia obscurecido a visão. Jesus perguntou-lhes se desejavam ver a luz, a fim de andar diligente e piedosamente nos caminhos da justiça. Responderam com muita alegria: 'Senhor, e nos ajudarás! Ajuda-nos, Senhor, e faremos tudo o que mandares! Então Jesus disse: "Ponham os vossos instrumentos de lado!" E puseram-os à frente dele, colocou os dedos na boca deles, e passou-os um a um do canto dos olhos até a parte acima. Então, Ele pegou um prato de frutas da mesa, deu-o diante dos meninos, e disse: "Vocês vêem isso?" abençoou-os e deu-lhes o conteúdo. Eles olhavam em volta com alegre espanto, estavam embriagados de prazer, e por fim lançaram-se aos pés de Jesus chorando. Todos os presentes ficaram profundamente comovidos; alegria e admiração tomaram posse de todos. Os três rapazes, cheios de alegria, saíram apressadamente do salão com seus guias e atravessaram as ruas para os pais. Toda a cidade estava em excitação. As crianças voltaram com seus parentes e muitos outros ao pátio do salão, cantando canções de alegria e tocando seus instrumentos, a fim de assim expressar sua gratidão. Jesus aproveitou esta circunstância para dar uma bela catequese sobre a gratidão. Ele disse: "Ação de Graças é uma oração que atrai novos favores, tão bom é o Pai Celestial".

Depois do jantar, Jesus andou com os discípulos e os filósofos pagãos pelos belos prados sombreados em volta da cidade, ensinando os homens pagãos e os novos discípulos. Os discípulos mais velhos ensinaram eles mesmos grupos separados. Naquela noite, Jesus ensinou novamente na sinagoga.

No dia seguinte, Ele visitou os pais dos meninos cegos que Ele havia curado. Eram judeus da Arábia, da região em que Jetro, sogro de Moisés, morara. Tinham um nome específico. Viajaram por toda a região, e já haviam sido batizados perto de Cafarnaum. Estavam viajando por aquela parte do país naquele tempo, e tinham ouvido o Sermão de Jesus no monte. Essas pessoas, isto é, essas duas famílias compostas de cerca de vinte pessoas, incluindo as mulheres e crianças, eram comerciantes e fabricantes, que, como entre nós os italianos, os tirolezes e os habitantes da Floresta Negra, ficam por um tempo, às vezes ali, às vezes lá, ocupando-se em fazer relógios, armadilhas para ratos, miniaturas em gesso de Paris, que eles vendiam aos seus vizinhos, unindo assim o trabalho e o tráfego. Nesta época, eles geralmente visitavam Mallep por alguns meses. Fora da cidade, no norte, eles ocupavam uma pousada privada na qual tinham todos os tipos de ferramentas, aparelhos de tecelagem, etc. Seus meninos cegos tinham, em suas peregrinações, para ganhar algo por cantar e tocar a flauta quando a oportunidade era oferecida. Jesus disse aos pais que não deveriam mais arrastar os meninos atrás deles, mas que deveriam permanecer em Mallep e frequentar a escola. Indicou-lhes as pessoas que receberiam e instruiriam os seus filhos, pois Ele já havia providenciado tudo isso no dia anterior. Os pais prometeram fazer tudo o que Ele ordenasse.

## **Jesus ensina perante os filósofos pagãos. Ele assiste a um casamento judaico**

Jesus andou com os discípulos e os sete filósofos batizados pelo encantador vale de prados que levava de Mallep à aldeia de Lanifa e então, subindo suavemente, virou-se para o sul, para as montanhas. Deste lado sul descia um riacho, de cerca de um metro de largura, que nascia na primavera perto de Quitro. Corria em um leito coberto pelas montanhas, depois pela aldeia de Lanifa e pelo vale perto de Mallep, cujos fossos circunvizinhos alimentava. Mas não era a mesma água que a da fonte elevada no centro de Mallep, embora a rua pela qual Jesus deixou a cidade, a quinta e última do lugar, fosse a do canal pelo qual o belo reservatório era abastecido. As palavras não conseguem descrever o encanto e a tranquilidade deste vale verdejante, suavemente sinuoso e inteiramente cercado pelas colinas vizinhas. Até Mallep, havia fazendas isoladas de ambos os lados da estrada, dependentes da aldeia de Lanifa, no final do vale. Tudo era perfeitamente verde e coberto com as mais belas flores e frutas que ali crescia, algumas selvagens, algumas cultivadas. Jesus tomou a estrada à esquerda, do lado sul do riacho, em direção a Lanifa. Ele encontrou um grupo de jovens que iam embarcar para Jerusalém, para celebrar lá o Pentecostes. Jesus aproximou-se deles com a ordem de cumprimentar Lázaró, mas, além disso, de não falar dele. Mais adiante, Ele atravessou o riacho, virou para o norte e desceu novamente para o vale, a fim de retornar a Mallep. Do outro lado Ele chegou a outra aldeia, que tinha o nome singular de Leppe.

A colheita já havia terminado, e o povo ajuntou os feixes destinados aos pobres. Durante toda a viagem, Jesus ensinou os filósofos pagãos, às vezes andando, às vezes ficando em algum lugar agradável. Ele os instruiu sobre a absoluta corrupção da humanidade antes do Dilúvio, sobre a preservação de Noé, sobre o novo crescimento do mal, sobre a vocação de Abraão, e sobre a orientação de Deus de sua raça até o tempo em que o Consolador prometido deveria sair dela. Os pagãos pediram a Jesus explicações de todos os tipos, e trouxeram muitos grandes nomes de antigos deuses e heróis, contando-lhe de suas obras benevolentes. Jesus respondeu que todos os homens possuíam por natureza, mais ou menos, bondade

humana, pela qual efetuaram muitas coisas úteis e vantajosas para o tempo, mas que muitos vícios e abominações surgiram de tais benefícios. Mostrou-lhes o estado de degradação, a destruição parcial das nações afundadas na idolatria, a ridícula e fabulosa deformidade que percorria a história de suas divindades, misturada com adivinhações demoníacas e ilusões mágicas que lhes eram tecidas como tantas verdades. Os filósofos mencionaram também um dos mais antigos dos reis sábios que vieram das regiões montanhosas além da Índia. Chamava-se Dsemschid. Com uma adaga de ouro recebida de Deus, ele dividiu muitas terras, povoou-as e derramou bênçãos em toda parte. Perguntaram a Jesus sobre ele e os muitos milagres que relataram sobre ele. Jesus respondeu que Dsemchid, que fora líder do povo, era um homem naturalmente sábio e inteligente nas coisas dos sentidos. Após a dispersão dos homens na época da construção da Torre de Babel, ele se colocou à frente de uma tribo e tomou posse de terras segundo certos regulamentos. Tinha caído menos profundamente no mal, porque a raça a que pertencia era menos corrupta. Jesus lembrou-lhes também as fábulas que haviam sido escritas a respeito dele, e mostrou-lhes que ele era uma falsa imagem de companheiro, um falso tipo de Melquisedeque, sacerdote e rei. Jesus disse-lhes que fixassem sua atenção nestes últimos e nos descendentes de Abraão, pois, à medida que o fluxo de nações avançava, Deus enviara Melquisedeque às melhores famílias, para que as guiasse, as unisse e preparasse para elas países e moradias, a fim de preservá-las em sua pureza e, segundo sua dignidade ou indignidade, apressasse ou atrasasse o cumprimento da Promessa. Quem era Melquisedeque, Ele deixou para si deter o meu; mas dele isto era verdade, ele era um antigo tipo da então distante, mas agora tão perto da graça da Promessa, e o sacrifício de pão e vinho que ele ofereceu seria cumprido e aperfeiçoado, e duraria até o fim do mundo.

As palavras de Jesus sobre Dsemschid e Melquisedeque eram tão claras, tão indiscutíveis, que os filósofos exclamaram em espanto: "Mestre, quão sábio Tu és! Seria quase como se tivesses vivido naquela época, como se conhecesses todas essas pessoas melhor do que elas se conheciam a si mesmas! Jesus disse-lhes muitas outras coisas a respeito dos Profetas, tanto os maiores como os menores, e Ele se fixou especialmente em Malaquias. Quando o sábado começou, Ele foi à sinagoga e proferiu um discurso sobre a passagem de Levítico referente ao ano do jubileu, também sobre algo de Jeremias. Ele disse que o homem deveria cultivar bem o seu campo, de modo que seu irmão, que deveria recebê-lo dele, pudesse ver nele uma prova de seu afeto.

Na manhã seguinte, Jesus continuou na sinagoga Seu discurso sobre o ano do jubileu, o cultivo do campo e as passagens de Jeremias. Depois disso, ele foi com os discípulos e, seguido por muitas pessoas, judeus e pagãos, a um jardim de banho judaico fora do extremo sul da cidade, cujo abastecimento de água era fornecido pelos aquedutos de Chytrus. Havia uma bela cisterna no jardim e em torno dela havia grandes bacias para banho, avenidas agradáveis e longos arcos sombreados. Tudo o que era necessário para a administração do Batismo já estava preparado ali. Multidões seguiram a Jesus até um lugar aberto perto do poço preparado para ensinar, e entre elas estavam sete noivos com seus parentes e servos.

Jesus ensinou sobre a Queda, sobre a perversão de Adão e Eva, sobre a Promessa, sobre a degeneração dos homens no estado selvagem, sobre a separação dos menos corruptos, sobre a guarda posta sobre o casamento, a fim de transmitir virtudes e graças de pai para filho, e sobre a santificação do casamento pela observância da Lei Divina, moderação e continência. Desta forma, o discurso de Jesus se voltou para a noiva e o noivo. Para ilustrar Seu significado, Ele se referiu a uma certa árvore na ilha que poderia ser fertilizada por árvores à distância - sim,

até mesmo do outro lado do mar - e Ele proferiu as palavras: "Da mesma forma, a esperança, a confiança em Deus, o desejo de salvação, a humildade e a castidade podem se tornar de alguma forma a mãe para o cumprimento da Promessa". Isto levou Jesus a tocar o misterioso significado do casamento, em que ele tipificou o vínculo de união entre o Consolador de Israel e Sua Igreja. Ele chamou o casamento de um grande mistério. Suas palavras sobre este assunto foram tão bonitas, tão elevadas, que me parece impossível repeti-las. Ele depois ensinou sobre a penitência e o Batismo, que expiam e apagam o crime de separação, e tornam todos dignos de participar na aliança da salvação.

Jesus esteve também com alguns dos aspirantes ao Batismo, ouviu a sua confissão, perdoou os seus pecados, e impôs-lhes certas mortificações e boas obras. Tiago o Menor e Barnabé realizaram a cerimônia do Batismo. Os neófitos eram principalmente homens idosos, alguns pagãos e os três rapazes curados da cegueira, que não haviam sido batizados com seus pais em Cafarnaum.

Terminado o sábado, alguns dos filósofos começaram a fazer as seguintes perguntas: Se era necessário que Deus tivesse permitido que o terrível dilúvio passasse sobre a terra; Por que Ele permitiu que a humanidade esperasse tanto tempo a vinda do Redentor; Não poderia Ele ter empregado outros meios para o mesmo fim, e ter enviado Alguém que restauraria todas as coisas? Jesus respondeu explicando que isso não fazia parte dos desígnios de Deus, que Ele havia criado os anjos com livre-arbítrio e faculdades superiores, e, no entanto, eles haviam-se separado d'Ele por orgulho e haviam sido precipitados para o reino das trevas; que o homem, com livre-arbítrio, havia sido colocado entre o reino das trevas e o da luz, mas, por comer o fruto proibido, havia-se aproximado mais do primeiro; que o homem estava agora obrigado a cooperar com Deus, a fim de receber ajuda Dele e atrair para si o Reino de Deus, para que Deus o pudesse dar a ele. O homem, por comer o fruto proibido, procurara tornar-se semelhante a Deus; e para que ele pudesse levantar-se de seu estado decaído, era necessário que o Pai permitisse que Seu Filho Divino o socorresse e o reconciliasse novamente consigo mesmo. O homem, em todo o seu ser, tornou-se tão deformado que era necessária a grande misericórdia e a maravilhosa orientação de Deus, para estabelecer sobre a terra o Seu Reino, que o das trevas havia expulso do coração dos homens. Jesus acrescentou que este Reino não consistia em domínio e magnificência mundanos, mas na regeneração, na reconciliação do homem com o Pai, e na reunião de todos os bons num só corpo.

No dia seguinte, Jesus ensinou novamente no lugar do Batismo. Os sete casais de noivas estavam presentes. Entre os noivos havia dois pagãos convertidos que haviam recebido a circuncisão e se casaram com virgens judaicas. Havia alguns outros pagãos inclinados para o judaísmo, que haviam procurado e obtido permissão para assistir às instruções com eles.

No começo, Jesus falou em termos gerais sobre os deveres do estado casado, e especialmente sobre os das esposas. Ele disse: "Elas devem levantar os olhos apenas para fixá-los nos de seus maridos; em outras ocasiões, devem ser mantidos baixos". Ele falou, igualmente, da obediência, humildade, castidade, diligência e do cuidado de seus filhos. Quando as mulheres se retiraram para preparar uma refeição em Leppe, Jesus instruiu os homens para o Batismo. Ele falou de Elias e da grande seca que caiu sobre todo o país, e da nuvem de chuva que, na oração de Elias, se levantou do mar. (Hoje havia apenas outra densa, nuvem branca de neblina descansando sobre a terra. Não se podia ver longe ao seu redor.) Jesus referiu-se a aquela seca no país como uma punição de Deus pela idolatria do Rei Acabe. A graça e a bênção também haviam se retirado, e a seca prevaleceu até mesmo nos

corações humanos. Ele falou do esconderijo de Elias junto ao torrente de Carit, de sua alimentação pelo pássaro, de sua viagem a Sarepta e de sua ajuda pela viúva, de sua confusão com os idólatras no Carmelo, e da elevação da nuvem cuja chuva refrescou todas as coisas. Ele comparou esta chuva com o Batismo, e admoeu Seus ouvintes a reformar suas vidas e não, como Acabe e Jezabel, continuar em pecado e secura de coração depois da chuva do Batismo. Jesus também fez alusão a Segola, aquela piedosa mulher pagã do Egito, que se estabeleceu em Abila e realizou tantas boas obras que finalmente encontrou favor aos olhos de Deus. Então, Ele lhes mostrou como os pagãos deveriam se esforçar para praticar a virtude, para que assim atraíssem sobre si mesmos a graça divina, pois Seus ouvintes pagãos conheciam algo de Elias e Segola.

Após o Batismo dos noivos, Jesus e Seus seguidores, junto com todas as festas nupciais e os rabinos, foram convidados pelo doutor judeu do lugar para um entretenimento na aldeia de Leppe, a oeste de Mallep. A filha deste doutor era a noiva de um filósofo pagão de Salamina, que ali tinha ouvido Jesus pregar e recebido a circuncisão. O caminho para Leppe seguia em um curso suavemente ondulado através de belos passeios como os de um jardim. Perto de Leppe passava a estrada para o pequeno porto de Cerinia, a cerca de três quilômetros de distância. A outra estrada, na qual Jesus falou com os árabes viajantes, levava ao porto de Lapithus, mais a oeste. Os pagãos de Leppe ocupavam uma fileira de casas construídas ao longo da rodovia e realizavam comércio e outros negócios. Os judeus moravam separados e tinham uma bela sinagoga. Vi nos jardins pagãos ídolos semelhantes a bonecos enrolados e, numa praça aberta, a uma curta distância da estrada e cercada por uma cerca, um ídolo maior do que um homem e com uma cabeça que tinha alguma semelhança com a de um boi. Entre os chifres havia algo que parecia um pequeno feixe. A figura estava agachada sobre as pernas, com as mãos curtas penduradas diante dela.

O entretenimento em Leppe consistia em uma refeição simples de pássaros, peixes, mel, pão e frutas. As noivas e as damas de honra, veladas, sentavam-se sozinhas no fim da mesa. Usavam vestidos longos e listrados, com grinaldas de lã colorida e pequenas penas na cabeça.

Tanto durante como depois da refeição, Jesus falou sobre a santidade do casamento. Ele insistiu no ponto de cada homem ter apenas uma esposa, pois tinham ali o costume de se separarem por motivos insignificantes e se casarem novamente. Por esta razão, Ele falou com muito vigor, e contou as parábolas do banquete de casamento, da vinha e do filho do rei. Os padrinhos convidavam os transeuntes a participar do banquete e ouvir o ensino de Jesus. Os três meninos curados tocavam suas flautas, enquanto as meninas cantavam e tocavam vários instrumentos.

Já estava escuro quando Jesus e Seus discípulos retornaram a Mallep. Do alto ao longo da estrada, a vista era extremamente bela. Podia-se contemplar o mar, cuja superfície refletia um brilho maravilhoso. Grandes preparativos foram feitos em Mallep para as núpcias dos sete casais de noivas. A cidade inteira parecia estar participando da festa. Poderia dizer-se que todos os habitantes constituíam uma grande fraternidade. Não se via nenhum pobre, visto que eram alojados e alimentados numa parte separada da cidade.

## As festas de casamento em Mallep

Mallep fora construída muito regularmente. Parecia uma panqueca dividida em cinco partes iguais. As cinco ruas que dividiam a cidade convergiam em direção ao centro,

onde havia um lugar elevado adornado por uma fonte, em torno da qual haviam árvores e terraços. Quatro desses bairros, ou espaços da cidade, eram cortados por duas ruas cruzadas, que circulavam em torno da fonte, o ponto central do lugar. Em uma dessas ruas circulares havia uma casa em que viúvas sem filhos e mulheres idosas viviam juntas às custas da comunidade, mantinham a escola e cuidavam de órfãos. Havia outra casa ali também para hospedar e entreter pobres estrangeiros e viajantes. A quinta rua incluía os edifícios públicos. Era cortada ao meio pelo aqueduto que conduzia a água à fonte.

Em uma metade havia o mercado público, várias pousadas e um asilo para os possuídos, que não tinham permissão de andar em liberdade. Jesus já havia curado alguns deles que foram trazidos a ele com os outros doentes. Na outra metade ficava a casa de banho usada para festas e casamentos, com o topo do telhado quase no mesmo nível da fonte perto da qual estava. Sua entrada não estava voltada para a fonte, mas do lado oposto. Do pátio da frente, um passeio de cerca de cem metros de largura e delimitado por árvores verdes descia pelas ruas cruzadas até o pátio da frente da sinagoga. Era tão longo quanto cerca de dois terços de uma das cinco ruas. Havia outras avenidas que levavam até lá das ruas cruzadas, mas elas só estavam abertas ao povo nos dias de festa e em virtude de permissão especial.

Agora, neste dia das festividades do casamento, a manhã inteira foi gasta em decorar o banquete-casa público. Entretanto, Jesus e Seus discípulos retiraram-se para a pousada, onde homens e mulheres vinham a Ele, alguns em busca de instrução, outros de conselho e consolo, pois, em consequência de sua conexão com os pagãos, essas pessoas muitas vezes tinham escrúpulos e ansiedades. Os jovens noivos ficaram mais tempo com Jesus do que os outros. Ele falou com as donzelas a sós e individualmente. Era algo como confissão e instruções. Perguntou-lhes sobre seus motivos para entrar no estado de casado, se haviam refletido sobre sua posteridade e a salvação da mesma, que era um fruto que brotava do temor de Deus, da castidade e da temperança. Jesus viu as jovens noivas não tinham sido instruídas sobre esses pontos.

Nas avenidas públicas, ergueram-se arcos, penduraram-se tapeçarias, grinaldas de flores e guirlandas de frutas, e ergueram-se escadas e plataformas, para que os espectadores pudessem olhar de cima para baixo, para os terrenos de lazer abaixo. Em frente à sinagoga, especialmente, uma árvore aberta foi decorada com inúmeros belos arbustos pequenos e plantas em caixas. Nos pátios e arcos ao redor da casa do banquete, vi pessoas transportando todas as coisas, refeições, etc., necessárias para o entretenimento. Quem quer que trouxesse algo da cidade para esse fim, tinha o direito de participar do banquete. As refeições eram trazidas em uma espécie de carrinho longo, que servia ao mesmo tempo como mesas. Os vários pratos, pão, jarros pequenos, etc., estavam neles e, a partir de pequenas aberturas laterais, poderiam ser retiradas pelos convidados, inclinando-se diante deles. A superfície superior do carrinho era coberta com um pano, no qual eles comiam. Essas carrinhas, ou carrinhos de mão, eram cestas tecidas, longas e rasas, providas de uma tampa e aberturas laterais, como já disse, pelas quais se tirava o alimento. Os convidados se recostavam em tapetes e eram apoiados por almofadas. Todas estas coisas foram preparadas e transportadas de vários lugares.

Sob o alpendre nupcial, foi erguido um dossel tapizado. Jesus e Seus discípulos entraram por convite especial. Visto que entre os noivos alguns eram pagãos convertidos, vários filósofos pagãos e outros de seus amigos assumiram a posição que lhes fora designada não muito longe. As noivas e os noivos chegaram de diferentes lugares. Foram precedidos por jovens e donzelas coroados de flores e

tocando instrumentos musicais, acompanhados pelos padrinhos das noivas e donzelas, e cercados por seus parentes, que os acompanharam até a sala nupcial. Os noivos usavam longos mantos e sapatos brancos; em seu cinto e na borda de sua túnica havia certas letras, e em suas mãos eles carregavam um lenço amarelo. As noivas apareceram em vestidos de lã branca muito bonitos, longos, bordados com linhas e flores de ouro. Seus cabelos (alguns deles eram dourados) estavam nas costas, tecidos em uma rede de pérolas e fio de ouro e fixados nas extremidades com uma fita. O véu caía sobre o rosto e nas costas. Na cabeça havia uma faixa de metal com três pontas e uma peça alta e dobrada na frente sobre a qual o véu podia ser levantado. Também usavam pequenas coroas de penas ou de seda. Vários dos véus brilhavam, como se fossem feitos de seda fina ou de material similar. Em suas mãos, elas carregavam longas lanternas douradas, como lâmpadas sem pés. Agarravam-nas com um lenço, preto ou de outra cor escura. As noivas também usavam sapatos ou sandálias brancas.

Durante a cerimônia nupcial, que foi realizada pelos rabinos, observei vários ritos que não me lembro em ordem. Leram-se rolos de pergaminho... o contrato de casamento, acho eu... e orações. O casal de noivas entrou sob o dossel; os parentes jogaram alguns grãos de trigo atrás deles e deram uma bênção. O rabino picou o dedo mindinho tanto da noiva como do noivo e deixou cair algumas gotas do sangue de cada um em um cálice de vinho, que então bebiam juntos. Daí, o noivo entregou o cálice aos que o seguiam, e foi colocado numa bacia de água. Permitiu-se que um pouco do sangue corresse para a palma da mão de cada um. Então cada um alcançou a mão, a noiva para o noivo, o noivo para a noiva, e o local manchado de sangue foi esfregado. Um fino fio branco era então amarrado à volta da ferida e eram trocados anéis. Acho que cada um tinha dois, um para o dedo mindinho, o outro grande o suficiente para o indicador. Depois disso, uma cobertura bordada, ou lenço, era colocada sobre a cabeça do casal recém-casado.

A noiva tomou em sua mão direita a tocha com o lenço preto, que por um tempo ela tinha renunciado a sua dama de honra, e colocou-o na mão direita de seu marido. Passou-o então para a mão esquerda e devolveu-o à sua noiva, que também o recebeu na mão esquerda, e depois mais uma vez o devolveu à sua dama de honra. Havia também um copo de vinho abençoado, do qual todos os parentes sorbiam. A cerimônia de casamento terminou, as damas de honra tiraram das noivas o seu cocar e as cobriram com um véu. Foi então que vi que a grande rede era tecida de cabelo falso.

Três rabinos presidiram as núpcias, e toda a cerimônia durou três horas. Daí, as noivas com seus trens de acompanhamento atravessaram a passagem coberta até a casa do banquete, seguidas por seus maridos em meio aos bons desejos e parabéns dos espectadores. Depois de tomar alguns refrescos, os noivos foram para o jardim de lazer perto do aqueduto, para se divertirem.

Naquela noite, foi dada na sinagoga uma catequese especialmente destinada aos recém-casados. Depois que os rabinos falaram, pediram a Jesus que também dissesse algumas palavras de conselho aos jovens.

No dia seguinte, os sete casais de noivas, junto com todos os convidados e acompanhados por músicos, voltaram à casa do banquete. Os discípulos de Jesus também estavam presentes, mas o único papel que eles desempenharam na festa foi o de servidores. Os noivos foram apresentados com doces e frutas em pratos bonitos - maçãs douradas com flores e ervas douradas. Daí vieram grupos de crianças cantando e tocando instrumentos. Eram pequenos estranhos que ganhavam a vida dessa maneira; depois de serem recompensados, eles se retiravam.

Após a aparição dos três pequenos músicos curados por Jesus, junto com vários outros corais da cidade, logo foi realizado um baile em homenagem à ocasião. Aconteceu em uma longa haste de quatro pontas em um terreno liso e ondulado. Parecia que algum tipo de tábua flexível estava colocada sobre um espesso tapete de musgo. Os dançarinos estavam em quatro filas duplas, costas com costas. Cada casal que dançava, trocava de mãos por meio de um lenço, do primeiro lugar da primeira fila ao último da quarta, todos em movimento serpentino rápido. Não saltavam, mas sim balançavam elegantemente e equilibrados, como se o corpo não tivesse ossos. As noivas, assim como todas as outras mulheres, levantavam o véu da corrente de ouro do seu cocar. Depois do baile, todos beberam bebidas que haviam sido expostas em cada canto do mirante. A música tocou novamente e todos saíram para o jardim perto da fonte.

Ali eram exibidos, nas árvores e no prado coberto de musgo, vários jogos de correr, saltar e atirar em um alvo. Os homens jogavam sozinhos, assim como as mulheres. Pequenos prêmios eram concedidos e multas impostas, na forma de dinheiro, faixas, pequenos pedaços de material, lenços para o pescoço, etc. Quem não tinha nada com que pagar sua multa, era enviado para comprá-lo de um vendedor ambulante que, com seus bens, tinha tomado sua posição não muito longe. Por fim, todos os prêmios e multas foram entregues ao ancião, que os distribuiu entre os espectadores pobres. As noivas e donzelas jogavam em círculos e em filas. Seus vestidos eram levantados até os joelhos, seus membros inferiores amarrados com tiras brancas, seus véus jogados para cima e enrolados em volta da cabeça, de volta à testa e ornamentos nas orelhas. Pareciam muito bonitas e ágeis. Cada uma agarrava o cinto da vizinha com a mão esquerda, e assim formavam um anel que eles mantinham constantemente girando. Com a mão direita, apontavam para lançar um ao outro e pegar uma maçã amarela. Quem não conseguisse apanhar na sua vez tinha que se inclinar, com o círculo ainda girando, para pegá-la do chão. Finalmente, brincavam em companhia dos homens. Eles se sentaram em fileiras opostas e jogavam em sulcos frutas amarelas muito maduras, que quando se encontraram se esmagavam, dando origem a gritos de riso. Ao anoitecer, todos voltavam em procissão festiva. Os recém-casados montavam em jumentos alegremente adornados para a ocasião, as noivas sentadas em sela lateral. Os músicos saíram à frente e todos os seguiram, regozijando-se, até a casa do banquete, onde os aguardava um entretenimento.

Os noivos iam à sinagoga e faziam perante os rabinos um voto de observar a continência durante certas festas, obrigando-se a alguma penitência se a infringissem. Além disso, prometeram vigiar juntos na noite de Pentecostes e passar a noite em oração. Da casa de banquetes, os casais de noivas eram conduzidos aos seus futuros lares. A parte que tinha trazido a casa como dote, ficava no limiar, enquanto os parentes levaram o outro lá da casa de banquetes e três vezes fizeram as rondas das instalações. Os presentes de casamento eram entregues com cerimônia, e os pobres recebiam sua parte.

## **Festa de Pentecostes. Jesus ensina sobre o batismo**

Mallep estava agora agitada nos preparativos para a festa vindoura: todos estavam ocupados limpando, lavando e tomando banho. A sinagoga e muitas das moradias eram adornadas com galhos verdes e guirlandas de flores, e o chão estava coberto de flores. A sinagoga era aromatizada com perfumes deliciosos, e os rolos das Sagradas Escrituras eram enrolados com flores.

Nos salões especiais reservados para o evento no pátio da sinagoga, os pães de

Pentecostes eram assados, tendo a farinha sido previamente abençoada pelos rabinos. Dois deles foram feitos com o trigo da colheita daquele ano. Para os outros, assim como também para os bolos grandes e finos (que eram entalhados, para que pudessem ser mais facilmente quebrados em pedaços), a farinha tinha sido encomendada da Judéia. Era moído do trigo cultivado no campo em que Abraão havia participado no sacrifício de Melquisedeque. A farinha tinha sido transportada para ali em caixas longas. Era chamada de a Semente de Abraão. O assar desses pães e bolos, que não tinham fermento, tinha de terminar às quatro horas. Havia ainda outro tipo de farinha ali, bem como ervas, todas as quais receberam uma bênção.

Na manhã deste dia, Jesus ensinou em Sua pousada aos pagãos e aos judeus idosos batizados. Ele abordou para Seus súditos a Festa de Pentecostes, a Lei dada no Sinai e o Batismo, todos os quais Ele tratou em termos profundamente significativos. Tocou em muitas passagens relacionadas com eles nos Profetas. Ele falou também do pão santo abençoado no Pentecostes, do sacrifício de Melquisedeque e do predito por Malaquias. Ele disse que o tempo para a instituição desse sacrifício estava se aproximando, que quando esta festa viesse novamente, uma nova graça teria sido acrescentada ao Batismo, e que todos os batizados que então creriam no Consolador de Israel, compartilhariam dessa graça. Visto que surgiram dificuldades e objeções por parte de alguns que não desejavam compreender Seu ensino, Jesus escolheu cerca de cinquenta que sabia estarem maduros para receber Suas catequeses, e mandou embora os outros, com a intenção de prepará-los mais tarde. Tomando consigo os que ele havia escolhido, ele saiu da cidade, foi ao aqueduto próximo, e ali continuou seu ensino. Eu os vi no caminho, às vezes parados e com muitas gesticulações, fazendo perguntas e levantando objeções; e vi Jesus, com o dedo indicador levantado, freqüentemente explicando-lhes algo. Ao falar, gesticulavam livremente com as mãos e os dedos. À medida que Jesus insistia na grande graça, na salvação que seria conferida ao homem pelo Batismo, e somente pelo Batismo, depois da consumação do Sacrifício de que Ele havia falado, alguns deles perguntavam se seu presente Batismo possuía a mesma eficácia. Jesus respondeu que sim, se perseverassem na fé e aceitassem aquele Sacrifício; pois até mesmo os Patriarcas, que não haviam recebido aquele Batismo, mas que haviam suspirado por ele e tinham tido um pressentimento dele no Espírito, receberam graça tanto por meio daquele Sacrifício como por meio daquele Batismo.

Jesus falou também das vantagens da oração fervorosa durante esta Festa de Pentecostes, que os judeus devotos de todos os tempos haviam observado e com base na qual conjuraram a Deus para o prometido Consolador de Israel.

Jesus lhes disse muitas outras coisas profundamente significativas, que não posso agora com razão repetir. Vi que, depois do banquete de casamento, mandaram comida para Jesus e seus discípulos na pousada para onde ele havia voltado com eles no sábado.

Os pagãos de Salamina começaram a voltar para casa, e Jesus e os discípulos os acompanharam por parte do caminho. Advertiu-os a não voltarem novamente à adoração de ídolos, e a não se empenharem em especulações comerciais, mas a deixarem o seu país o mais depressa possível, pois nele o novo caminho estaria cheio de obstáculos para eles. Ele os dirigiu a diferentes regiões, entre as quais me lembro de Jerusalém, o distrito judaico entre Hebrom e Gaza, e o próximo de Jericó. Jesus recomendou-lhes que fossem a Lázaro, a João Marcos, aos sobrinhos de Zacarias e aos pais de Manaém, o discípulo cuja visão havia sido restaurada.

Antes do início dos exercícios do sábado, os rabinos eram solenemente conduzidos à sinagoga pelos alunos; as noivas, por suas ajudantes; e os noivos, pelos jovens.

Jesus também foi lá com seus discípulos. O serviço divino daquele dia não consistia em nenhuma explicação especial das Escrituras, apenas em cantar e alternar leitura e oração. O pão consagrado era dividido em pequenos pedaços na sinagoga. Era considerado um remédio contra doenças e bruxaria. Muitos dos judeus, entre outros os sete recém-casados, passaram a noite na sinagoga em oração. Muitos dos habitantes da cidade saíram em grupos de dez ou doze para os jardins e as colinas do campo, e ali passaram a noite inteira em oração. Eles carregavam uma tocha na ponta de um poste. Os discípulos e os pagãos batizados passaram assim a noite, mas Jesus foi sozinho orar. As mulheres também se reuniam nas casas para o mesmo propósito. No próprio dia da festa, a manhã inteira era passada na sinagoga, orando, cantando e lendo as Escrituras Sagradas. Eles fizeram, igualmente, uma espécie de procissão. Os rabinos, com Jesus à frente e seguidos por multidões de pessoas, percorriam em procissão os salões ao redor da sinagoga, pausavam várias vezes em pontos que olhavam para diferentes direções do mundo, e pronunciavam uma bênção sobre cada região da terra e do mar. Depois de uma pausa de cerca de duas horas, voltavam à sinagoga à tarde, e a leitura alternada e outros exercícios eram retomados. Em algumas das pausas, Jesus perguntou: "Compreendeis isto?" E lhes elucidava os versículos. As porções das Escrituras Sagradas que foram lidas foram as que começaram com a partida dos israelitas pelo Mar Vermelho até a entrega da Lei no Sinai. Durante a leitura, vi esses acontecimentos em pormenores, e me lembro dos seguintes.

## Visão da passagem do Mar Vermelho

Os israelitas estavam acampados numa faixa de terra muito baixa, com cerca de uma hora de extensão, na costa do Mar Vermelho, que ali era muito larga. Nele havia várias ilhas de meia hora de comprimento e de sete a quinze minutos de largura. Faraó e seu exército procuraram primeiro os israelitas mais adiante na costa, e finalmente os encontraram por meio de informações dadas por seus espiões. O rei pensou que cairiam facilmente em suas mãos, flanqueados, como estavam, pelo mar. Os egípcios ficaram muito indignados com eles, por terem levado consigo seus vasos sagrados, muitos de seus ídolos e os mistérios de sua religião. Quando os israelitas souberam que os egípcios se aproximavam, ficaram aterrorizados. Porém, Moisés orou e os exortou a confiar em Deus e segui-lo. Naquele instante, a coluna de nuvem levantou-se atrás dos israelitas, formando um véu tão denso que os egípcios perderam completamente de vista os israelitas. Então, Moisés dirigiu-se à margem com a sua vara (que era bifurcada na parte inferior e tinha um botão na extremidade superior), orou e bateu na água. Então apareceu diante de cada asa do exército, à direita e à esquerda, como se saindo do mar, dois grandes pilares luminosos, que aumentaram em brilho em direção ao topo e terminaram em uma língua de chama. Ao mesmo tempo, um vento forte dividiu as águas ao longo de todo o exército (era de cerca de uma hora de largura), e Moisés prosseguiu por uma inclinação suavemente inclinada até o leito do mar. O exército inteiro seguiu, pelo menos cinquenta homens em fila. O chão era, a princípio, um pouco escorregadio, mas logo se tornou como o prado mais macio, como um tapete musgo. As colunas de fogo iluminavam o caminho diante deles, e tudo era tão brilhante como o dia. Mas a característica mais bonita de toda a cena eram as ilhas sobre as quais eles lançavam sua luz. Pareciam jardins flutuantes cheios dos frutos mais magníficos e de toda espécie de animais, que os israelitas recolhiam e conduziam à frente deles. Sem esta providência, teriam ficado sem alimento do outro lado do mar.

As águas não estavam divididas em ambos os lados como paredes perpendiculares, pois fluíam mais em forma de terraços. Os hebreus avançaram com passos apressados e deslizantes, equilibrando-se como alguém que desce uma colina em alta velocidade. Era quase meia-noite quando entraram no leito do rio. A Arca contendo as relíquias de José foi carregada no centro do exército em fuga. Os pilares de luz emergiram da água. Pareciam estar constantemente em rotação, e passavam não por cima das ilhas, mas ao redor delas. A certa altura, eles se perderam num brilho brilhante. As águas não se abriram de uma só vez, mas antes de Moisés pisar, deixando um espaço em forma de cunha até que a passagem fosse concluída. Perto das ilhas, podia-se ver pela luz dos pilares as árvores e frutas refletidas nas águas. Outra coisa maravilhosa foi que os israelitas atravessaram em três horas, ao passo que, naturalmente, teriam levado nove horas para fazê-lo. Mais acima da costa, a cerca de seis a nove horas de distância, ficava uma cidade que depois foi destruída pelas águas.

Por volta das três horas, o Faraó desceu à costa, mas foi novamente repellido pelo nevôiro. Logo, porém, ele descobriu o vale e desceu nele com seu magnífico carro de guerra, depois do qual apressou-se todo o seu exército. E agora Moisés, já na margem oposta, ordenou que as águas voltassem à sua posição original. Daí, o nevôiro e o fogo uniram-se para cegar e confundir os egípcios, e todos pereceram miseravelmente nas ondas. Na manhã seguinte, ao contemplarem sua libertação, os israelitas cantaram louvores a Deus. Na margem oposta, as duas colunas de luz uniram-se novamente em uma de fogo. Não posso fazer justiça à beleza desta visão. No dia seguinte, Jesus foi com seus discípulos a dois bairros da cidade, onde ele ainda não havia entrado, e para onde várias pessoas haviam sido enviadas para convidá-los. Ele curou alguns inválidos, homens e mulheres, que ficavam sozinhos em celas anexadas aos pátios das casas, exortou e consolou muitos outros afligidos pela melancolia e que estavam consumidos por algum problema oculto. Todas as coisas eram tão bem reguladas em Mallep que qualquer infortúnio que pudesse ferir a honra de alguém podia ser mantido em segredo. Várias mulheres perguntaram a Jesus o que deviam fazer. Seus maridos eram infiéis a elas, e, no entanto, por causa do escândalo público e da severa punição associada a tais crimes, elas temiam apresentar acusação contra eles. Jesus consolou-as e aconselhou-as a ter paciência. Disse-lhes que refletissem sobre se queriam que seus maridos fossem avisados por Ele mesmo ou por Seus discípulos, estranhos naquelas regiões, para que assim não caíssem sobre elas a suspeita de terem apresentado uma queixa e o assunto não se tornasse conhecido em todo o país. Muitas crianças foram trazidas a Jesus em diferentes casas, para receber dEle uma bênção.

Naquela tarde, Ele foi a uma grande casa onde, num salão atrás do pátio e separado um do outro, muitos homens ilustres jaziam doentes. Do outro lado da quadra, estavam as mulheres. Entre esses pobres inválidos havia alguns melancólicos e bastante inconsoláveis, cujas lágrimas fluíam incessantemente. Jesus curou cerca de vinte deles, prescreveu o que deviam comer e beber, e mandou-os aos banhos. Depois fez com que todos eles se reunissem e ensinou primeiro as mulheres, e depois os homens. Isto durou quase até à tarde, quando Ele entrou na sinagoga.

## **Jesus faz um discurso mais severo na sinagoga**

As lições bíblicas daquele dia tratavam da maldição de Deus sobre aqueles que transgridem os Seus mandamentos, dos dízimos, da idolatria, da santificação do sábado, etc. As palavras de Jesus eram tão fervorosas e severas que muitos de Seus ouvintes, penetrados pela tristeza, soluçavam e choravam. A sinagoga estava

aberta por todos os lados, e Sua voz soava clara e pura como nenhuma outra voz humana. Investiu especialmente contra os que confiavam nas criaturas e procuravam ajuda e consolo dos seres humanos. Ele falou da influência diabólica do adúltero e da adúltera um sobre o outro, da maldição dos cônjuges feridos que cai sobre os filhos de tais relações, mas cuja culpa recai sobre as partes adúlteras. As pessoas ficaram tão fortemente afetadas que muitos deles, no fim do discurso, exclamaram: 'Ah, ele fala como se o Dia do Juízo já estivesse próximo!' Ele falou igualmente contra o orgulho, contra a erudição sutil e a investigação minuciosa de trivialidades. Com isso, Ele aludiu às atividades da grande escola de aprendizagem judaica ali estabelecida para os judeus que depois acrescentariam ao seu estoque de conhecimento por viajarem.

Depois deste discurso castigador, muitas pessoas, suspirando por alívio e reconciliação com Deus, procuraram Jesus em Sua pousada. Entre eles estavam homens eruditos e jovens estudantes pertencentes à escola do lugar que buscavam conselhos sobre como deveriam prosseguir seus estudos, e outros perturbados por conta de sua constante comunicação com os pagãos com quem eles faziam comércio, embora por uma espécie de necessidade como suas terras e oficinas adjacentes. Os maridos das mulheres que haviam se queixado a Jesus deles também estavam entre o número, bem como outros culpados de ofensas semelhantes, mas contra os quais não havia sido apresentada nenhuma acusação. Apresentaram-se individualmente como pecadores diante de Jesus, prostraram-se aos Seus pés, confessaram sua culpa e imploraram perdão. O que os perturbava especialmente era o pensamento de que a maldição de suas esposas poderia cair sobre os filhos ilegítimos, embora inocentes, e perguntavam se essa maldição não podia ser neutralizada ou anulada. Jesus respondeu que poderia ser anulada pela caridade e perdão sinceros daquele que a invocasse, unidos à contrição e penitência da parte culpada. Além disso, a maldição de que falo não se estende à alma, pois o Pai Todo-Poderoso disse: "Todas as almas são minhas"; mas afeta o corpo, a carne e os bens temporais. A carne é, no entanto, a casa, o instrumento da alma, conseqüentemente, a carne que está sob tal maldição causa grande angústia e constrangimento à alma já oprimida com o fardo do corpo recebido com a vida. Vi nesta ocasião que a maldição varia em seus efeitos nefastos de acordo com a intenção daquele que a invoca e a disposição da própria criança. Muitos sujeitos a convulsões, muitos possuídos pelo demônio, devem sua condição a esta fonte. Os próprios filhos ilegítimos geralmente possuem notáveis vantagens de natureza, embora sejam de ordem terrena e propensos ao pecado. Têm neles algo em comum com os que, nos tempos antigos, surgiram da união dos filhos de Deus com as filhas dos homens. Muitas vezes são bonitas, astutas, muito reservadas na disposição, agitadas por desejos ansiosos e, sem desejar que isso apareça, gostariam de atrair todas as coisas para si. Eles carregam em sua carne o selo de sua origem, e freqüentemente sua alma vai por isso à perdição.

Depois de escutar e exortar individualmente esses pecadores, Jesus mandou que mandassem suas esposas a Ele. Quando chegaram, Ele contou a cada uma separadamente o arrependimento de seu marido, exortou-a a perdoar de coração e a esquecer completamente o passado, e a exortou a lembrar-se da maldição que havia pronunciado. Se, disse-lhes Ele, não agissem sinceramente nesta circunstância, a culpa da recaída de seus maridos cairia sobre elas. As mulheres choraram e agradeceram e prometeram tudo. Jesus reconciliou vários desses casais logo naquele mesmo dia. Ele os apresentou diante dele, interrogou-os novamente, como era costume na cerimônia de casamento, juntou suas mãos, cobriu-os com um lenço e os abençoou. A esposa de um dos maridos infiéis revogou solenemente a

maldição que havia pronunciado sobre os filhos ilegítimos. A mãe das pobres crianças, que estavam sendo criadas no asilo judaico para crianças, era pagã. De pé diante de Jesus, a esposa ferida, mas agora perdoadora, colocou a mão, cruzada com a do marido, sobre a cabeça dos filhos, revogou a maldição e abençoou os filhos. Jesus impôs sobre os culpados de adultério, penitência, esmola, jejum, continência e oração. Aquele que havia pecado com o pagão foi completamente transformado. Ele convidou Jesus, com muita humildade, para jantar com ele. Jesus aceitou e foi, acompanhado pelos seus discípulos. Alguns dos rabinos também foram convidados, e eles, bem como toda a cidade, se maravilharam com a cortesia, pois seu anfitrião era conhecido como um homem frívolo e mundano que não se preocupava muito com sacerdotes e profetas. Era rico e possuía terras cultivadas por servos. Sua casa ficava perto daquele hospital em que Jesus havia curado as vítimas da melancolia. Durante a refeição, duas das filhas da família entraram na sala de jantar e derramaram perfume caro sobre a cabeça de Jesus.

Depois do jantar, Jesus e todas as pessoas entraram na sinagoga para os exercícios finais do sábado. Jesus retomou Seu discurso do dia anterior, embora não em termos tão severos. Ele disse à Seus ouvintes que Deus não abandonaria os que O invocam. Ele terminou por estender-lhes o apego a suas casas e bens, e exortou-os a que, se cressem em Seus ensinamentos, abandonassem a grande ocasião de pecado em que viviam entre os pagãos, e entre os de sua própria crença a praticar a verdade na Terra Prometida. A Judéia, disse Ele, era grande o suficiente para abrigá-los e sustentá-los, embora primeiramente tivessem de morar em tendas. Era melhor desistir de tudo do que perder a alma por causa de sua idolatria, isto é, sua adoração por suas belas casas e posses, era melhor desistir de tudo do que pecar por amor à própria conveniência. Para que o Reino de Deus pudesse chegar a eles, era necessário que fossem ao seu encontro. Não deveriam confiar em suas moradias em uma terra agradável, sólida e magnífica, por mais que fossem, pois a mão de Deus cairia repentinamente sobre eles, dispersando-os em todas as direções e derrubando suas mansões. Ele sabia muito bem, continuou ele, que suas virtudes eram mais aparentes do que reais, que eles não tinham outra base do que a tibieza e o amor de sua própria facilidade. E, com a usura, com o comércio, com a mineração e com os casamentos. Mas, um dia, verão tudo o que ganharam. Jesus advertiu-os igualmente contra tais casamentos com os pagãos, tais como aqueles em que ambas as partes, indiferentes à religião, se casam apenas por causa da propriedade e do dinheiro, de maior liberdade e da satisfação da paixão. Todos ficaram profundamente comovidos e impressionados com as palavras de Jesus, e muitos pediram permissão para falar com Ele em particular.

Durante todo o dia seguinte e até tarde da noite, Jesus estava ocupado visitando as diferentes famílias em seus lares, admœstando, consolando e perdoadando. Duas mulheres chegaram a Ele, lamentando-se com Ele por causa de seus filhos ilegítimos. Jesus mandou chamar os maridos delas, perdoou as partes culpadas e uniu-as mais uma vez aos seus cônjuges legais. Os filhos também - sem entender a cerimônia, no entanto - foram recebidos pelos maridos e abençoados como seus próprios. Era mais difícil para a esposa admitir entre os seus filhos ilegítimos os filhos ilegítimos de seu marido; ela tinha de obter uma grande vitória sobre si mesma. Mas todas, nesta ocasião, o fizeram com tanta sinceridade que forçaram, por assim dizer, seus maridos a amá-las mais e a abençoar os filhos de suas esposas, não os seus próprios. E assim uma reconciliação geral foi conseguida, e escândalo evitado.

Muitos procuraram conforto de Jesus em vista de Sua vigorosa admœstação a eles de emigrarem daquelas terras pagãs. Os ensinamentos de Jesus de fato lhes agradaram e,

considerando-se judeus separados de seu povo, sentiram-se grandemente honrados por Sua visita a eles, mas não gostaram da idéia de segui-Lo, de deixar suas casas. Ali eram ricos e confortáveis, possuíam uma cidade construída por eles mesmos, tinham participação numa mina e realizavam um extenso comércio. Enriqueceram-se por meio dos pagãos. Não eram atormentados pelos fariseus, nem oprimidos por Pilatos. Estavam, no que diz respeito a esta vida, numa posição muito agradável, mas a sua ligação com os pagãos era altamente censurável. Havia propriedades e oficinas pagãs na vizinhança deles. As moças pagãs gostavam muito de se unir em casamento com os judeus, porque não eram tratadas por eles de maneira tão escravizadora como por aqueles de sua própria religião, e assim atraíam os jovens israelitas de todas as maneiras, por presentes, atenções e todo tipo de seduções. Quando se convertiam ao judaísmo, não era por convicção, mas por pontos de vista sórdidos, e assim a insubordinação e a tibieza entravam facilmente na família. Os judeus de Mallep eram, além disso, menos simples de coração e hospitaleiros do que os da Palestina, seu ambiente social era mais estudado e refinado, sua origem judaica não era tão pura; conseqüentemente, eles trouxeram todos os tipos de escrúpulos e dificuldades contra o conselho de Jesus de emigrar para a Terra Santa. Jesus argumentou que seus antepassados possuíam casas e terras no Egito, mas que eles as haviam abandonado voluntária e alegremente, e Ele repetiu mais uma vez Sua previsão de que, se persistissem em permanecer, o infortúnio cairia sobre eles. Os discípulos, especialmente Barnabé, percorreram muito os arredores ensinando e exortando o povo. Estavam menos tímidos na sua presença e expunham-lhe todas as suas dúvidas. Ele sempre teve uma multidão à sua volta.

## Jesus visita os mineiros de Cythrus

De Mallep, Jesus, acompanhado pelos discípulos, o discípulo recentemente chegado de Naim e os filhos de Cirino que acabam de chegar de Salamina (em todo cerca de doze), foram para uma aldeia de mineiros perto de Chytrus. Ele fez um caminho de contorno de sete horas. No caminho Ele parou entre os diferentes grupos de trabalhadores e falou do caminho de uma boa vida. Jesus fora convidado pela família de Barnabé e por várias pessoas de Quitro a aquela aldeia mineira, porque os mineiros judeus do lugar celebravam uma festa em que recebiam de seus empregadores vários presentes além de sua parte da colheita. Jesus tomou um caminho indireto para a aldeia, para que pudesse falar aos seus discípulos sem interrupção e também para que não chegasse muito cedo. Durante a viagem, Ele permitiu que o discípulo de Naim entregasse as mensagens e relatasse as notícias com as quais ele havia sido encarregado; pois, embora Jesus conhecesse tudo sobre si mesmo, Ele teve o cuidado de não deixar que isso aparecesse, para que tal conhecimento não fosse uma fonte de aborrecimento ou ansiedade para os que estavam ao seu redor.

O discípulo tinha deixado Jerusalém na véspera de Pentecostes logo após a oferta de dinheiro no Templo, e a execução do plano de Pilatos. Tinha ido direto a Naim, de lá, através de Nazaré, a Tolemaida, e deste último lugar, a Chipre. Ele disse a Jesus que Sua Mãe e as outras mulheres santas, junto com João e alguns dos discípulos, haviam celebrado silenciosamente a festa do Pentecostes em Nazaré; que Sua Mãe e amigos enviaram saudações e O rogaram que ficasse algum tempo em Chipre, até que as mentes se acalmassem em relação a Ele. Os fariseus, continuou ele, já estavam relatando que Ele tinha fugido. Herodes também queria chamá-Lo a Maqueiro sob o pretexto de conferir com Ele sobre o assunto dos prisioneiros libertados em Tirza, mas, na realidade, para fazê-Lo prisioneiro, como havia feito com João.

O discípulo também contou a conspiração de Pilatos na véspera do Pentecostes, quando os judeus trouxeram suas ofertas ao Templo. Dois amigos de Jesus, parentes de Zacarias e servidores do Templo, que se envolveram no tumulto, perderam a vida. Jesus já sabia da circunstância, e isso O entristeceu muito. As notícias renovaram Sua tristeza, assim como a de Seus discípulos. Pilatos, na noite anterior, deixou a cidade e, com alguns de seus soldados, prosseguiu para o oeste, pela rota de Joze, onde possuía um castelo. Ele exigiu as contribuições oferecidas ao Templo em honra da festa, a fim de construir um aqueduto muito longo. Em todos os pilares nas entradas do Templo, ele fez colocar tábuas de metal nas quais havia a cabeça do Imperador e, abaixo, uma inscrição exigindo o imposto. O povo ficou indignado ao ver essas imagens, e os herodianos, por meio de seus emissários, incitaram um bando de galileus pertencentes ao partido de Judas, o galonita, que fora morto na última revolta. Herodes, que estava em Jerusalém em segredo, sabia de tudo o que estava acontecendo. Naquela noite, a multidão ficou furiosa. Eles derrubaram as mesas, as quebraram em pedaços, desonraram os retratos e jogaram os fragmentos sobre o fórum em frente ao pretório, clamando: "Aqui está o dinheiro de nossa oferta!" Eles então se dispersaram sem que ninguém se ressentisse especialmente do ato. No entanto, na manhã seguinte, quando estavam para sair do templo, encontraram as entradas cercadas por guardas que exigiam a contribuição imposta por Pilatos. Quando os judeus resistiram e tentaram forçar a saída, os soldados disfarçados saíram junto com eles e os esfaquearam com espadas curtas. Naquele momento, o alarde se tornou geral, e os dois servidores do Templo correndo para o local da ação perderam suas vidas. Os judeus fizeram uma resistência corajosa, e empurraram os soldados de volta para a cidadela de Antonia. No caminho, Jesus falou muito com Seus discípulos sobre os habitantes de Mallep, seu anseio por bens temporais, e como era desagradável para eles a sugestão de irem à Palestina. Ele se referiu aos filósofos pagãos que O acompanhavam, e disse aos discípulos como deveriam comportar-se com eles na Palestina, quando os encontrassem realmente no meio deles. Jesus fez isso porque não pareciam concordar corretamente com os filósofos do partido, e ainda estavam um pouco escandalizados por causa deles.

Ao anoitecer chegaram à aldeia mineira, a meia hora de Chytrus. Ficava na vizinhança das minas construídas em torno de um alto cume rochoso, no qual ficava a parte de trás de muitas moradias. Nesse cume haviam jardins e um lugar adequado para ensino, cercado por árvores sombrias. Havia degraus que levavam à colina, cujo topo dava para a aldeia. Jesus, na Sua chegada, foi para uma espécie de hospedaria, onde morava o superintendente que supervisionava os mineiros, fornecia-lhes comida e pagava-lhes o salário. As pessoas receberam Jesus com manifestações de alegria. Todas as entradas do local e da casa do superintendente foram, por causa da festa, adornadas com arcos verdes e guirlandas de flores. Levaram Jesus e Seus discípulos para dentro da casa, lavaram os pés deles e ofereceram refrescos ao Senhor, que então foi com eles ao lugar para ensinar sobre a rocha. Jesus sentou-se, e a multidão reclinou-se à sua volta. Falou da felicidade que acompanha a pobreza e o trabalho, e disse-lhes quão mais felizes eram do que os opulentos judeus de Salamina, que tinham menos tentações de ofender a Deus, diante de quem somente os virtuosos são ricos. Disse também que tinha vindo para provar que não os desprezava, e que os amava. Ensinou até à noite em parábolas sobre o Pai-Nosso.

Provisões de todos os tipos, peças de material para roupas, alimentos e grãos foram levados para lá de Chytrus; e no dia seguinte veio o pai e irmão de Barnabé, vários cidadãos ilustres e proprietários das minas, juntamente com alguns rabinos do

mesmo lugar. Quando os presentes já enumerados haviam sido depositados em segurança na praça pública do lugar, onde o povo estava reunido e sentado em fileiras, estes visitantes também entraram. Começou então a distribuição de presentes: grandes taças de grãos; grandes pães, de cerca de dois metros quadrados; mel, frutas, jarras de alguma coisa, pedaços de roupas de couro, cobertores e toda sorte de móveis e utensílios. As mulheres receberam pedaços de material grosso como carpete, cerca de um metro e meio quadrado. Jesus e os discípulos estavam presentes na distribuição, depois da qual Jesus ensinou novamente na altura rochosa em que as pessoas se haviam reunido. Ele tomou por Seus súditos os trabalhadores da vinha e o bom samaritano, a bênção da pobreza e a ação de graças pelo mesmo, pão diário e o Pai Nosso. Depois da instrução, o povo fez um banquete ao ar livre, debaixo das árvores, no qual Jesus, os discípulos e os convidados de destaque serviram. Meninos e meninas tocavam flautas e cantavam. Depois da refeição, eles fizeram alguns jogos inocentes, como os de crianças; por exemplo, correr, saltar, vender os olhos, esconder-se e procurar, etc. Eles dançavam, também, desta maneira: Ficavam em longas fileiras, curvavam-se aqui e ali, cruzavam-se um diante do outro, e então formavam um anel.

À noite, Jesus foi às minas com cerca de dez meninos de seis a oito anos de idade. As crianças usavam apenas um cinto largo com coroas festivas de flores de lã ou de penas em volta da cintura ou cruzadas no peito. Pareciam muito bonitas. De modo infantil, mostraram a Jesus todos os lugares em que havia as melhores minas, e relataram-Lhe tudo o que sabiam. Jesus os instruiu com palavras cheias de doçura, e fez alguma aplicação útil do que Lhe disseram. Propôs-Lhes também enigmas e parábolas relacionadas. Os mineiros, apesar de seu trabalho duro e sujo nas entranhas da terra, estavam muito limpos em suas casas e roupas festivas.

Vi Jesus e os discípulos acompanharem o discípulo de Naim até o porto, a cerca de cinco horas de distância. Um grupo ia à frente e outro atrás, ao passo que Jesus andava entre os dois com o discípulo e alguns dos outros por sua vez. Jesus abençoou o discípulo em sua partida, e seus companheiros discípulos o abraçaram, após o que eles retornaram à aldeia dos mineiros. O discípulo de Naim prosseguiu sua viagem às regiões de sal perto de Citio. O porto estava ali não tão longe da cidade como o de Salamina. O mar penetrava profundamente na terra, de modo que a cidade tinha a aparência de estar construída no meio das ondas. Não muito longe dela se erguia uma montanha muito alta, e havia uma mina de sal na vizinhança. No cais, perto da mina de sal, havia apenas pequenos barcos e jangadas, e uma quantidade de madeira para a construção de embarcações estava flutuando.

## **Jesus vai a Cerínia e visita os pais de Mnason**

Quando Jesus deixou a aldeia dos mineiros com os discípulos, Ele seguiu em direção noroeste através das montanhas até o porto de Cerínia. Deixaram Mallep para a direita, passaram por uma parte do vale de Lanifa e passaram perto da aldeia de Leppe. No caminho, Jesus descansou certa vez numa bela e sombreada elevação, e ali ensinou. Por volta das quatro da tarde, eles chegaram a cerca de três quartos de hora de distância de Cerynia, onde foram recebidos pela família de Mnason e por vários outros judeus em um jardim reservado para oração e reuniões piedosas. Este jardim era um lugar isolado, escondido numa encosta da montanha. A família de Mnason morava a alguma distância da estrada e a meia hora de Cerynia. Seu pai era um judeu idoso, magro, curvado, e com uma barba longa, mas muito animado e ativo. Ele tinha duas filhas e três filhos, um genro e uma nora, e todos viviam ali juntos por cerca de dez anos. Antes disso, eram mercadores, Receberam Jesus com

muitas expressões de alegria e humildade, lavaram os pés dos viajantes numa bacia e lhes ofereceram refrigerios. Esta parte da montanha formava um grande terraço cheio de caminhadas sombreadas, e compreendia o jardim sagrado pertencente a este povo. Jesus ensinou até quase o anoitecer, tomando para Seus súditos o Batismo, o Pai-Nosso e as Bem-aventuranças. Depois disso, Jesus acompanhou os irmãos de Mnason e seu pai, chamado Moisés, até a casa, onde Mnason apresentou a Ele quatro filhos, a quem ele abençoou. Daí, sua mãe e irmãs vieram veladas, e Jesus lhes dirigiu algumas palavras, depois das quais toda a família tomou uma refeição junta debaixo de uma árvore ao ar livre. A mesa estava estendida com o melhor que tinham: pão, mel, pássaros e frutas, este último ainda pendurado em pequenos galhos. Durante a refeição, Jesus ensinou. Eles se hospedaram em uma longa árvore construída de tábuas finas e leves, o exterior inteiramente coberto por folhagem verde. Era mobiliado com uma fileira de sofás.

A mãe de Mnason era uma mulher forte e robusta. Seu pai era descendente da tribo de Judá, mas seus antepassados haviam sido levados em cativeiro babilônico e nunca mais haviam voltado. Moisés tinha viajado muito dirigindo caravanas, tinha vivido por um longo tempo também perto do Mar Vermelho, na Arábia; mas, tendo se tornado pobre, havia se estabelecido naquele lugar com sua família. Mnason foi para a escola em Mallep e mais tarde, por causa de seus estudos, viajou para a Judéia, onde conheceu Jesus. Seu pai com seus filhos crescidos, Mnason sendo o mais novo, morava em cabanas de construção leve. Eles não se ocupavam com a agricultura; possuíam apenas alguns jardins que ficavam atrás de suas casas, e que eram plantados com árvores frutíferas. Tendo anteriormente, como diretor de caravana, tido muita experiência no transporte de mercadorias, o velho se estabeleceu ali como uma espécie de posseiro, assistente e comissário para as caravanas comerciais que paravam antes de Cerynia. Ele possuía alguns jumentos e bois com os quais transportava pequenas cargas recebidas das caravanas e destinadas a lugares distantes da estrada pública. Ele era como um porteiro que agora tinha se tornado um proprietário de pousada também para outros no mesmo negócio como ele. Ele era pobre, mas tinha conseguido manter em sua família a rígida disciplina judaica. Para o resto, o comércio não fluía em direção a Cerynia, mas sim para Lapithus, que ficava a algumas horas a oeste na grande estrada.

Na manhã seguinte, Jesus ensinou novamente no lugar de instrução, perante uma audiência composta de vários judeus da cidade e das pessoas pertencentes a uma pequena caravana. Estes últimos ficaram inexprimivelmente felizes em encontrar Jesus ali, pois já haviam ouvido Suas catequeses em Cafarnaum, onde também haviam recebido o Batismo. Nesta ocasião, Jesus censurou a usura e a ganância de lucro que faziam os judeus ansiosos por enriquecer-se com os pagãos. Ele então falou sobre o Batismo, o Pai-Nosso e as Bem-aventuranças.

Por volta do meio-dia, participaram de uma refeição em comum, mas Jesus mais serviu e ensinou à volta das mesas do que reclinou-se a elas.

Uma das irmãs casadas de Mnason não apareceu, porque sua filha tinha morrido no dia anterior. Ela sentou-se bem velada, lamentando-se perto do cadáver. A criança não pôde (não me lembro agora por que motivo) ser enterrada naquele dia; mas neste, no dia seguinte, esperavam que os rabinos de Mallep conduzissem o funeral, pois era ali que tinham seu cemitério. A criança tinha alcançado um tamanho tolerável, embora sempre tenha sido inválida. Não podia falar nem andar com facilidade, mas entendia tudo o que lhe era dito. Mnason, que havia visitado sua casa de vez em quando, falou com Jesus sobre isso. Jesus disse-lhe que em breve morreria, e instruiu-o a prepará-la para a morte.

Mnason prudentemente seguiu as instruções de Jesus num momento em que a mãe não estava presente. Ele estimulou a criança a ter fé no Messias, a ter tristeza sincera por seus pecados e a ter esperança de salvação; orou com ela e a ungiu com o óleo que Jesus havia abençoado. A criança morreu uma morte muito boa. Vi-a deitada num caixão perto da mãe velada, como um bebê em trapos de bebê, com o rosto coberto. O caixão em que estava era em forma de um recipiente. Na sua cabeça havia uma coroa de flores, e pequenos cachos de ervas aromáticas estavam bem colocados em volta dela. Seus braços e mãos também eram envolvidos em faixas funerárias, mas deixados livres do corpo. Um pequeno bastão branco repousava em seus braços. No topo dele havia um buquê feito de uma grande espiga de milho, uma folha de videira, um pequeno ramo de oliveira, uma rosa, e folhagem peculiar ao país. Várias mulheres visitaram a mãe e choraram com ela. Ao lado da criança, no caixão, depositavam brinquedos: duas pequenas flautas, um pequeno chifre torto em forma de espiral, um pequeno arco esticado com uma corda, em cima do qual, em um sulco, havia uma varinha como uma flecha. Em cada braço, além disso, a criança segurava um bastão curto, dourado com um botão no topo.

Quando os rabinos vieram conduzir o cadáver, o caixão foi fechado com uma tampa leve que, em vez de ser pregada, foi amarrada com um cordão. Quatro homens o carregavam em varas. Uma lâmpada acesa em um chifre-lanterna era carregado em uma haste e era seguido por uma multidão de crianças e adultos, que todos pressionavam para a frente sem atenção à ordem. Jesus e os discípulos estavam de pé fora da casa, observando o enterro. Jesus consolou a mãe e os parentes, e falou da Ressurreição.

Todos se dirigiram para Cerynia para a celebração do sábado. A cidade tinha três ruas voltadas para o mar, a do meio muito larga, e estas três eram interceptadas por outras duas. Do lado oposto, o lado terrestre, era cercada por uma enorme muro maciço, ou muralha, em cujo exterior eram construídas as casas dos poucos judeus que pertenciam ao lugar. Suas moradias estavam, portanto, fora da cidade, mas ainda cercadas por uma segunda muralha. Desta forma, os judeus de Cerynia viviam entre as duas muralhas da cidade, inteiramente separados dos pagãos, que tinham até dez templos pagãos, ou lugares dedicados a ídolos. Os judeus de Cerínia eram poucos em número, não muito ricos, mas ainda possuíam tudo o que era necessário. Em um grande edifício, eles tinham uma escola e uma sinagoga, junto com alojamentos tanto para rabinos como para professores. Era alto e tinha dois andares inteiramente distintos. Tinham também uma bela fonte fluente alimentada por um riacho de outra fonte. A fonte era dividida, sendo uma parte usada para um poço de beber, e a outra conduzida para um jardim agradável para banhos.

Os doutores da Lei receberam Jesus com muito respeito no fim da rua e O conduziram primeiro à escola, e depois à sinagoga. Ali encontrou sete enfermos que se haviam feito transportar em camas, para que pudessem ouvir suas instruções. Havia no total cerca de cem homens. Os doutores permitiram que Jesus ensinasse e conduzisse os exercícios sozinho. Ele leu de Moisés, passagens que contavam o número dos Filhos de Israel e suas diferentes famílias, e do Profeta Oséias (Oséias 1:10; 2:21) um sermão grave e severo contra a idolatria.

Em uma dessas passagens foi lida a circunstância de Deus ordenando ao Profeta que se casasse com uma adúltera, cujos filhos de casamento receberiam nomes especiais. Os judeus questionaram Jesus sobre esta passagem. Ele explicou-lhes. Ele disse que o Profeta, em toda a sua pessoa e vida, tinha que mostrar a condição do pacto de Deus com a Casa de Israel, e que os nomes das crianças deveriam ser expressivos da sentença de castigo de Deus. Outra lição a ser tirada desta

passagem era, como disse Jesus, que, agindo sob a inspiração de Deus, os bons muitas vezes se uniam aos pecadores, a fim de impedir a transmissão do pecado. Este casamento de Oséias com uma adúltera e os vários nomes dos filhos testemunharam a misericórdia reiterada de Deus e a longa continuidade do crime. Jesus falou muito severamente. Exortou ao arrependimento e ao Batismo, referiu-se à proximidade do Reino de Deus, predisse a punição dos que o rejeitaram e profetizou a destruição de Jerusalém.

Enquanto Jesus ensinava, os doentes mais de uma vez clamaram nas pausas de Seu discurso: "Senhor, cremos em Tua doutrina! Senhor, ajuda-nos! E, ao perceberem que ele estava prestes a sair da sinagoga, fizeram-se levar à sua frente. Foram postos no pátio dianteiro em duas fileiras, e continuaram a clamar a Jesus: "Senhor, exerce sobre nós o Teu poder! Faze-nos, Senhor, o que Te agrada! Mas Jesus não os curou imediatamente. No entanto, quando os rabinos intercederam pelos pobres enfermos, Jesus questionou os últimos. O que posso fazer por si? Ele perguntou. Disseram: Ó Senhor nosso, livra-nos da nossa enfermidade! Senhor, cura-nos! Acreditas que posso fazê-lo? perguntou Jesus, e todos gritaram: "Sim, Senhor!

Acreditamos que Tu podes fazê-lo! Daí, Jesus ordenou aos rabinos que trouxessem os rolos da Lei e orassem com Ele pelos doentes. Os rabinos trouxeram os rolos e fizeram uma oração, depois da qual Jesus ordenou aos discípulos que impusessem as mãos sobre os doentes. Obedeceram, impondo as mãos nos olhos de um, no peito de outro, e assim em diferentes partes do corpo. Jesus colocou novamente a pergunta: "Você crê, e deseja ser curado?" E novamente responderam: "Sim, Senhor! Acreditamos que nos podes ajudar! Então Jesus disse: "Levanta-te! A tua fé curou-te! E todos os sete se levantaram, agradecendo a Jesus, que ordenou que se lavassem e se purificassem. Alguns deles estavam muito inchados com hidropisia. A doença deles passou, mas eles ainda estavam fracos e tinham de andar com a ajuda de uma vara.

Várias vezes antes, em Chipre, a saber, em Citrô, Malépo e Salamina, vi Jesus curar dessa maneira, isto é, orando com os rabinos e ordenando aos discípulos que impusessem as mãos. Visto que esses rabinos e doutores eram bem inclinados, Ele fez com que participassem como os discípulos nesta cura, despertando assim neles a confiança. Ele usou este novo modo de curar, a fim de preparar os que nele participavam para as obras dos discípulos, pois havia muitos rabinos entre os quinhentos e setenta judeus que Jesus ganhou em Chipre.

Os curados, junto com outros judeus de Cirínia, foram batizados no lugar de instrução perto da morada de Moisés. A água usada para o propósito tinha sido transportada para lá de um poço vizinho, pois a casa ficava bastante alta e não tinha nenhuma fonte perto dela. Mas, para suprir o defeito, tinha um reservatório em forma de uma grande bacia de cobre enterrada na terra e cercada por um pequeno canal forrado de pedra, que tinha uma saída para um caldeirão de pedra. A água da bacia era perfeitamente pura, pois a lavagem dos pés, do linho, etc., era feita no canal. O canal de pedra era usado para dar água ao gado e aspergir as camas do jardim. Os neófitos ficaram no canal e foram batizados com água da bacia. Primeiro, Jesus deu uma instrução sobre penitência e purificação por meio do Batismo. Os homens usavam roupas longas e brancas com manípulos e cinturas ornamentadas com letras. Além dos sete recentemente curados, havia apenas outros oito judeus batizados. Falaram separadamente com Jesus e confessaram os seus pecados. Jesus disse-lhes que aproveitassem o tempo de graça e cumprissem a Lei segundo o significado dos Profetas, e não fossem escravos dela, pois a Lei lhes foi dada, e não eles à Lei. Foi-lhes dado para servir como meio de merecer a graça.

Entre os recém-batizados estavam os irmãos e o cunhado de Mnason. Quanto ao seu pai, embora fosse piedoso, ele ainda era um judeu obstinado e não queria ouvir falar de ser batizado. Mnason havia tentado o tempo todo, mas em vão, prepará-lo, e Jesus também havia falado com ele naquele dia sobre o mesmo assunto. O velho judeu teimoso, porém, não devia ser movido. Ele encolheu os ombros, balançou a cabeça e objetou com toda sorte de razões plausíveis a favor da circuncisão, à qual se manteve. Mnason estava tão perturbado com a obstinação de seu pai que derramou lágrimas, Jesus confortou-o. Ele disse-lhe que seu pai era muito velho e, em consequência, tinha crescido obstinado; quanto ao resto, no entanto, ele sempre viveu piedosamente, ele iria chorar sobre sua cegueira em outro tempo e lugar, quando a luz amanhecesse sobre ele. Jesus abençoara as águas de batismo nas quais foram derramadas algumas do Jordão. Tudo o que restava depois do Batismo era cuidadosamente retirado e enterrado.

Durante o Batismo, Jesus foi a um belo jardim atrás da colina, onde se encontrava o lugar de instrução.

Estava cheio de árvores frutíferas e equipado com arbustos, e lá esperavam por ele de trinta a quarenta mulheres judaicas, bem veladas. Inclinarão-se diante d'Ele. Muitas delas estavam em grande ansiedade e temendo que seus maridos, para seguirem a Jesus, as abandonassem, e elas ficassem desamparadas. Eles, portanto, imploraram a Ele para proibir seus maridos de fazer tal coisa. Jesus respondeu que, se seus maridos O seguissem, também deviam ir à Palestina, onde encontrariam meios de subsistência. Ele contou-lhes o exemplo das santas mulheres, e explicou-lhes o caráter da época em que viviam.

O presente não era o tempo para uma vida de conforto e facilidade, pois aproximava-se o dia em que deviam avançar para encontrar o Reino que se aproximava e receber o Noivo. Falou também da dracma perdida, e das cinco virgens sábias e das cinco tolas. As mulheres mais jovens suplicaram a Jesus que admoestasse seus maridos a não visitarem as donzelas pagãs, visto que Ele havia em termos tão severos discutido aquela passagem em Oséias, na qual o Profeta adverte contra pecar com os pagãos. A maioria dessas moças, porém, estava atormentada pelo ciúme. Jesus as interrogou a respeito de seu próprio comportamento para com seus maridos, exortou-as a ter brandura, humildade, paciência e obediência, e as advertiu contra fofocar e fazer vitupérios. Depois disso, Ele encerrou os exercícios do sábado na sinagoga de Cerynia, e foi com Seus discípulos de volta a Mallep pelo caminho mais curto.

## Saída de Chipre

Em Mallep, Jesus proferiu uma longa catequese junto à fonte. Ele falou novamente da aproximação do Reino e da obrigação de ir ao encontro dele, de Sua própria partida e do curto tempo que lhe restava, da amarga consumação de Seus labores e da necessidade de que O seguissem e trabalhassem com Ele. Fazia novamente alusão à rápida destruição de Jerusalém e ao castigo que logo alcançaria a todos os que rejeitassem o Reino de Deus, que não se arrependessem e corrigissem suas vidas, em vez de se apegarem a seus bens e prazeres mundanos. Referindo-se ao país em que viviam, onde tudo era tão agradável e as comodidades da vida tão abundantes, Jesus, afinal, comparou-o a um túmulo ornamentado cujo interior estava cheio de sujeira e corrupção. Depois, disse-lhes que refletissem sobre o seu interior, e que olhassem o que estava oculto sob a sua beleza exterior. Tocou em sua usura, sua avareza, seu desejo de ganhar, o que os levou a se comunicar tão livremente com os pagãos, seu apego violento às posses terrenas, sua hipocrisia; e disse-lhes

novamente que toda a magnificência e as comodidades mundanas que viam ao seu redor, um dia seriam destruídas, que chegaria o tempo em que nenhum israelita seria encontrado vivo. Ele falou muito significativamente de Si mesmo e do cumprimento das profecias, e, no entanto, apenas alguns compreenderam Suas palavras. Durante esta catequese, o povo se apresentou em grupos e por turnos, homens idosos, homens de meia-idade, jovens, mulheres e donzelas. Todos ficaram profundamente comovidos; choraram e choraram.

Jesus foi então com alguns discípulos e outros a um par de horas a leste de Mallep, para onde os ocupantes de várias fazendas O haviam implorado que viesse, e onde Ele já havia ido uma vez antes de Mallep. Havia, nas proximidades, uma colina sombria que era usada como lugar de ensino. O discípulo de Naim também tinha ido ali do porto de Citium, para fazer os preparativos para sua partida de Chipre. Jesus, ali, como em Mallep, proferiu um discurso de despedida, após o qual passou por algumas cabanas e curou vários enfermos que o haviam implorado. Ele já havia iniciado Sua viagem de retorno a Mallep, quando um velho camponês implorou a Ele que fosse a sua casa e se compadecesse de seu filho cego. Havia na casa três famílias de doze pessoas, os avós, dois filhos casados e seus filhos. A mãe, velada, trouxe o menino cego a Jesus em seus braços, embora pudesse falar e andar. Jesus tomou a criança em Seus braços, com um dedo de Sua mão direita ungiu os olhos dela com Sua própria saliva, abençoou-a, colocou-a no chão e pôs algo diante dos olhos dela. A criança agarrou depois de que desajeitadamente, correu ao som da voz de sua mãe, em seguida, virou-se para o pai, e assim dos braços de um para os do outro. Os pais levaram-no a Jesus, e chorando ajoelharam-se diante dele, agradecendo-lhe. Jesus pressionou a criança ao Seu seio e a devolveu aos pais com a admoestação de levá-la à verdadeira luz, para que seus olhos, que agora viam, não fossem fechados em trevas mais profundas do que antes. Ele abençoou também as outras crianças e toda a família. As pessoas derramaram lágrimas e O seguiram com aclamações de louvor. Na casa usada para tais fins em Mallep, foi dado um banquete, no qual todos participaram. Os pobres eram alimentados e recebiam presentes. Jesus, por fim, proferiu um grande discurso sobre a palavra "Amém", que, disse Ele, era o resumo completo da oração. Aquele que a pronunciar com negligência, desvalida a sua oração. A oração clama a Deus; liga-nos a Deus; abre-nos a Sua misericórdia, e, com a palavra Amém, corretamente pronunciada, tomamos a dádiva pedida das Suas mãos. Jesus falou muito fortemente do poder da palavra Amém. Ele chamou-lhe o começo e o fim de tudo. Ele falou quase como se Deus tivesse por ele criado o mundo inteiro. Ele proferiu um "Amém" sobre tudo o que Ele lhes havia ensinado, sobre Sua própria partida deles, sobre a realização de Sua própria missão, e terminou Seu discurso com um solene "Amém". Depois abençoou o seu público, que chorou e chorou por ele. Jesus deixou Mallep com Seus discípulos, Barnabé e Mnason no dia seguinte. Deixaram Chytrus à direita e seguiram em frente, atravessando campos, matas e cordilheiras. Jesus tentou pagar Sua dívida na pousada com o dinheiro trazido a Ele pelo discípulo de Naim; mas quando o proprietário se recusou a recebê-lo, foi distribuído aos pobres. Todos os que, quer no presente, quer no futuro, eram de Mallep, de Quitros ou de Salamina para seguirem Jesus à Palestina, tinham de seguir por caminhos diferentes. Um grupo devia atravessar de um porto a nordeste de Salamina; e outros, que tinham negócios em Tiro, deveriam partir de Salamina. Os pagãos batizados foram, em sua maior parte, para Gessur. Chegando a Salamina, Jesus e Seus seguidores se hospedaram na escola em que, ao chegar a Chipre, Ele havia peregrinado. Entraram pelo noroeste; o aqueduto ficava à direita, a cidade judaica à esquerda. Vi-os, ainda com as roupas cintos, sentados em grupos de três junto à bacia no pátio da escola.

A bacia era cercada por um pequeno canal, no qual lavavam os pés. Cada três usavam uma toalha marrom longa para secar os pés. Jesus nem sempre permitia que outros lhe lavassem os pés; geralmente cada um fazia esse serviço por si mesmo. Ali se esperava a sua chegada, e imediatamente lhes foi oferecida comida. Jesus tinha ali um grande número de devotos seguidores, e no meio deles ensinou por duas horas inteiras. Depois disso, Ele teve uma longa conversa com o governador romano, que lhe apresentou dois jovens pagãos desejosos de instrução e Batismo. Confessaram seus pecados com lágrimas, e Jesus os perdoou. Ao anoitecer, eles foram batizados em particular por James no pátio da casa dos doutores. Esses jovens deveriam seguir os filósofos até Gessur. Mercuria também enviou um servo para implorar a Jesus que lhe concedesse uma entrevista no jardim perto do aqueduto. Jesus concordou, e seguiu o servo que entregara a mensagem ao lugar designado. Mercuria avançou velada, segurando suas duas meninas vestidas de forma singular pela mão. Elas usavam apenas uma túnica curta até o joelho; o resto de sua cobertura consistia de algum tipo de tecido fino e transparente sobre o qual havia grinaldas de flores de lã ou de penas. Tinham os braços descobertos, os pés envoltos em pequenas faixas e os cabelos soltos. Elas estavam vestidas quase como os anjos que fazemos para representações do Presépio. Jesus falou muito e graciosamente com Mercuria. Ela chorou amargamente e ficou muito perturbada com o pensamento de ter que deixar seu filho para trás, também porque seus pais mantiveram à distância de sua irmã mais nova, que assim permaneceria na cegueira do paganismo. Ela também chorou pelos seus próprios pecados. Jesus a consolou e lhe assegurou novamente o perdão. As duas meninas olharam para a mãe com surpresa, e elas também começaram a chorar e a se agarrar a ela. Jesus abençoou as crianças e voltou para a escola. Mnason chegou de Qitro acompanhado de um de seus irmãos que desejavam seguir Jesus à Palestina. Depois de uma refeição de despedida, Jesus e Seus discípulos foram para o lugar onde, segundo Suas ordens, alguns dos homens do governador romano os esperavam com jumentas. Estes montaram. Jesus montou lateralmente em um assento de cruz provido com um suporte, e ao Seu lado montou o Governador. Passaram pelos aquedutos e, na parte de trás da cidade, atravessaram o pequeno rio Padius. Eles tomaram uma estreita estrada de campo mais curta do que a rota comum, que se curvava perto da costa. Durante toda aquela bela noite, vi o Governador geralmente ao lado de Jesus. Um grupo de doze cavalgava à frente, depois vinha outro de nove, seguido de Jesus e do governador, um pouco à parte; outro grupo de doze subia na retaguarda. Além desta ocasião e do Domingo de Ramos, nunca vi Jesus senão a pé. Quando começou a amanhecer e eles ainda estavam a três horas do mar, o Governador, a fim de não atrair atenção, disse adeus a Jesus. Ao despedir-se dele, Jesus estendeu as mãos e o abençoou. O Governador desceu do seu burro, pois desejava abraçar os pés de Jesus. Então ele se inclinou diante d'Ele, recuou alguns passos, repetiu sua prostração (tal devia ser o costume daquele lugar), montou em seu animal e partiu. Os dois pagãos recém-batizados o acompanharam. Jesus, então, montou até um lugar a cerca de uma hora de onde ia, quando ele e sua companhia desceram e mandaram os jumentos de volta com os servos. Eles agora viajaram através das colinas de sal até chegarem a um longo edifício onde encontraram alguns marinheiros esperando por eles. Era um lugar calmo e solitário na costa. Havia poucas árvores em todo o país, mas ao longo da costa um monte extraordinariamente longo, ou dique, coberto de musgo e árvores. De frente para o mar havia casas de moradia e edifícios abertos pertencentes às fábricas de sal, nas quais moravam famílias judias pobres e alguns pagãos. Mais longe, onde a costa era mais íngreme, havia uma pequena enseada

até que um lance de escadas conduzia, e ali foram ancorados três barcos em prontidão para os viajantes. Era fácil desembarcar neste local, e era a partir deste ponto que o sal era enviado para as cidades ao longo da costa. Jesus era esperado ali, e todos participaram de uma refeição composta de peixe, mel, pão e frutas. A água deste lugar era muito ruim, e eles purificavam-na colocando algo nela, acho que fruta. Mantinhaam-na em jarras e garrafas de couro. Sete dos judeus pertencentes à tripulação do barco foram batizados ali, sendo usada uma bacia para a cerimônia. Jesus ia de casa em casa, consolando os pobres ocupantes, concedendo-lhes esmolas, curando os feridos e curando os doentes, que estendiam as mãos com piedade para Ele. Primeiro, perguntava-lhes se acreditavam que Ele poderia curá-los; e ao responderem, diziam: "Sim, Senhor! Nós acreditamos! Ele os restaurou à saúde. Ele foi até o fim do longo dique, também para as casas dos pagãos, que o receberam parecendo tímidos e wnxergomhados. Jesus abençoou as crianças pobres e deu algumas instruções. O discípulo de Naim tinha chegado recentemente a este lugar, onde esperava outros dois discípulos. Eles chegaram na hora certa, e então os três partiram para a Palestina para anunciar a vinda de Jesus. Os companheiros de Jesus contava vinte e sete homens, todos os quais embarcaram no início da noite em três pequenas embarcações. O barco em que Jesus embarcou era o mais pequeno, e com Ele estavam quatro discípulos e alguns remadores. Cada um dos barcos tinha no centro, erguendo-se ao redor do mastro, galerias divididas em compartimentos que serviam como lugares para dormir. Com exceção dos remadores, que tomaram posição acima, ninguém da tripulação do barco podia ser visto. Vi o pequeno barco de Jesus navegando à frente, e me perguntei por que os outros tomaram uma direção diferente. Mas quando tinha aumentado bastante a escuridão, Eu os vi em meia hora perto da costa, amarrados em dois lugares, com uma tocha erguida no mastro como sinal de perigo.. Ao vê-lo, Jesus ordenou aos marinheiros que remassem de volta para eles. Eles se aproximaram de um dos barcos, lançaram nele uma corda, navegaram em volta dele, e, assim sendo puxados, foram ao outro e fizeram o mesmo. Os dois estavam assim ligados ao barco de Jesus, que agora eles seguiam. Jesus repreendeu os discípulos nos dois barcos mal guiados por terem pensado que possuíam mais conhecimento do caminho, falou da vontade própria e da necessidade de segui-Lo. Os barcos ficaram presos num redemoinho entre dois bancos de areia. Na noite do dia seguinte, pouco antes da entrada do grande golfo que o mar formava ao pé do Monte Carmelo entre Ptolomeu e Hefa, vi três embarcações dos de Jesus remando de volta para águas profundas, pois um pouco dentro do golfo uma luta estava acontecendo entre um grande barco de um lado e alguns menores do outro. O grande barco saiu vitorioso e vários corpos foram jogados para fora na água. À medida que as embarcações de Jesus se aproximavam dos combatentes, Jesus levantou a mão e os abençoou, e logo depois eles se separaram. Não viram os barcos de Jesus, pois estes estavam à espera da solução da questão a alguma distância da entrada do golfo. O litígio entre as duas partes tinha surgido em Chipre sobre a carga. Os pequenos barcos estavam ali à espera do grande. Os combatentes se afastavam e apontavam uns contra os outros dos convés com longos paus. Pensava-se que nenhuma alma escaparia. A luta durou algumas horas. Finalmente, o grande barco levou os menores prisioneiros, e se moveu lentamente com eles no reboque. Jesus desembarcou perto da foz do Cison, a leste de Hefa, que fica na costa. Ele foi recebido na praia por vários dos apóstolos e discípulos, entre eles Tomé, Simão, Tadeu, Natanæl Perseguido e Heliácimo, todos os quais ficaram indizivelmente encantados de abraçar Jesus e Seus companheiros. Andaram ao redor do golfo por cerca de três horas e meia, e cruzaram um pequeno rio que desaguava no mar perto de

Ptolemais. A longa ponte sobre este rio era como uma rua murada. Estendia-se até ao pé da colina atrás da qual estava o pântano de Cendevia. Tendo subido a esta altura, avançaram para os subúrbios da cidade levítica de Misael, que estava separada deles por uma curva da mesma altura. Este subúrbio ficava de frente para o mar, a oeste, e ao sul se erguia o Carmelo com seu belo vale. Misael consistia em apenas uma rua e uma pousada, que se estendia sobre a elevação. Ali, perto de uma fonte, Jesus foi recebido por pessoas em procissão festiva, as crianças cantando canções de boas-vindas. Todos tinham ramos de palmeira, dos quais as tâmaras ainda estavam penduradas. Simeão, de Sicor-Libnat, a "Cidade das Águas", estava ali com toda a sua família. Depois de seu Batismo, ele veio a Misael, pois seus filhos não lhe deram descanso até que ele se juntou novamente aos judeus. Ele havia organizado esta recepção para Jesus, e tudo à sua própria custa. Quando a procissão chegou à pousada, nove levitas de Misael se aproximaram para saudar Jesus.